

VIVIANA LEBEDINSKY

**UNION INDUSTRIAL ARGENTINA:  
Entre o Mito e a História**  
ETNOGRAFIA DE UMA CENTRAL GREMIAL-INDUSTRIAL

*Um estudo antropológico no âmbito  
das sociedades "complexas"*

VOL. I

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Departamento de  
Antropologia do Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas  
da Universidade Estadual de  
Campinas, sob a orientação do  
Prof. Dr. Guilherme Raul Ruben.

Este exemplar corresponde à  
redação final da dissertação  
defendida e aprovada pela  
Comissão Julgadora em  
06/04/95.

Banca:

Prof. Dr. Guilherme Raul Ruben - Orientador

Profª Drª Maria Suely Kofes

Profª Drª Paula Montero

*Guilherme Raul Ruben*  
*Maria Suely Kofes*  
*Paula Montero*

Abril/1995



VIVIANA LEBEDINSKY

# UNION INDUSTRIAL ARGENTINA: Entre o Mito e a História

ETNOGRAFIA DE UMA CENTRAL GREMIAL-INDUSTRIAL

*Um estudo antropológico no âmbito  
das sociedades "complexas"*

Vol. I



*Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Departamento  
de Antropologia Social  
do Instituto de Filosofia  
e Ciências Humanas  
da Universidade Estadual  
de Campinas, sob a orientação  
do Dr. Guillermo R. Ruben*

*Este exemplar corresponde à  
redação final da tese defendida  
e aprovada pela Comissão  
Julgadora em 6/4/95*

MARÇO / 1995

*A mis padres, con todo mi cariño*

*Para Lila y Fernando  
y también para el pequeño Fernandito...  
cuando la pueda leer.*

## INDICE

Agradecimentos.

RESUMO.

|  |          |
|--|----------|
| <b>INTRODUÇÃO. A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO.</b>   | <b>i</b> |
| 1. A UIA como "fato social total".<br>Os motivos de uma escolha .  | v        |
| 2. O caminho rumo a reformulação dos objetivos.<br>Primeira parte.   | viii     |
| 3. Uma instituição que se tornou um labirinto.   | x        |
| 4. Atrás das pegadas do Minotauro.   | xvii     |
| 5. Reformulação dos objetivos. Segunda Parte.  | xxvi     |
| 6. O <i>Movimiento Industrial Argentino</i> (MIA) e o<br><i>Movimiento Industrial Nacional</i> (MIN) como<br>caminho para interpretar a UIA. | xxx      |
| 7. Síntese dos capítulos.  | xxxvii   |

### PRIMEIRA PARTE: A FACE VISÍVEL DA UIA. UMA VISÃO HOMOGÊNEA

|  |          |
|--|----------|
| <b>Capítulo 1. AS IMAGENS SOBRE A UIA.</b> | <b>2</b> |
| I. Abordagens.                             | 7        |
| 1. As imagens "externas" e dos "outros".   | 7        |
| a) Escritos da década de 1960 e 1970.      | 7        |
| b) Estudos de imagem.                      | 11       |
| 2. As imagens "externas" e dos "nativos".  | 19       |
| 3. As imagens "internas" e dos "outros".   | 21       |
| II. Conteúdos.                             | 28       |
| 1. As imagens "externas" e dos "outros".   | 28       |
| a) Escritos da década de 1960 e 1970.      | 28       |
| b) De "cortesãos" a "pioneiros".           | 30       |
| c) A palavra da Igreja.                    | 31       |
| d) A indústria e a imprensa.               | 32       |

|   |    |
|---|----|
| 2. As imagens "internas" e dos "outros".  | 37 |
| 3. As imagens "externas" e dos "nativos". | 37 |
| 4. As imagens "internas" e dos "nativos". | 38 |
| a) Os sete anões.                         | 38 |
| b) O grupo María.                         | 39 |
| c) Os sobreviventes.                      | 41 |
| d) Rambo.                                 | 42 |
| 5. Reflexões finais.                      | 42 |

## SEGUNDA PARTE: EM BUSCA DO DEUS JANO. UM PRESENTE HETEROGÊNEO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>CAPÍTULO 2. OS AFLUENTES DA UIA: O MIA E O MIN.<br/>O UNIVERSO EMPÍRICO EM FOCO.</b>  | <b>49</b> |
| I. A estrutura formal.   | 50        |
| II. A estrutura informal.  | 65        |
| III. Protagonistas do universo empírico da<br>investigação. Integrantes do MIA e do MIN. | 66        |
| 1. Os do MIN.  | 78        |
| Federico Bertil Kingard.   | 78        |
| José Luis Coll.  | 79        |
| Pedro B. Benejam.  | 79        |
| Luis María Blaquier.   | 80        |
| Arnaldo Etchart.   | 82        |
| José Censabella.   | 82        |
| Claudio Sebastiani.  | 84        |
| Marcelo Diamand.   | 84        |
| Samuel Kait.   | 86        |
| Horacio R. Rieznik.  | 87        |
| 2. Os do MIA.  | 88        |
| Roberto Favelevic.   | 88        |
| Eduardo Evaristo De la Fuente.   | 89        |
| Jorge Gaibisso.  | 91        |
| Patricio Zavalía Lagos.  | 92        |
| Martín B. Noel.  | 95        |
| Eduardo Braun Cantilo.   | 97        |
| IV. Sociogramas.   | 101       |

|  |            |
|--|------------|
| 1. Sociograma 1.   | 103        |
| 2. Sociograma 2.   | 107        |
| 3. Reflexões finais.   | 108        |
| <br>   |            |
| <b>CAPÍTULO 3. AS REPRESENTAÇÕES E INTERPRETAÇÕES<br/>SOBRE O MIA E O MIN.<br/>OS NATIVOS E OS ESTRANGEIROS.</b> | <b>119</b> |
| I. Os "Nativos".   | 121        |
| <br>   |            |
| II. Os eixos privilegiados.  | 126        |
| 1. Protecionismo/livre comércio.   | 126        |
| 2. Buenos Aires e Interior.  | 130        |
| 3. Indústrias "naturais" e "artificiais".  | 132        |
| <br>   |            |
| III. O sistema de classificações dicotômicas.  | 135        |
| 1. Nomações.   | 135        |
| 2. Composição.   | 138        |
| 3. Produção.   | 140        |
| 4. Interesses.   | 143        |
| <br>   |            |
| IV. Nem MIA, nem MIN. Os "estrangeiros".   | 149        |
| Israel Malher.   | 150        |
| Manuel E. Herrera.   | 151        |
| Alejandro Achával.   | 152        |
| Alberto F. Ibañez.   | 154        |
| Roberto Rocca.   | 154        |
| <br>   |            |
| V. Reflexões finais.   | 160        |

## TERCEIRA PARTE: HETEROGENEIDADES II

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 4. O PASSADO RECENTE. ORIGENS E LINHAGENS.</b>  | <b>166</b> |
| I. Um olhar retrospectivo.  | 168        |
| 1. A "fusão". O período do governo peronista.   | 171        |
| a) <i>Confederación General Económica</i> (CGE).  | 171        |
| b) José Ber Gelbard.  | 178        |
| c) A <i>Confederación Industrial Argentina</i> (CINA).  | 179        |
| d) A palavra dos protagonistas.   | 183        |
| e) A letra dos documentos.  | 188        |
| 2. Os resultados da Fusão: A constituição do <i>Movimiento Industrial Argentino</i> (MIA), o <i>Movimiento Empresario del Interior</i> (MEDI) e o <i>Movimiento Unificado del Interior</i> (MUI). | 193        |
| a) O Nascimento do MEDI.  | 201        |
| b) A fundação do MIA.   | 202        |
| c) A constituição do MUI.   | 206        |
| 3. Convivências durante o período do governo militar.   | 208        |
| a) As figuras de Eduardo Valentín. Oxenford e Horacio Tomás Liendo.   | 208        |
| 4. O final do governo militar. A UIA normalizada. O caminho para a constituição do MIN.   | 215        |
| 5. Reflexões finais.  | 217        |
| <b>CAPÍTULO 5. DE MITOS, RITUAIS E VIAGENS.</b>   | <b>227</b> |
| 1. O " <i>Día de la Industria Argentina</i> ". Primeira viagem: um barco como mito de origem.   | 233        |
| 2. Carlos Pellegrini. O mito do pai fundador.   | 248        |
| 3. Os símbolos reinterpretados.   | 251        |
| 4. O primeiro ritual. A missa: a viagem moral.  | 253        |
| 5. Segundo "ritual". Os heróis: um retorno cíclico.   | 260        |
| 6. Gênese.  | 264        |
| 7. Terceiro "ritual". O banquete. Do altar à <i>Rural</i> : a inversão dos rituais.   | 167        |
| 8. Uma casa dividida.   | 275        |

|   |            |
|---|------------|
| <b>QUARTA PARTE: CONSIDERAÇÕES FINAIS – FINAL DE VIAGEM</b> |            |
| Considerações finais.                                       | 279        |
| <br>  |            |
| <b>ANEXO</b>  |            |
| Anexo 1. Seminários temáticos sobre temas industriais.      | 300        |
| Anexo 2. Cronologia.  | 303        |
| Anexo 3. Ilustrações e fotos.                               | 322        |
| <br>  |            |
| <b>ÍNDICE DE QUADROS E SOCIOGRAMAS.</b>                     | <b>343</b> |
| <br>  |            |
| <b>LISTA DE ABREVIATURAS EMPREGADAS.</b>                    | <b>345</b> |
| <br>  |            |
| <b>REFERÊNCIAS E FONTES BIBLIOGRÁFICAS.</b>                 | <b>348</b> |

## Agradecimentos

Com quase todas as tarefas que me apaixonam e entusiasman, acabo perdendo a noção do tempo e os limites de minhas forças. Quero dizer que esta seção poderia ter tido muito mais páginas do que realmente tem, porém os prazos de tempo me urgem a lhe dar forma. Por essa razão, expressarei aqui uma milésima parte do que penso e sinto.

Quando comecei a investigação que nutre esta dissertação, Brasil e Argentina, junto com outros países latinoamericanos deram os passos definitivos atrás de um objetivo: a integração regional.

No que diz respeito a mim enquanto indivíduo, muitas pessoas e instituições de ambos os países, há muito tempo que se encontram profundamente arraigadas e entrelaçadas em minha vida. É fundamentalmente a elas a quem quero dedicar este trabalho.

Iniciando pelas instituições, agradeço profundamente o privilégio de ter sido admitida no Mestrado em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas e ter contado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa da Unicamp (FAEP).

Do mesmo modo, sem o respaldo inestimável da Universidade de Buenos Aires, a investigação que nutre esta dissertação teria sido ainda mais difícil.

Meus professores da Universidade Estadual de Campinas me transmitiram sua seriedade e seus sólidos conhecimentos, porém o que mais valorizei neles é sua paixão pela antropologia.

Meus companheiros de turma me brindaram com seu carinho e hospitalidade; com eles compartilhei alguns dos melhores anos de minha vida; me fizeram sentir quase como em casa.

A Guilherme R. Ruben quero agradecer sua dedicação, por forjar em mim um olhar antropológico. Muito aprendi de seu criativo desempenho profissional. Nunca esquecerei a hospitalidade que ele e sua família me brindaram desde que pisei o solo brasileiro.

A Félix G. Schuster e Cecilia Hidalgo da Universidade de Buenos Aires, devo a descoberta, já há alguns anos, do valor da epistemologia para minha tarefa de investigação. A Felix, além do mais, agradeço sobretudo pelo calor, seu apoio e sua confiança.

Os membros da UIA que conheci e entrevistei são os grandes protagonistas desta história. Se eles não me tivessem oferecido seu tempo e disposição, muito diferente teria sido o resultado desta investigação. Foram muitos os empregados e funcionários da UIA que colaboraram nesta dissertação e cujos nomes não faltará oportunidade de lembrar.

Os membros da banca de meu exame de qualificação: Suely Kofes e León Pomer, me honraram ao estabelecer um diálogo fecundo e respeitoso cuja influência espero se veja refletida neste trabalho.

Quero agradecer também a Gérard Althabe, de l'École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, por sua minuciosa leitura e profundas observações a respeito de uma versão ainda muito preliminar do Capítulo 5 desta dissertação.

Da mesma forma a Eduardo P. Archetti, professor da Universidade de Oslo, pela presteza e seriedade com a que me indicou aspectos centrais de um rascunho deste escrito.

Com Javier Lindemboin tive a sorte de trocar experiências e idéias a respeito da UIA e compartilhar as mesmas dúvidas.

Nos inícios desta investigação também me beneficieei com algumas conversações introdutórias sobre minha temática, mantidas com os investigadores Adolfo Dorfman e Jorge Schvarzer.

Por último, um reconhecimento muito profundo a minha família. A meu pai, de quem sempre admirei sua perseverança, grande contrição no trabalho, constância e sabedoria. Minha mãe me surpreende permanentemente com sua refinada sensibilidade estética e ética: todo o humano lhe é particular. Ambos me brindam em forma incondicional com sua generosidade e seu caloroso afeto.

Minha irmã e meu cunhado, a quem me une um grande carinho, não deixaram de me alentar nunca, menos ainda nos momentos de maior desesperança.

Todos eles colaboraram a extremos inimagináveis na elaboração desta dissertação: cansaram-se de escutar meus relatos e descobertas sobre a UIA, e nem há o quê dizer das leituras às quais os submeti ao longo destes quase três anos.

Sem seu alento, seu carinho e apoio incondicionais, por certo que esta dissertação não teria sido escrita. Por isso é a eles e a essa linda criaturinha que é meu sobrinho a quem dedico este esforço.

À margem dos resultados que não cabe a mim julgar, quero expressar que pus o melhor de mim e que certamente é muito pouco, ao lado do que eles me brindaram.

## **RESUMO**

O objetivo da presente tese consiste em formular uma interpretação de uma das centrais grêmio-industriais mais significativas dos industriais na Argentina: a União Industrial Argentina (UIA), a partir da análise de alguns aspectos das relações sociais mantidas por dois de seus movimentos internos, o Movimento Industrial Argentino (MIA) e o Movimento Industrial Nacional (MIN), com ênfase no estudo dos mitos, rituais e símbolos da entidade.

A partir do meu "presente etnográfico", temporalmente situado entre os anos de 1992 e 1994, o exame das relações entre o MIA e o MIN constitui, a meu ver, uma opção metodológica fecunda para o fim proposto.

A etnografia da UIA, além de contribuir para a compreensão de uma nova visão sobre a central fabril, traz elementos para formular algumas hipóteses relativas à discussão contemporânea da problemática da nacionalidade na Argentina.

Por último, inscrita na linha de uma antropologia das sociedades "complexas", minha intenção, ao conceber esta tese, foi também a de alimentar a continuidade de seu debate.

## INTRODUÇÃO

### A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

*De todas las ciudades del planeta, de las diversas e íntimas patrias que un hombre va buscando y mereciendo en el decurso de los viajes, Ginebra me parece la más propicia a la felicidad. Le debo, a partir de 1914, la revelación del francés, del latín, del alemán, del expresionismo de Schopenhauer, de la doctrina del Buddha, del taoísmo, de Conrad, de Lafcadio Hearn y de la nostalgia de Buenos Aires...*

Jorge Luis Borges<sup>1</sup>

*... Este es el laberinto de Creta cuyo centro fue el Minotauro que Dante imaginó como un toro con cabeza de hombre y en cuya red de piedra se perdieron tantas generaciones...*

Jorge Luis Borges<sup>2</sup>

Quando me propus realizar uma etnografia da *Unión Industrial Argentina* (UIA), desconhecia as dimensões do desafio com o qual eu me confrontaria no meu trabalho de campo, o qual se desenvolveu a partir de 1992<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Ginebra. In: Atlas. Obras Completas, tomo III, pág. 420. Buenos Aires: Emecé Editores, 1991.

<sup>2</sup> El Laberinto. In: Atlas. Obras Completas, tomo III, pág. 434. Buenos Aires: Emecé Editores, 1991.

<sup>3</sup> Para Clifford Geertz (1987 [1973]), em antropologia social, o que fazem aqueles que a praticam é etnografia.

A hora das definições, existe discordância sobre suas características mais marcantes. Para certos autores, como Martyn Hammersley e Paul Atkinson (1994 [1983]) "la etnografía (o su término cognado "observación participante") simplemente es un método de investigación social, aunque sea de un tipo poco común puesto que trabaja con una amplia gama de fuentes de información". (pág. 15).

Geertz (1987 [1973]), por exemplo, nega que fazer etnografia seja estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, construir genealogias, levar um diário de campo. Para ele, o que a define é certo esforço intelectual, uma especulação elaborada em termos de "descrição densa", a que supõe, como tarefa, desentranhar estruturas de significação.

Longe de aprofundar aqui uma discussão acerca do significado que o termo encerra e de tomar uma posição definitiva a seu respeito, minha intenção é assinalar que minha etnografia se nutre de variadas contribuições, a saber: a de Clifford Geertz, no que concerne à "descrição densa"; a de Bronislaw Malinowski (1975 [1922]) sobre a "observação participante"; a de Victor Turner, a respeito de sua noção de "dramas sociais" concebidos como "áreas de transparência", e assim por diante; concepções que serão devidamente tratadas nas páginas desta dissertação.

A idéia de focalizar a atenção em uma das centrais grêmio-industriais mais significativas dos industriais na Argentina, surgiu a milhares de quilômetros de distância da sede de entidade fabril em questão, situada na cidade de Buenos Aires, como fruto de uma série de reflexões motivadas pela minha estadia no Brasil<sup>4</sup>.

Parafraseando Roberto DaMatta (1993), no meu caso ("*porteña*" de origem) foi devido mais à "*nostalgia*" do que à "*saudade*", que as problemáticas da nacionalidade e da construção da nação na Argentina começaram a adquirir uma força crescente entre minhas inquietudes pessoais e acadêmicas<sup>5</sup>.

Foi pouco depois de ter iniciado a leitura das teorias da "*nation building*", especificamente aquelas que tematizavam a correlação entre industrialização e processo de construção de uma nação (Elias, 1972)<sup>6</sup> ou aquelas que, como no caso de Ernest Gellner<sup>7</sup> (1988 [1983]; 1989 [1987]) problematizavam o

<sup>4</sup> É durante a qual cursei meu curso no nível de Mestrado em Antropologia Social na UNICAMP.

<sup>5</sup> Roberto DaMatta (1993) concebe o termo "*saudades*" como uma categoria social que conduz a uma consciência aguda de um sentimento de ausência.

A "*nostalgia*", por sua vez, define um tipo de ausência muito precisa: em grego "*algia*" é dor provocada por um distanciamento da terra natal "*nostos*".

Para Claudio Magris, ensaísta italiano, professor na Universidade de Trieste, a verdadeira "*nostalgia*" é um sentimento que se expressa com respeito ao futuro, ao mesmo tempo em que afirma que "*el dolor del retorno*" inspira-se no maior de todos eles, "*La Odissea*", atribuída ao poeta grego Homero (Folha de São Paulo, 28 de junho de 1992).

<sup>6</sup> Para Elias, o processo de "*nation building*" constitui a última fase do processo de formação do Estado. O autor afirma que industrialização e "*nation building*" são duas facetas da mesma transformação das sociedades e concebe as nações como tipos específicos de integração.

<sup>7</sup> Fazendo uma comparação com as civilizações agrárias, Gellner afirma que estas últimas não engendram nacionalismo; tal capacidade é um atributo das sociedades industriais pelo fato de que as mesmas têm sua raiz em certo tipo de divisão do trabalho, complexa e acumulativamente em transformação.

par industrialização/nacionalismo, que a escolha de uma central industrial como campo empírico privilegiado parecia uma decisão pertinentes. Tal escolha se viu reforçada (ao que a discussão local diz respeito), pela leitura de um trabalho<sup>9</sup> considerado um referente importante para a problemática mencionada. Sua tese central afirma que os industriais da Argentina, imigrantes com escassos recursos, à margem da vida política e social argentina desde suas origens, e com grandes obstáculos em seu posterior desenvolvimento, não criaram uma cultura industrial própria e, muito pelo contrário, conformaram-se e reproduziram, dentro de uma cultura alheia, a dos latifundiários, deixando seu país carente de uma cultura industrial e contribuindo de forma muito tênue à construção da nacionalidade na Argentina.

Se, por um lado, a primeira parte da referida tese é objeto de uma controvérsia<sup>10</sup>, cujo aprofundamento escapa aos

A organização social da sociedade agrária não propicia, em absoluto, o princípio nacionalista, a convergência das unidades culturais e políticas e a homogeneidade ou comunicação escolar da cultura em cada unidade política.

O nacionalismo é essencialmente a imposição geral de uma cultura desenvolvida sobre uma sociedade na qual, até então, a maioria da população se havia regido por culturas primárias. Supõe o estabelecimento de uma sociedade impessoal que, acima de tudo, mantém unida uma cultura comum, como a mencionada.

Para Gellner, o nacionalismo é um princípio político que afirma que deve haver congruência entre a unidade nacional e a política.

<sup>9</sup> Pertinente, é claro, em função do tipo de concepção escolhida para o tratamento da problemática da "nation building". A este respeito há outros enfoques que privilegiam dimensões tais como a religiosa ou a étnica.

<sup>9</sup> Trata-se da "Política e ideología en la industrialización argentina". Boletín Informativo Techint, Nº. 1985.

<sup>10</sup> Por exemplo, Jorge Schvarzer (1991) opõe-se aos estudiosos que partem da suposição de que os industriais eram "pequenos" em termos econômicos, estrangeiros, sem participação política nem capacidade de influir na evolução econômica local. Entre aqueles que mantêm tal afirmação, encontrar-se-iam - segundo Schvarzer - Gino Germani, Sergio Bagú e Roberto Cortés Conde.

limites do presente trabalho, por outro, a que se refere à relação industriais/nacionalidade, parece reunir um maior consenso<sup>11</sup>.

O que achei curioso, entretanto, é que apesar de se acusarem os industriais de se reproduzirem em uma "cultura alheia", nunca se tivesse feito um estudo que levasse em conta aspectos tais como os mitos, rituais, símbolos, pais fundadores, heróis culturais, linhagens, um estudo antropológico de umas das instituições mais importantes dos industriais, como é a UIA<sup>12</sup>.

É de se notar que os trabalhos que na Argentina empregam o conceito de cultura empresarial, centraram-se principalmente, nos aspectos técnicos tais como a racionalidade instrumental das atividades produtivas, a eficiência, a aplicação da ciência e da tecnologia na produção, a inovação etc., e/ou em seus aspectos mais político-ideológicos<sup>13</sup>, a saber: o pluralismo, a aceitação da legitimidade de uma pluralidade de interesses, a interdependência dos mesmos, os conflitos sociais institucionalmente mediados, entre outros itens.

---

<sup>11</sup> O mesmo pôde se constatar nas entrevistas que, como referirei mais adiante, concederam integrantes da União Industrial Argentina entre 1992 e 1994.

<sup>12</sup> Devido ao complexo e vasto debate acerca do conceito de "cultura", como também às críticas que se pretendem sobre a antropologia das sociedades "complexas" (ver. Abu-Lughod: 1991), preferi trabalhar com outros conceitos como, por exemplo, o de "mito" e de "rituais".

<sup>13</sup> Tal é o caso do texto de Jorge Alberti e Franco Maria Castiglioni. Op. Cit.

Também é conhecido o caso de estudos<sup>14</sup> de um estilo mais sociológico que, por exemplo, focalizam sua atenção nos estilos de vida das pessoas que pertencem a uma instituição; exploram o tipo de bairro onde moram; indagam acerca da universidade na qual cursaram seus estudos ou os clubes que freqüentam.

### 1. A UIA como "fato social total". Os motivos de uma escolha.

Para a época em que concebia este estudo, a UIA expressava a totalidade do espectro industrial na Argentina, compartilhando-o, em contrapartida, com entidades como a *Confederación General de la Industria* (CGI), e o *Consejo Empresario Argentino* (CEA)<sup>15</sup>.

Sabia que a central grêmio-industrial em questão concentra a quase totalidade da mão de obra industrial ocupada no país; cerca de 100% do Produto Bruto Industrial Nacional (PBI); e 98,9% das exportações não tradicionais<sup>16</sup>.

A isto soma-se o dado que 95% dos convênios da indústria manufatureira que se firmam na República Argentina e que

---

<sup>14</sup> Neste sentido, o realizado por José Luis de Imaz (1965) é um claro exemplo.

<sup>15</sup> Muito embora esta problemática excederia os limites deste trabalho, há indícios que assinalam que a composição das centrais grêmio-empresariais mencionadas não é cem por cento industrial. Muitos dos grandes grupos que a integram complementam suas inversões industriais com atividades econômicas em outros setores, como o financeiro, o de serviços, o latifundiário, etc.

<sup>16</sup> *Anuário de la Unión Industrial Argentina, 1990*. Publicação oficial da entidade.

obrigam à relação capital-trabalho, têm como protagonistas os sócios da entidade.

Não obstante serem relevantes estes dados, não foram os que nortearam a escolha da UIA como campo empírico privilegiado.

Tampouco esta escolha se deveu à antigüidade com que a central fabril vem desempenhando o papel de um dos interlocutores mais destacados dos distintos governos e entidades sociais<sup>17</sup>. Afinal, em que, então, poderia ser fundamentada esta escolha?

Uma das versões "nativas"<sup>18</sup> sobre a central grêmio-industrial em questão assinala que as mudanças operadas na entidade fabril a partir da década de 1980, logo após a última intervenção (militar) à qual foi submetida, permitiriam falar de uma "nova UIA"<sup>19</sup>. A característica principal da mesma - segundo a versão mencionada - estava radicada no fato de que os interesses aos quais a UIA tradicionalmente respondia até a década de 1980, identificados a grandes traços com a indústria da Capital Federal e da Província de Buenos Aires, se somavam - devido à

---

<sup>17</sup> A UIA foi fundada em 7 de fevereiro de 1887.

<sup>18</sup> Sigo aqui a interpretação de Clifford Geertz (1987 [1973]) segundo a qual os escritos antropológicos são interpretações de segunda e terceira ordem. Por definição, só um "nativo" faz interpretações de primeira ordem: trata-se de sua cultura.

<sup>19</sup> Houve intervenção na UIA em duas ocasiões: em 1946, durante o primeiro governo de Juan Domingo Perón, e em 1976, por ocasião do último golpe de estado encabeçado pelos militares na Argentina. Ver Cronologia.

reestruturação estatutária - as vozes que representavam a indústria do resto do paíszo.

Aqueles que sustentavam tal interpretação, descreviam um fresco colorido no qual o componente que havia dominado a UIA, a indústria da Capital Federal, da Província de Buenos Aires, a grande indústria, a indústria multinacional, em síntese, "os interesses do porto de Buenos Aires" - seguindo a mesma fonte -, vira-se matizada pela indústria do interior do país, a pequena e mediana indústria, a indústria nacional; as regiões em contraposição aos setores<sup>21</sup>.

Como antropóloga, pensava que tal paisagem estaria enriquecida por dimensões culturais, políticas, sociais e não só econômicas.

Sem ânimo de reduzir a heterogeneidade dos distintos componentes do leque industrial da Argentina, a um de seus membros (cabe assinalar que a *Confederación General de la Industria* é a expressão quase exclusiva da pequena e média indústria, enquanto que o *Consejo Empresario Argentino* congregava as de maior tamanho), a UIA, longe de resumi-los, parecia ser a entidade fabril que com mais êxito podia ser concebida como locus de estudo de um "fato social total"<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> Tal reforma estatutária permitiu às regiões, participação igualitária junto aos setores na direção da entidade.

<sup>21</sup> Na Argentina, uma das dicotomias a que recorre boa parte das interpretações sobre sua história é a que corresponde aos polos Buenos Aires/Interior. Para mais detalhes remeto o leitor ao capítulo 3 desta dissertação.

<sup>22</sup> Interessado no regime do direito contratual e no sistema de prestações econômicas, problemas que estudou em várias "civilizações", Marcel Mauss cunhou a expressão "fato social total" para referir-se a um fenômeno onde se expressam ao mesmo tempo todo tipo de instituições: religiosas, jurídicas, morais, (políticas e familiares) e econômicas, as quais adotam formas específicas de prestação e distribuição, ao

A importância de tal formulação inspirada na obra do antropólogo francês Marcel Mauss (1979 [1923]) era - segundo a concepção de Guillermo R. Rubenz<sup>23</sup> - a portadora da indicação metodológica que permitiria, partindo da etnografia da UIA, trazer certos elementos com o fim de formular algumas hipóteses sobre a Argentina. Na UIA se poderia observar a convivência de heterogeneidades das mais diversas índoles relacionadas com todas as dimensões do processo social: culturais, econômicas, ideológicas, religiosas, políticas, entre outras.

## 2. O caminho rumo a reformulação dos objetivos. Primeira parte.

Com essa bagagem teórico-metodológica e já na cidade de Buenos Aires, mais precisamente na Avenida Leandro N. Alem 1067, no edifício onde se localiza atualmente a sede da *Unión Industrial Argentina*, comecei meu trabalho de campo e, com ele, a precisar meus objetivos.

---

que se acrescentam fenômenos estéticos aos quais estes fatos dão lugar, assim como os âmbitos onde os mesmos ocorrem como mercados, assembléias, festas, etc.

Segundo Mauss, são as coletividades as que trocam e contratam, de forma tal que o "sistema de prestações totais", presente em todas as sociedades, constitui uma forma de agregação. O que se troca, não se limita exclusivamente a bens ou riquezas, mas também abarca, sobretudo, rituais, banquetes, serviços, etc.

Os "fatos sociais totais" são sistemas sociais completos que, em alguns casos, põem em jogo, a totalidade da sociedade e de suas instituições e, em outros, só um número determinado de instituições.

<sup>23</sup> Em comunicação pessoal.

Devo adiantar aqui que o novo rumo que eles foram tomando não foi, de nenhuma forma, guiado por uma perda do interesse em levar adiante um estudo que ia tematizando a problemática da nacionalidade e a construção da nação na Argentina. Tampouco se coloca em dúvida o valor de uma etnografia da UIA para estudos com esta finalidade.

O fato de que esta problemática tenha cedido, paulatinamente, seu lugar a uma etnografia da *Unión Industrial Argentina*, enfatizando outros de seus aspectos, se deveu ao descobrimento de uma UIA surpreendente, desconhecida por mim e por outros investigadores, a julgar por seus escritos.

Minha intenção inicial de realizar um estudo que tematizasse a problemática da nacionalidade na Argentina, enfocando sua atenção em uma central grêmio-industrial, se inverteu no que diz respeito ao papel que deviam desempenhar os polos da diáde industriais/nacionalidade, de forma tal que a etnografia da UIA adquiriu uma dinâmica própria passando a um primeiro plano ao estudo de seus movimentos internos: o *Movimiento Industrial Argentino* (MIA) e o *Movimiento Industrial Nacional* (MIN).

A nova face (seguramente uma de tantas outras) da UIA se viu iluminada, em parte, pelo achado de materiais inéditos, tarefa que exigiu, com freqüência, habilidades que eu acreditava fossem mais próprias a um detetive do que a uma antropóloga.

Na seqüência, deter-me-ei brevemente a relatar o tipo de desafios que a UIA encerrava; trata-se do descobrimento de sua biblioteca e de seus arquivos ou, melhor dizendo, o que resta deles<sup>24</sup>.

O fato ao qual me referirei, a seguir, poderia fazer parte de um "apêndice metodológico" ou uma "resenha de atividades realizadas". Todavia, por considerá-lo "denso"<sup>25</sup> (Geertz, 1987 [1973]), não é o sentido principal que quero lhe dar.

Apesar de que as peripécias vividas alimentaria a imaginação de mais de um romancista, meu interesse ao relatá-las está na intenção de explicitar a relevância do achado, experiência que explica em parte as razões da reformulação de meus objetivos iniciais. A ventura corrida pela biblioteca, por um lado, junto ao conteúdo da mesma, por outro, "falavam" sobre a UIA em mais de um sentido.

### 3. Uma instituição que se tornou um labirinto.

---

<sup>24</sup> Como poderá ser observado no relato que segue, é muito difícil fazer uma etnografia e uma história da biblioteca. Porém, o que posso assegurar é que sofreu um atentado na década de 70, ainda que não se apontem as causas do mesmo, e que, nas distintas intervenções, sofreu perdas materiais.

<sup>25</sup> Utilizo o termo "denso" para me referir à noção de "descrição densa", formulada por Clifford Geertz que, inspirando-se em Gilbert Ryle, afirma que uma descrição densa consiste em desentranhar estruturas de significação, estruturas conceituais complexas, muitas delas entrelaçadas ou superpostas, ao mesmo tempo estranhas, irregulares, não explícitas e as quais o etnógrafo deve dedicar-se, de alguma maneira para, primeiro captá-las e, depois, explicá-las.

Na concepção geertziana, a conduta humana é vista como ação simbólica, uma ação que possui um significado, e a cultura como um sistema de símbolos interpretáveis, donde todos os fenômenos podem ser descritos de maneira inteligível, isto é, "densa".

Um dos primeiros livros que sobre a UIA tive entre minhas mãos (Schvarzer, 1991) fazia menção aos esforços infrutíferos do autor por encontrar o material editado pela UIA (Memórias e Balanços anuais, revistas periódicas, etc.), o qual deveria estar disponível em uma biblioteca que o citado investigador considerava perdida ou impossível de consultar.

Um dos grandes especialistas em história da indústria na Argentina, Adolfo Dorfman, me havia confiado em 1992, no início de minha investigação, que ele havia conhecido e trabalhado na biblioteca da UIA na década de 1930.

Como viria a me interar tempos depois, através de revistas oficiais da UIA, nas quais era destinado bastante espaço para as novidades que a biblioteca recebia na década de 60, a mesma possuía mais de 32.000 tomos da melhor literatura tecnológica e econômica.

Para dar idéia do contexto, é necessário destacar que na Argentina, o tratamento que têm recebido as bibliotecas não é nada animador. Os vinte anos que transcorreram para se inaugurar a Biblioteca Nacional, em seu novo edifício da Capital Federal, junto ao escasso orçamento que, atualmente, impede a classificação dos livros para a consulta do público, é um claro exemplo. Infelizmente não é o único. Em meados do ano de 1993, o rompimento dos encanamentos do edifício ocupado pela Biblioteca do Instituto de História Emilio

---

<sup>24</sup> *Revista de la Unión Industrial Argentina*, octubre-diciembre de 1963. Año LXXV, Nº 21.

Ravignani, dependente da Universidade de Buenos Aires, ameaçou a existência física de uns 40.000 livros e documentos de (ironia do destino) História Argentina e Americanas<sup>27</sup>.

Recentemente, a Academia Nacional de História levou ao Ministério do Interior um documento de críticas, no qual adverte sobre a deterioração que sofre o Arquivo geral da Nação e que põe em perigo o acervo cultural argentino<sup>28</sup>.

Considerando a contundência de tais evidências que ilustram uma situação por demais generalizada, eu relutava em acreditar que, ainda que a investigação que estava realizando se localizasse em uma instituição pertencente ao âmbito das sociedades "complexas", onde a escrita desempenha um papel fundamental, devia resignar-me a abordá-la como se se tratasse de uma comunidade "primitiva", restringindo-me por uma dificuldade que se apresentava como meramente técnica, ao tipo de interação "face a face".

Segundo registrei em meu caderno de campo, a primeira pista que me fez pensar que a existência do arquivo e da biblioteca da UIA era uma possibilidade, surgiu no dia 20 de outubro de 1992, quando chegaram a minhas mãos certos documentos internos da UIA, os quais interpretei como fragmentos de um arquivo maior e que pareciam as peças de um enorme quebra-cabeças<sup>29</sup>.

<sup>27</sup> *Clarín*, 12 de maio de 1993.

<sup>28</sup> O documento reclama, dentre outras coisas, que se utilize o concurso público de antecedentes e oposição, como mecanismo para cubrir os cargos mais altos e que se instaure o princípio adequado para dotar o órgão de pessoa de conduta mais idônea. *La Nación*, 19 de dezembro de 1994.

<sup>29</sup> Prefiro manter em reserva as circunstâncias nas quais isto aconteceu.

Diferentes entre si, alguns testemunhavam a situação da UIA na década de 1970; outros faziam referência à problemática do Mercosul a partir do ano de 1990; havia um estudo de imagem que a UIA havia encomendado em 1974; detalhes da campanha publicitária do *Día de la Industria Argentina*, do ano de 1986, entre outros achados.

Um dos documentos-chave para o desenvolvimento de minha investigação posterior foi uma proposta econômica de um dos movimentos internos da *Unión Industrial Argentina*, o *Movimiento Industrial Argentino* (MIA). A mesma havia sido descrita em um papel timbrado, graças ao qual soube que este movimento, cuja existência conhecia pelos diários, tinha uma sede fora do edifício da *Unión Industrial Argentina*, um fato que atraiu, de forma muito forte, minha atenção, já que uma queixa permanente que recebi na instituição era de falta de financiamento.

Esta descoberta animou-me a prosseguir a busca que havia iniciado; aspirava a encontrar novos documentos internos que me permitissem apreciar um lado mais privado da entidade.

A versão oficial dos funcionários da UIA era que a suposta biblioteca se encontrava na sede do Instituto de Tecnologia Industrial<sup>30</sup> (INTI), ao qual havia sido doada

<sup>30</sup> O INTI foi criado a 27 de dezembro de 1957 por um decreto do Poder Executivo nacional, que dispôs, para o novo órgão, as seguintes responsabilidades:

- ‡ Promover e realizar investigações a fim de melhorar técnicas e processos de elaboração de matérias primas e subprodutos;
- ‡ Estimular os industriais a empreender estudos para melhorar sua produção;
- ‡ Manter estreito vínculo com a indústria e os centros de estudos (universidades e órgãos de pesquisa, oficiais e privados), para favorecer aqueles aspectos de seu trabalho que pudessem beneficiar à indústria". (In: Anuario de la Unión Industrial Argentina, 1990).

mediante um convênio em princípios da década de 1980. De acordo com a mesma versão, o material havia sido catalogado segundo modernas normas de computação e estaria disponível para a consulta do público.

Grande foi minha surpresa quando a Diretora da biblioteca do INTI, ao longo de uma conversa telefônica na qual me autorizou a ingressar na mesma, aconselhou-me: *"Venite con ropa de fajina"*<sup>31</sup>.

A princípios de 1993, tive a oportunidade de conhecer a suposta biblioteca da UIA na sede que o INTI possui no distrito de San Martín (Provincia de Buenos Aires), fora do âmbito da Capital Federal. Localizada em um extenso terreno que divide com outras dependências da entidade, a sala de leitura da biblioteca parecia muito confortável e dotada de pessoal qualificado encarregado do Centro de Investigação Documentária (CID). Entretanto, meu lugar de trabalho não seria tão agradável.

A Diretora da Biblioteca, a senhora Clara Margarita Cabrera, recebeu-me e me conduziu por um caminho até um galpão semi-cilíndrico, diante do qual nos detivemos. No fundo do mesmo, indicou-me, encontrava-se a biblioteca da UIA. Segundo sua versão<sup>32</sup>, até 1981 uns dez caminhões haviam

---

<sup>31</sup> Expressão que, na linguagem cotidiana portenha, é sinônimo de roupa de trabalho braçal, especialmente se se refere à limpeza. (*Nuevo diccionario lunfardo. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 1991*). (roupa de faxina, N.T.).

<sup>32</sup> Cabe esclarecer que, muito embora a senhora Cabrera pertencia ao staff da Biblioteca do INTI em 1981, ela não era sua diretora.

descarregado uma quantidade de papéis e livros sem catalogação que o INTI não havia podido absorver em sua biblioteca, seja pela quantidade de trabalho que significava sua classificação, seja devido ao fato de que seu conteúdo não correspondia aos interesses da referida instituição.

Depois de me advertir que vários investigadores chegaram ao lugar e imediatamente depois desistiram da sua pesquisa, avaliando a ímproba tarefa que os aguardava em uma biblioteca sem catalogação, deixou-me com um cadeado com o qual deveria fechar o galpão, não sem antes desejar-me sorte.

Decidi enfrentar o pó e as dificuldades de chegar às estantes mais altas, suficientemente amplas para abrigar livros dispostos em filas quádruplas, aproximando-me delas com a ajuda de uns gigantescos sacos de resíduos contendo papéis do INTI, que faziam as vezes de escada e os quais não tive outra saída senão pisar, uma vez que se interpunham entre mim e a tão preciosa estante.

Ter passado todo um dia revisando uma biblioteca para não encontrar quase nenhum material próprio da *Unión Industrial*, deixou-me a certeza de que esta não era a biblioteca perdida da entidade e que a mesma existiria em alguma parte do planeta.

Convencida de que esta era a situação, visitei várias bibliotecas esperando ter melhor sorte.

Incentivada pelos comentários de investigadores amigos que, admirados da seriedade e eficiência da Biblioteca do Congresso de Washington D.C., asseguraram-me: "*si no lo*

*encontrás allí es porque no existe*", viajei para os Estados Unidos para consultar pessoalmente a segunda maior biblioteca do mundo. Ali consegui reunir uma série importante das Memórias e Balanços que a UIA publicava anualmente.

Em Buenos Aires, fui autorizada a consultar a biblioteca da *holding* Techint, um dos grupos econômicos mais importantes da Argentina, responsável pela edição de um excelente boletim informativo sobre diversos temas do âmbito industrial que, não obstante, não evidenciava um interesse particular pela UIA.

A Biblioteca Nacional proporcionou-me a coleção, às vezes incompleta, de todas as revistas editadas pela UIA, desde sua fundação<sup>33</sup>.

A Biblioteca do IDES (*Instituto de Desarrollo Económico y Social*) permitiu-me o acesso a artigos muito valiosos, compilados por sua revista, escritos por especialistas, a respeito de temas pontuais da indústria em geral e, em menor medida, da UIA em particular.

Cheguei, inclusive, a consultar um ex-integrante da UIA, proprietário de uma gráfica onde se havia editado grande parte dos materiais e documentos da entidade, quem, para minha desilusão, confessou-me não haver arquivado nem uma só cópia dos mesmos.

---

<sup>33</sup> As transformações sofridas pela Biblioteca Nacional e a da UIA impossibilitam-me esclarecer qual das instituições é responsável pelo fato de que a coleção esteja incompleta. Posteriormente, os "buracos negros" foram sanados, como consequência do achado da biblioteca da entidade fabril em questão.

Luis Leibas, quem junto a Maria Irene Naselli dirige a revista "*Informe Industrial*", desde 1977, facilitou-me a coleção completa desta publicação que freqüentemente dedica algumas páginas à análise conjuntural da *Unión Industrial Argentina*.

O jornal *Clarín* autorizou-me a consultar seu arquivo um tanto quanto útil, o que ajudou na tarefa de precisar fatos e dados do passado.

#### 4. Atrás das pegadas do Minotauro.

Longe de me resignar a abandonar a busca da biblioteca perdida, repensei a forma de abordá-la.

Minha esperança em encontrá-la estava fundada na minha intuição e no fecundo diagnóstico da situação, a saber: ter concebido a UIA como um labirinto *borgesano* e a biblioteca como o seu centro.

Sem pretensões de penetrar nas profundezas que sua obra sugere, para o escritor argentino Jorge Luis Borges, uma das facetas positivas do conceito de labirinto (cujo lado negativo reside no fato de que se trata de uma edificação construída para se perder) é a de contar com um centro (onde se localizaria o Minotauro), elemento que indica a existência de uma lógica que se opõe ao puro caos e que, ao mesmo tempo, reflete algum aspecto do labirinto.

Como já foi anteriormente mencionado, no arquivo que havia descoberto em outubro de 1992, encontrei um documento

cujo timbre assinalava a existência de um movimento que tinha sede fora da entidade fabril, o *Movimiento Industrial Argentino* (MIA).

Por essa época comecei a visitar a entidade com certa frequência, assistir a seus seminários, realizar entrevistas com seus membros, o que me havia levado à conclusão que, dos movimentos que existiam na entidade fabril (o outro importante era o *Movimiento Industrial Nacional* - MIN), o MIA era o mais antigo<sup>34</sup>. É por esta razão que me dirigi à sua sede com esperança de que o denso período de tempo partilhado por seus integrantes, sua memória<sup>35</sup>, me desse alguma pista para rastrear os destinos corridos pela biblioteca em questão. Cabe esclarecer que os empregados da UIA variavam, muitas vezes, de uma administração a outra, razão pela qual alguns deles foram incorporados à instituição pouco tempo atrás.

E mais, sabendo que eu estava realizando uma investigação na UIA, certa vez, um de seus funcionários perguntou-me se conhecia a data da fundação da entidade, já que a ata correspondente se havia perdido e necessitava do dado para um trabalho que lhe haviam encomendado. Minha surpresa ia aumentando; a persistência na busca de uma biblioteca que, diga-se de passagem, deu aos olhos "nativos"

---

<sup>34</sup> O MIA surgiu na década de 1970 e o MIN na de 80. Para maiores detalhes a respeito da constituição destes movimentos, remeto o leitor ao capítulo 4.

<sup>35</sup> O conceito de "memória" foi adquirindo importância na medida em que avançava a investigação. O mesmo será retomado nas Considerações finais.

uma justificativa na ocasião, possibilitava-me constatar que a UIA não só havia perdido seu acervo bibliográfico, como também sua ata fundadora, a qual tinha interpretado como parte de seus fundamentos.

O MIA tinha sua sede no escritório da *Unión Industrial* da Província de Buenos Aires, dado que, como veremos mais adiante, era muito significativo<sup>36</sup>.

Uma amável funcionária do MIA que havia trabalhado na UIA até a década de 60, conhecedora da biblioteca da entidade, colocou-me em contato com dois ex-companheiros seus que poderiam me ajudar a rastreá-la. Um deles, ex-gerente da UIA, sugeriu-me consultar um homem-chave para resolver o enigma da biblioteca<sup>37</sup>.

O homem-chave (que na metáfora *borgesana* poderia ser interpretado, nesse contexto, como o fio de Ariadne), cujo nome, assim como o dos anteriores eu mantereí em reserva, não aceitou fazer uma entrevista sobre a UIA, porém, em troca, concordou em atender-me por telefone; depois de expressar-lhe minha desolação quanto ao achado apócrifo na sede do INTI, ele me confiou: "*claro, Ud. no encontró la biblioteca de la UIA en el INTI porque años atrás yo fui el encargado de seleccionar y retirar de allí el material más relevante para la entidad*".

---

<sup>36</sup> Para mais detalhes, ver capítulos 2 e 3.

<sup>37</sup> O mesmo me ofereceu valioso material da UIA na década de 70.

Depois de indicar-me onde se encontrava, demorei todavia um tempo para dar com a pessoa que me permitiria consultá-la.

Não faltaram os entraves burocráticos, chaves que não apareciam, dúvidas sobre se me deixariam ou não conhecer um *tesouro* que, ao que parecia, ninguém sabia muito bem que valor tinha, o certo é que no dia 31 de maio de 1993, quase sete meses depois de encontrar os primeiros materiais da entidade, tive a enorme felicidade de vislumbrar o que se havia salvo da biblioteca da UIA. Não se tratava do Aleph<sup>36</sup>, a esfera furta-cor de quase intolerável fulgor, metáfora com a qual o escritor Jorge Luis Borges se referia ao universo, mas, ante a presença dos documentos e dos livros que tanto havia buscado, experimentei quase a mesma sensação que o personagem do conto quando viu a maravilhosa esfera: senti vertigem e me emocionei.

Para minha sorte, um interessante arquivo da central industrial compartilhava o espaço físico da biblioteca. O duplo achado permitia-me a um mesmo tempo o acesso a uma série de documentos públicos e privados.

Eles me ajudaram a completar parte da história da biblioteca.

Com efeito, de acordo com o contrato firmado em 14 de outubro de 1981, na sede da UIA, entre o Capitão de Navio (R.E.) Eng<sup>o</sup>. José Alcides Rodriguez, representando o INSTITUTO NACIONAL DE TECNOLOGIA INDUSTRIAL (INTI), e o Dr.

---

<sup>36</sup> *El Aleph*. Obras Completas, tomo I, pág. 625. Buenos Aires: Emecé Editores, 1991.

Jacques Hirsch<sup>39</sup>, representando a UIA, estabelecia-se que esta última doava ao INTI todo o material bibliográfico existente à data da assinatura do contrato em sua biblioteca.

O acervo cedido devia ser incorporado ao Centro de Investigação Documentária (CID) do INTI, catalogado e posto a disposição do público em um prazo que venceria a fins de dezembro de 1983, e incluía uma cláusula pela qual a UIA tinha acesso permanente ao fundo bibliográfico existente.

Entre os motivos alegados pela UIA para efetuar esta doação, de acordo com um *Memorandum Interno Reservado*, datado de 4 de setembro de 1984, assinalava-se: carências orçamentárias, falta de avanços técnicos e a estagnação da mesma. Ademais, a instituição obteria recursos através do aluguel dos espaços que, naquele momento, estavam sendo ocupados pela Biblioteca.

Tal *Memorandum* continha um resumo das gestões entre a UIA e o INTI relativas à doação da Biblioteca da UIA, para concluir com a informação do fracasso do CID para incorporar o material doado devido ao fato que o mesmo não havia recebido os temas que fossem de interesse para a UIA, a fim de conservá-los.

Seria injusto omitir que houve resistências internas à doação da biblioteca da UIA. Isto consta, por exemplo, em uma nota, datada em Buenos Aires, a 2 de outubro de 1981, pela

---

<sup>39</sup> Industrial do setor químico. Foi presidente da UIA de 1981 a 1983.

*Federación Argentina de la Industria del Caucho*, dirigida por Jacques Hirsch, então presidente da UIA.

Vale a pena reproduzir parte de seu conteúdo, pela descrição que faz da biblioteca, a importância que lhe é atribuída e a clareza com a qual se vislumbrava as consequências que a mesma correria. Assinado pelo gerente da *Federación Argentina de la Industria del Caucho* (FAIC), o senhor Antonio C. Castro, a carta dizia:

*"La Biblioteca de la UIA reúne la más valiosa colección existente en el país de obras relacionadas con política industrial, evolución de la actividad empresaria, legislación nacional y extranjera referente a la economía en general y a la industria en particular, información estadística especializada y otros temas conexos, siendo muchas de las publicaciones ejemplares únicos o difíciles de obtener. Constituye un patrimonio común de todas las entidades asociadas que se ha formado a través del tiempo con el esfuerzo y aporte de las mismas. La donación al INTI de tal acervo afectará a nuestro juicio el patrimonio cultural y material de la UIA y por ende de todos sus asociados.*

*Ha sido y es consultada en forma permanente, no sólo por las entidades y empresas agrupadas en la UIA, sino por autoridades, órganos de opinión y público en general, distinguiéndose siempre, a pesar de la precariedad de su personal, por el correcto servicio y excelente información brindada, por lo que su desaparición, como tal, lesiona a nuestro juicio, no sólo el prestigio sino también los servicios que debe brindar en todo momento la UIA.*

*Debe comprenderse que aunque se siga teniendo acceso al material bibliográfico cedido, su ubicación en un lugar alejado torna imposible la consulta y/o prestación de las obras con la rapidez con que se logra actualmente.*

*Por otra parte el INTI es un organismo cuyo principal objetivo es el desarrollo y progreso de la tecnología industrial. Existen serias dudas sobre su capacidad de procesar y mantener al día el gran volumen de material que se les incorporará, el que en su gran mayoría versa sobre temas ajenos a*

*su especialidad. En ese sentido la Biblioteca de la UIA en su actual ubicación y con un mínimo de apoyo material y personal, ofrece a nuestro juicio, una solución más conveniente que el proyectado convenio".*

Apesar de toda a fundamentação que deu a conhecer ao então presidente da UIA, opondo-se terminantemente à realização do convênio em estudo, na margem superior direita do documento, em letra manuscrita, pode-se ler, referindo-se ao mesmo, com data de 21 de outubro de 1981, e sem assinatura: "*que se archive sin contestar*".

Isto significava, clara e evidentemente, que o documento passara duplamente ao esquecido.

Finalmente, foi durante a presidência de Roberto Favelevic<sup>40</sup>, segundo consta em uma circular interna, datada de 20 de fevereiro de 1985, dado que o INTI não havia incorporado a totalidade do material doado e que existia interesse em recuperar parte dele, anunciava-se que seria designada uma pessoa para tal tarefa. O restante da história é conhecida.

Como é costume acontecer quando se busca muito alguma coisa, tantos esforços são despendidos, tantos caminhos são planejados, que começam a se multiplicar os achados. Assim foi que, a partir desse dia, cada entrevistado que visitava era dono de um arquivo privado que correspondia a seu período de atuação. Encontrei, assim, vários mais da UIA.

<sup>40</sup> Industrial têxtil. Foi presidente da UIA entre 1983 e 1987. Ver Capítulo 2.

O problema que se apresentou a seguir foi o de montar um enorme quebra-cabeças. Por outro lado, há perguntas para as quais nunca achei uma resposta "nativa": como pode uma instituição desprender-se de sua biblioteca? Como pode recuperá-la e sua maioria desconhecer seu destino? Aqueles que a conheciam (como pude verificar algum tempo depois) porque a ocultavam de mim e de tantos outros investigadores? Tratava-se somente de negligência, desconhecimento, ou havia algo que era preferível esquecer? Por que no INTI não me informaram que a UIA havia recuperado parte de sua biblioteca?

Se a biblioteca foi doada para que outro (neste caso o INTI) a fizesse lembrar, por que ela foi recuperada para voltar a ser mantida oculta e sem ser classificada?

Se é certo, como assinala Pierre Nora (1989) que o imperativo de nossa época é guardar absolutamente tudo, por que a UIA tinha resistências a que sua biblioteca se tornasse um típico *lieu de mémoire*<sup>41</sup>, nas palavras de Nora?

Antes de continuar, gostaria de fazer aqui um esclarecimento no que concerne ao material encontrado, podendo também ser extensivo à totalidade do material recolhido, sob todas as formas empregadas.

---

<sup>41</sup> De acordo como o autor, os "lugares de memória" podem ser materiais, simbólicos ou funcionais. Muito embora o propósito fundamental de "*les lieux de mémoire*" seja o de deter o tempo, estes só existem por sua capacidade de metamorfose.

Agradeço a Rosana Guber, professora da *Universidad de Buenos Aires* por me haver facilitado este e outros textos, e por suas observações sobre o conceito de "memória".

Ao longo da investigação, os integrantes da UIA me atribuíram diversos papéis, temática que, se bem analisada, na verdade, constituiria uma segunda dissertação. Entretanto, quero deixar firmado aqui que alguns deles, por razão do MERCOSUL, mostraram certa desconfiança quando souberam que este trabalho seria apresentado em uma universidade brasileira; outros, no momento de me fornecerem material, fazendo alusão à minha permanência na UIA durante meu trabalho de campo, consideraram-me "*de la familia*", enfim, digo isto porque mesmo quando creio que tive acesso a uma valiosa informação, depois de ter lido sobre as desventuras de Gerald Berreman [1990 (1962)] em Sirkanda, uma aldeia do Himalaia, onde, a princípio, grande parte do comportamento de seus habitantes foi qualificada, pelo referido antropólogo, como "*de trastienda*", desconhece-se verdadeiramente quantas máscaras terão caído e quantas mais desaparecerão quando o investigador tiver abandonado a cena.

Conjecturas à parte, em que sentido o descobrimento da biblioteca motivou uma reformulação dos objetivos?

Em primeiro lugar, que uma instituição perca, esconda, doe sua biblioteca me parecia um dado suficientemente significativo para dedicar-lhe mais atenção. A este respeito, em seu livro sobre as instituições, Mary Douglas (1986), citando o conceito utilizado já por seu mestre Evans-Pritchard, sobre a "amnésia estrutural", assinalava que as instituições esquecem-se e se recordam, e que o processo de construção do passado tem menos a ver com os tempos idos, do

que com o presente. E era justamente esse presente o que tratava de entender.

Em segundo lugar, ter investido tanto tempo e energia para dar com um material que tantos outros investigadores não tiveram acesso, me obrigava moralmente a torná-lo público.

Em terceiro lugar, e fundamentalmente, a totalidade da documentação encontrada, o conteúdo da biblioteca e arquivos, permitia reconstruir uma imagem heterogênea da UIA, muito distinta à que eu havia conhecido através da leitura de uma série de livros e artigos.

Muito embora muitos dos escritos que faziam referência a uma UIA homogênea correspondiam a épocas anteriores à convivência de movimentos internos na UIA, a partir da leitura dos documentos das distintas bibliotecas e arquivos, havia detectado a existência de conflitos e linhas internas que, mesmo sem ter adquirido a forma de movimentos, podiam ser identificados como sendo anteriores à década de 1980.

Chegados a este ponto, o espaço dedicado a relatar as peripécias da biblioteca e arquivo poderiam dar ao leitor a sensação de que a dissertação circunscreve-se a eles, porém não é o caso. Não foi nem o único fato "denso" que me levou a reformular meus objetivos nem a única descoberta empírica inicial.

## **5. Reformulação dos objetivos. Segunda Parte.**

Se tivesse que realizar uma exposição do itinerário de investigação desta dissertação de mestrado, sem dúvida

fracassaria se tentasse fazê-lo dividindo-o em etapas. Não existiu um "tempo de bibliotecas" e outro de: entrevistas; observação com participação em reuniões públicas e privadas, ordinárias e extraordinárias; assistêcia a rituais; identificação de "densidades" e de "silêncios" (Hastrup, 1990)<sup>42</sup>.

Na verdade, paralelamente a sua busca, realizei outras atividades. Muito embora a biblioteca se caracterizasse por ocultar, para minha sorte, a UIA exibía uma série de símbolos.

Munida de toda a informação que caía em minhas mãos, percorri os andares da instituição, caminhei por seus corredores, descobri seus bustos: o de Carlos Pellegrini<sup>43</sup> no saguão do edifício; o de Luis Colombo<sup>44</sup> na entrada do 11º andar<sup>45</sup>, e com eles a riqueza potencial da antropologia para o trabalho nas sociedades "complexas".

Não cessei até encontrar uma explicação para a frase de um ex-presidente da entidade, que me confiou:

---

<sup>42</sup> Aqui estou-me referindo ao conceito de "densidade semântica", de acordo com o qual, certos significados são socialmente mais significativos que outros e, talvez por isso, invocados com maior freqüência.

O Silêncios é uma parte vital de toda experiência humana, às vezes descuidado por uma ênfase exagerada nas afirmações discursivas.

<sup>43</sup> Carlos Pellegrini é considerado por vários dos integrantes da UIA, como o Pai da Indústria na Argentina. Mais detalhes na Cronologia e no Capítulo 5.

<sup>44</sup> Luis Colombo foi o Presidente da UIA que mais tempo ficou no mandato, cerca de 20 anos. De acordo com minha interpretação, Colombo foi um grande organizador da simbologia da UIA. Remeto o leitor à Cronologia e ao Capítulo 5.

<sup>45</sup> A UIA tem sua sede nos andares 10º e 11º do edifício da Av. Leandro N. Alem 1067. No 11º andar é onde se encontram os escritórios e as salas de reuniões das autoridades máximas da instituição. Também possui o subsolo e o 3º andar do edifício

*"Ellos (referindo-se a Pellegrini e a Colombo) merecieron un busto; nosotros, los presidentes de la institución, sólo una foto"*<sup>46</sup>

Anotei a sugestiva frase "*Sin industria no hay nación*" atribuída a Carlos Pellegrini, que se exibía em atos públicos, impressa no logotipo da entidade, no qual também reparei.

Familiarizei-me com seus símbolos e comecei a perguntar por pais fundadores, heróis culturais, e a delinear linhagens<sup>47</sup>.

Durante todo o período que durou essa busca, logrei um acesso francamente inesperado aos industriais em questão. Apesar dos prognósticos de muitos que afirmavam que não iria conseguir entrevistas com homens tão importantes, cheguei a realizá-las com umas quarenta pessoas.

Tantos entrevistados em lugar de uns poucos em profundidade se justificavam pela tensão do universo que estava investigando, e também pelos matizes que iam aparecendo.

Em linhas gerais, poderia caracterizá-los como presidentes, chefes executivos e secretários de departamento da UIA; secretários e ex-presidentes da entidade; coordenadores, fundadores, presidentes, membros dos dois movimentos mais importantes da UIA, a saber, o *Movimiento*

---

<sup>46</sup> A frase pertence a Roberto Favelevic, na entrevista que me concedeu nos dias 8 e 10 de junho de 1993. Para mais detalhes, ver Capítulo 2.

<sup>47</sup> Sobre tais conceitos, ver Capítulos 4 e 5.

*Industrial Argentino* (MIA) e o *Movimiento Industrial Nacional* (MIN); integrantes de outros agrupamentos no interior da entidade como o *Club de Exportadores*, *Grupo Paulista*, *Club de Privatizadores*; assessores econômicos da instituição; membros do Comitê Executivo e a Junta Diretora da UIA (ambas instâncias fundamentais na tomada de decisões); grandes, pequenos e médios industriais; "capitanes de la industria"; industriais de Buenos Aires e do interior do país; dos ramos de eletrônica, siderúrgica, metalmecânica, petroleira, petroquímica, agroindústria, têxtil, automobilística, papelaria, açucareira, vinícola, madeireira, frigorífica, naval; industriais que ocuparam cargos-chave na instituição em momentos cruciais da UIA como 1974 e 1976; industriais de tendências mais liberais e mais protecionistas; pertencentes a indústrias antigas ou mais recentes; integrantes de distintas etapas do processo migratório argentino; donos de empresa e funcionários das mesmas; funcionários do governo federal com grande conhecimento da entidade fabril sob estudo; jornalistas, historiadores e economistas especializados em entidades industriais e na UIA em particular.

Fui autorizada a participar das reuniões realizadas por membros da UIA, referentes à Comissão de Política Industrial, ao Departamento de Economia e as do foro MERCOSUL, durante os meses de maio, junho e julho de 1993. Nelas, interiorizei-me

nos temas que os preocupavam, assim como das propostas diferenciais para abordá-los.

Mesmo assim, foi-me permitido assistir a vários seminários organizados pela UIA e outros, com quais a UIA contribuía, convocados por diversas entidades, como se pode observar no Anexo 1.

Que elementos novos traziam para a interpretação da UIA todas estas atividades? E, sobretudo, a partir de que descobertas escreveria minha etnografia?

#### 6. O *Movimiento Industrial Argentino* (MIA) e o *Movimiento Industrial Nacional* (MIN) como caminho para interpretar a UIA.

Assim como a biblioteca da entidade constituiu uma primeira descoberta importante, um segundo achado foi que a UIA tinha mitos de origem e rituais<sup>48</sup>.

É a partir deles e, especialmente, de um banquete correspondente aos rituais do *Día de la Industria* de 1993 que comecei a organizar, a um mesmo tempo, minha etnografia e minha compreensão da UIA.

Se, por um lado, a descoberta da existência e importância do MIA e do MIN conduziu-me à elaboração de uma

---

<sup>48</sup> Ver Capítulo 5.

estratégia que facultou o achado da biblioteca da entidade, coube a esses mesmos movimentos manifestar vividamente seus conflitos latentes, no banquete do *Día de la Industria* de 1993, chamando a atenção sobre as tensões internas da entidade. Tal "encenação" trouxe-me os elementos necessários para compreender que a suposta homogeneidade que podia inferir-se das diversas imagens com as que se pretendia dar conta da UIA, devia ser problematizada.

O que foi dito até aqui explica que no transcurso da investigação concebi, em termos metodológicos, o MIA e o MIN de forma análoga aos "conceitos sensitivos" formulados por Herbert Blumer, já em 1954. Segundo o autor:

*"Mientras que los conceptos definitivos proporcionan prescripciones sobre lo que se ve, los conceptos sensitivos meramente sugieren direcciones a dónde dirigir la mirada"*<sup>49</sup>.

Como no caso de Sirkanda, a aldeia do Himalaia estudada por Gerald Berreman<sup>50</sup>, ou no dos índios Apinajé do estado do Tocantins (Brasil), analisado por Roberto DaMatta (1976), o estudo do MIA e do MIN sugeria que a UIA podia ser caracterizada como um mundo dividido.

---

<sup>49</sup> Blumer, H. "What is wrong with social theory?". In: *American Sociological Review*, 19:3-10. Citado por Martyn Hammersley e Paul Atkinson In: *Etnografía. Métodos de investigación*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1994 (1983).

<sup>50</sup> Op. cit.

Assim, uma das tarefas a que me propus foi a de etnografar os conflitos internos da entidade mesmo sem deixar de levar em conta os acordos e os consensos.

Com respeito a estes últimos, no transcurso de minha investigação, interpretei os movimentos da UIA como "conceitos sensitivos", em um sentido adicional, o de carecer da especificidade e precisão característicos dos "conceitos definitivos". A descoberta conduziu-me a concebê-los, inspirando-me na linha de reflexão aberta por Ludwig Wittgenstein (1988 [1953]), como conceito de "*Bordes Borrosos*"<sup>81</sup>.

As ambigüidades e indefinições que sobre muitos aspectos exibiam o MIA e o MIN, mostravam-se fecundas na hora de aparar arestas e aliviar tensões.

Por tudo o que foi exposto até aqui, e sem intenção de recriar falsas dicotomias<sup>82</sup>, esta dissertação tratará sobre os grupos que compõem um submundo, o mundo interior da *Unión Industrial Argentina*. Gira em torno do *Movimiento Industrial Argentino* e do *Movimiento Industrial Nacional*, assim como das

---

<sup>81</sup> Ver Capítulo 2. Por recomendação da autora e dada a necessidade de diminuir ao máximo as imprecisões a que estão sujeitas traduções secundárias, a expressão wittgensteiniana foi mantida tal qual a autora retirou da edição espanhola, já mencionada, do texto do filósofo. Para o português, o leitor tenha a seguinte referência: *Bordes*: "limites, margens, bordas, fronteiras"; *Borrosos*: imprecisos, obnubilados, nebulosos, não muito nítidos." (N.T.).

<sup>82</sup> Refiro-me especificamente ao par: UIA/exterior.

Muito embora a dicotomia aludida seja alheia à minha proposta de trabalho, creio ser importante adiantar que tal concepção está presente no discurso nativo.

relações que os mesmos estabelecem e estabeleceram no interior da entidade.

O MIA e o MIN enquanto "conceitos sensitivos", constituem um caminho fecundo para interpretar a UIA, ao mesmo tempo, em minha dissertação, representam muito mais que um caminho. Os movimentos da entidade nunca foram etnografados, sendo poucos os investigadores que lhes dedicaram algumas linhas. O fato não deixa de ser curioso já que estudá-los é também uma forma de preencher um vazio nas investigações sobre a central grêmio-industrial: o da UIA dos anos 1980 a 90, período em que iniciam sua convivência na instituição.

Abordá-los supõe também examinar alguns aspectos da UIA escassamente analisados por outros estudiosos e acerca dos quais antropólogos como Eric R. Wolf<sup>84</sup> chamaram a atenção. Refiro-me às estruturas intersticiais, suplementárias e paralelas, não institucionais, das sociedades complexas, cujo entendimento é vital para a compreensão, explicação e interpretação das estruturas institucionais.

A esse respeito, é útil observar que, muito embora a UIA seja uma entidade conformada estatutariamente<sup>85</sup> por sócios plenos e executivos, setoriais e territoriais, e que possui

<sup>83</sup> Quero ressaltar "na instituição" já que sob outras formas, circunstâncias e dentro de outros âmbitos, a convivência entre estes movimentos data da década de 1970.

<sup>84</sup> Remeto o leitor a "Relaciones de parentesco, de amistad y de patronazgo en las sociedades complejas". In: *Antropología social de las sociedades complejas*. Compilación: Michael Banton. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1980 (1966).

<sup>85</sup> Para maiores detalhes, ver Capítulo 2.

vários órgãos de direção, como a Assembléia, o Conselho Geral, a Junta Diretora, o Comitê Executivo, os movimentos da instituição permeiam, de alguma forma, todas as instâncias anteriores, ainda que não figurem nos seus estatutos.

Neste trabalho, o MIA e o MIN são analisados a partir de meu "presente etnográfico"<sup>96</sup>, o qual se localiza entre fins de 1992 e princípios de 1994. Muito embora a noção de "presente etnográfico" seja retomada mais à frente, gostaria de antecipar que tal como a concebi e utilizei, longe de ignorar a história, inclui a "memória"<sup>97</sup>.

Inspirando-me nas distinções utilizadas por Suely Kofes (1990) a propósito de um estudo sobre "relações sociais", examinarei as estabelecidas entre integrantes do MIA e do MIN tendo em conta duas dimensões:

1) aquela correspondente às "representações" e "interpretações" (Godelier, 1990 [1984]) acerca das relações MIA/MIN;

2) a que se refere às "interações" entre ambos movimentos.

A não ser pela presença da análise de uma situação privilegiada, como foi a dos rituais do *Día de la Industria*

<sup>96</sup> Para algumas reflexões sobre a convenção antropológica "presente etnográfico", veja-se Fabian, Johannes. 1983. *Time and the Other. How Anthropology makes its object*. New York: Columbia University press. Segundo Fabian, em termos simples, o "presente etnográfico" é uma prática antropológica que consiste em dar conta de outras culturas e sociedades no tempo presente.

Outras reflexões sobre o particular, referindo-me especificamente à minha experiência etnográfica, pode-se ver nas Considerações finais desta dissertação.

<sup>97</sup> Ver considerações finais.

*Argentina* de 1993, poder-se-ia pensar que o objetivo deste trabalho consiste exclusivamente em estudar a imagem pública, oral e não oral, da UIA. No entanto, o foco do estudo está nas relações MIA/MIN, cuja análise inclui - como vimos - uma dimensão interativa.

Entre o material empírico que nutre esta dissertação conta-se: documentação histórica heterogênea, publicada e inédita, pública e privada, anônima ou atribuível a indivíduos e/ou a instituições; entrevistas e observação participante em distintas situações de interação dentre as quais se destacam os rituais de setembro de 1993.

Um exame da dinâmica interna atual da UIA, reconstruída através de diversas situações de interação das quais participei ou recolhi elementos a partir de documentação diversa, integra parte do material etnográfico que não pude utilizar nesta dissertação e que nutrirá uma investigação futura.

Menciono isto simplesmente para afirmar que as interpretações que compõem este escrito encontram-se respaldadas por um conhecimento da entidade fabril que abarca muitas outras de suas facetas.

Por último, cabe esclarecer aqui que, ainda que o MIA e o MIN sejam os únicos "movimentos", existem outros agrupamentos que formam parte da UIA desde fins dos anos 80 e princípios dos 90, como o *Club de Exportadores*, *Grupo Paulista*, e *Club de Privatizadores*. Os mesmo serão

considerados (ainda que não mereçam tratamento especial) enquanto contribuam com elementos para enriquecer a análise do MIA e do MIN.

Antes de passar ao plano da dissertação, desejaria tecer alguns comentários finais.

Tratando-se da UIA, é conveniente antecipar que a minha não pretende ser uma análise econômica, histórica, sociológica ou política, ainda que venha a me servir de todos os conhecimentos necessários para melhorar minha etnografia.

Tampouco é um trabalho sobre "anjos" e "demônios", como nos tem acostumado certa literatura sobre os "poderosos"<sup>88</sup>, não porque creia ou deixe de crer que, potencialmente, tenham sido ou deixado de ser, mas porque tal divisão, que cai tão bem para o teatro de sombras javanês<sup>89</sup>, no qual os personagens bons se posicionam à direita, enquanto que os maus, à esquerda, não condiz com os objetivos que fixei neste estudo.

---

<sup>88</sup> Veja-se, por exemplo: Majul, Luis. 1992. Los dueños de la Argentina. Buenos Aires: Editorial Sudamericana.

É interessante reparar nas inquietudes que guiaram a investigação e que estão expressas no subtítulo de seu trabalho:

*"La cara oculta de los negocios.  
 † Cómo amasaron sus fortunas  
 † Cómo levantaron sus imperios  
 † Vidas íntimas  
 † Conexiones políticas  
 † Escándalos".*

<sup>89</sup> O wajang recebe o nome de teatro de sombras porque os bonecos, figuras pintadas em dourado, vermelho, azul e negro, estão feitos para projetar grandes sombras em uma tela grande.

Segundo Clifford Geertz (1987 [1973]), é, ao mesmo tempo, uma forma de arte e um rito religioso. Ver: "Ethos, cosmovisión y el análisis de los símbolos sagrados". In: La interpretación de las culturas. México D.F.: Editorial Gedisa.

Conhecendo os problemas<sup>40</sup> que obstaculizaram a produção da antropologia das sociedades "complexas" na Argentina, esta investigação tenta colaborar em saldar uma dívida: contribuir para desenvolver um olhar antropológico que enriqueça a compreensão da própria sociedade argentina.

## 7. Síntese dos capítulos.

A dissertação está dividida em quatro partes e cinco capítulos, aos quais se agregam as considerações finais.

Na primeira parte, "A cara visível da UIA. Uma visão homogênea.", composta pelo capítulo 1, denominado "As imagens sobre a UIA", analisam-se as imagens sobre a UIA que se depreendem de distintos estudos, documentos, opiniões de seus integrantes bem como de pessoas alheias à entidade, manifestando a homogeneidade com que ela geralmente foi caracterizada.

Na segunda parte, "Em busca do Deus Jano. Um presente heterogêneo", minha proposta é a de expor outra cara da UIA, cheia de matizes e tensões. Compõem-na dois capítulos: no número 2, "Os afluentes da UIA. O MIA e o MIN", apresento um setor do universo empírico que conforma minha investigação ao

---

<sup>40</sup> Alguns deles foram abordados em uma investigação prévia, antropológico-epistemológica sobre comunidades de cientistas sociais, com ênfase no estudo dos antropólogos sociais da Capital Federal, que contou com o financiamento da *Universidad de Buenos Aires* e da direção de Félix G. Schuster e Cecilia Hidalgo.

Uma síntese dos resultados correspondentes a essa investigação, está esboçada em dois artigos apresentados para publicação.

Trata-se de "En busca de la antropología en la Argentina. Sobre «roles» y «prácticas»"; e "Decifrando una comunidad. El caso de los antropólogos sociales argentinos".

mesmo tempo em que examino alguns aspectos das relações que eles mantêm no presente.

No capítulo 3, "As representações e interpretações sobre o MIA e o MIN. Os «nativos» e os «estrangeiros»", recolhe as representações e interpretações sobre o MIA e o MIN e suas relações no presente a partir da perspectiva de membros ou ex-membros de ambos os movimentos, assim como as daqueles que se definem como "nem MIA, nem MIN", entre os quais encontram-se os "estrangeiros". Em ambos os capítulos, perfilam-se os traços mais salientes de cada um dos movimentos, como também afloram as dificuldades que surgem ao tentar defini-los.

A terceira parte: "Heterogeneidades II. Olhando o passado", marca o ingresso em outra trama temporal e está conformada por dois capítulos; no capítulo 4, "O passado recente. Origens e linhagens", abordam-se o passado recente (histórico) com ênfase nas representações e interpretações sobre os movimentos e de suas relações com o passado; as suas origens e as linhagens históricas às quais se filiam.

No capítulo 5, "De mitos, rituais e viagens", privilegia-se uma situação interativa, a relativa aos rituais do *Día de la Industria na Argentina* de 1993, que têm a UIA como principal protagonista. Os rituais são analisados em forma complementar com o que postulo como mitos de origem da entidade, e que se referem a um passado remoto.

Por último, chega-se às Considerações Finais desta dissertação, contida na quarta parte e à qual denominei, em consonância com a trama desenvolvida, "Final de viagem".

Do ANEXO quero destacar, por sua importância para a compreensão da leitura da etnografia, uma Cronologia dos principais fatos ocorridos antes e depois da fundação da UIA, assim como uma breve caracterização dos presidentes da entidade. (Ver Anexo 2).

Elaborei tal síntese a partir do meu conhecimento dos fatos "densos" detectados no discurso "nativo", durante meu "presente etnográfico".

## PRIMEIRA PARTE

*A face visível da  
Unión Industrial Argentina.*

*Uma visão homogênea.*

## Capítulo 1

### As imagens sobre a *Unión Industrial Argentina*

...Espejos de metal, enmascarado  
Espejo de caoba que en la bruma  
De su rojo crepúsculo disfuma  
Ese rostro que mira y es mirado,

Infinitos los veo, elementales  
Ejecutores de un antiguo pacto,  
Multiplicar el mundo como el acto  
Generativo, insomnes y fatales...

Jorge Luis Borges<sup>1</sup>

Em torno da *Unión Industrial Argentina* tecem-se uma multiplicidade de imagens, muito embora, a maioria delas reflita quase exclusivamente um único aspecto da mesma. Como antecipei na Introdução deste trabalho, os distintos "espelhos" apresentam a UIA como uma entidade fabril homogênea.

Ainda reconhecendo a contribuição dos autores de tais imagens para a explicação da *Unión Industrial Argentina*, a minha intenção é, por uma lado, refletir sobre o enfoque que interpreto como homogeneizador e, por outro, propor uma abordagem diferente para a compreensão da central industrial em questão.

As razões pelas quais cheguei à mesma deitam suas raízes em certo treinamento antropológico em virtude do qual, noções

<sup>1</sup> "Los espejos". In: *Ei Macedor. Obras Completas*, tomo II, pág. 192. Buenos Aires: Emecé Editores, 1991.

tais como "diversidade cultural" têm um lugar de importância na análise.

Mesmo assim, à descoberta de um universo tenso, há que ser acrescentada a de uma série de denominações "nativas", fortemente contraposta às formuladas por distintos investigadores por ocasião de seus estudos sobre a entidade.

Em prol de meus objetivos, a seguir centrar-me-ei naquelas imagens mais intimamente relacionadas com o presente etnográfico de minha investigação. Mesmo assim, focalizarei minha atenção naquelas que mantenham uma correspondência, ainda que em termos aproximados, com o período que abarca tanto o surgimento como o desenvolvimento do MIA e do MIN, os quais remontam às décadas de 1970 e 80 respectivamente.

São dois os objetivos do capítulo: primeiro, apresentar e analisar diversas abordagens realizadas por um lado por sociólogos, cientistas políticos, economistas e outros especialistas em seus estudos sobre a UIA, o que fornecerá ao leitor uma primeira aproximação crítica da literatura sobre a entidade fabril em foco. Por outro lado, fazer o mesmo com os "nativos" e demais protagonistas da vida argentina com base em material de entrevistas e documentos.

O segundo objetivo do capítulo é de refletir sobre os conteúdos das imagens acerca da central grêmio-industrial.

---

<sup>2</sup> Ainda que seja tratado com mais detalhes no capítulo seguinte, cabe esclarecer aqui que, muito embora o MIN tenha sido fundado em 1982, os movimentos que, por sua vez, confluíram em sua constituição: o Movimento de Empresários do Interior (MEI) e o Movimento Unificado do Interior (MUI), datam da década de 70.

Não é minha intenção aqui realizar um estudo exaustivo da totalidade do leque de imagens sobre a UIA; tampouco elucidar, em cada caso, o conjunto de seus expoentes, restringindo-me, pelo contrário, a alguns deles. Escolhi os trabalhos mais significativos de acordo com o consenso de estudiosos e membros da entidade industrial em questão, aos quais somei os escritos selecionados, seguindo um critério pessoal, o qual foi sendo forjado no decurso da investigação.

Cabe esclarecer que entre o material escolhido, por certo muito dispar no que diz respeito a objetivos, especialidades, época em que foram concebidos, períodos recortados, marcos teóricos, metodologias, material empírico utilizado, técnicas empregadas, para citar somente algumas diferenças, são escassos aqueles livros, artigos, teses, monografias, que dão um tratamento exclusivo à *Unión Industrial Argentina*<sup>3</sup>. Em compensação, analisavam-na como integrante de um conjunto de entidades empresariais, ou, em outra variante, focalizam a atenção nos industriais em geral sem fazer referência, por exemplo, a suas organizações grêmio-industriais.

Muito embora o processo de retroalimentação entre todas as imagens originadas e reelaboradas em distintas épocas deva

---

<sup>3</sup> Existem alguns trabalhos que enfocam sua atenção exclusivamente na UIA, porém pertencem a outros períodos que não o considerado. Ver, por exemplo: Guerrero, Américo R. 1944. La Industria Argentina. Su origen, organización y desarrollo. (sem dados editoriais). Foi prefaciado por Luis Colombo, que fora presidente da UIA por mais de vinte anos, desde a década de vinte. Começa com uma descrição das atividades artesanais dos aborígenes e se estende até 1943.

Outro texto para consultar é o de Rodríguez Goicoa, J. 1952. El caso del cheque... y el problema creado a los industriales argentinos. Lapso histórico 1943-1952. Buenos Aires (sem dados editoriais).

ser um fenômeno constante, sua análise está fora dos alcances deste trabalho, assim como a tarefa de detectar quem as gerou, reelaborou ou meramente difundiu.

Como estratégia expositiva, distinguirei a apresentação dos dados de minhas análises e conclusões ainda que, evidentemente, a escolha dos textos e demais fontes, assim como a forma de exposição e seleção de seus conteúdos obedeçam a uma interpretação prévia.

Do estudo de uma variedade de material pertinente para o fim proposto, decidi, como anunciei previamente, organizar as imagens acerca da *Unión Industrial Argentina* em função de dois itens: as **abordagens** que subjazem a estas formulações e os **conteúdos** que se depreendem da análise das mesmas.

Dentro de cada um dos itens mencionados distinguirei as imagens formuladas sobre a *Unión Industrial Argentina* enquanto tenham sido criadas, reelaboradas, acreditadas ou afirmadas por:

- membros da UIA, a quem denominarei "os nativos";
- pessoas não pertencentes à instituição e a quem me referirei, por oposição aos anteriores, como "os outros";

No primeiro caso, distinguirei por sua vez:

- o que os integrantes da UIA creem, ou dizem crer, acerca de sua própria imagem;
- a imagem que, de acordo com os membros da entidade, outras pessoas ou grupos têm deles.

A distinção "nativos"/"outros" será complementada pela díade "interno"/"externo".

Chamarei de "internos" àqueles estudos que, mesmo tendo sido executados por pessoas alheias à entidade (embora fossem contratadas por ela), cumpram, pelo menos, dois requisitos: a) privilegiar os integrantes da *Unión Industrial Argentina* dentro de seu universo empírico; b) conferir especial atenção às formulações dos membros da UIA, ainda que estes estudos prescindam da análise da perspectiva "nativa" enquanto lógica interna<sup>4</sup>.

Denominarei "externos" aqueles estudos que, mesmo quando foram encomendados pela UIA e ainda que explorem sua imagem, tenham escolhido para integrar seu universo empírico pessoas alheias à entidade.

Das combinações possíveis entre os quatro termos classificatórios propostos, a saber:

|           |           |
|-----------|-----------|
| "Nativos" | "Outros"  |
| "Interno" | "Externo" |

<sup>4</sup> A diferença entre recolher opiniões dos "nativos" e captar a "lógica interna" ou "lógica nativa" é importante para distinguir um aspecto de minha abordagem, distinta daquelas realizadas até o momento. Enquanto que uma opinião pode ser solicitada para responder uma pergunta elaborada pelo investigador, a partir de sua própria "lógica", tentar captar o que denomino "lógica nativa" supõe por parte do investigador um conhecimento prévio da forma em que os nativos interpretam, conhecem, organizam, sentem, pensam e agem com respeito, neste caso, à sua própria organização, com o fim de indagar a perspectiva nativa de uma forma mais integral. É muito mais que dotar de conteúdo nativo uma pergunta formulada a partir da perspectiva do investigador. Quando falo de "lógica", falo-o simplesmente do ponto de vista do senso comum, e sem que este conceito exclua o irracional, cético, passional, etc.

o material empírico responde a algumas das seguintes:

- "Nativos/"Interno"; "Outros/"Externo"; "Nativos/Externo"; "Outros/"Interno".

## I. Abordagens.

### 1) As imagens "externas" e dos "outros".

Classifico como "externos" os escritos que analiso a seguir, porque, muito embora incluam a UIA como parte do universo em estudo, não lhe conferem um lugar privilegiado e/ou por me parecer insuficiente o tratamento que lhe deram os "nativos".

Foram elaborados por pessoas alheias à entidade aos que denomino "outros".

### a) Escritos da década de 1960 e 1970.

A UIA foi abordada em várias ocasiões, conjuntamente com outras associações empresariais:

- foi tratada com entidades tais como a *Sociedad Rural Argentina*, a *Cámara Argentina de Comercio*, a *Bolsa de Comercio de Buenos Aires*, a *Asociación de Bancos da Republica Argentina*, a *Bolsa de Cereales*, a *Confederación General Económica* (Niosi, 1974)<sup>3</sup>;

---

<sup>3</sup> Em seu livro *Los empresarios y el estado argentino*, Jorge Niosi estuda as relações mencionadas desde 1955, ano do golpe militar denominado "Revolución Libertadora", até 1969, ano de uma série de protestos populares cujo símbolo foi o "Cordobazo", resultado de uma aliança entre a classe operária e o estudiantado da província de Córdoba; outros levantes populares, de diversas características se registraram na cidade de Rosário e nas províncias de Mendoza e de Neuquén.

- compartilhou a cena com as Forças Armadas, a *Sociedad Rural Argentina*, a Igreja, os políticos, os dirigentes sindicais, os empresários da *Confederación General Económica* (Imaz, 1965)\*;

- foi analisada junto aos fazendeiros (*Sociedad Rural Argentina*), os "bolsistas" (*Bolsa de Comercio*), os "cegeístas" (*Confederación General Económica*) e os "acielistas" (*Acción Coordinadora de Instituciones Empresarias Libres*, Cúneo (1984[1967]))<sup>7</sup>.

A abordagem conjunta em algumas ocasiões, se viu reduzida a um só "partenaire". Tal é o caso de *Rasgos biográficos de la famosa burguesía industrial argentina* (1986 [1957]) trabalho no qual seu ator, Milcíades Peña, afirma que a mesma nasceu estreitamente ligada aos proprietários de terras, como diferenciação no seu interior<sup>8</sup>.

Miosi se propõe, em seu livro, responder à pergunta: Quem governa na Argentina? e para isto, utiliza o método que G. W. Domhoff chama de "*Sociología del liderazgo*" propondo-se estudar a origem social dos ministros, secretários de Estado e presidentes de quatro Bancos oficiais no período assinalado.

\* *Los que mandan*, nome do livro de José Luis de Imaz, baseia-se em uma investigação iniciada em abril de 1961 e concluída em junho de 1964 sobre um período que o autor reconhece como arbitrário e que se estende de 1936 a 1961.

Imaz centrou sua análise nas pessoas que ocuparam as mais altas posições em instituições das órbitas político-administrativas, militar, religiosa, econômica, e trabalhadora, e elaborou histórias de vida dos dirigentes analisando tipos de carreiras, ambiente do qual provinham, família, nível social, estudos cursados, etc.

<sup>7</sup> Cúneo analisa o comportamento da UIA com respeito a temas tais como o protecionismo e o livre comércio; a justiça social, a atitude em relação ao país e indústria do interior; as posturas em matérias políticas; suas ações em relação à *Sociedad Rural Argentina*, à *Confederación General Económica* e à ACIEL.

\* Acerca das tensões ou relações de complementaridade entre industriais e proprietários de terras, há uma complexa polêmica. Sobre isto, ver por exemplo: Murais, Miguel y Portantiero, Juan Carlos. 1987 (1971). *Estudio sobre los orígenes del peronismo*. Buenos aires: Siblo XXI Argentina S. A.; Shvarzer, Jorge. op. cit.

Milcíades Peña escreveu o artigo mencionado sob o pseudônimo de Gustavo Polit.

Em outras oportunidades, ela foi tematizada em função de um contraponto com entidades historicamente "rivais" da UIA no espectro industrial, como a *Confederación General Económica* e a *Confederación General de la Industria*, especialmente entre as décadas de 50 a 70 (Freels: 1970 [1968]).

Em *El sector industrial en la política nacional*, seu autor, John William Freels Jr., centra-se exclusivamente neste setor para compreender a orientação política de duas associações relevantes da década de 1970, a UIA e a CGI, analisando-as a partir de três pontos de vista: 1) a história do movimento; 2) as posições adotadas oficialmente nas publicações; 3) as atitudes dos dirigentes empresariais\*.

Os trabalhos mencionados anteriormente servem para exemplificar um tipo de abordagem da qual tem sido objeto a Unión Industrial Argentina.

Muito embora a mesma evite isolar a UIA de outros protagonistas da vida argentina, sublinha quase exclusivamente as relações que mantêm com eles em detrimento do aprofundamento em seu próprio universo empírico.

---

\* A Freels interessa indagar as posições oficiais a respeito do governo; como os industriais veem o sistema político; a função política do setor industrial; as posturas com respeito à integração econômica, liberalismo/intervencionismo estatal, setor trabalhista, participação estrangeira no desenvolvimento econômico do país, e seu vínculo com os fazendeiros.

Sem pretensões de entrar aqui nas profundezas de uma discussão que, recordemos, aflora em investigações que se interseccionam cronologicamente entre as décadas de 50 e 70, quero ressaltar que esta abordagem se deve, em parte, às hipóteses implícitas em alguns dos trabalhos referidos. A mesma, segundo interpreto, sugere que diversas associações empresariais operam em conjunto enquanto "classe" ou "bloco hegemônico", ou ainda se limitam a dois atores, como no trabalho de Milciades Peña, onde se estudam as relações de complementaridade entre industriais e proprietários de terras.

Freels, por sua vez, muito embora se dedique exclusivamente ao setor industrial, divide seus esforços em duas instituições da magnitude da UIA e da CGE-CGI, já não para mostrar complementaridade, mas contradições entre elas.

O anterior traz emparelhadas duas conseqüências: se, por um lado, focaliza-se um aspecto do problema, a saber, a relação com outras entidades, as energias para desenvolver cada instituição em particular se dispersam.

Esta observação é igualmente válida para o caso de Imaz, já que ainda que chegue a uma conclusão diferente das de Cúneo ou Niosi, afirmando que a falta de um projeto comum impediria assinalar a existência de uma "classe dominante" na Argentina (preferindo cunhar a expressão "*los que mandan*"), nem por isso o autor deixou de investir muito de seu tempo em realizar uma multiplicidade de estudos parciais<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> Embora, é certo, que tenha contado com muitos colaboradores.

A segunda conseqüência deriva da anterior no sentido de que ao propor-se a ambiciosa tarefa de abordar simultaneamente várias entidades, corre-se o risco de apreciar poucos matizes dentro de cada uma delas e, por conseguinte, homogeneizá-las.

b) Estudos de Imagem.

Algumas das imagens aqui tratadas foram encontradas em estudos de imagens da década de 70, como o que se analisa a seguir.

"*Selección del nuevo nombre para la Unión Industrial Argentina*" é o primeiro dos estudos de imagem ao qual vou fazer referência<sup>11</sup>.

Encontrei-o nos arquivos da *Unión Industrial Argentina* e devido ao fato de que o mesmo não foi publicado, expô-lo-ei com certo detalhe, porém sempre em função dos objetivos explicitados anteriormente.

A investigação na qual se baseia o informe, cuja versão final se deu a conhecer na UIA a 19 de fevereiro de 1974, foi encomendada pela entidade fabril ao *Centro de Investigaciones Motivacionales y Sociales* que, então, era dirigido pelo Dr. José Enrique Miguens.

---

<sup>11</sup> O que classifiquei como "externo" porque, mesmo que dê conta da UIA, os membros da entidade não foram incorporados ao universo empírico da investigação. Mesmo assim, considero-o "externo", embora tenha sido contratado pela entidade.

Foi realizado por profissionais alheios à central fabril, aos quais denomino "outros".

O objetivo da mesma - de acordo com o informe em questão - era o de "*indagar la imagen de la UIA hacia afuera, sobre todo hacia aquellos que sin estar em contacto directo com la institución, pudieran tener gravitación a través de su opinión y acción*" (pág. 4).

A 4 de outubro de 1973, o então titular da UIA, Elbio Coelho<sup>12</sup>, contratava os serviços do mencionado centro com o propósito de que se cumprissem as seguintes finalidades:

1) Estudar com técnica publicitária uma série de nomes que expressavam claramente o que significava a entidade fabril em questão e desenhar um logotipo e um "*isotipo*"<sup>13</sup> com o nome escolhido;

2) Por à prova as séries de nomes concebidos em dois grupos motivacionais dirigidos por um psicólogo colaborador do Instituto, o que permitiria reduzir a série a três nomes que, com as conotações positivas e negativas, seriam submetidos à UIA para que seus integrantes escolhessem um;

3) Realizar procedimentos semelhantes com os projetos de logotipos e "*isotipo*"<sup>14</sup>.

O contexto da investigação de 1974.

---

<sup>12</sup> Industrial dedicado ao processamento da erva mate. Presidiu a UIA entre 1967 e 1974.

<sup>13</sup> "*Isotipo*": refere-se ao nome com o qual a entidade seria batizada. Como não existe correlato em português para este termo, segue-se a sugestão da autora de mantê-lo no original, fazendo a presente ressalva (N.T.).

<sup>14</sup> Uma referência ao logotipo pode ser encontrada no Capítulo 5.

De acordo com o autor do informe correspondente à investigação do ano de 1974, a UIA atravessava um processo de renovação (em alusão à modificação dos estatutos da entidade), que se sintetizaria - seguindo com o citado informe - na mudança de nome.

Em relação ao contexto no qual tal processo se desenvolveu, o informe aludia (sem fazer referência precisa a algum universo em particular) à mesma emissão do voto<sup>15</sup>, à valoração do nacional e popular<sup>16</sup>, à desconfiança suscitada pelas chamadas empresas multinacionais, os deslocamentos nos pólos de gravitação política, etc.

Visando relativizar os resultados obtidos, os autores do trabalho assinalam que muitas das respostas poderiam refletir certo grau de animosidade em relação à grande empresa (a que se considerava, de acordo com o estudo, um componente importante da UIA), que excedia os marcos da entidade fabril em questão.

Assim, a estrutura da sociedade e o estilo de vida dos setores urbanos na década de 70, junto com a tensão, a pouca gratificação no trabalho e a concorrência implacável, faziam da empresa - segundo os autores - uma das causadoras das frustrações cotidianas.

Os resultados do informe de 1974.

---

<sup>15</sup> O país saía de um processo de ditadura militar.

<sup>16</sup> Valores que foram postos em relevo na época peronista.

A primeira etapa da investigação, estudar uma série de nomes que expressassem claramente o significado da entidade fabril em foco, revela as imagens que o universo estudado, um setor da classe média argentina, havia forjado sobre a UIA<sup>17</sup>. O que descobriram, na ocasião, os investigadores, em função deste universo?

1) que a Unión Industrial Argentina era muito pouco conhecida. Seguramente a esta constatação se devia o comentário dos autores no qual afirmavam que as opiniões dos entrevistados excediam o marco da UIA;

2) que os conceitos emitidos sobre a entidade fabril sob análise eram desfavoráveis.

A este respeito, é interessante reparar na forma em que no informe se ilustra o anterior, a partir da exposição de frases correspondentes a associações mentais dos entrevistados sobre o nome da UIA:

---

<sup>17</sup> De acordo com este informe, o universo empírico escolhido para levar a cabo a investigação na primeira etapa consistia em dois grupos que se supunham medianamente informados dentro do âmbito da empresa, sem tendências extremas ou demasiado radicalizados, seja para a direita ou para a esquerda (política), e de um bom nível intelectual.

O primeiro grupo era de alunos do 4º ano do curso de Relações Industriais de uma universidade especializada, todos os quais trabalhavam em alguma empresa de médio ou grande porte (Austral, Unión Carbide, Philco, etc.).

O segundo grupo estava composto por alunos, graduados universitários provenientes de todo o país, do curso de pós-graduação em administração de empresas de uma entidade empresária de ensino.

- *"Relaciono Unión Industrial con intereses extranjeros, con empresas, con la casa madre em otro país".*

- *"Ahí está toda la gente con apellido, además de empresarios, son dueños de las tierras".*

(Um deles conta que seu gerente, de uma importante empresa, compra terras cada vez que a empresa tem um bom ano).

- *"La Unión Industrial es la «Sociedad Rural de las Empresas». Sin duda ahí están representadas todas las grandes empresas, porque las medianas y pequeñas están agrupadas em la C.G.E.".*

Observe-se que a segunda e terceira das frases anteriores partilham, grosso modo, do que foi afirmado por Milciades Peña e John Freels.

Com respeito ao conteúdo da última frase, é importante acrescentar que a partir da menção que os investigadores fizeram da CGE durante as entrevistas, afloraram novas associações, *"más emocionales que racionales, pero que describían bien un sentir bastante generalizado"* (pág. 12).

Em ambos universos empíricos, os autores detectam uma polarização, com dois eixos de associações ou parentesco que, no informe se esquematiza como se segue:

|     |     |
|-----|-----|
| UIA | CGE |
|-----|-----|

|   |                                       |
|---|---------------------------------------|
| Classista   | Popular                               |
| Grande empresa  | Pequena e média empresa               |
| Estados Unidos  | Europa                                |
| Estrangeirizante  | Nacional                              |
| Famílias Tradicionais   | Judeus e novos ricos                  |
| Zonas urbanas grandes<br>emparentadas com a<br><i>Sociedad Rural.</i> | Em províncias, emparentadas com a CGT |

Ainda que os autores do informe não o mencionem, do quadro acima se pode depreender que a UIA era considerada estrangeira em um duplo sentido: pela nacionalidade dos países aos quais muitas das empresas afiliadas à UIA pertenciam; e por sua falta de compromisso com a "causa nacional".

Sobre isto, em outra parte do informe se afirma que a imagem da UIA era bastante negativa, justamente porque não houve um esforço eficaz para renová-la nem para senti-la presente no processo nacional e essa falta de presença criou uma imagem que foi interpretada como prejudicial.

Provavelmente, essa é a razão pela qual se contrapunha a UIA à CGI, atribuindo-se à primeira os valores que, nessa ocasião, se consideravam negativos, e à segunda, os que eram concebidos como positivos.

É interessante notar, de acordo com o informe, que a UIA é tachada de "estrangeirizante", por oposição à CGE, que se caracteriza como "nacional".

A oposição "famílias tradicionais"/"judeu" mereceria um estudo em si mesmo. Com efeito, a oposição lógica a "famílias tradicionais" seria "famílias modernas"; por que se a substitui por "judeu"?<sup>16</sup>.

Os autores do informe assinalam que:

- 3) A UIA é concebida como uma instituição poderosa, não pelo número de seus representantes, mas pelo poder econômico e político que detém.

A segunda etapa da investigação, correspondente à escolha do nome da entidade fabril, se fez com base em um universo diferente em relação ao da primeira etapa, embora as opiniões recolhidas sejam semelhantes.

Neste caso, a população estudada foi escolhida dentro do amplo espectro da classe média em função de duas variáveis: ocupação e lugar de residência<sup>17</sup>.

Da análise dos resultados que oferece o informe, segue-se que o nome indicado pela pesquisa foi o de "Organización

<sup>16</sup> Lamentavelmente o informe não acrescenta nenhum elemento de análise para permitir pensar um pouco mais sobre esta questão.

<sup>17</sup> Segundo o informe de 1974, excluiu-se da pesquisa os setores dos empresários (só 3 foram entrevistados) e o dos operários. As razões que se dão para isto são duas: primeiro, consultar tais setores requeria realizar duas pesquisas independentes e completas, que ampliavam, em tempo e extensão, as possibilidades de estudo. Em segundo lugar, se escolheu a classe média enquanto representante da opinião mais útil para proporcionar os dados requeridos.

*Federal de la Industria*" porque - creem os autores - era o que mais adequadamente refletia o espírito e a realidade de base da nova reforma dos estatutos da entidade<sup>20</sup>, os quais incluíam, pela primeira vez e com força, a representação dos territórios.

O termo "*Federal*"<sup>21</sup> equivale - segundo os autores - à participação das províncias assimilando-o, retrospectivamente, à luta contra os unitários e o centralismo que marcou a história argentina; prospectivamente, o emprego desta palavra era um ato de fé nos recursos naturais e humanos do interior do país.

Se argentino opõe-se a estrangeiro - continua o informe -, *Federal* significava a oposição ao centralismo de matiz estrangeira, que parte da Capital da República.

Vemos que na segunda etapa do estudo de imagem de 1974, a escolha de Organização Federal da Indústria, como sugestão para a mudança na UIA, deixa transparecer a opinião que o universo em questão tinha sobre a UIA: "Argentina" na sigla anterior não era sinônimo de nacional, mas de Buenos Aires, algo que se impingia desde há muito tempo à UIA que precedeu à modificação estatutária da década de 70.

---

<sup>20</sup> A esse respeito ver Capítulo 2.

<sup>21</sup> Na história argentina os termos "unitários" e "federais" aludem a duas concepções sobre a unidade nacional e a organização do país, remontando a inícios do século XIX, período posterior à declaração da Independência argentina, do jugo espanhol, ocorrida em 1816. Os unitários propugnavam a centralização do país com uma presidência que exerceria o poder em todo o território, enquanto que os federais, encarnados nos caudilhos provincianos, aceitavam a unidade nacional, porém sem relegar as autonomias provinciais.

Isto coincide com uma frase da primeira etapa que afirmava que a UIA era considerada uma entidade poderosa, porém carente de representatividade.

## 2. As imagens "externas" e dos "nativos".

Deter-me-ei em outro documento acerca da imagem da *Unión Industrial Argentina*, que classifico como "externo"/"nativo" porque foi formulado por um nativo e se refere à imagem que, segundo sua opinião, formaram da UIA pessoas alheias à entidade.

Em relação ao informe anterior, é posterior em cerca de sete anos; à diferença do mesmo, não está preocupado com a opinião da classe média em geral, mas com a do setor que detém o poder na Argentina; não chegou a ser um estudo de imagem, mas uma minuta de trabalho, na qual um dos membros mais destacados e de maior permanência na instituição (mais de 30 anos), Patricio Zavalía Lagos<sup>22</sup>, manifesta sua preocupação pela imagem que ele supõe que um setor da sociedade tem da entidade fabril.

Datado em Buenos Aires, a 9 de setembro de 1981, e dirigido a Jacques Hirsch, então presidente da UIA, sob o título "*Campaña Imagen UIA*", Patricio Zavalía Lagos afirma que, como consequência da forte atuação da UIA em favor da indústria desde sua normalização, gerou-se uma séria

---

<sup>22</sup> Importante industrial têxtil, diretor da fábrica Alpargatas S.A.. Para mais detalhes ver Capítulo 2.

deterioração de sua imagem pública, no setor que ele denomina "del poder".

Para Zavalía Lagos, a possível deterioração da imagem era potencialmente perigosa para a entidade, já que dela podia resultar o fracasso das iniciativas propugnadas pela instituição "para solucionar los problemas del aparato productivo".

Com o propósito de reverter esta situação, dever-se-ia apontar, em primeiro lugar, uma análise das possíveis causas, entre as quais assinalava a presença na Argentina de um forte ideário anti-industrialista.

*"Este podría resumirse em los conceptos que colocan a la industria como una actividad subsidiaria por la protección, ineficiente y causante de distorsiones em nuestra economía"*<sup>23</sup>.

Por outro lado, de acordo com Zavalía, a UIA seria acusada de:

- exercer uma posição contestatória. Segundo sua versão, os reclamos da indústria estavam refletidos nas petições e críticas formuladas por todas as Câmaras e Federações, regionais e setoriais, às que se agregavam as manifestações oficiais da UIA.

Estas últimas, de profusa difusão na imprensa, chegam a hipersaturar a imagem peticionária do setor industrial.

---

<sup>23</sup> In: "Campaña Imagen UIA".

- imagem de ausência de ideário. Os reclamos promovidos pela conjuntura geravam o opinião de que "*la industria solicita cualquier cosa*", mesmo quando vá de encontro às idéias afirmadas anteriormente.

Como no caso do estudo de Miguens, na proposta de trabalho de Zavalía Lagos não há nenhuma análise das tensões internas da entidade, que eram importantes nos momentos da redação de cada um dos diagnósticos sobre a UIA, como poderá ser apreciado no capítulo 4.

é de notar que quando Zavalía Lagos assinala a existência na Argentina de um forte ideário anti-industrialista, não considera nem sequer como uma possibilidade a presença deste ideário em alguns grupos da UIA.

Da mesma forma, como no estudo de José Miguens, no relatório de trabalho de Zavalía Lagos, o silêncio da UIA pareceria ser parte do problema, embora no primeiro se manifeste como falta de compromisso no processo nacional e, no segundo, como ausência de ideário.

### 3. As imagens "internas" e dos "outros".

Denomino-as dos "outros" porque mesmo quando foram encomendadas pela UIA, os executores do trabalho não pertenciam à entidade; "internas", porque conformaram seu universo empírico entre membros da entidade fabril em foco.

"Informe final imagen de la Unión Industrial Argentina entre asociados y líderes de opinión" é o nome do estudo encomendado pela UIA à Burke. Investigadores e analistas de mercado S.A. Burke International Research Corporation e cuja versão final foi datada em Buenos Aires em agosto de 1984<sup>24</sup>.

Para além da mudança do contexto histórico e dos profissionais que os levaram a cabo, a diferença fundamental com o estudo encomendado em 1974 está em que, enquanto na década de 70 se buscava captar a imagem que pessoas alheias à instituição tinham da UIA, na década de 80 a consulta principal se realiza a líderes de opinião e fundamentalmente a membros da UIA.

Como no caso anterior foi encontrado no arquivo da UIA e seu conteúdo não chegou a se tornar público, razão pela qual tratarei com certo detalhe.

Cabe destacar que constitui um informe muito especial sobre o rumo que foi tomando esta investigação, já que se trata de um dos primeiros e únicos para o período considerado, que expressa as tensões no interior da UIA<sup>25</sup>

O informe. Universo de investigação de opinião.

---

<sup>24</sup> Foi solicitada durante a presidência de Roberto Favelevic.

<sup>25</sup> Um trabalho que se destaca pelos mesmos matizes e tensões que revela da entidade fabril é o de Javier Lindemboin (1975), porém abarca o período 1930-45. Voltarei sobre alguns aspectos deste trabalho no capítulo 4. Outro estudo é o de Rodriguez Goicoca (1952), que está dedicado ao período de 1943-52.

Em relação aos universos desta investigação, os indivíduos cujas opiniões foram levadas em consideração correspondem a duas grandes categorias:

a) Entidades ou Câmaras Industriais e Empresas Industriais afiliadas à *Unión Industrial Argentina*.

Entre eles os autores distinguem:

a.1. Diretores de entidades representadas na UIA tais como câmaras, federações ou associações empresárias;

a.2. Empresários ou funcionários, de empresas direta e individualmente afiliadas à UIA, a cargo das relações com essa entidade.

b) Líderes de opinião da sociedade argentina tais como dirigentes políticos, empresários, jornalistas especializados em temas econômicos, militares, etc.

Quanto às conclusões a que chega o informe sobre estes líderes:

Em comparação com outras entidades empresariais, a UIA ocupa um papel por demais destacado.

Os atributos positivos que mais a caracterizam são: ser conhecida pelo grosso do público; ter uma presença em jornais e outros meios de comunicação; exercer sua influência entre dirigentes partidários e estar integrada por empresários de grande peso político.

O aspecto negativo está em que se trata da entidade com maiores conflitos internos entre linhas e dirigentes.

Mesmo assim, constatam os autores que os juízos dos entrevistados são menos uniformes e recortam um espaço político de maior controvérsia quando falam da UIA.

Uma observação adicional é que quase a totalidade dos entrevistados dão mais importância à controvérsia entre listas dentro da UIA que aos confrontos entre diversas entidades empresárias.

Imagem da UIA entre seus associados.

Nesse caso os autores analisam as respostas dadas pelos entrevistados a um conjunto de 13 frases descrevendo diversos aspectos do desempenho desta entidade, em relação às quais deviam indicar seu grau de satisfação. As respostas possíveis eram: *"muy satisfecho"*; *"más bien satisfecho"*; *"más bien insatisfecho"*; *"muy insatisfecho"*; e, *"no sabe/no conoce"*.

Diretores de Câmaras.

O quadro Nº 20, correspondente ao Informe de imagem (ver folha anexa), mostra a escala de conformidade dos diretores de Câmaras associadas à UIA em relação com a mesma.

Para além da análise pontual de cada uma das respostas, quero destacar a divergência de opiniões que muitas delas manifestam.

Se se observam as colunas *"Mas bien satisfecho"* e *"Mas bien insatisfecho"*, no que se refere às perguntas *"Agilidad para tomar decisiones políticas"*; *"Calidad de la información que maneja y redistribuye acerca de la situación del país"*;

"Capacidad para que las autoridades acepten las propuestas del sector representado por la Unión Industrial Argentina"; "Habilidad para atraer a su seno otros empresarios que hasta ahora no participan en la entidad"; "Incorporación de asesores eficaces y de buen nivel"; "Eficacia de la organización interna de la entidad", a quantidade de respostas em uma e outra coluna está praticamente igualada.

Uma cifra notável<sup>26</sup> é a concernente a 54% de entrevistados sobre o "Manejo de sus fondos y habilidad para encontrar nuevas fuentes de ingreso", classificados em função das frases "No sabe/no conoce".

---

<sup>26</sup> Muito embora a problemática do financiamento não será desenvolvida nesta dissertação, a mesma constitui um motivo de preocupação permanente entre seus membros. Os responsáveis pelo Informe de 1984 concluem - a meu juízo precipitadamente -, com respeito à cifra de 54% de entrevistados sob a classificação *No sabe/no conoce*, que a falta de resposta dos entrevistados se refere ao fato de que eles desconheciam o tema.

Em virtude do conhecimento desta temática a partir de meu trabalho de campo, posso afirmar que o silêncio, não necessariamente significa falta de conhecimento. Muitas vezes oculta-se o que melhor se conhece.

CUADRO N°: 20 ESCALA DE CONFORMIDAD CON LA UNION INDUSTRIAL ARGENTINA

- DIRECTIVOS DE CAMARAS ASOCIADAS

| I<br>T<br>E<br>M   | MUY SA-  | MAS BIEN   | MAS BIEN | MUY   | NS-NC | COCIF<br>TE R |
|--|----------|------------|----------|-------|-------|---------------|
|  | TISFECHO | SATISFECHO | INSA-    | INSA- |       |               |
|  | (a)      | (b)        | (c)      | (d)   |       |               |
|  | %        | %          | %        | %     | %     | %             |
| #1. Capacidad para dialogar o reclamar ante las nuevas autoridades.  | 11       | 42         | 22       | 14    | 11    | 1.5           |
| #2. Representatividad de su actual comisión directiva.   | 25       | 31         | 19       | 14    | 11    | 1.7           |
| #3. Agilidad para tomar decisiones políticas.  | 8        | 36         | 36       | 8     | 12    | 1.0           |
| #4. Agudeza para percibir las características fundamentales de las coyunturas políticas o económicas.                    | 17       | 39         | 19       | 11    | 14    | 1.9           |
| #5. Calidad de la información que maneja y redistribuye acerca de la situación del país.                                 | 11       | 31         | 39       | 6     | 14    | 0.9           |
| #6. Capacidad para influenciar a otros sectores sociales o políticos.  | 11       | 22         | 42       | 8     | 17    | 0.7           |
| #7. Habilidad para que los medios de comunicación consideren e informen sobre los puntos de vista del empresario.        | 28       | 39         | 19       | 3     | 11    | 3.0           |
| #8. Capacidad para que las autoridades acepten las propuestas del sector representado por la Unión Industrial Argentina. | 6        | 28         | 33       | 14    | 19    | 0.7           |
| #9. Justeza de sus posiciones ante la situación actual.  | 19       | 44         | 14       | 8     | 15    | 2.9           |
| #10. Habilidad para atraer a su seno a otros empresarios que hasta ahora no participan en la entidad.                    | 6        | 28         | 33       | 6     | 27    | 0.9           |
| #11. Manejo de sus fondos y habilidad para encontrar nuevas fuentes de ingresos.   | 6        | 31         | 6        | 3     | 54    | 4.1           |
| #12. Incorporación de asesores eficaces y de buen nivel.   | 6        | 28         | 28       | 6     | 32    | 1.0           |
| #13. Eficacia de la organización interna de la entidad.  | 8        | 25         | 25       | 3     | 39    | 1.7           |

(\*) Nota: R = (a)+(b) : ((c)+(d))

No quadro Nº 21, correspondente às Empresas Associadas, embora as cifras experimentem certa variação em relação ao quadro anterior, o comentário sobre a disparidade de respostas é igualmente válido.

CUADRO Nº: 21 ESCALAS DE CONFORMIDAD CON LA UNION INDUSTRIAL ARGENTINA

- DIRECTIVOS DE EMPRESAS ASOCIADAS

| I T E M  | MUY SA-<br>TISFECHO | MAS BIEN<br>SATISFECHO | MAS BIEN<br>INSA-<br>TISFECHO | MUY<br>INSA-<br>TISFECHO | MS-NC<br>(e) | COCIEN-<br>TE R *<br>(f) |
|--|---------------------|------------------------|-------------------------------|--------------------------|--------------|--------------------------|
|  | (a)                 | (b)                    | (c)                           | (d)                      |              |                          |
| #1. Capacidad para dialogar o reclamar ante las nuevas autoridades.  | 8                   | 31                     | 35                            | 13                       | 13           | 0.8                      |
| #2. Representatividad de su actual comisión directiva.   | 14                  | 40                     | 21                            | 10                       | 15           | 1.7                      |
| #3. Agilidad para tomar decisiones políticas.  | 9                   | 25                     | 42                            | 9                        | 15           | 0.7                      |
| #4. Agudeza para percibir las características fundamentales de las coyunturas políticas o económicas.                    | 10                  | 31                     | 30                            | 14                       | 15           | 0.9                      |
| #5. Calidad de la información que maneja y redistribuye acerca de la situación del país.                                 | 8                   | 27                     | 29                            | 16                       | 20           | 0.8                      |
| #6. Capacidad para influenciar a otros sectores sociales o políticos.  | 3                   | 17                     | 40                            | 26                       | 14           | 0.3                      |
| #7. Habilidad para que los medios de comunicación consideren e informen sobre los puntos de vista del empresariado.      | 16                  | 36                     | 22                            | 13                       | 13           | 1.5                      |
| #8. Capacidad para que las autoridades acepten las propuestas del sector representado por la Unión Industrial Argentina. | 1                   | 16                     | 43                            | 23                       | 17           | 0.3                      |
| #9. Justeza de sus posiciones ante la situación actual.  | 14                  | 34                     | 26                            | 9                        | 17           | 1.4                      |
| #10. Habilidad para atraer a su seno a otros empresarios que hasta ahora no participan en la entidad.                    | 5                   | 14                     | 32                            | 22                       | 27           | 0.4                      |
| #11. Manejo de sus fondos y habilidad para encontrar nuevas fuentes de ingresos.   | 5                   | 16                     | 10                            | 1                        | 69           |                          |
| #12. Incorporación de asesores eficaces y de buen nivel.   | 4                   | 16                     | 16                            | 10                       | 54           | 0.8                      |
| #13. Eficacia de la organización interna de la entidad.  | 4                   | 26                     | 17                            | 4                        | 49           | 1.4                      |

## II. Conteúdos.

1. As imagens "externas" e dos "outros".

a) Escritos da década de 1960 e 1970.

Em "*Comportamiento y crisis de la clase empresaria*" a hipótese defendida por Dardo Cúneo refere à "*tradicional incapacidad*" (desinteresse, oportunismo, imaturidade) revelada pelo que ele denomina "classe empresarial", para conduzir-se com critérios de inspiração nacional e de época.

Para o autor, "Classe empresarial" compreende fazendeiros, comerciantes e industriais agrupados em associações como a UIA. Sua análise se estende desde as origens desta entidade até a década de 1960.

Por sua vez, Niosi conclui afirmando a existência de uma estratégia econômico-social do "bloco hegemônico" de poder, entendendo que o mesmo está composto por latifundiários do litoral argentino; grandes industriais, estrangeiros e nacionais, e representantes do grande comércio exportador e importador; todos eles teriam solidificado seus laços por meio da criação da *Acción Coordinadora de Instituciones Empresarias Libres* (ACIEL<sup>27</sup>) em 1958 integrada, entre outras instituições, pela UIA.

A hipótese que guia uma parte do estudo é que os grandes empresários (afiliados à ACIEL) ocupam os postos-chaves nos sucessivos governos posteriores a 1955.

---

<sup>27</sup> Ver Capítulo 4.

Um segundo aspecto das relações entre os empresários e o Estado, que estudará Niosi, é o que Domhoff chama de "sociologia das decisões", área que investiga os beneficiários das medidas econômico-sociais tomadas pelo Estado e que Niosi identifica entre os grandes empresários, incluídos os industriais da UIA.

A diferença dos trabalhos de Cúneo e de Niosi, em seu livro Los que mandan, José Luis de Imaz afirma que, devido a razões que surgem da realidade do país, na Argentina não se pode falar de "élite dirigente", mas de "los que mandan".

Para Imaz, percebe-se a inexistência de um grupo de indivíduos que, conjuntamente, conduza a comunidade, dirija-a em vista da obtenção de determinados fins, ao alcance de certos logros, reja-se por marcos normativos mais ou menos similares. Por ele, a Argentina carece de uma "élite dirigente", mesmo que exista uma pluralidade de indivíduos que "manden"<sup>20</sup>.

Em síntese, no que diz respeito ao conteúdo, a UIA (ou em alguns casos, os empresários industriais em sentido mais amplo), foi tachada de oportunista, imatura, indiferente, incapaz para conduzir-se com critérios de inspiração nacional ou de época (Cúneo); considerada como um dos beneficiários

<sup>20</sup> É importante observar que Imaz chega a essa conclusão (a ausência de elite) apesar de que o pensamento de Pareto e Mosca, fundamentalmente no que se refere às distinções entre "elite nominal" e "elite de mérito", assim como o correspondente a W. Mills, através de seu estudo "La élite del poder", contemporâneo a Imaz, estejam presentes na literatura citada pelo sociólogo argentino na Introdução de seu trabalho.

importantes das políticas econômicas (Niosi); fiel aliada aos setores latifundiários (Peña); inábil para articular um projeto comum que permita falar de uma "classe dirigente" (Imaz), traços todos eles negativos, enquanto mostram uma UIA submersa na busca de seu interesse particular em detrimento do bem estar social.

Como no caso das abordagens, nestas considerações sobre o conteúdo, afirmo que o fato de ter apresentado a UIA como parte de um conjunto com características negativas é outra forma de homogeneizá-la, fato que se reforça nos estudos que, como o de Freels, contrapõem-na à CGI, atribuindo o negativo à UIA e o positivo à *Confederación General de la Industria*.

A seguir, abordam-se uma série de imagens que, embora não se refiram especificamente à UIA, envolvem os industriais que integram a central grêmio-industrial em foco.

b) De "cortesãos" a "pioneiros".

Em 1984, o atual ministro da Economia da Argentina desde 1991 e, até o momento em que se escrevia esta dissertação, Domingo F. Cavallo, em seu livro *Volver a Crecer. Un desafío y un compromiso para todos los argentinos: bienestar sin inflación* (1991[1984]), cunhou uma frase que provocou mal estar a mais de um industrial que não se sentia compreendido no novo mote.

Com efeito, em um trecho do mesmo, este cordobês, nascido em 1946, Diretor-Fundador do *Instituto de Estudios*

*Económicos sobre la Realidad Argentina y Latinoamericana* (IEERAL), patrocinado pela *Fundación Mediterránea*<sup>29</sup>, refere-se à sociedade argentina caracterizada por gente que quer viver de rendas provenientes da propriedade herdada ou do privilégio conseguido através do governo, mais que uma sociedade de homens de trabalho e de empresas inclinados a buscar novas oportunidades de ingressos e riquezas através da criação, da perseverança e da capacidade para assumir riscos.

A proposta deste economista se resumia em encarar o desafio de substituir o espírito de *cortesão*, que se vai estendendo nas metrópoles burocráticas, pelo espírito de *pioneiro* que caracteriza a fronteira geográfica e tecnológica de um país em expansão.

Os industriais, segundo sua opinião, deveriam deixar de lado seu apego pela proteção governamental, enfrentando sem temor a competência externa e interna.

c) A palavra da Igreja.

Como se reflete em uma nota publicada pelo jornal *Clarín*, datada de 12 de novembro de 1992, o arcebispo de Buenos Aires, Cardeal Antonio Quarracino, quando se refere a industriais não alude a nenhuma central gremial em particular.

---

<sup>29</sup> Sua criação remonta a 6 de julho de 1977. Foi uma instituição surgida da confluência de 33 empresários cordobeses. Sua fundação de investigações IEERAL, esteve integrada desde o início por profissionais da Universidade Nacional de Córdoba. Seu primeiro presidente, Pedro Astori, em seu discurso inaugural pronunciou as seguintes palavras: "La decisión de formar el instituto es nuestro aporte para tratar que nuestra Patria sea mejor en el futuro". Citado por Enrique N'hau em seu livro: *Meneo-Cavallo: El Poder Mediterráneo*. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 1993.

De acordo com o jornal citado, durante a homilia da missa solene de *"La Misión Empresarial 1993"*, organizada pela *Asociación Cristiana de Dirigentes de Empresa (ACDE)*<sup>30</sup> - associação que agrupa 700 empresários -, D. Guarracino recomendou aos 2.500 homens de negócios reunidos no Luna Park *"tomar distancia"* dos perigos gerados por *"la sed insaciable del lucro, la ganancia fácil e inmoral, la falta de honestidad y las injusticias hacia vuestros obreros"*.

d) A indústria e a imprensa.

O jornalista Marcelo Bonelli<sup>31</sup> foi um grande "rotulador" dos industriais.

Entre as razões que elencou<sup>32</sup> para explicar sua especialização na temática industrial e na UIA em particular, se encontra a seguinte:

*"Yo soy licenciado en Economía y pienso que las decisiones económicas responden no al burócrata de turno sino a los poderes económicos. El ministro de Economía es un ejecutor de cosas que deciden poderes económicos importantes"*<sup>33</sup>.

---

<sup>30</sup> Para mais detalhes sobre a ACDE, ver capítulo 5.

<sup>31</sup> Inicialmente Bonelli escreveu sobre a UIA nos jornais *"La Opinión"* (1977/79), *"El Cronista Comercial"* (1979/80) e em uma publicação já extinta que se chamava *"Gaceta Financiera"*. A partir de 1981 até o presente, atua profissionalmente no diário *"Clarín"*, tarefa que partilhou inicialmente com a agência *"Noticias Argentinas"*.

<sup>32</sup> Entrevistei a Marcelo Bonelli nos dias 7 e 14 de janeiro de 1994, na Sala de Periodistas del Ministerio de la Economía e no edifício da Radio Mitre, respectivamente.

<sup>33</sup> Entrevista realizada a 7 de janeiro de 1994.

Em função desta teoria, Bonelli centrou sua atenção na UIA que era, segundo sua opinião, o órgão institucional que representava esses setores empresariais<sup>34</sup>.

É no início de 1985 que, em sua coluna "Panorama Empresario" do diário *Clarín*, cunhou as seguintes expressões: "Capitanes de la Industria", "Coroneles de la Industria", "Paulistas", "Club de Exportadores" e "Club de Privatizadores"<sup>35</sup>.

No transcurso das entrevistas que me concedera, revelou-me as fontes nas quais se inspirou: "capitanes" surgiu de conversas mantidas com empresários, entre eles, Arnaldo Etchart e da leitura de Karl Marx:

*"Así como los capitanes conducen los barcos, dirigen la economía; se trataba de empresarios locales importantes o aparentemente locales, o arraigados en la Argentina"*<sup>36</sup>.

Segundo as palavras do jornalista, "Coroneles de la Industria" surgiu como "una antítesis de los capitanes porque

<sup>34</sup> Ao anterior - segundo o jornalista - souou-se um fato que ele qualifica de circunstancial: na época em que começou a escrever não havia atividade política (a mesma havia sido suspensa pelas autoridades militares que permaneceram no poder entre 1976-83), pelo qual, os organismos de associações intermediárias, que poderiam ser entidades empresariais ou sindicais, começaram a receber maior importância nos meios de comunicação.

<sup>35</sup> Em uma crônica jornalística retrospectiva, Bonelli afirma que, em março de 1985, o ex-ministro de Relações Exteriores, durante a presidência de Raúl R. Alfonsín, Dante Caputo, articula uma aliança com os "Capitanes de la Industria" para substituir o então Ministro da Economia, Bernardo Grinspun. Por "Capitanes" referia-se a: Javier Gamboa (Alpargatas), Livio Kühl (Celulose Jujuy), Miguel Roig (Bunge), Oscar Vicente (Pérez Compani), Roberto Rocca (Techint) e Carlos Bulgheroni (Bridas). *Clarín*, 12 de agosto de 1990, pág. 22. O artigo é assinado por Marcelo Bonelli e Rubén Chorny.

No mesmo artigo, afirma-se que a aparição do "Club de Exportadores" coincide em tempo e nomes com o extinto grupo dos "Capitanes de la Industria", os quais haviam tido ativa participação no *Plano Austral* e no *Plano Primavera* (planos de estabilização postos em andamento pelo governo radical de Raúl Alfonsín (1983/89)).

<sup>36</sup> Marcelo Bonelli. Entrevista.

era un grupo que claramente aparecía para competir con ellos. En este caso estaba compuesto por muchas empresas multinacionales como IBM o Cargill y era una asociación ultraliberal"<sup>37</sup>.

De acordo com uma nota publicada no *Clarín*, os "Paulistas" representavam, na Argentina, o que a atuação e a influência dos industriais de São Paulo o eram para a vida econômica e política do Brasil<sup>38</sup>.

*"Los Paulistas apuntarían a la recreación de una nueva burguesía industrial en la Argentina con la intención de crear un polo de poder que saque al país de tantos años de decadencia fabril y retroceso productivo"*<sup>39</sup>.

Em um primeiro momento, os "Paulistas" opuseram-se aos "Históricos" (em alusão aos integrantes do *Movimiento Industrial Argentino*, os quais apoiavam a reeleição de Gilberto Montagna<sup>40</sup> como Presidente da UIA para o período de 1991-93)<sup>41</sup>.

<sup>37</sup> Marcelo Bonelli. Entrevista.

<sup>38</sup> In: "Historicos" versus "Paulistas". *Clarín*, 24 de fevereiro de 1991, pág. 21.

<sup>39</sup> *Idea*, nota 37.

Segundo Bonelli, estes industriais constituiriam um fator de poder que não reconhece as antigas divisões no empresariado industrial. Estava composto por homens que historicamente integraram o oficialismo industrial do *Movimiento Industrial Argentino* (MIA) e, em seu conjunto, apoiava a intenção da oposição fabril do *Movimiento Industrial Nacional* (MIN), integrado por homens da pequena e média indústria do interior do país.

Ainda que alguns acompanhassem inicialmente a aventura dos "capitanes de la industria" - continua Bonelli - foram os primeiros a desertar (à exceção de Kuhl) e os que perceberam uma necessidade política: "só la unificación de esfuerzos en la UIA puede revitalizar o papel político de los industriales". (In: "Historicos" versus "Paulistas". *Clarín*, 24 de janeiro de 1991, pág. 21.

<sup>40</sup> Industrial do setor alimentício e figura muito influente no *Movimiento Industrial Argentino*. Foi presidente da UIA entre 1989 e 1991. Ver Capítulo 2.

<sup>41</sup> Entre aqueles que impulsionaram o grupo Paulista encontravam-se figuras tais como Héctor Massuh (da indústria papeleira homômina), Alberto Ibáñez (da siderúrgica Acindar), Oscar Vicente (da petroleira Perez

Cabe lembrar que na interpretação de Bonelli, os "Históricos" defendiam a abertura econômica e eram partidários do modelo agroindustrial.

é interessante que, muito embora o qualificativo "Paulistas" tem uma conotação positiva, tal como pode ser apreciado no artigo, na entrevista, Bonelli comentou-me que o projeto desse grupo em organizar um Instituto Econômico, gerar uma corrente de opinião da indústria, criar corpos para ocupar espaços de poder no estado, não se concretizou. Por que?:

*"- Creo que los grande grupos (económicos) «se arreglan» por su cuenta. También debe haber algo de miedo: a ver si creo el monstruo y después me devora, porque mientras sea chico, reducido, como un club de amigos, se maneja"<sup>42</sup>.*

"Club de Privatizadores" refere-se à dezena de *holdings* empresariais, entre eles: Pérez Companc, Techint, Soldatti, Roggio, Macri, os quais consolidaram sua posição na economia argentina a partir do programa de privatizações levado a cabo pelo *menemismo*. Alguns deles pertenciam aos "Paulistas"<sup>43</sup>.

---

Companc), Israel Malher (da *Asociación de Industriais Metalúrgicos*), Armando Bertucci (da empresa Aluar) e Federico Kingard (Celulose Jujuy e secretário geral do MIN).

Os anteriores integravam a lista a Presidente contra Gilberto Montagna, junto a Manuel Herrera (PASA), Sergio Einaudi (sócio da Techint), Patricio Zavalía Lagos (Alpargatas), Claudio Sebastiani (*Asociación de Industriais Bonaerenses*). (In: "Históricos" versus "Paulistas". *Clarín*, 24 de janeiro de 1991, pág. 21).

<sup>42</sup> Marcelo Bonelli, Entrevista.

<sup>43</sup> In: "FMI, tango y cash". *Clarín*, 26 de abril de 1991, pág. 16. A nota é assinada por Marcelo Bonelli.

Aos "privatizadores" criticou-se<sup>44</sup> por haver adquirido as ex-empresas do Estado argentino a um preço subfaturado, por temor de que aumentassem as tarifas de eletricidade, água, gás, telefone e pelo risco que a diversificação do setor de serviços implicava para a consolidação do segmento industrial dos grupos econômicos.

A diferença das subdivisões anteriores, neste caso não se trata de estudos, no entanto, recolhem-se vozes muito significativas da economia, da Igreja católica e dos meios de comunicação.

Nos primeiros casos não há uma referência muito explícita à UIA, apesar de que os qualificativos de "cortesãos" ou "lucradores" abarca-os novamente, nesta ocasião, sem distinguir setores nem fora nem dentro dela.

No caso de Bonelli, as denominações referem-se a grupos da UIA que são concebidos pelo jornalista como "poderosos".

"Capitães" e "coroneles da indústria gozam de um significado a mais no contexto argentino. O mesmo foi marcado por muitos anos de governos militares desde a década de 1930.

O termo "Paulistas" e o sentido em que Bonelli o utilizou nas páginas precedentes, levanta-me as seguintes perguntas e reflexões. A primeira é porque o grupo destinado à recriação de uma nova burguesia industrial na Argentina que

<sup>44</sup> As críticas provêm de analistas econômicos, jornalistas e, inclusive, alguns industriais, as quais recolhi em diversos programas políticos na TV.

tire o país de tantos anos de decadência fabril e retrocesso produtivo, leva um mote estrangeiro<sup>48</sup>.

A segunda se refere ao fato de que estes industriais constituiriam um fator de poder que não reconhece as antigas divisões no empresariado fabril. O dito anteriormente supõe que as divisões existem e que, por algum motivo, há um grupo interessado em dissolvê-las, diminuir-lhes a importância ou ocultá-las sob a união aparente de todos os setores.

## 2. As imagens "internas" e dos "outros".

No caso do informe de 1984, no que diz respeito ao universo de dirigentes políticos e economistas, adverte-se a tendência a carregar parte da responsabilidade dos problemas que afligem à indústria sobre os ombros dos empresários, fazendo referência a um suposto *"egoísmo personal"*, *"tendencia a buscar beneficios de corto plazo"*, ou *"especulativos"*, *"mala administración"*, ou ainda, fazendo referência à *"obsolescencia técnica del sector"*.

## 3. As imagens "externas" e dos "nativos".

No documento *"Campaña Imagen UIA"*, Patricio Zavalía Lagos referindo-se à imagem que ele supunha que se tinha da UIA, afirma que a mesma recebeu um tratamento ruim por parte da imprensa e que os qualificativos pejorativos *"comisión de*

---

<sup>48</sup> É de destacar que a admiração dos industriais ante a potência industrialista do Brasil, assim como de seu temor ante uma competência inevitável que almeja a integração regional no MERCOSUL, aflorou em muitos dos discursos durante as entrevistas que realizara a membros da instituição.

*mendicantes*", "llorones como los chacareros", eram os empregados para definir sua maneira de atuar.

#### 4. As imagens "internas" e dos "nativos".

Introduz-se aqui uma série de imagens nativas, referidas a distintos períodos da UIA.

##### a) Os Sete Anões:

Durante a década de 70, configurou-se na UIA um grupo que, inspirado no tradicional conto infantil, autodenominou-se: "*Los Siete Enanitos*"<sup>46</sup>. Compunham-no: Elías Ramírez, Roberto Favelevic, Eduardo Braun Cantilo, Martín Noel, Edmundo Paul, Roberto Blanco e Patricio Zavalía Lagos<sup>47</sup>.

Segundo a versão nativa, o grupo carecia de "*Blancanieves*", e foi formado, depois de se constatar que na fusão com a *Confederación General de la Industria (CGI)* estavam sendo ludibriados de um modo tal que - de acordo com um de seus protagonistas-, se reuniam para: "*lamer nos las heridas y resistir esa fagocitación de la CGI*"<sup>48</sup>.

De acordo com Patricio Zavalía Lagos, esse grupo foi o que levou adiante a transformação da UIA, relacionada com a

---

<sup>46</sup> "Os Sete Anões", N.T.

<sup>47</sup> Todos eles integravam a direção da UIA na década de 1970. Para mais dados sobre Roberto Favelevic, Eduardo Braun Cantilo, Martín Noel e Patricio Zavalía Lagos, ver Capítulo 2.

Elías Ramírez pertencia à holding Bunge y Born; Edmundo Paul, presidia Celulosa; Roberto Blanco era empresário de erva mate e proprietário de uma companhia de seguros.

<sup>48</sup> Patricio Zavalía Lagos, 4 de outubro de 1993, em Alpargatas, S.A.

necessidade de maior transparência e vínculo com o interior e com a pequena e média indústria.

Ainda em germinação, - afirmam alguns de seus ex-integrantes - os primeiros estatutos que hoje são uma realidade da *Unión Industrial* e que outorgam-na um lugar de importância aos territórios, são daquela época<sup>49</sup>.

b) O Grupo María:

O autodenominado "*Grupo María*", recebeu o codinome jornalístico de "*Capitanes de la industria*", rótulo que, como vimos, foi formulado por Marcelo Bonelli.

Guillermo Livio Kühl<sup>50</sup>, que fora coordenador deste grupo, afirma<sup>51</sup> que a princípios da década de 80 vivia-se na Argentina um clima que ele define como "*complicado*" e "*apocalíptico*", no qual a desintegração do governo militar podia terminar em uma situação anárquica. Ao mesmo tempo não se sabia se os partidos radical ou peronista poderiam controlar a situação.

Para Kühl, voltar a repetir a experiência de 1973-6 era uma preocupação para os integrantes deste grupo. A idéia básica de seus membros era a de tratar de influir, de forma positiva, de modo tal que essa transição de um processo

---

<sup>49</sup> Ver Capítulo 4.

<sup>50</sup> Presidente da companhia sueca do setor automotivo, Scania.

Entrevistei Guillermo Livio Kühl no seu escritório, na Scania, na Capital Federal, a 6 de julho de 1993.

<sup>51</sup> Entrevista.

militar a um governo de civis fosse mais ordenada, evitando cair nas polarizações de outras épocas, como a de 1946. Nesta oportunidade, um famoso "cheque"<sup>52</sup> havia gerado um conflito com Perón, que nunca terminou e que acabou em um confronto.

A contribuição ao processo de normalização do país - segundo Kühl - se fazia por duas questões fundamentais: uma tinha a ver com o plano pessoal: cada uma dessas pessoas havia sofrido na própria carne situações limites, com risco de vida; a segunda, com interesses econômicos: um país ordenado era mais confiável na hora de investir.

Segundo a versão de Kühl, o nome do grupo ocorreu a Javier Gamboa, presidente da mais que centenária fábrica têxtil, Alpargatas S.A., que durante um dos primeiros encontros que os industriais em questão levaram a cabo, relatou o conto de um aposentado que se entretinha diariamente a observar a passagem dos trens em uma estação. Um dia, no momento que dois trens a grande velocidade se aproximavam em direções contrárias, o velho observa que o guarda-barreiras, que devia acionar o mecanismo para permitir o desvio de uma das máquinas, encontrava-se dormindo em seu

---

<sup>52</sup> Kühl alude a um cheque de \$ 300.000 que a *Unión Industrial Argentina*, ou alguns de seus integrantes, entregou à então *Unión Democrática* para uma campanha política a propósito das eleições de 24 de fevereiro de 1946, que, finalmente, se impôs a fórmula de seus adversários, Perón-Quijano.

Ainda que se discuta se Luis Colombo havia convalidado ou não seu apoio à *Unión Democrática*, o mencionado cheque levava sua assinatura. A partir desse fato, Juan Domingo Perón teve um motivo para intervir na UIA, fato que se concretizou a 16 de maio de 1946.

De acordo com a versão de Rodriguez Goicoa, então gerente da UIA, até meados de 1945 dois grupos disputavam o poder na entidade. O primeiro estava encabeçado por Miguel Miranda, quem seria posteriormente presidente do Banco Central durante o primeiro mandato de Perón, Ernesto Herbin, e Rolando Lagomarsino (nomeado Secretário de Indústria e Comércio em maio de 1946). O outro, estava comandado por Raúl Lamuraglia, Julio Noé e Germán López.

posto. Sem saber o que fazer para impedir o iminente acidente, o aposentado chama a Maria<sup>93</sup> e a convida para ver o choque dos dois trens.

O intuito de Gamboa ao contar esta anedota era o de evitar cair no tipo de comportamento apático que estava exemplificado na conduta do aposentado que chamou Maria. Sua proposta se resumia em não permanecer como meros expectadores e evitar outro tipo de choque: o que podia produzir-se entre a sociedade civil e a sociedade militar; entre peronistas, radicais e setores produtivos.

c) Os sobreviventes.

Este termo foi formulado em mais de uma oportunidade por Roberto Rocca<sup>94</sup>, presidente do *holding* Techint.

Para Rocca, a *Unión Industrial Argentina* representa os sobreviventes de uma vida histórica industrial argentina. Afirma que, como a indústria é um fenômeno não compreendido no país, no qual os erros foram maiores que os acertos, os naufragos superam a uns 80%.

Quando mais detalhes lhe são pedidos, assegura que o traço mais saliente de um "náufrago" se resume em que sua tarefa fundamental consiste em sobreviver; só depois pensará em seu futuro.

---

<sup>93</sup> Nome que, em linguagem cotidiana portenha designa a 'ama de casa'.

<sup>94</sup> Ver Capítulo 3.

"En esta desventura - afirma Rocca - se encontrará al hombre muy fuerte que tira a otro fuera de la borda porque quiere más espacio; el "pícaro" que se roba la lata de tomates entre las piernas de los otros para ganar; y el "honesto" que, pobrecito, en medio de esa balsa no se sabe bien si sobrevivirá.

Naturalmente - continua Rocca -, las industrias más o menos grandes tienen medio de defensa a más largo tiempo de un naufragio porque no pueden morir de un día para el otro. La industria mediana y chica no lo tiene. Sin embargo, el esqueleto de una industria nacional es la industria mediana y chica, la menos escuchada"<sup>95</sup>.

d) Rambo.

Alberto Ibañez, funcionário da *holding* Techint no momento de realizar esta entrevista<sup>96</sup>, afirmava que o empresário industrial argentino que se "criou" provavelmente na década de 40, começando um desenvolvimento autônomo como industrial pequeno e médio, em geral é uma pessoa com altíssima capacidade de adaptação e que conforma uma espécie de "raza de sobrevivientes", estilo "Rambo".

Os exemplos em que fundamenta seu qualificativo vão desde a explicação da forma pela qual os empresários deviam tomar suas decisões na época da hiperinflação ou de inflação elevada, até as mudanças de rumo dos distintos governos com respeito às leis como a de "promoção industrial" ou planos de exportação.

## 5. Reflexões finais.

---

<sup>95</sup> Entrevistei Roberto Rocca a 3 de dezembro de 1993, em seu gabinete da *holding* Techint.

<sup>96</sup> Ver Capítulo 4.

É interessante comparar algumas imagens "nativas"/"internas" e outras qualificadas como "outros"/"externas", pretendendo que ambas coincidam (ainda que seja de forma aproximada) para o mesmo lapso temporal como se mostra a seguir:

| OS "OUTROS"                      | OS "NATIVOS"                    |
|----------------------------------|---------------------------------|
| Informe de Imagem de 1974        | 1974. Os Sete Anões             |
| <i>Capitanes de la Industria</i> | <i>Grupo María</i>              |
| <i>Cortesianos, Lucradores</i>   | Sobreviventes, Náufragos, Rambo |

De um lado (coluna da esquerda) podem ser apreciadas as imagens dos industriais como homens poderosos (Informe de 1974, "*Capitanes*", "*Coroneles*"); "*lucradores*" (Guarracino); "*cortesianos*" (Cavallo); e, por outro lado, (coluna da direita), como desvalidos ("*los siete enanitos*" sem a Branca de Neve), assíduos protagonistas de situações limite ("*los sobrevivientes*", "*los náufragos*", "*Rambo*"; as circunstâncias nas quais transcorre o conto de "*María*", assim como a função de árbitro que o grupo homônimo se propos desempenhar em um contexto delicado da vida argentina).

Os "nativos" se apresentam como: vítimas do peronismo (os "*siete enanitos*" no período da fusão da UIA com a CGI); o das mudanças no rumo da política econômica de distintos governos ("*los sobrevivientes*", "*los náufragos*", "*Rambo*");

ou, ainda, desempenhando o papel de árbitro entre a sociedade civil e militar ("*Grupo María*").

Os "outros" os descrevem como os verdadeiros dirigentes da economia ("*capitanes*", "*coroneles*"); pouco interessados pelo interesse geral ("*lucradores*"); aqueles que abusam dos favores dos distintos governos ("*cortesianos*", "*privatizadores*").

Isto é, por um lado, tal como antecipara nas primeiras páginas deste capítulo, o descobrimento das imagens dos "nativos", tão fortemente opostas às dos "outros" (estas últimas as únicas até o momento difundidas publicamente nos escritos sobre a UIA), me levou a explorar o universo "nativo" seguindo um velho preceito malinowskiano, que fincava o pé em "*captar el punto de vista del nativo*" e "*comprender su visión del mundo*"<sup>87</sup>.

Por outro lado, interpreto que o referido contraste, o qual poderia sintetizar-se no par "vítimas/algozes", contribui para alimentar, seja tanto da ótica dos "nativos" como da dos "outros", uma imagem da UIA que a mostra como uma comunidade isolada, separada do resto da sociedade.

Entre os integrantes da central fabril em foco, detectei uma tendência a marcar diferenças entre um "dentro" e um "fora". Os mesmos chegam a se conceber como membros de um "ghetto".

---

<sup>87</sup> Malinowski, Bronislaw. 1975 (1922). *Los Argonautas del Pacífico Occidental. Un estudio sobre comercio y aventura entre los indígenas de los archipiélagos de la Nueva Guinea melanésica.* Barcelona. Ediciones Península.

A esse respeito, as palavras de Guillermo Livio Kühli, recolhidas na entrevista supra-mencionada, exemplificam com muita clareza uma opinião que esteve presente no discurso de muitos outros entrevistados e que transcrevo a seguir:

*"Roberto Rocca dijo una vez algo que siempre recuerdo: 'Los industriales somos habitantes de un ghetto y actuamos como se actúa en un ghetto'.*

*Un ghetto tiene dos características -continúa Khül-: el que está afuera no quiere entrar y el que está adentro no quiere salir...*

*..."Somos un ghetto porque siempre nos sentimos más cómodos entre nosotros que cuando estamos afuera porque estamos mal vistos, en términos generales; no tenemos el prestigio de la Sociedad Rural Argentina (SRA) y un miembro de dicha institución no quiere entrar 'ni mamado'<sup>55</sup> en la Unión Industrial Argentina"<sup>57</sup>.*

Esta reflexão talvez explique uma propensão para marcar o individual ou os agrupamentos pequenos e fechados (clube/queto) por sobre o coletivo. São somente sete os anões, o grupo *María* tem um tamanho de Clube, existe um *Club de Exportadores*, de *Privatizadores* e um grupo como o *Paulista*; o extremo é Rambo, um franco-atirador, um homem só contra o mundo.

Também oferece elementos para compreender por que os "nativos" em muitas oportunidades ocultam (talvez consciente ou inconscientemente) as heterogeneidades e tensões que caracterizam seu universo. O fato de que Patricio Zavalía

---

<sup>55</sup> "Mamarse" na linguagem cotidiana portenha significa "embriagar-se". Termo de origem camponesa, que assmila a ação de "mamar" da criança, com a de beber diretamente na garrafa.

In: Gobello, José. 1991. *Nuevo diccionario lunfardo*. Buenos Aires: Ediciones Corregidor.

<sup>57</sup> Guillermo Livio Kühli. Entrevista.

Lagos em "*Campaña de Imagen UIA*" não tenha incorporado em sua análise a possibilidade de que um certo ideário anti-industrialista estivesse presente nas mesmas filas da UIA e não unicamente "fora" da instituição, constitui um exemplo de outras situações que detectei em meu trabalho de campo.

Quiçá seus membros pensem que mostrar a UIA como uma entidade homogênea os fortaleça na hora de negociar com os poderes públicos (tal é a opinião dos "*Paulistas*") e seja o motivo pelo qual (de acordo com os resultados do Informe de 1984) os conflitos internos e as divisões tenham sido percebidos como negativos.

Por parte dos que se ocuparam de estudá-la ou opinaram sobre ela (os "outros"), presumo que são seus pontos de partida, os pressupostos teórico-metodológicos que guiam suas investigações ("*clase dominante*", "*bloque hegemónico*", por exemplo) e comentários ("*lucradores*", "*cortesanos*"), aqueles que os levaram a homogeneizar um universo heterogêneo.

Tanto no que se refere às **abordagens** como aos **conteúdos**, e no que diz respeito às diversas combinações das categorias "**nativos**", "**outros**", "**externos**", "**internos**", com a exceção do Informe de 1984, constata-se uma tendência à homogeneização, ou a responder por uma parcialidade ("*capitanes*", "*Siete enanitos*", "*Rambo*", "*Grupo María*").

Apesar de que na atualidade e depois das reformas estatutárias da década de 80 a UIA incorporou em seu seio ex-integrantes da *Confederación General de la Industria* (CGI), dependente da *Confederación General Económica* (CGE), segue-se

considerando-a tão homogênea como quando era acusada de ser representante exclusiva dos interesses da Capital Federal e de Buenos Aires, na época em que Juan Domingo Perón interveio na UIA, em 1946, ou quando no contexto de outro governo peronista, foi obrigada a se fundir com a CGI, em 1974.

Minha proposta a seguir é abordar a pluralidade de interesses de um universo que se apresenta como muito tenso e que, por distintos mecanismos, se escondeu, se parcializou, ou se generalizou a partir de parcialidades, no que concerne às abordagens, ou se apresentou como altamente negativo, em relação aos conteúdos, homogeneizando-a duplamente.

Para tal fim, nos capítulos seguintes, introduzir-me-ei no mundo dos "nativos" através dos movimentos da entidade, pelo que, na seqüência, começarei por apresentar os protagonistas de meu universo empírico.

**SEGUNDA PARTE**

*Em busca do Deus Jano.  
Um presente Heterogêneo*

## Capítulo 2

### Os afluentes da UIA: O MIA e o MIN. O universo empírico em foco.

"Puede decirse que el concepto de 'juego' es un concepto de bordes borrosos. - «¿Pero es un concepto borroso en absoluto un concepto?» - ¿Es una fotografía difusa en absoluto una figura de una persona? Sí; ¿Puede siempre reemplazarse con ventaja una figura difusa por una nítida? ¿No es a menudo la difusa lo que justamente necesitamos?..."

Ludwig Wittgenstein<sup>1</sup>

O *Movimiento Industrial Argentino* e o *Movimiento Industrial Nacional* foram protagonistas de um fato curioso. Como se fosse perigoso deixá-los no terreno da ambigüidade<sup>2</sup>, os escassos cientistas sociais que opinaram, seja no discurso oral, seja escrevendo algumas linhas sobre eles, tentaram em uma mesma operação classificá-los e reduzir sua heterogeneidade a uma de suas características mais salientes.

Assim foram considerados univocamente, como partidos políticos, comunidades ideológicas, linhas de pensamento

<sup>1</sup> *Investigaciones Filosóficas*. 1988 (1953). Barcelona: Editorial Critica, S.A., pág. 91.

<sup>2</sup> Na idéia do perigo potencial que encerra a ambigüidade, inspiro-me na linha de reflexão elaborada por Mary Douglas (1976 [1966]) que, baseando-se - como ela mesma afirma - na "perspicacia sociológica" de Arnold Van Gennep, em seu trabalho sobre os "ritos de passagem", concebeu a sociedade como uma casa com salas e corredores na qual a passagem de uma para outra constituía um perigo. A antropóloga inglesa afirma que o perigo está nos estados de transição simplesmente porque a mesma não é nem um estado nem o seguinte, é indefinível.

econômico, movimentos de opinião, cumprindo-se uma vez mais aquilo de que todo achado descobre seu criador.

No presente capítulo, apresentarei uma parte do universo empírico selecionado para esta dissertação, a saber, aqueles entrevistados que se consideram integrantes do MIA e do MIN.

Tal apresentação será complementada com o mapeamento de alguns aspectos das relações estabelecidas entre os entrevistados.

Entretanto, deixarei para o próximo capítulo a análise daqueles entrevistados que diziam não pertencer nem ao MIA nem ao MIN.

Não pretende ser um estudo exaustivo, que dê conta de todas e cada uma das circunstâncias através das quais uma pessoa pertença a um ou a outro movimento. Simplesmente delineá-los ao mesmo tempo que chamar a atenção sobre a dificuldade que supõe a tarefa de tentar defini-los. Afirmo que é precisamente nessa dificuldade que está situada uma das chaves para compreendê-los.

#### I. A estrutura formal.

Devido ao fato de que a estrutura estatutária da entidade é vital para entender o vínculo dos movimentos com a organização da instituição, começarei fazendo uma breve referência à mesma, a qual qualificarei de "estrutura formal" para diferenciá-la da correspondente ao MIA e ao MIN, a qual - seguindo minha interpretação - chamarei de "informal".

Os estatutos da UIA têm uma história mais que centenária, cuja análise pormenorizada não pretendo realizar aqui.

Após sofrer várias modificações, a última grande mudança data de inícios da década de 1980 e com respeito ao estatuto anterior, a diferença mais substancial radica em que as empresas individuais não podem participar, de forma direta, dos órgãos de direção da instituição.

Recordemos que, antigamente, as empresas, em forma individual, tinham direito a eleger as autoridades da entidade incluindo o seu Presidente.

Mesmo assim, inovou-se em outro sentido, o de dar-lhe maior representação no "interior" do país (termo com que se alude a todas as províncias que compõem a Argentina com exceção de Buenos Aires), em detrimento da província mais industrial da Argentina, que é a de Buenos Aires<sup>3</sup>.

Na década de 1980, e até 1990, houve algumas modificações menores, porém o objetivo geral seguiu vigente.

De acordo com os estatutos que regiam a entidade para a época em que realizei a investigação, a associação só admitia sócios plenos, ativos, aderentes e honorários em seu seio<sup>4</sup>.

São sócios plenos as entidades grêmio-empresariais industriais de segundo grau de âmbito setorial ou

<sup>3</sup> Como veremos mais adiante, a Província de Buenos Aires representa 45% da produção industrial total da Argentina, fato pelo qual lhe corresponderia uma representação de 28 conselheiros na UIA. Não obstante, dispôs-se um tope de 19, o que permite outorgar uma maior participação às regiões do interior do país, que de outra forma, não teriam nem voz nem voto na administração da entidade fabril.

<sup>4</sup> O mesmo levava por título "ESTATUTO Y REGLAMENTO GENERAL", e está datado em Buenos Aires, 1991.

territorial, que disponham de personalidade jurídica e cuja incorporação seja admitida pelo Conselho Geral por considerar que suas finalidades coincidem com as estabelecidas e no estatuto da entidade.

A *Unión Industrial* também tem sócios ativos. Eles são as entidades grêmio-empresariais de primeiro grau que se encontram associadas a uma entidade que, por sua vez, seja sócio pleno da entidade e cuja incorporação seja admitida pelo Conselho Geral.

Tais associações que podem ser territoriais ou setoriais, devem estar integradas por pessoas de existências ideal ou visível dedicadas à indústria.

São sócios aderentes da entidade as pessoas físicas ou jurídicas que, sem estar compreendidas em outras categorias sociais, desenvolvem uma atividade industrial em qualquer lugar da República e tenham sido admitidas conforme o estabelecido nos estatutos.

Da mesma forma, são sócios aderentes as entidades representativas de atividades industriais de caráter setorial ou territorial, que não sejam suscetíveis de ser enquadradas em outra categoria societária e que tenham sido admitidas conforme o estabelecido nos estatutos.

Podem ser designados sócios honorários as pessoas físicas ou jurídicas que tenham prestado notáveis serviços à

° A UIA é uma entidade de terceiro grau; as câmaras são associações de primeiro grau, onde desenvolvem sua atividade os sócios das empresas individuais; a Federação é uma entidade de segundo grau, produto de várias câmaras que se unem. Pode dar-se o caso de que não existam Federações, motivo pelo qual a Câmara passa a cumprir a função de entidade de segundo grau.

República, à indústria ou à UIA, no que a criação, fiança, ou desenvolvimento industrial se refere.

Seguindo o exposto pelos estatutos, os órgãos de direção da associação estão compostos pelas Assembléias, o Conselho Geral, a Junta Diretora, o Comitê Executivo, a Presidência, o Comitê de Enquadramento, e a Comissão Revisora de Contas.

A Assembléia é a autoridade máxima da UIA e está formada pelos representantes de todos os sócios plenos e ativos, um por associado, e os representantes dos sócios aderentes designados de acordo com o que determina o estatuto e na proporção de um representante para cada cinquenta sócios aderentes.

Entre suas atribuições encontra-se a de considerar a Memória, Balanço Geral, Inventário, Conta de Gastos e Recursos e o Informe da Comissão Revisora de Contas.

O Conselho Geral está integrado por representantes dos sócios plenos, de âmbito territorial e setorial na quantidade de duzentos e cinquenta membros, a metade dos quais pertencem às jurisdições territoriais, e a outra metade, aos distintos setores industriais.

Cada uma das jurisdições políticas que compõem a Nação conta com representantes no Conselho Geral, de acordo com as cifras oficiais de pessoal ocupado total pelo setor industrial no respectivo âmbito territorial. Cada jurisdição tem como mínimo três representantes, qualquer que seja o número de pessoas ocupadas na mesma. Atribuiu-se a cada

jurisdição um número adicional de representantes em forma proporcional ao número de pessoas ocupadas em cada uma delas, até um máximo de dezesseis representantes adicionais, chegando assim a um pico de dezenove representantes que não pode ser ultrapassado.

Com respeito aos setores industriais, cada um deles, estabelecidos sobre a base das atividades industriais previstas na *Classificación Internacional Industrial Uniforme de las Naciones Unidas* (C.I.I.U.), contará, no mínimo, com um representante. Mesmo assim, poderá a ele ser somado os representantes que puderem corresponder-lhe pela participação relativa proporcional, aplicando o sistema D'Hont, do Produto Interno Bruto do setor sobre o total do Produto Bruto Industrial do país, medido em função do prometido das percentagens dos salários e jornadas pagos e o valor do faturamento do setor agremiado.

O Conselho Geral tem a atribuição de eleger os integrantes do Comitê Executivo e os membros do Comitê de Enquadramento, além de ditar o regulamento geral da UIA.

Está facultado para analisar a política industrial, propor políticas para o desenvolvimento industrial e regional, referendar os atos da Junta Diretora, ditar o Regulamento Geral e estabelecer os montantes das quotas das distintas categorias de sócios.

A Junta Diretora é o órgão que dirige e administra a instituição, composta por cinquenta membros titulares, a metade do âmbito setorial e a outra metade do âmbito

territorial, que são, incluídos os integrantes do Comitê Executivo, eleitos pelo Conselho Geral dentre seus próprios componentes.

Os membros da Junta Diretora permanecem dois anos em suas funções e podem ser reeleitos indefinidamente.

A Junta Diretora, excluídos aqueles que compõem o Comitê Executivo, se renova por metades a cada ano.

Entre suas atribuições encontra-se a de autorizar ou ratificar os atos do Comitê Executivo, ditar os regulamentos internos necessários para complemento do Regulamento Geral; dirimir e resolver as questões que se planejem sobre enquadramento e representatividade entre entidades; submeter à Assembléia o Memorial, o Inventário, o Balanço Geral e a Conta de Gastos e Recursos da Associação; intervir, à sua solicitude, nas diferenças que cheguem a ser suscitada entre os sócios; nomear as Comissões e Subcomissões internas; admitir a incorporação de novos sócios.

O Comitê Executivo está formado pelo Presidente da associação, o 1º Vice-presidente, 2º Vice-presidente, 3º Vice-presidente, 4º Vice-presidente, Secretário, 1º Pró-secretário, 2º Pró-secretário, Tesoureiro, 1º Pró-tesoureiro, 2º Pró-tesoureiro.

Dos onze cargos com que conta o Comitê Executivo, cinco correspondem à representação setorial e cinco à territorial. O presidente pode provir, indistintamente, do âmbito setorial ou do regional.

O Presidente da Associação, o Secretário e o Tesoureiro permanecem dois anos em suas funções, podendo ser reeleitos uma só vez no mesmo cargo, salvo que transcorra um período intermédio.

Os demais integrantes do Comitê Executivo permanecem dois anos em suas funções e podem ser reeleitos indefinidamente.

O Comitê Executivo está facultado para assumir as funções da Junta Diretora em caso de urgência; cumprir as funções que a Junta Diretora lhe tenha delegado expressamente; designar, promover, sancionar e remover os funcionários, assessores e empregados; organizar os serviços que a associação ofereça a seus sócios; designar representantes ante organismos e instituições públicas, privadas ou mistas, nacionais, estrangeiras ou internacionais.

A Presidência é o cargo mais alto da entidade e deve ser exercida por uma pessoa que tenha no mínimo dez anos na atividade industrial em cargos diretivos e que, ademais, seja dono, presidente, membro da direção ou sócio de uma empresa sócia da UIA.

O Presidente exerce a representação legal da Associação; preside as Assembléias e as reuniões do Conselho Geral, da Junta Diretora e do Comitê Executivo; vota nas reuniões da Junta Diretora e do Comitê Executivo e tem, ademais, voto decisório em caso de empate; resolve os assuntos de caráter

peremptório; realiza ou autoriza pagamentos; dispõe da confecção do Memorial.

A firma do Presidente deve ser referendada pelo Secretário para que tenha caráter oficial.

Em caso de ficar definitiva ou transitoriamente vago por renúncia, ausência, ou qualquer outro impedimento a presidência é assumida pelo Primeiro Vice-presidente.

Entre os organismos da entidade, encontram-se o Comitê de Enquadramento e a Comissão Revisora de Contas.

O Comitê de Enquadramento tem a seu encargo, a análise da incorporação de novos sócios e está formado por seis representantes setoriais, seis territoriais e igual quantidade de suplentes. O mesmo é designado pelo Conselho Geral.

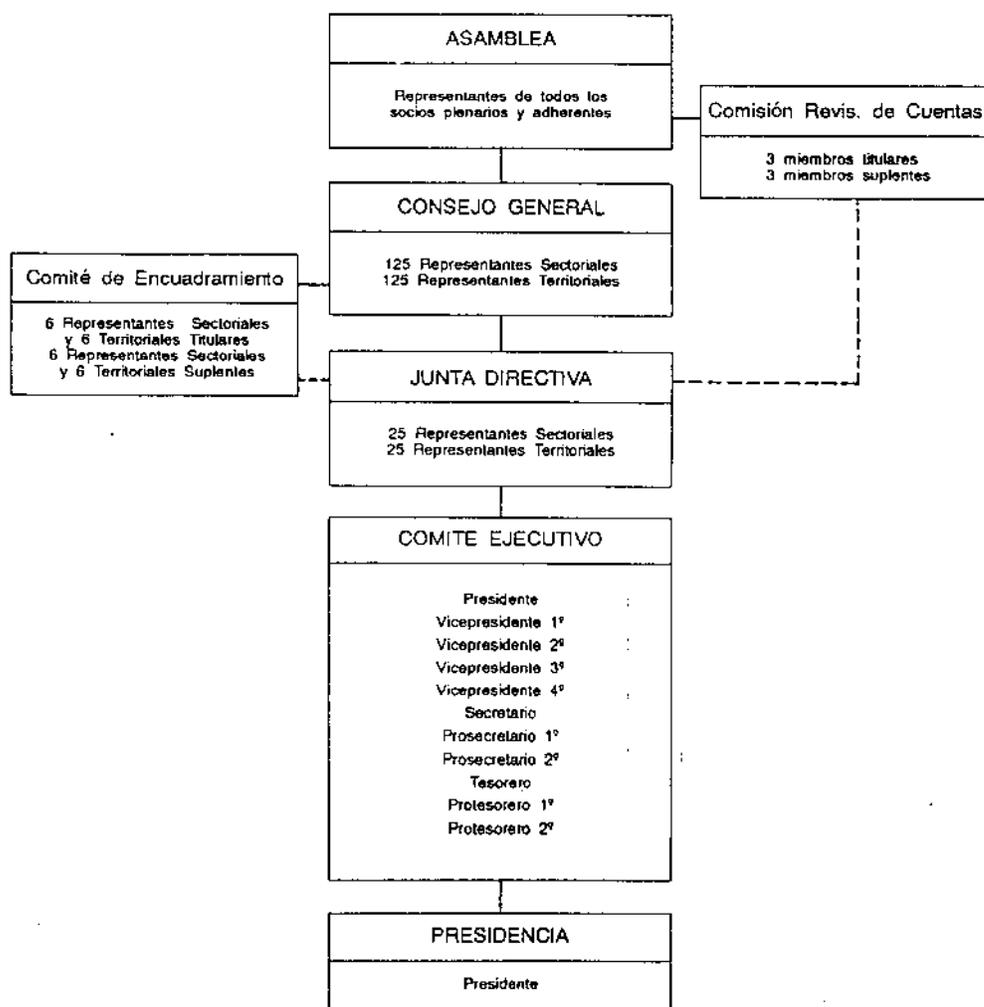
A Comissão Revisora de Contas que, como seu nome indica, ocupa-se de supervisionar a situação econômica da entidade, se compõe de três membros titulares e três suplentes, e é eleita pela Assembléia.

A seguir, um organograma da instituição que resume a informação anterior.

# Estructura Institucional



UNION INDUSTRIAL ARGENTINA



Fonte: Anuário UIA 1991/92

Observando o organograma da página anterior, a posição da Assembléia no topo do esquema poderia dar ao leitor a impressão de que este órgão de direção é o mais importante da entidade. Não obstante, a opinião "nativa", recolhida em entrevistas e em documentos, indica que é o Comitê Executivo e especialmente os cargos de Presidente, Primeiro Vice-presidente e Secretários, os que concitam a maior atenção.

Muito embora a temática do financiamento na entidade mereceria um tratamento mais profundo que o que recebera nesta dissertação, considero importante assinalar que entre os cargos do Comitê Executivo, o da tesouraria conta com pouco prestígio. Em ocasião de recusar um oferecimento deste cargo que o MIA realizava ao MIN, este último qualificou a proposta de pouco séria, referindo-se ao posto em questão como "caja vacía"<sup>7</sup>

No organograma seguinte, pode-se observar a existência de Departamentos e Comissões onde se levam a cabo estudos de distintos problemas industriais. Os mesmos estão compostos por representantes de setores e territórios.

Os Departamentos dependem do Comitê Executivo, enquanto que as Comissões, dos Departamentos.

---

<sup>6</sup> Estas preferências manifestaram-se vividamente em 1985 e em 1992, por ocasião de uma série de negociações entre os movimentos da entidade por lograr listas eletivas consensuadas.

<sup>7</sup> "Caixa vazia", N.J. *Tempo Argentino*, 23 de abril de 1985.



# Estructura Operativa



UNION INDUSTRIAL ARGENTINA

Representatividade.

Vimos acima como se determina a participação regional e setorial no Conselho Geral. A seguir, se detalha a forma em que tal distribuição se concretiza na UIA.

No Conselho Geral, a representação territorial é a seguinte:

- a) As províncias de Santa Cruz, Catamarca, Formosa e Neuquén: 3 representantes cada uma;
- b) O Território Nacional da Tierra del Fuego e as Províncias da Rioja, Santiago del Estero, San Luis, Corrientes, Rio Negro, San Juan, Salta, Chubut, Jujuy, Chaco, Entre Ríos, Misiones y La Pampa: 4 representantes cada uma.
- c) A Província de Tucumán: 5 representantes;
- d) A Província de Mendoza: 6 representantes;
- e) A Província de Córdoba: 7 representantes;
- f) A Província de Santa Fe: 8 representantes;
- g) La Capital Federal: 12 representantes;
- h) A Província de Buenos Aires: 19 representantes.

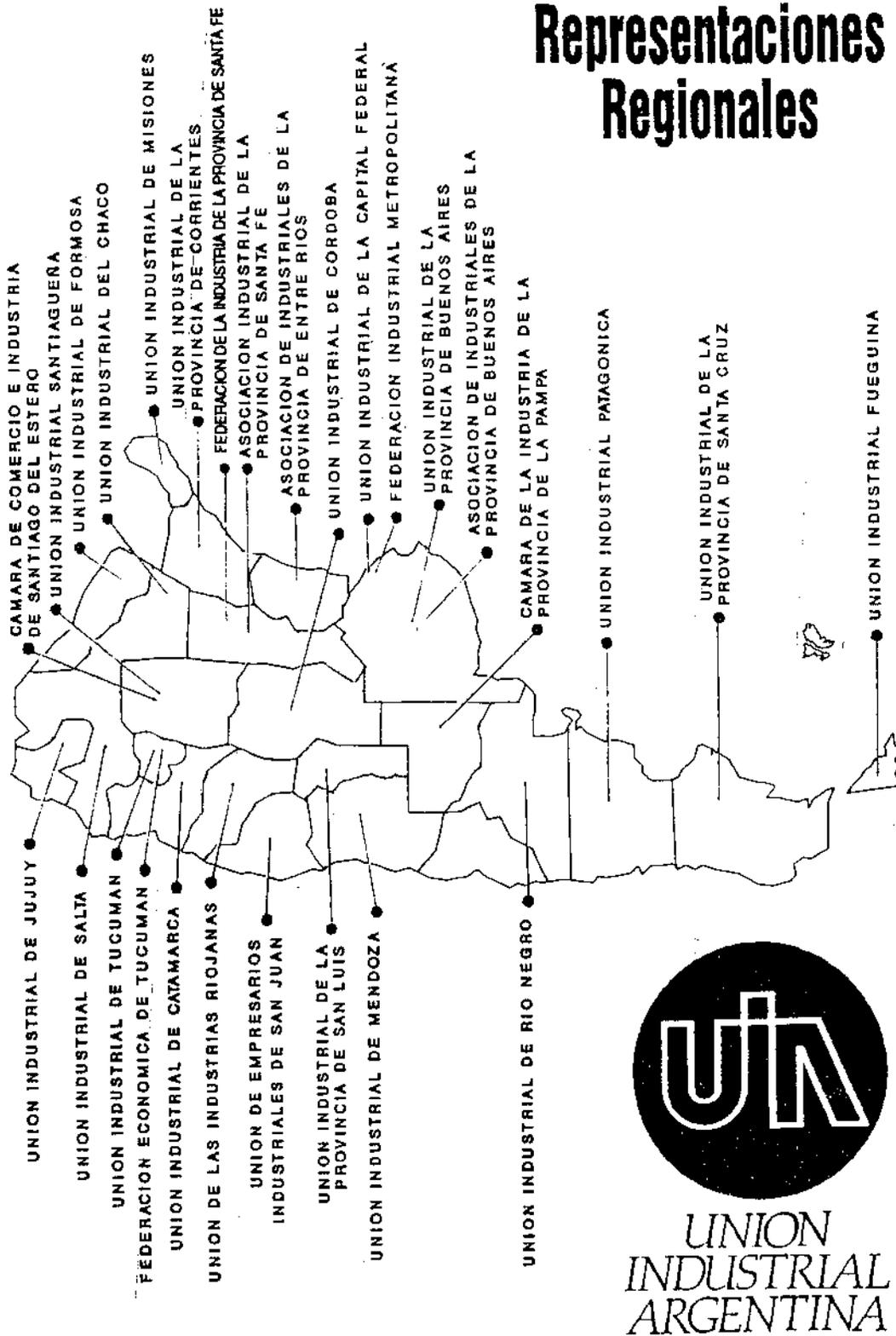
Pode-se observar o peso de Buenos Aires e Capital Federal, que unidas somam 31 representantes territoriais\*. As províncias que lhe seguem em importância são, Santa Fe,

---

\* Embora para o caso das províncias, as publicações oficiais da UIA não contenham informação tão detalhada como para os setores, como se verá mais adiante, para 1992 assinala-se que na província de Buenos Aires a atividade fabril nela radicada, alcançava aproximadamente 45% do total do país. *Anuario de la UIA, 1991-2.*

De acordo com a mesma fonte, a província de Santa Fe produzia 16% do Produto Industrial Bruto.

Córdoba, e Mendoza. A seguir, mostra-se um mapa da Argentina no qual se situam as representações regionais:



Fonte: Anuário UIA 1991/92

Quanto à representatividade setorial no Conselho Geral:

|  |    |
|--|----|
| 1. Indústrias de produtos alimentícios, exceto bebidas   | 20 |
| 2. Indústrias de bebidas   | 4  |
| 3. Indústrias de tabaco  | 2  |
| 4. Fabricação de têxteis   | 8  |
| 5. Fabricação de calçados, roupas e outros artigos confeccionados com produtos têxteis             | 5  |
| 6. Indústrias da madeira e da cortiça, excetuando a fabricação de móveis                           | 2  |
| 7. Fabricação de móveis e acessórios   | 1  |
| 8. Fabricação de papel e produtos de papel   | 3  |
| 9. Gráficas, editoriais e indústrias conexas   | 3  |
| 10. Indústrias de couro e produtos de couro e pele, excetuando calçados e outras vestimentas       | 2  |
| 11. Fabricação de produtos de borracha   | 2  |
| 12. Fabricação de substâncias e produtos químicos  | 10 |
| 13. Fabricação de produtos derivados do petróleo e do carvão                                       | 8  |
| 14. Fabricação de produtos minerais não metálicos, excetuando os derivados do petróleo e do carvão | 5  |
| 15. Indústrias metálicas básicas   | 7  |
| 16. Fabricação de produtos metálicos excetuando maquinaria e equipamentos de transporte            | 6  |
| 17. Construção de maquinaria, excetuando maquinaria elétrica e equipamento de transporte           | 6  |
| 18. Construção de maquinaria, aparelhos, acessórios e artigos elétricos                            | 5  |
| 19. Construção de material de transporte   | 11 |
| 20. Indústrias manufatureiras diversas   | 8  |
| 21. Outros sócios plenos   | 5  |

Do anterior, se depreende o peso dos setores da alimentação, têxtil, metalúrgico, químico e petroquímico.

Isso obedece à posição que os mesmos ocupam em função do Produto Bruto Industrial, detalhe que pode ser apreciado no quadro seguinte. Nele poderá ser observado que, somando os tópicos: 1, 2, 5 e 8 (alimentos, têxteis, químicos e metalúrgicos), estes setores são responsáveis por quase 75% do Produto Bruto Industrial (*P. B. Industrial*), ao mesmo tempo em que dão ocupação a mais da metade de pessoal empregado na indústria.

| <b>CUADRO SINTETICO DE REPRESENTATIVIDAD</b>   |               |                        |                       |                  |                 |     |               |
|--|---------------|------------------------|-----------------------|------------------|-----------------|-----|---------------|
| Rubro y % del P.B. Industrial  | Sector        | Exportación del Sector | Personal del Sector   | Entidad ...      | Nº de Em-presas |     |               |
| 1. Alimentos, Bebidas y Tabaco   | 25.9%         | Alimen. y Bebid.       | U\$S 3.450,0 M        | 221.931          | COPAL           | 37  | 1.416         |
|  |               | Alimentación           | U\$S 22,5 M           | 70.000           | CIPA            |     | 188           |
|  |               | Ind. Molinera          | U\$S 31,0 M           | 7.300            | FAIM            |     | 66            |
|  |               | Cerveza                |                       | 4.228            | CICA            |     | 10            |
|  |               | Bebid. s/alcohol       |                       | 20.000           | CADIBSA         |     | 60            |
|  |               | Chacinados             |                       | 8.000            | CAICHA          |     | 155           |
|  |               | Carne                  | U\$S 742,0 M          | 17.000           | UNICA           |     | 109           |
|  |               | Frigorífico            |                       | 958              | CAFFHI          |     | 31            |
|  |               | Azúcar                 | U\$S 50,0 M           | 35.500           | CAA             |     | 13            |
|  |               | Azúcar                 |                       | 1.100            | CAFA            |     | 23            |
|  |               | Alcohol                | U\$S 16,8 M           | 3.100            | CDA             |     | 28            |
|  | Tabaco        | U\$S 56,0 M            | 5.000                 | CIT              |                 | 2   |               |
| 2. Textiles, Vestido, Cuero y Calzado  | 9.7%          | Textil                 | U\$S 192,0 M          | 110.000          | FTTA            | 27  | 989           |
|  |               | Fibras Manuf.          |                       | 3.300            | CIFIM           |     | 11            |
|  |               | Indumentaria           | U\$S 93,7 M           | 57.000           | CIAI            |     | 359           |
|  |               | Ind. Curtidora         | U\$S 346,1 M          | 20.000           | CICA            |     | 99            |
|  |               | Calzado                | U\$S 41,0 M           | 20.000           | CIC             |     | 628           |
|  | Marroquinería | U\$S 72,0 M            | 11.080                | CIMA             |                 | 250 |               |
| 3. Madera y muebles  | 1.2%          | Madera                 | U\$S 67,0 M           | 79.659           | FAIMA           | 26  | 5.230         |
| 4. Papel e Imprenta  | 5.2%          | Papel                  | U\$S 116,0 M          | 25.000           | APCP            |     | 61            |
|  |               | Imprenta               |                       | 19.000           | CIGA            |     | 900           |
| 5. Sustancias Químicas, Petróleo, Caucho, Plásticos, Medicamentos                        | 18.7%         | Quím. Petroq.          | U\$S 685,0 M          | 76.000           | CIQYP           |     | 250           |
|  |               | Petróleo (Extr.)       | U\$S 296,0 M          | 10.000           | CEPA            |     | 23            |
|  |               | Petróleo               | U\$S 296,0 M          | 45.000           | CIP             |     | 19            |
|  |               | Plásticos              | U\$S 21,3 M           | 33.000           | CAIP            |     | 1.082         |
|  |               | Caucho                 |                       | 10.500           | FAIC            | 7   | 427           |
|  |               | Pneumáticos            | U\$S 40,5 M           | 5.500            | CIN             |     | 4             |
|  |               | Medicamentos           | U\$S 45,0 M           | 22.000           | CAEME           |     | 39            |
|  |               | Medicamentos           |                       |                  | CILFA           |     | 72            |
|  |               | Higiene y Tocado       | U\$S 0,4 M            | 8.500            | CAPHYT          |     | 154           |
|  |               | Mat. Fotogr.           | U\$S 30,0 M           | 898              | CPMSF           |     | 9             |
| 6. Vidrio y Otros Minceles no Metálicos  | 4.2%          | Vidrio                 | U\$S 21,0 M           | 5.275            | CAPAVI          |     | 13            |
|  |               | Vidrio                 |                       | 3.950            | UDIVRA          |     | 19            |
|  |               | Cemento                |                       | 6.207            | APCP            |     | 7             |
|  |               | Refractarios           | U\$S 0,2 M            | 1.200            | ASOFAMAR        |     | 15            |
| 7. Ind. Básica Hierro/Acero y no Ferrosa   | 8.8%          | Acero                  | U\$S 971,0 M          | 28.890           | CIS             |     | 7             |
|  |               | Aluminio               | U\$S 200,8 M          | 13.050           | CAIAMA          |     | 120           |
| 8. Productos Metálicos, Maquinaria, Material de Transporte, Aparatos Eléctricos, Equipos | 19.4%         | Metalurgia             | U\$S 913,0 M          | 249.870          | ADIMRA          | 64  | 2.295         |
|  |               | Metalurgia             |                       | 60.000           | FIMAR           | 16  | 2470          |
|  |               | Metalurgia             | U\$S 10,0 M           | 30.000           | CAMIMA          |     | 1.081         |
|  |               | Artef. Hogar           | U\$S 100,0 M          | 20.400           | CIAH            |     | 54            |
|  |               | Aire Acond.            |                       | 6.000            | CAIRAA          |     | 106           |
|  |               | Maq. Herramienta       | U\$S 39,2 M           | 2.948            | AAFMHA          |     | 96            |
|  |               | Automotores            | U\$S 186,1 M          | 19.281           | ADEFA           |     | 6             |
|  |               | Tractores              | U\$S 1,7 M            | 5.190            | AFAT            |     | 4             |
|  |               | Electrónica            | U\$S 170,0 M          | 13.800           | CADIE           |     | 144           |
|  |               | Term. Electrónica      | U\$S 14,0 M           | 3.096            | APARTE          |     | 16            |
|  |               | Acumuladores           |                       | 1.547            | CAPAE           |     | 48            |
| 9. Otras Ind.  | 6.9%          | Juguetes               | U\$S 4,2 M            | 25.000           | CAJ             |     | 164           |
| Industria No Manufacturera   |               | Minería                | U\$S 82,0 M           | 15.500           | UMA             | 13  | 260           |
|  |               | Minería                |                       |                  | AAEM            | 4   | 140           |
| <b>TOTALES</b>   | <b>100 %</b>  |                        | <b>U\$S 7.423,8 M</b> | <b>1.121.028</b> |                 |     | <b>19.008</b> |

Fonte: Anuário UIA 1990

## II. A estrutura informal.

O MIA e o MIN não figuram nos estatutos da entidade, não obstante este fato, seus sócios devem cumprir com os estatutos internos dos movimentos que, basicamente, são análogos aos da UIA\*.

Com respeito à direção da *Unión Industrial Argentina*, o *Movimiento Industrial Argentino* (MIN) e o *Movimiento Industrial Nacional* (MIN), entre suas várias facetas propõem as listas de candidatos (às vezes separadas, outras consensuadas) a conformar as distintas instâncias da direção da instituição já enunciadas (Assembléias, Conselho Geral, Junta Diretiva, Comitê Executivo, Comitê de Enquadramento, Comissão Revisora de Contas).

Os Candidatos propostos, é claro, cumprem com os requisitos fixados nos estatutos da UIA para ter acesso aos distintos cargos. Estes são renovados (tal como foi indicado oportunamente), de acordo com os resultados das eleições que se levam a cabo na entidade<sup>10</sup>.

\* De acordo com os estatutos do MIN, por exemplo, são sócios ativos deste movimento as entidades grêmio-empresariais do setor industrial. As mesmas podem ser agrupamentos de empresas, câmaras, associações ou federações industriais.

Os sócios aderentes são as entidades grêmio-empresariais não industriais do *Movimiento Industrial Nacional*.

<sup>10</sup> Resumindo a informação correspondente às renovações de autoridades parciais ou totais desde 1992 até 1993 (nas primeiras, anos pares, se substitui a metade dos cargos da Junta Diretora e nas segundas, anos ímpares, se elegem os candidatos a integrar o Comitê Executivo e a Junta Diretora), pode-se apreciar que o MIA obteve a maioria desde 1982 até 1987. Em 1988 se alcança, pela primeira vez, o acordo para apresentar uma lista conjunta entre o MIA e o MIN para a renovação dos cargos da Junta Diretora e, em 1989, para as eleições do Comitê Executivo e Junta Diretora.

Em 1991, o MIA e o MIN não conseguem chegar a um acordo para apresentar uma lista conjunta. É quando então se impõe uma aliança constituída pelo MIN, o *Club de Exportadores* e uma desprendimento do MIA. Esta eleição pode ser interpretada como: um triunfo do MIN (já que a coalizão que integrava chegou pela primeira vez à presidência da entidade), a primeira derrota do MIA, ou ainda, como o triunfo de uma corrente do MIA sobre outra.

III. Protagonistas do universo empírico da investigação.  
Integrantes do MIA e do MIN.

Tendo em vista o explicado acima a respeito do estabelecido pelos estatutos da UIA, procurei apresentar os entrevistados observando a mesma ordem lógica contida nesta exposição.

Quadro 1.

Classificação de entrevistados de acordo com seu pertencimento ao MIN ou ao MIA

| NOMBRE                         | PERTENENCIA AL MIN | PERTENENCIA AL MIA |
|--------------------------------|--------------------|--------------------|
| <i>Federico B. Kingard</i>     | ✓                  |                    |
| <i>José L. Coll</i>            | ✓                  |                    |
| <i>Pedro Benejam</i>           | ✓                  |                    |
| <i>Luis M. Blaquier</i>        | ✓                  |                    |
| <i>Arnaldo Etchart</i>         | ✓                  |                    |
| <i>José Censabella</i>         | ✓                  |                    |
| <i>Claudio Sebastiani</i>      | ✓                  |                    |
| <i>Marcelo Diamand</i>         | ✓                  |                    |
| <i>Samuel Kait</i>             | ✓                  |                    |
| <i>Horacio Rieznick</i>        | ✓                  |                    |
| <i>Roberto Favelevic</i>       |                    | ✓                  |
| <i>Eduardo E. De La Fuente</i> |                    | ✓                  |

---

Em 1993, chega-se a uma nova lista de unidade na qual a aliança fica conformada entre o MIA, o MIN, o Club de Exportadores o que se chamou Club de Privatizadores.

|                           |  |   |
|---------------------------|--|---|
| Jorge Gaibisso            |  | ✓ |
| Patricio Zavalía<br>Lagos |  | ✓ |
| Martín B. Noel            |  | ✓ |
| Eduardo Braun<br>Cantilo  |  | ✓ |

#### Observações:

Entre os entrevistados, selecionei aqueles que dizem pertencer ou haver pertencido a algum dos dois movimentos.

Cabe esclarecer que a última das situações mencionadas é compartilhada por Martín B. Noel, Eduardo Braun Cantilo e Arnaldo Etchart no momento de realizadas as entrevistas correspondentes.

Consultei Martín B. Noel e Eduardo Braun Cantilo devido a seu papel de protagonistas em episódios nos quais se viu envolvida a UIA na década de 1970 e que detalho no Capítulo 4. Portanto, embora realize aqui a apresentação de ambos, os elementos que os mesmos trazem serão considerados para tal fim e não serão levados em conta na análise relativa ao MIA e ao MIN no presente.

Arnaldo Etchart, quem deixou de atuar na UIA em 1990, continuava influenciando na entidade, mesmo depois de seu afastamento.

Com respeito a Patricio Zavalía Lagos, quero observar que, embora o mesmo tenha feito parte do grupo que se separou do MIA para formar, em 1991, a aliança para fins eleitorais, que ficou conhecida, como "*Lista Unidad*", classifico-o como integrante do MIA para diferenciá-lo daqueles entrevistados que - como se verá no capítulo seguinte - não se consideram pertencentes nem a um nem a outro movimento.

**Fontes:** Elaboração própria com base em entrevistas que realizei com os membros e ex-membros da entidade. Mais detalhes sobre as entrevistas podem ser consultados adiante, neste mesmo capítulo.

**Quadro 2.**

Atuação dos entrevistados do MIN e do MIA em ambos os movimentos.

| NOMBRE                         | ACTUACION EN EL MIN                         | ACTUACION EN EL MIA |
|--------------------------------|---|---------------------|
| <i>Federico B. Kingard</i>     | Co-fundador/Ex Secretario General           |                     |
| <i>José L. Coll</i>            | Co-fundador/Integrante de su Mesa Directiva |                     |
| <i>Pedro Benejam</i>           | Co-fundador/Integrante de su Mesa Directiva |                     |
| <i>Luis M. Blaquier</i>        | Integrante de su Mesa Directiva             | Co-fundador         |
| <i>Arnaldo Etchart</i>         | Co-fundador/ Primer Secretario General      |                     |
| <i>José Censabella</i>         | Co-fundador/Ex Secretario General           |                     |
| <i>Claudio Sebastiani</i>      | Integrante de su Mesa Directiva             |                     |
| <i>Marcelo Diamand</i>         | Integrante de su Mesa Directiva             |                     |
| <i>Samuel Kait</i>             | Coordinador                                 | Co-fundador         |
| <i>Horacio Rieznick</i>        | Integrante del Movimiento                   |                     |
| <i>Roberto Favelevic</i>       |   | Co-fundador         |
| <i>Eduardo E. De la Fuente</i> |   | Co-fundador         |
| <i>Jorge Gaibisso</i>          |   | Coordinador         |
| <i>Patricio Zavalía Lagos</i>  |   | Co-fundador         |
| <i>Martín B. Noel</i>          |   | Co-fundador         |

|                          |  |             |
|--------------------------|--|-------------|
| Eduardo Braun<br>Cantilo |  | Co-fundador |
|--------------------------|--|-------------|

**Observações:**

Os integrantes do MIN que não participaram na fundação deste movimento, ocorrida a 24 de novembro de 1982, foram incorporados ao mesmo posteriormente.

Federico B. Kingard, Arnaldo Etchart e José Censabella foram eleitos para ocupar o cargo máximo na direção do MIN, o de Secretário Geral.

É interessante notar, entre os entrevistados do MIN, que dois de seus membros, Luis M. Blaquier e Samuel Kait, participaram também da fundação do MIA. Invertendo o ângulo do olhar, poder-se-ia dizer que membros do MIA contribuíram para a fundação do MIN, observação que será retomada no final do capítulo.

**Nota:** Como veremos com mais detalhes no Capítulo 4, na fundação do MIN, confluíram dois movimentos: o *Movimiento de Empresarios del Interior* (MEDI) e o *Movimiento Unificado del Interior* (MUI). Federico B. Kingard, José L. Coll e Pedro Benejam participaram na conformação do primeiro, enquanto que José Censabella e Samuel kait, do segundo.

**Fontes:** Elaboração própria com base em entrevistas.

**Quadro 3.**

Entidades de segundo grau regionais e setoriais que os entrevistados do MIN e do MIA representam no governo da UIA.

| NOMBRE                     | REPRESENTACION REGIONAL                                    | REPRESENTACION SECTORIAL   |
|----------------------------|--|--|
| <i>Federico B. Kingard</i> | Unión Industrial de Jujuy                                  |  |
| <i>José L. Coll</i>        | Unión Industrial de Misiones                               |  |
| <i>Pedro Benejam</i>       |  | Unión Industrial Cárnica Argentina (UNICA)                         |
| <i>Luis M. Blaquier</i>    | Unión Industrial de Jujuy                                  |  |
| <i>Arnaldo Etchart</i>     | Unión Industrial de Salta (Fundador/ Ex Presidente)        |  |
| <i>José Censabella</i>     | Asociación de Industriales de la Provincia de Santa Fe     |  |
| <i>Claudio Sebastiani</i>  | Asociación de Industriales de la Provincia de Buenos Aires |  |
| <i>Marcelo Diamand</i>     |  | Cámara Argentina de Industrias Electrónicas (CADIE)                |
| <i>Samuel Kait</i>         |  | Asociación de Industriales Metalúrgicos de Rosario (Ex integrante) |
| <i>Horacio Rieznick</i>    | No representa regiones                                     | No representa sectores   |
| <i>Roberto Favelevic</i>   |  | Federación de Industrias Textiles Argentinas (FITA)                |

|                         |  |   |
|-------------------------|--|---|
| Eduardo E. De la Fuente |  | Asociación de Industriales Metalúrgicos de la República Argentina (ADIMRA). (Ex Presidente) |
| Jorge Gaibisso          |  | Cámara de la Industria Química y Petroquímica (CIQYP). (Ex Presidente)                      |
| Patricio Zavalía Lagos  |  | Federación de Industrias Textiles Argentinas (FITA)   |
| Martín B. Noel          |  | Coordinadora de las Industrias de Productos Alimenticios (COPAL). (Ex integrante)           |
| Eduardo Braun Cantilo   |  | Asociación de Industriales Metalúrgicos de la República Argentina (ADIMRA). (Ex Presidente) |

**Observações:** Os entrevistados do MIN são, majoritariamente, representantes territoriais, enquanto que os do MIA, setoriais. Nesse sentido, o quadro apresenta características analógicas às atribuídas ao MIA e ao MIN: o primeiro é identificado com os setores e o segundo com os territórios.

Embora se afirme que o MIN representa o interior do país, e o MIA os setores, formalmente ambos os movimentos devem apresentar em suas chapas para eleições, candidatos territoriais e setoriais. Na realidade, como veremos no capítulo seguinte, o tema a respeito do setorial e territorial pode ser melhor compreendido analisando as crenças dos membros de ambos os movimentos.

No que diz respeito aos setores, entre os entrevistados predominam o metalúrgico, o têxtil, o de alimentação e o químico e petroquímico. Estes setores constituem os mais importantes em termos de representatividade (somados são responsáveis por 75% do Produto Bruto Industrial, enquanto que dão ocupação a mais da metade do pessoal empregado na indústria, umas 600.000 pessoas)<sup>11</sup>.

As entidades de segundo grau correspondentes aos setores anteriormente citados, a saber: *A Asociación de Industriales*

<sup>11</sup> Os dados mencionados são os últimos que - segundo meu conhecimento - a UIA publicou. Foram extraídos do *Anuario de la Unión Industrial Argentina*, 1990, pág. 32.

*Metalúrgicos de la República Argentina (ADIMRA); a Federación de Industrias Textiles Argentinas (FITA); a Coordinadora de las Industrias de Productos Alimenticios (COPAL) e a Cámara de Industria Química y Petroquímica (CIQPY), têm uma representatividade em seu setor de 25%, 85%, 86,4% e 95% respectivamente<sup>12</sup>. É importante destacar que nos quatro casos em questão, as fábricas industriais se localizam, em uma alta porcentagem, na Capital Federal, Grande Buenos Aires e no resto da Província de Buenos Aires.*

No que se refere aos territórios, as entidades pertencentes às províncias de Salta, Jujuy, Misiones correspondem a regiões marginalizadas em termos econômicos, enquanto que Buenos Aires e Santa Fe, por exemplo, gozam de maior prosperidade relativa.

**Fontes:** Entrevistas com integrantes do MIA e do MIN, bem como documentos citados.

---

<sup>12</sup> De acordo com os resultados de uma investigação a cargo de P. Alvarez Cornillón, encomendada pela UIA. *Anuario de la UIA*, 1990.

**Quadro 4.**

Cargos que os entrevistados do MIN e do MIA exerceram na direção da UIA.

| NOMBRE                         | CARGO ACTUAL EN UIA (1)*                                  |
|--------------------------------|---|
| <i>Federico B. Kingard</i>     | Junta Directiva   |
| <i>José L. Coll</i>            | Junta Directiva   |
| <i>Pedro Benejam</i>           | Junta Directiva   |
| <i>Luis M. Blaquier</i>        | Junta Directiva. Presidente del Departamento de Educación |
| <i>Arnaldo Etchart</i>         | Comité Ejecutivo (Ex. integrante)                         |
| <i>José Censabella</i>         | Junta Directiva   |
| <i>Claudio Sebastiani</i>      | Comité Ejecutivo  |
| <i>Marcelo Diamand</i>         | Junta Directiva. Presidente del Consejo Académico         |
| <i>Samuel Kait</i>             | Comité de Encuadramiento                                  |
| <i>Horacio Rieznick</i>        | Presidente de la Comisión de Política Industrial          |
| <i>Roberto Favelevic</i>       | Presidente de FITA (socio plenario de UIA)                |
| <i>Eduardo E. De la Fuente</i> | Consejo Asesor de Presidencia de la UIA (2)*              |
| <i>Jorge Gaibisso</i>          | Presidente de la Comisión Mercosur                        |
| <i>Patricio Zavalía Lagos</i>  | Comité Ejecutivo  |
| <i>Martín B. Noel</i>          | Ex integrante del Consejo Directivo (3)*                  |
| <i>Eduardo Braun Cantilo</i>   | Ex integrante del Consejo Directivo (4)*                  |

**Notas:**

(1)\*: Atual refere-se ao que ocupava o entrevistado no momento de conceder a entrevista. Neste caso, dos ex-integrantes, selecionei o cargo mais importante entre os exercidos pelo entrevistado, seguindo o critério nativo, e ao que fizera referência acima.

(2)\*: Título honorário.

(3)\* e (4)\*: Elaboração própria baseada em entrevistas e documentos oficiais da UIA.

**Quadro 5.**

Entrevistados do MIN e do MIA de acordo com os cargos salientes anteriores ao momento da entrevista.

| NOMBRE                     | CARGOS SALIENTES ANTERIORES                                   |
|----------------------------|---|
| <i>Federico B. Kingard</i> | Junta Directiva (1983-88 y 93)/Comité Ejecutivo (89-92)       |
| <i>José L. Coll</i>        | Comité Ejecutivo (1981-82)/Junta Directiva (83-93)            |
| <i>Pedro Benejam</i>       | Junta Directiva (1981-86 y 89-93)                             |
| <i>Luis M. Blaquier</i>    | Comité Ejecutivo (1981-86)/Junta Directiva (87-93)            |
| <i>Arnaldo Etchart</i>     | Comité Ejecutivo (1983-90)                                    |
| <i>José Censabella</i>     | Junta Directiva (1981-93)                                     |
| <i>Claudio Sebastiani</i>  | Junta Directiva (1986 y 91-92)/ Comité Ejecutivo (87-90 y 93) |
| <i>Marcelo Diamand</i>     | Junta Directiva   |
| <i>Samuel Kait</i>         | Comité de Encuadramiento                                      |
| <i>Horacio Rieznick</i>    | Departamento de Política Industrial                           |

|                                |   |
|--------------------------------|---|
| <i>Roberto Favelevic</i>       | Miembro de las Comisiones de Planeamiento Económico y de Defensa y Promoción Industrial del Departamento de Economía de la UIA (1962)/ Secretario de la Comisión de Planeamiento Económico (1964)/ Presidente de la Comisión de Planeamiento Económico y Secretario del Departamento de Economía de la UIA (1967)/ Vicepresidente del Departamento de Economía de la UIA (1969)/ Vicepresidente de la UIA y Presidente del Departamento de Economía de la entidad (1972)/ Presidente de la UIA (1983-85 y 85-87)/ Vicepresidente segundo de la UIA y presidente del Departamento de Economía de la UIA. |
| <i>Eduardo E. De la Fuente</i> | Consejo General (1981-82) y (1990)/ Junta Directiva (1983-85)/Comité Ejecutivo (1986/89) Presidente de la UIA (1987-89)   |
| <i>Jorge Gaibisso</i>          | Comité Ejecutivo (1987-90)  |
| <i>Patricio Zavalía Lagos</i>  | Colaborador en el Departamento de Política Social (1957)/Comité Directivo de UIA (1970-76)  |
| <i>Martín B. Noel</i>          | Consejo Directivo (1961-74)/Secretario de la UIA e integrante de la comisión directiva de la Confederación General Económica (CGE) (1974-76)  |
| <i>Eduardo Braun Cantilo</i>   | Vicepresidente Primero de UIA (1974-76)   |

**Observações:**

Alguns integrantes do MIA exibem uma prolongada trajetória na UIA que, em alguns casos, supera os trinta anos, quando o MIA ainda não estava constituído. Os membros do MIN, por outro lado, ingressaram na entidade com a possibilidade de ocupar cargos na mesma, em princípios da década de 1980. Anteriormente, muitos deles exerceram importantes funções em organizações grêmio-empresariais, porém fora do âmbito da UIA. Tais são os casos de José L. Coll, ex-Presidente da *Confederación Económica de Misiones* e diretor da *Confederación General de la Industria* (CGI); Pedro B. Benejam, ex-Secretário geral da *Federación Económica de Tucumán* (década de 1970) e presidente da mesma até 1983; Marcelo Diamand, ex-membro da Junta Diretora da *Confederación Industrial Argentina* (CINA) na década de 1970.

**Fontes:** Elaboração própria baseada em entrevistas e documentos oficiais da UIA, do MIA e do MIN.

Os membros do MIA e do MIN, que no momento da entrevista integravam os corpos de direção da UIA, exerciam tal tarefa enquanto representantes regionais e setoriais. Para isto, previamente desenvolviam uma atividade empresarial privada tal como se explicita a seguir.

**Quadro 6.**

Entrevistado do MIN e do MIA em função da empresa à qual pertence, ao cargo que nela exerce e do vínculo com o tipo de relação com a propriedade da mesma.

| NOMBRE                         | EMPRESA   | CARGO          | PROPIETARIO O FUNCIONARIO |
|--------------------------------|---|----------------|---------------------------|
| <i>Federico B. Kingard</i>     | Celulosa Jujuy S.A.                               | Presidente     | Propietario               |
| <i>José L. Coll</i>            | Compañía Misionera de Construcciones              | Presidente     | Propietario               |
| <i>Pedro Benejam</i>           | Frigorífico Industrial del Norte S.A.             | Director       | Propietario               |
| <i>Luis M. Blaquier</i>        | Ledesma S.A.                                      | Director       | Propietario               |
| <i>Arnaldo Etchart</i>         | Arnaldo Etchart S.A.                              | Presidente     | Propietario               |
| <i>José Censabella</i>         | Sipar Laminación de Aceros S.A.                   | Presidente     | Propietario               |
| <i>Claudio Sebastiani</i>      | GIATYBAT  | Presidente     | Propietario               |
| <i>Marcelo Diamand</i>         | Tonomac S.A.                                      | Presidente     | Propietario               |
| <i>Samuel Kait</i>             | Carece de empresa en la actualidad                |                |                           |
| <i>Horacio Rieznick</i>        | Alpargatas S.A. (ex integrante)                   | Ex Funcionario | Ex Funcionario            |
| <i>Roberto Favelevic</i>       | Gotuzzo S.A.                                      | Presidente     | Propietario               |
| <i>Eduardo E. De la Fuente</i> | Kaiser Aluminio (ex integrante)                   | Ex Funcionario | Ex Funcionario            |
| <i>Jorge Gaibisso</i>          | Atanor S.A. (Grupo Bunge & Born), (ex integrante) | Ex Funcionario | Ex Funcionario            |
| <i>Patricio Zavalía Lagos</i>  | Alpargatas S.A.I.C.                               | Presidente     | Propietario               |
| <i>Martín B. Noel</i>          | Noel S.A. (ex integrante)                         | Ex Presidente  | Ex Propietario            |
| <i>Eduardo Braun Cantilo</i>   | Astarsa S.A.                                      | Presidente     | Propietario               |

**Observação:** Os membros do MIN entrevistados são, em sua maioria, proprietários de suas empresas, enquanto que no MIA há proprietários e funcionários.

**Fontes:** Elaboração própria baseada em entrevistas e documentos oficiais da UIA.

A seguir, completarei a informação anterior no que diz respeito à atividade empresária privada dos entrevistados, com base em entrevistas por mim realizadas e uma série de documentos oficiais da UIA, e do MIN.

#### 1. Os do MIN.

##### **Federico Bertil Kingard.**

Nasceu em Ledesma, uma localidade da província de Jujuy, no norte argentino.

Seu avô materno e seu pai foram administradores do engenho homônimo (de propriedade da família Blaquier<sup>13</sup>) entre 1918 e 1920, acumulando, assim, uma experiência que transmitiram a Federico B. Kingard quem, desde pequeno - recorda - criou-se com as engrenagens e brincava entre as máquinas do engenho produtor de açúcar, papel e álcool.

Em 1954 completou seus estudos de engenharia industrial e em 1960 fundou "*Celulosa Jujuy S.A.*", empresa dedicada à produção de papel, vislumbrando uma possível transformação do país durante a presidência de Arturo Frondizi, período que, na Argentina, é conhecido como "*desarrollismo*".

No tempo em que concedeu-me a entrevista, a 14 de julho de 1993, no escritório de sua empresa na Capital Federal, "*Celulosa Jujuy S.A.*", uma PYME ("*Pequeña y Mediana*

---

<sup>13</sup> Ver páginas seguintes.

*Empresa*"), encontrava-se em Concordata, devido às conseqüências da abertura econômica que adquiriu um grande impulso durante a presidência de Carlos S. Menem.

#### **José Luis Coll.**

Nascido na Capital Federal, em 1936, adotou para radicar-se, definitivamente, a província setentrional de Misiones.

Entevistei o engenheiro José L. Coll em sua residência particular, na Capital Federal, a 27 de outubro de 1993.

Seu avô paterno era um imigrante catalão que iniciou carreira como pedreiro para chegar a desempenhar-se, posteriormente, como construtor de obras pequenas em Buenos Aires. De seu pai herdou "*Compañía Misionera de Construcciones S. A.*", empresa à qual qualifica de "*mediana*" e que, como seu nome indica, dedica-se à construção civil.

Desde os 15 anos começou a atuar na política no *Movimiento de Integración y Desarrollo* (MID)<sup>14</sup>.

#### **Pedro B. Benejam.**

Seu pai, um industrial oriundo de Barcelona que tinha uma fábrica de produtos para sanatório, escolheu por destino a Argentina quando seu estabelecimento na Espanha foi incendiado. Decidiu radicar-se na província setentrional de

---

<sup>14</sup> Fundado por Arturo Frondizi, como cisão do Partido Radical. A outra figura destacada do MID é Rogelio Frigerio. Foi caracterizado como um partido industrialista, devido à importância que lhe foi outorgado no desenvolvimento industrial. Na atualidade, conta com escasso poder eleitoral.

Tucumán, onde havia sido enviado como administrador de uma companhia de telefones. Seu avô materno era oficial da Guarda Civil espanhola.

Pedro B. Benejam, Contador Público Nacional, vinculado à industrialização das carnes bovinas e suínas, é sócio majoritário e Diretor Gerente de "*Frigorífico Industrial Del Norte S. A.*", em Tucumán. Iniciou-se, nessa atividade na década de 1960, às expensas de seu sogro, quem estava vinculado à indústria da carne.

Define sua empresa como uma PYMI ("*Pequeña y Mediana Industria*") que abarca todo o espectro industrial desde a compra do gado vivo até sua industrialização para alcançar os mercados de Tucumán, Salta e Jujuy.

Entrevistei Pedro Benejam a 28 de outubro de 1993, no restaurante do Hotel Conquistador da Capital Federal.

#### **Luis María Blaquier.**

Entrevistei o engenheiro industrial Luis María Blaquier, gerente técnico e de campo, membro do Diretório e importante acionista do Engenho e Refinaria Ledesma S.A., a 17 de janeiro de 1994, em seu escritório de Ledesma S.A., na Capital Federal.

Junto com seu irmão Carlos Pedro Blaquier, Luis María é proprietário do antiquíssimo engenho Ledesma.

O mesmo foi fundado sobre uma propriedade de uma *Merced Real*<sup>1º</sup>, que, por herança, acabou pertencendo, no século XIX,

<sup>1º</sup> Espécie de concessão doada pela Coroa Espanhola (N.T.).

aos "Ovejero", uma família muito bem conhecida em Salta e Jujuy. Devido a sérios problemas econômicos como consequência da crise provocada pela Primeira Guerra Mundial, em 1914, os Ovejero solicitaram um empréstimo ao senhor Enrique Vollman. Nunca o puderam pagar.

Finalmente, Vollman apropriou-se do engenho, o qual comprou com objetivo de revender. Posteriormente, devido à valorização do preço do açúcar, no período pós-guerra, decidiu conservá-lo.

Uma das filhas de Vollman casou-se com Herminio Arrieta, um engenheiro contratado por seu pai na década de 1929, que imprimiu ao engenho um impulso formidável, tecnificando-o.

Herminio Arrieta, político importante de Jujuy, Senador Nacional, dirigente do Partido Conservador e rival dentro deste partido político dos também açucareiros Patrón Costa, substituiu Enrique Vollman como presidente da empresa.

Sua única filha, Nelly Arrieta, que cumpre atualmente um papel destacado na *Asociación de Amigos del Museo De Bellas Artes* da Capital Federal, contraiu matrimônio com Carlos Pedro Blaquier, que provinha de uma importante família de proprietários de terras da província de Buenos Aires.

Carlos Pedro terminou a fábrica de papel de Ledesma, integrando-a dessa forma, à produção açucareira.

Na década de 1969, adquiriu, de um provedor de cana de açúcar de Ledesma, a legendária propriedade Calilegua em Jujuy, grande produtora de frutas e, atualmente, dedicada à

exportação. A totalidade da cana de açúcar que Ledesma processa lhe pertence, à diferença do que ocorre nos engenhos de Tucumán, providos por mais de 10.000 produtores de cana independentes.

#### **Arnaldo Etchart.**

Arnaldo Etchart nasceu em Cafayete, Salta, em 1938.

Em 1939, seus pais, Don Arnaldo Etchart e Dona Carmen Rosa Ulivarri de Etchart, iniciavam a segunda etapa da Vinícola, fundada em 1850 por Don Flavio Niño y Plazaola e sua mulher, Dona Ramona Borja Ahumada, e que nosso entrevistado herdaria por parte de sua família materna.

Formado em San Juan, enólogo de profissão, é no ano de 1992 que funde a pequena Vinícola, perdida no imenso e majestoso Valle Calchaquí, com a *Cussenier Argentina S.A.*, filial do grupo francês *Pernod Ricard*, para iniciar a terceira etapa de claro viés exportador.

Entrevistei Arnaldo Etchart em duas oportunidades, nos dias 11 e 12 de janeiro de 1994, em seu escritório da Capital Federal.

#### **José Censabella.**

Nasceu em Santa Fe, provincia do litoral argentino, em 1923.

Seu pai era comerciante e sua mãe presidente de uma comissão de senhoras benfeitoras do hospital de um povoado de Rosario.

Formado como Contador Público Nacional, trabalhou na delegação de *Yacimientos Petrolíferos Fiscales* em Rosario e, posteriormente, foi incorporado a uma empresa construtora, a qual chegou a ter mais de 750 operários.

Entrevistei José Censabella, fundador e presidente das empresas SIPAR<sup>16</sup>, BULOPAR e ROSAMAR S.A., quase todas elas do setor sidero-metalúrgico, em duas oportunidades, a 21 e a 28 de julho de 1993, no *Centro de Laminadores de Acero* (CLIMA) na Capital Federal, o qual ele preside. Um retrato do General Manuel Savio<sup>17</sup> decorava a sala em que transcorreu a entrevista.

Como muitos homens do MIN, Censabella atuou na política. Sua amizade com Arturo Frondizi junto a suas qualidades pessoais, levaram-no a exercer as funções de Diretor do *Banco Central de la Republica Argentina*. Também foi Diretor do *Banco Provincial de Santa Fe* e criador e organizador do *Banco Santafesino de Inversión e Desenvolvimento*.

Foi eleito Conselheiro Titular do *Concejo Deliberante de Rosario* em duas oportunidades, sendo interrompido em seu segundo mandato, devido ao golpe militar em 1966.

<sup>16</sup> Fundada por Censabella junto com alguns sócios em 1957, SIPAR é uma empresa não familiar que - de acordo com o entrevistado - "se mantuvo independiente de las concentraciones monopólicas; vende entre 40 y 50 millones de dólares al año, da ocupación a 400 obreros y nunca se presentó en convocatoria de acreedores".

<sup>17</sup> Manuel Savio foi um general do Exército argentino que deu um impulso decisivo ao projeto de criação de uma indústria siderúrgica nacional. Foi o primeiro Diretor Geral de *Fabricaciones Militares*, criada pelo Exército em 1941, e sua pretensão foi a de basear a independência siderúrgica do país na utilização de metais localizados no solo argentino. Fez parte de um grupo militar nacionalista, industrialista e defensor do patrimônio nacional, entre os quais se encontrava Enrique Mosconi, grande impulsor de "Yacimientos Petrolíferos Fiscales" (YPF).

**Claudio Sebastiani.**

Por seu lado materno pertence à terceira geração de industriais têxteis. Seu avô, de nacionalidade italiana, radicou-se junto com seu sócio em um povoado da Provincia de Buenos Aires, em 1935.

Na década de 1960 tinha uma empresa que qualifica de "mediana", com 400 operários e que operava na Bolsa.

Como muitos outros integrantes do MIN, movimento ao qual foi incorporado pouco depois de sua fundação, na entrevista que me concedeu a 28 de outubro de 1993, no escritório da *Asociación de Industriales de la Provincia de Buenos Aires* (ADIBA), a qual preside, afirmou que, devido à política econômica instrumentada pelo então Ministro da Economia, José Alfredo Martínez de Hoz, a partir de 1976, sua empresa diminuiu e atualmente emprega tão somente vinte pessoas.

Afiliado ao *Movimiento de Integración y Desarrollo* (MID), Sebastiani é atualmente deputado nacional pelo Partido Justicialista.

**Marcelo Diamand.**

Nasceu em 1928, e chegou a Buenos Aires proveniente da Polônia, depois da Segunda Guerra Mundial.

Marcelo Diamand é engenheiro de Telecomunicações e empresário do setor eletrônico, dedicado há mais de vinte anos ao estudo e análise da problemática econômica e tecnológica dos países exportadores primários em processo de

industrialização e à elaboração de instrumentos de política aplicáveis a eles.

Professor universitário, exerceu a função nas cátedras da Argentina e dos Estados Unidos; é autor do livro Doctrinas Económicas, de umas cinquenta publicações e mais de 150 artigos.

Na entrevista que me concedeu a 16 de outubro de 1992, em um escritório da UIA cheio de informes econômicos, comentou-me que começou sua atividade profissional como industrial de "garage"<sup>18</sup>, com outras três pessoas. Desenhou o primeiro aparelho a transistores da América Latina.

*"La industria del 'garage', término muy usado en los Estados Unidos se caracteriza porque una persona encuentra algo para hacer y no planea nada, agarra el garage de su casa, saca el automovil afuera y se pone a fabricar algo. Después crece, de a pedacitos"<sup>19</sup>.*

Na época de José Alfredo Martínez de Hoz - segundo comenta - a curva ascendente que havia registrado sua fábrica Tonomac S.A., da qual é fundador, interrompeu após seu apogeu na década de 70.

Deixou de produzir rádio transistores para se dedicar à fabricação de televisores com tecnologia própria, constituindo-se assim em um caso de exceção, junto com outros

---

<sup>18</sup> "Oficina mecânica", N.T.

<sup>19</sup> Marcelo Diamond. Entrevista.

empresários das firmas "Ranser" e "Noblex", os três "ex-garagistas".

Atualmente, sua estratégia empresarial adquire, como ele mesmo sugere, um perfil baixo, o que traduzido, significa: "subsistir", de que maneira?

- "Bueno, durante Martínez de Hoz lo hice importando, abandonando las radios, haciendo importación de radiograbadores y adoptando la línea de televisores. pero 'me corrieron' con Tierra del Fuego (zona franca), con la desgravación (impositiva). ...Yo podría haber ido a Tierra del Fuego, pero primero, no creía que iba a durar, porque era totalmente irracional, y segundo, significaba desarmar toda mi fábrica basada en tecnología nacional, con diseño propio. Tomé la decisión de quedarme y achicarme"<sup>20</sup>.

**Samuel Kait.**

No momento da primeira das entrevista que me concedeu em seu gabinete da UIA, a 15 de junho de 1993, tinha 71 anos.

Um retrato de Carlos Pellegrini<sup>21</sup>, o "creador de la mística industrial nacional" - explica Kait - enfeitava seu escritório.

Posteriormente, eu lhe faria uma segunda entrevista na sede do MIN, localizada nos escritórios da *Asociación de Industriales Textiles Argentinos* (ADITA), ambos os casos na Capital Federal.

No fluir da entrevista que lhe fiz, afirmou com uma ponta de ironia que, graças à política de José Alfredo

<sup>20</sup> Marcelo Diamand. Entrevista.

<sup>21</sup> Ver capítulo 5.

Martínez de Hoz, sua empresa, instalada em Rosário e na qual havia feito fortes investimentos, teve que apresentar-se em Concordata quando não podia mais suportar a pressão do ajuste dos créditos, ao que se somou a abertura da economia com a conseqüente "invasión" de máquinas soldadoras elétricas, ferramentas que coincidia com sua linha de produção.

Esse episódio (datado em fins da década de 70) junto a problemas de saúde, obrigaram-no a se afastar de sua fábrica porém, nem por isso de uma profusa atividade grêmio-empresarial que tinha iniciado nos anos de 1956-7, na antiga *Cámara del Metal Estampado*. Foi Secretário, durante três gestões, da *Cámara de Fabricantes de Máquinas Herramientas* e o autor de uma história da indústria de máquinas-ferramentas. Integrou também os comitês organizadores da feira da máquina-ferramenta argentina, nas décadas de 60 e 70.

#### **Horacio R. Rieznik.**

Nasceu em 1932 e desde 1971 é Gerente de Projetos da fábrica têxtil Alpargatas S.A., cargo do qual se aposentou poucos meses antes de realizada a entrevista que me concedera a 21 de maio de 1993.

É engenheiro industrial e colaborou em cargos públicos como Assessor de Gabinete do Ministério da Indústria e Mineração.

Há até bem pouco tempo atrás, foi chefe do Gabinete de Assesores da Secretaria da Indústria.

Foi Diretor de numerosas Sociedades Anônimas, entre elas, Dataprocesso (Processamento de Dados), Bellman (lâmpadas elétricas), e Fadeco (Conservadora de peixe).

É autor de Bases para un proyecto político de la Generación de 1980 e de Una política Industrial para la Argentina, em caráter de colaborador. É um ativo membro do Movimiento de Integración y Desarrollo (MID).

2. Os do MIA.

**Roberto Favelevic.**

Seu pai, um comerciante importador de têxteis, emigrou da atual Rússia, quando estava governada pelo Partido Comunista, instalando-se na Itália, país no qual Roberto Favelevic nasceu em 1931.

Seu avô materno foi um importante diretor de um grupo industrial italiano "Montecatini", do setor químico.

Em 1939, no começo da Segunda Guerra Mundial, sua família decidiu radicar-se na Argentina, mais precisamente em Buenos Aires, cidade em que seu pai comprou Gotuzzo S.A., indústria têxtil, especializada em encordamentos e fiação, que produzia cordas de fibras naturais. Corria o ano de 1940.

Roberto Favelevic preside a empresa familiar à qual qualifica de "*pequeña*" (emprega 50 pessoas) e na qual trabalha desde 1956, ano em que terminou seus estudos. É Doutor em Ciências Químicas da Universidade de Buenos Aires e mestre em Engenharia Industrial pela Universidade de Standford, Califórnia.

Em um par de entrevistas que este amante do jazz me concedeu nos dias 8 e 10 de junho de 1993, em seu gabinete da *Federación de Industrias Textiles Argentinas* (FITA), entidade que preside, Favelevic recordava desta maneira as circunstâncias que o levaram a participar da UIA:

- "Cuando regresé de Stanford en 1957 y luego de dedicarme durante 5 años a incorporar tecnología en Gotuzzo S.A., mi padre me dijo: 'Hay tres formas de perder dinero; la más entretenida es con las mujeres; la más apasionante es con el juego y la más segura, con los ingenieros. No quiero más inversión, andá a la Unión Industrial'".

Corria o ano de 1962 e presidia a entidade Juan Martín Oneto Gaona.

#### **Eduardo Evaristo de la Fuente.**

Nasceu em Coronel Bogado, um povoado da província de Santa Fe, próximo a Rosario, em 1917. Seu pai era espanhol e possuía um armazém de ramos gerais.

Foi militante estudantil (define-se como "reformistas"<sup>22</sup> e "antifacista") na *Universidad Nacional del Litoral*

---

<sup>22</sup> Em referência à "Reforma Universitária", movimento estudantil iniciado em Córdoba, em 1918 e que contou com o apoio da classe operária desta província argentina.

Entre as figuras que simpatizaram com este movimento encontravam-se: Juan B. Justo e Alfredo Palacios, destacados políticos do Partido Socialista; José Ingenieros, importante ensaísta argentino e Hipólito Yrigoyen, radical, presidente da Argentina por duas vezes, entre 1916 e 1922 e de 1928 a 1939, ano em que é derrotado pelo General Uriburu dando assim início a um ciclo de cinquenta anos de golpes militares na Argentina.

Os integrantes da "Reforma Universitária" perseguiram, entre outros objetivos, o de lograr a participação de estudantes e graduados na administração da universidade, modernizar o ensino e melhorar os vínculos entre as casas de estudo e a comunidade.

O acontecimento teve grande influência em outros movimentos da América Latina.

(Rosario) onde formou-se Doutor em Ciências Econômicas e Contador Público Nacional.

Na entrevista que com ele fiz a 12 de novembro de 1992, em um dos salões da UIA, no 11º andar, Eduardo E. De la Fuente, de ampla trajetória no movimento grêmio-empresarial, começou relatando-me seus próprios anos de atividade profissional.

Começou trabalhando na *Empresa Municipal Mixta de Transporte* de Rosario (1936-46), e no ano de 1946 foi convidado por um destacado professor de Estatística de sua faculdade para integrar sua equipe, em um novo posto no *Consejo Nacional de Estadísticas y Censos* na Capital Federal.

Devido a desentendimentos com o então presidente Juan Domingo Perón, a equipe teve que renunciar e Eduardo de la Fuente se viu obrigado a buscar imediatamente um novo emprego, em uma cidade que não era a sua. Assim, dedicou-se por um tempo a vender madeira que seu sogro lhe enviava como atacadista, desde Rosario.

Ainda que assegure que nunca foi afiliado "*desarrollista*", exerceu diversos cargos durante o governo de Arturo Frondizi: foi membro da *Comisión Honoraria*, encarregada do estudo do regime das Sociedades de Investimento, e Secretário Geral da *Comisión Asesora de Inversiones Extranjeras* (1958/59). Quando esta última comissão passou a depender do Ministério da Economia, sob a responsabilidade do liberal Alvaro Alsogaray, De la Fuente apresentou sua renúncia.

Com a intenção de retê-lo em seu governo, Frondizi o nomeia Diretor de Assessoria da Secretaria Geral da Presidência da Nação (1959/61). Posteriormente, foi Sub-Secretário de Economia da Nação durante a gestão do Ministro de Economia Roberto Alemann, de 1961 a 1962.

Após sua passagem pela função pública, regressou à atividade privada onde começou a trabalhar como assessor de Kaiser Alumínio S.A., empresa na qual desde 1962 ocupou diversos cargos até converter-se em seu presidente, cargo do qual se afasta em 1983.

Kaiser era uma das grandes empresas norte-americanas originalmente dedicada à produção de cimento e à construção, durante a guerra começou a produzir barcos e imediatamente depois começou a fabricar automóveis. Na Argentina, instalou-se em Córdoba, com a fábrica de automóveis IKA (atualmente é a Renault)<sup>23</sup>.

Foi paralelamente a seu desempenho na Kaiser que De la Fuente começou a atuar na *Cámara Metalúrgica de Metales No Ferrosos*, entidade que agrupa os processadores de alumínio, cobre e fabricantes de condutores elétricos que integra a *Asociación de Industriales Metalúrgicos de la República Argentina* (ADIMRA).

### **Jorge Gaibisso.**

---

<sup>23</sup> Seguindo uma política de desfazer-se de fábricas que tinha no exterior para concentrar-se nos Estados Unidos, Kaiser vendeu a fábrica da Argentina a um grupo de advogados que assessoravam a empresa. Posteriormente passa às mãos de Aluar, na época em que De la Fuente deixa de ser presidente da Kaiser.

Em uma entrevista que com ele realizei a 30 de abril de 1993, na sede da *Unión Industrial de la Provincia de Buenos Aires* (UIPBA), onde funciona o *Movimiento Industrial Argentino*, a poucas quadras do edifício da UIA, o atual Presidente da *Comisión Mercosur* do Departamento de Comércio daquela entidade fabril, se apresentou com uma vida empresarial ligada especialmente à indústria química.

Chegou a ser presidente da Câmara da Indústria Química e Petroquímica durante dois períodos, perfazendo um total de quatro anos, a partir de 1986; foi Gerente Geral e Diretor de Atanor (do Grupo Bunge & Born) e Petroquímica Río Tercero.

Atualmente, aposentado, é o coordenador do *Movimiento Industrial Argentino*.

#### **Patricio Zavalía Lagos.**

Como tudo o fazia prever, devido à trajetória de seu pai, seu avô, se tataravô, e o pai deste, Patricio Zavalía Lagos se formou em direito em 1955.

Seu tataravô, além de advogado e homem político, havia sido proprietário de um engenho açucareiro em Tucumán.

O bisavô de Zavalía Lagos foi diretor da Estrada de Ferro inglesa "*Buenos Aires al Pacífico*", enquanto que o avô e o pai desempenharam tarefas similares na Estrada de Ferro do Pacífico até 1949, ano em que as Estradas de Ferro foram compradas pelo governo argentino.

Entrevistei Patricio Zavalía Lagos, diretor e acionista da empresa Alpargatas S.A., instalada na Argentina no ano de

1884, a 4 de outubro de 1993, em seu escritório da fábrica têxtil na Capital Federal.

Um dos quadros que decoram as paredes de seu escritório ilustra com grande beleza a tradição do produto que dá nome à empresa. Segundo a interpretação do entrevistado, a colorida tela exibia um grupo de avôs ensinando a seus netos os segredos da confecção das alpargatas, calçado típico, igual às boinas que cobriam os brancos cabelos dos "maestros", do País Basco.

Durante a entrevista, com grande orgulho ele me confessou:

*"Mi familia se entronca mucho en la Argentina. Somos vascos pero mi 'chosno' vino a Argentina en el año 1780 y es muy lindo porque los primeros Zavalía que nacen en este país, lo hacen en la casa en donde después se declara la Independencia argentina en la provincia de Tucumán y que es expropiada a la familia en el año 1906.*

*La Casa de Tucumán<sup>24</sup> la habíamos recibido en dote... La primera mujer de Pedro Antonio de Zavalía, que fue el primer Zavalía que vino a la*

<sup>24</sup> Em uma "carta de leitores", que o diário da Capital Federal La Nación publica a 20 de julho de 1994, há alguns outros detalhes a propósito da Casa de Tucumán. Marcelo Bazán Lascano afirma que:

*"En realidad, la casa había pertenecido desde siempre a los Bazán Ramírez de Velasco y su dueña, en 1816 (...) era doña María Francisca Bazán y Esteves de Laguna, la cual había recibido en herencia de su padre, el vecino feudatario de Tucumán don Juan Antonio Bazán Ramírez de Velasco, que era hijo del maestro de campo y también encomendero, don Pedro Bazán Ramírez de Velasco, que fue alcalde de primer voto de Tucumán en la primera mitad del siglo XVIII y era a la vez hijo del general Diego Gómez Bazán de Pedraza y nieto del capitán Alonso de Tula Cervin y de su esposa, doña Francisca Bazán de Pedraza, nieta del conquistador Juan Gregorio Bazán, que estuvo en la fundación de Santiago del Estero y gobernó esta ciudad hasta su muerte, en la segunda mitad de la centuria XVI.*

*Del matrimonio de doña María Bazán con don Miguel Laguna y Fernández de Ontivero nacieron, en las últimas décadas del siglo XVIII, el doctor Nicolás Valerio Laguna y Bazán, que fue diputado a la Asamblea del año XIII, y don Juan Venancio Laguna y Bazán, que fue alcalde de primer voto de Tucumán y cuyo matrimonio con doña María Agueda Aráoz, vino a ligar por segunda vez a los Bazán con los Aráoz, el primero de los cuales en la Argentina, capitán don Diego de Aráoz, había contraído enlace con doña Damiana Bazán de Pedraza, tía abuela de la dueña del solar de la Independencia".*

*Argentina, trajo la casa en dote; Laguna y Bazán se llamaba. Mi tatarabuelo, que es el primer argentino, fue Gobernador de Tucumán, fue Convencional de la Constitución de 1813 y su hijo fue Diputado, Senador, Miembro de la Corte de Justicia y Ministro del Interior, todos con una carrera muy política. Tenemos 'raza' política. Yo, si no me hubiese metido a empresario, me habría dedicado a ser político. Y mi desgaste político lo hago en la política empresarial, en la Unión Industrial".*

Afirma que quando se formou como advogado, podendo trabalhar no escritório da família, quis ser útil como advogado, porém dentro de uma empresa. O escrivão da Alpargatas, Alfredo Ruenda, lhe facilitou o acesso à empresa na qual começou a trabalhar em 1956.

Estudou Administração de empresas e Estatística. Cursou Psicologia Social entre 1968 e 1972 já que:

*"en una fábrica textil y de calzado el recurso humano es importantísimo. Nosotros hemos llegado a tener 14 mil personas. Hoy Alpargatas S.A. posee 14 fábricas distribuidas en 10 provincias argentinas. La mayoría de las fábricas del interior se fundaron durante mi vida y llegué a la conclusión de que lo más lindo era tener más fábricas, más gente, más productos"<sup>25</sup>.*

Alpargatas é hoje um grupo de famílias de acionistas: os Zavalía, os Gamboa, os Clutterbuck, os Oxenford e os Gotelli na Argentina. Os Roberts são os acionistas externos.

---

<sup>25</sup> Patricio Zavalía Lagos. Entrevista.

**Martín B. Noel.**

Membro de uma família de industriais da alimentação, Martín Benito Noel pertence a sua quarta geração.

Seu bisavô, Carlos Noel, descendente de uma nobre casa *éukara*, do País Basco, na Espanha, fundou uma fábrica de confeitos denominada "El Sol", a 29 de setembro de 1847, chegando a dominar a praça em apenas três anos. Mais tarde, associa-se com outro pioneiro da indústria, Martín Seminario, com quem planeja o processamento de chocolates. Primeiro morre Seminario e depois Carlos Noel, em 1865, após o que, aos 25 anos de idade, sucede-os Benito Noel na direção da fábrica.

Benito é quem muda o nome da fábrica, que levará adiante o nome de família como uma homenagem a seu pai, quando estabelece a insignia que identificará toda a sua produção: a "izarra", estrela basca de seis pontas, símbolo de nobreza.

Benito incorpora nova maquinaria e começa a fabricação de doces, adquirindo uma ilha do Delta argentino a qual fornecia frutas necessárias para seu processamento. Foi ademais, um dos fundadores do *Club Industrial* e em seguida da *Unión Industrial Argentina*.

Em 1916 morre Benito e o substituem seus filhos Carlos e Martín. O primeiro desempenhou a função de deputado nacional pela Capital Federal em 1932 e posteriormente de Presidente desta Câmara. Morreu a 3 de janeiro de 1941 e o sucedeu seu irmão Martín.

A 19 de novembro de 1993, em seu escritório de uma companhia seguradora de propriedade de Roberto Blanco, da qual é empregado<sup>26</sup>, o filho de Martín Noel, Martín Benito, completou a história familiar.

Carlos, seu tio, foi embaixador no Chile e intendente da Cidade de Buenos Aires, além de deputado e presidente da Câmara de Deputados. Seu pai, Martín, foi deputado por dois mandatos, ambos pelo Partido Radical.

Martín Benito Noel, desenvolveu uma grande atividade no campo grêmio-empresarial. Em 1959, quando exercia o cargo de Diretor de Noel e Cia., começou cumprindo as funções de Secretário da *Asociación de Frabricantes de Dulces, Conservas y Afines*, para ser nomeado presidente da mesma, cargo no qual permaneceu até o ano de 1974. Participou também da fundação da *Coordinadora de las Industrias de Productos Alimenticios* (COPAL), na qual atuou até 1984, ainda que - segundo afirmou na entrevista - divergisse da filosofia liberal extrema que lhe caracterizava.

Foi presidente do clube de futebol Boca Juniors, no qual começou a colaborar a pedido de Juan Martín Oneto Gaonaz<sup>27</sup>, quem fora Presidente da UIA na década de 1960. Participou, desta forma, na Federação Internacional de Futebol, da década de 70 à de 80.

---

<sup>26</sup> Mesmo que não haja uniformidade nas versões, o certo é que Martín Benito Noel, desde 1974, não detém a propriedade das fábricas que fundara seu bisavô Carlos. Os motivos escapam aos objetivos deste trabalho.

<sup>27</sup> Ver capítulo 5.

**Eduardo Braun Cantilo.**

Provém de uma família empresária que, todavia, não deixou de se dedicar a outros ramos de atividade, como o da ciência e a cultura, tanto é assim que seu pai foi um médico destacado que trabalhava com os Prêmios Nobel argentinos, nos ramos médico e químico, Bernardo Houssay e Federico Leloir.

Entre seus tios paternos, Armando Braun Menéndez foi membro da *Academia de História e Geografía* e Ricardo Braun Menéndez, arquiteto e engenheiro, integrante da *Academia de Bellas Artes*.

Entrevistei Eduardo Braun Cantilo em duas oportunidades, nos dias 2 e 4 de novembro de 1993, em seus escritórios da Capital Federal dos *Astilleros Astarsa*, empresa que preside e na qual trabalha desde que seu avô o destacou para esta função, por ser o mais velho dentre os 64 primos, quando ainda estudava engenharia.

Um de seus bisavôs, Elías, foi o primeiro Braun a que chegou à Argentina. Corria o ano de 1860 - segundo recorda o entrevistado - e a família de Elías Braun, junto com outras muitas da zona do Báltico, Estônia e Prússia Oriental dedicadas a tarefas agrícolas, emigraram. Os Braun encontraram facilidades para instalarem-se em Punta Arenas, um casario com não mais de 200 pessoas que, porém, entre 1875 e 1900 se converteu em uma zona privilegiada em termos econômicos já que todo o tráfico entre Europa e Estados

Unidos se efetivava por ali, antes da construção do Canal do Panamá.

Seu outro bisavô, José Menéndez, tinha uma provedoria marítima na Argentina.

Quando na entrevista Eduardo Braun Cantilo comentou que *"la familia se forma en 1895"*, aludia ao casamento entre os filhos de seus bisavôs Elías e José: Josefina Menéndez Behety (quem incorporou o sobrenome de sua mãe) e Mauricio Braun, futuros avós de Eduardo Braun Cantilo, cujo enlace motivou o ingresso da família aos círculos tradicionais de Buenos Aires.

O sobrenome Cantilo vem de sua mãe:

*"una familia exactamente diferente de la de mi padre porque mi abuelo, José Luis Cantilo, era politico, Gobernador de la Provincia de Buenos Aires, Intendente de Buenos Aires durante las dos presidencias de Yrigoyen, del Partido Radical. Su padre y su abuelo fueron políticos y periodistas. Un hermano de mamá fue Ministro de Defensa".*

*- "¿Si soy radical?. No, no somos radicales. Ni radical ni conservador, era más bien demócrata cristiano. Fui uno de los fundadores del Partido".*

Sua atitude política - segundo confessa - manifesta-se já desde sua época de estudante:

*"Era delegado de curso en la Facultad de Ingeniería, la única en la que no pudo entrar el peronismo. Por lo tanto soy uno de los fundadores de la 'Línea Recta', de la cual Guillermo Kühl era el Presidente"<sup>20</sup>.*

---

<sup>20</sup> Eduardo Braun Cantilo. Entrevista.

O *holding* familiar ao qual pertence, chegou a abarcar diversas áreas e atividades (algumas das quais já não o integram): fazendas na Patagônia, *Importadora e Exportadora Patagónica*, *Banco de Galicia*, *Astarsa*, *Austral Líneas Aéreas*, *Aconcagua Campaña de Seguros*, entre outras.

Quanto à atividade grêmio-empresarial, Eduardo Braun Cantilo teve uma importante atuação na UIA na época da fusão<sup>29</sup> com a *Confederación General de la Industria* (CGI). Por esse mesmo período, seu primo-irmão Armando Braun Menéndez Behety, filho do "historiador de la Patagonia", presidiu o *Consejo Empresario Argentino*.

Com respeito aos fundamentos de sua atividade grêmio-empresarial, afirma que a mesma está estreitamente vinculada com sua atividade na *Astarsa*:

*"Astarsa es una empresa de bienes de capital que tiene mucho que ver con decisiones políticas. Por eso la 'no política' en bienes de capital es un suicidio estúpido. A mí me apasionó Astarsa y por eso entré aquí y no en el Banco. Estaba mucho más de acuerdo con mi visión de una sociedad determinada. Remontémoslo a la década del '50º, en que Europa empezaba su reconstrucción, con un estado inductor y moderador. A los 33 años ya estaba en la Cámara de Máquinas y Equipos para la Industria y a los 40 años era Presidente de la Asociación de Industriales Metalúrgicos, en 1972. Formaba parte de la Comisión de Política Económica de la UIA junto a Eduardo De la Fuente y de la Comisión de Política Social que tenía a Patricio Zavalía Lagos de Presidente".*

---

<sup>29</sup> Ver Capítulo 4.

<sup>30</sup> Eduardo Braun Cantilo ingressou na *Astarsa* nessa década, aproximadamente em 1956.

**Observações:**

De acordo com a resumida semelhança dos entrevistados pode-se assinalar que:

- em vinculação com as fábricas nas quais exercem ou exerceram algum cargo, foram seus fundadores, receberam-nas por herança, tomaram cargo por casamento, são executivos das mesmas;

- com respeito ao MIN há uma marcada presença de empresários que são proprietários de suas empresas, muitas delas de características "familiares"<sup>31</sup>, não que isto as impeçam de serem qualificadas como "grandes", tal é o caso de Ledesma S.A.

Em uma entrevista, um membro do MIN dizia com orgulho:

*"Los del MIN somos los que conocemos por nombre y apellido a nuestros obreros. Los que firmamos el pagaré y el cheque. Por lo general, en el MIA actúan 'auténticos' empresarios también pero hay otros que son funcionarios de jerarquía, de nivel pero que deben acatar las órdenes que tomen los principales"*<sup>32</sup>.

- quanto ao MIA, predominam - em termos gerais - empresas de maior envergadura, dirigidas muitas vezes, por funcionários.

---

<sup>31</sup> Empresas nas quais os vínculos de parentesco se entrecruzam com as relações de trabalho.

Na Argentina, existe um milhão de empresas familiares, as quais geram cerca de 42% do Produto Interno Bruto (PIB). Sete de cada dez postos de trabalho provêm de seus estabelecimentos. *Clarín*, 25 de julho de 1993, pág. 10. Note-se, ao analisar os dados anteriores, que as "indústrias" familiares constituem só um tipo das "empresas" familiares.

<sup>32</sup> Pedro Benejam.

- vários integrantes do MIN desempenham uma atividade política no MID, ocuparam durante o governo de Arturo Frondizi sem pertencer a suas fileiras, ou simpatizem com as idéias desenvolvimentistas;

- outra característica da gente do MIN é que sua produção se viu muito prejudicada pela política liberal impressa pela abertura econômica, na época em que era ministro da Economia José Alfredo Martínez de Hoz, durante o último governo Militar na Argentina.

#### IV. Sociogramas.

A seguir, apresentarei os entrevistados em função de algumas formas de relação entre eles, reconstruídas a partir de suas respostas a certas perguntas que lhes formulei no transcorrer de meu trabalho de campo.

Para tal fim, farei uso de "sociogramas", termo com o qual - seguindo Paul Friedrich (1986), aludo ao mapa de um conjunto de relações estruturais e/ou dinâmicas confeccionado em função de, pelo menos, uma variável

Eu os concebi a partir das respostas dos entrevistados às seguintes perguntas:

- a quem considera o pai fundador da UIA;
- que pessoa ou pessoas deixaram uma marca na entidade.

É preciso esclarecer que concebo o sociograma como uma construção de primeiro grau, elaborada pelo investigador.

Com respeito às respostas, devido à complexidade do material, limitei-me às que foram formuladas em uma primeira escolha.

Com o fim de evitar a poluição visual que resultava do desenho de um único sociograma, eu os dividi em dois, seguindo um critério cronológico.

Assim, o Sociograma 1 corresponde às opiniões dos entrevistados do MIA e do MIN sobre pessoas que destacaram na UIA nas décadas de 1980 e 1990.

O Sociograma 2 se refere às opiniões dos entrevistados do MIA e do MIN sobre pais fundadores e pessoas que deixaram marcas na instituição antes da década de 1970.

Esta referência temporal é interessante sobretudo no caso dos integrantes do MIN, já que estes últimos se incorporaram à UIA na década de 1980.

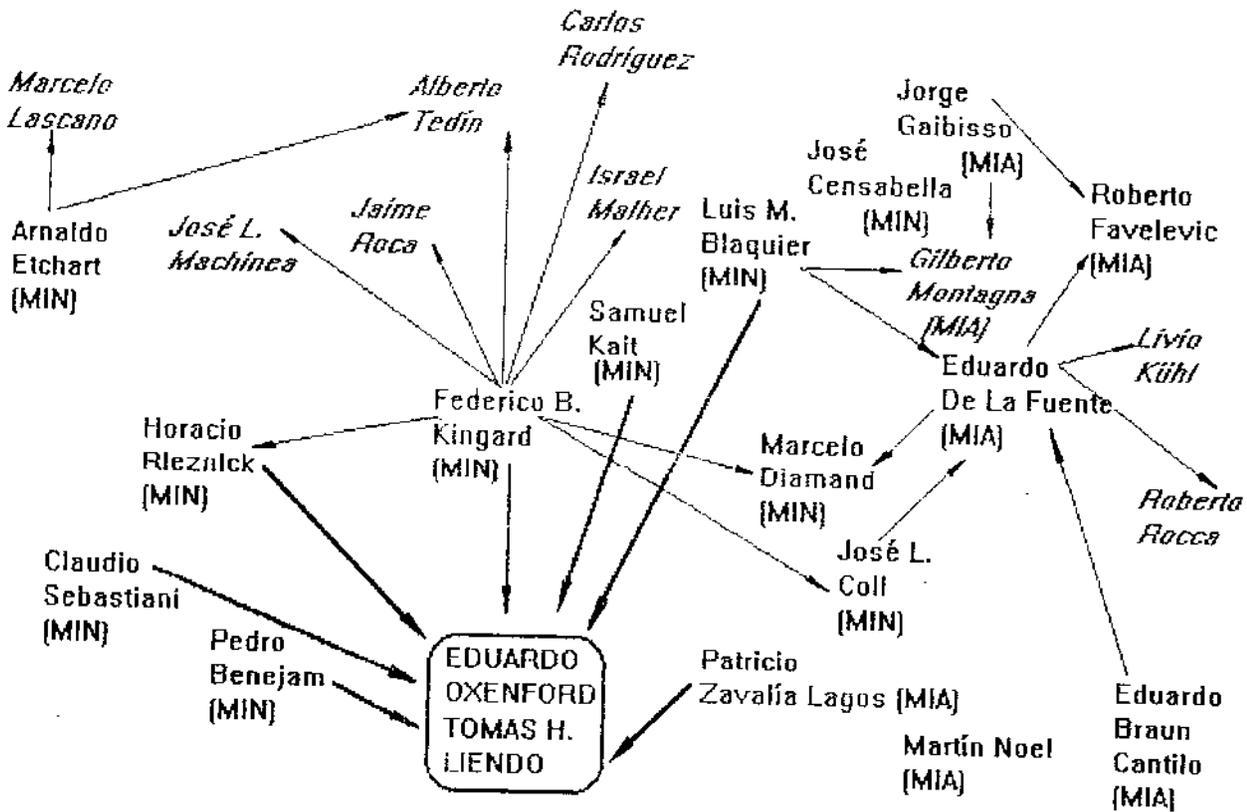
Tanto no que tange ao Sociograma 1 como ao Sociograma 2, utilizei a denominação "heróis culturais" com o objetivo de diferenciar, dentre as pessoas que deixaram marcas na UIA, aquelas que os entrevistados destacavam, ainda que não utilizassem esta terminologia.

O emprego da mesma não é casual; uso-a no sentido de "organizadores de simbologia"<sup>33</sup>, idéia que será devidamente tratada no Capítulo 5.

---

<sup>33</sup> Com todas as salvaguardas que a utilização de seus conceitos implica, sobretudo quando se os emprega em trabalhos antropológicos que reflitam acerca da própria sociedade do investigador, inspiro-me na terminologia de Claude Lévi-Strauss quando me refiro a "heróis culturais". *Mitológicas I. Lo crudo y lo cocido*. Fondo de Cultura Económica, México, 1986 (1964).

**Sociograma 1. Heróis Culturais e pessoas que deixaram marcas na UIA.**



Referencias



**Héros Culturales**

**En negrita** Entrevistados del MIA y del MIN  
**normal:**

**EN NEGRITA** Héros Culturales  
**MAYUSCULA:**

**En negrita** Personas nombradas por los entrevistados  
**cursiva:**

— Relación de los entrevistados del MIA y del MIN con Héros Culturales

— Relación de los entrevistados del MIA y del MIN con las personas que marcaron un hito en la UIA

→ Sentido de la relación

**Notas:** Em negrito aparecem algumas pessoas nomeadas pelos entrevistados que caracterizei brevemente em função dos traços pelos quais elas foram citadas.

**Marcelo Lascano:** Economista, Diretor do Banco Provincia de Buenos Aires. Teve atuação no MIN na década de 1980 como assessor do movimento e é considerado por seus membros como um intelectual do mesmo, um homem de grande cultura.

**Alberto Tedin:** Para os membros do MIN, por sua sabedoria e cultura, é considerado uma de suas fontes de inspiração doutrinária, um prócer do movimento. Atribui-se-lhe o fato de que foi Secretário de Indústria durante o governo de Arturo Frondizi.

**José L. Machinea.** Economista. Teve atuação pública durante o governo do radical Raúl Alfonsín, presidente da Argentina entre 1983 e 1989. Por um período dirigiu a *Fundación de Investigaciones* da UIA, de 1991 a 1993. Ele é valorizado como um bom "técnico".

**Jaime Roca:** Foi um dos fundadores do MIN e grande impulsor do mesmo. Arquiteto da província de Córdoba, dedicado à construção.

**Carlos Rodriguez:** Ex-integrante do MIN pela província de Mendoza. Teve uma grande atuação na elaboração dos estatutos da entidade da década de 1980.

**Israel Malher:** Presidente da UIA entre 1991 e 1993. Se lhe reconhece uma boa gestão.

**Gilberto Montagna:** No momento de realizar esta investigação era a alma do *Movimiento Industrial Argentino*, um dos personagens mais importantes da UIA da década de 1980 a 90. Foi presidente da entidade de 1989 a 1991. Foi Secretário da *Coordinadora de las Industrias de Productos Alimenticios* (COPAL), de agosto de 1975 a novembro de 1979 e depois presidente até novembro de 1989<sup>34</sup>. Reconhece-se o fato de haver trabalhado muito pela UIA assim como pela clareza e inteligência com que lutou pela indústria num contexto de liberdade econômica.

**Guillermo Livio Kühl:** Presidente da empresa sueca construtora de motores Scania S.A.; ex-sócio de Federico B. Kingard em "Celulosa Jujuy S.A.". Cumpriu um importante papel de coordenação dos "Capitanes de la Industria". Sua formação e equilíbrio na hora de propor soluções é valorizada.

**Roberto Rocca:** Presidente da *holding* Techint, um dos grupos industriais mais importantes da Argentina. Destaca-se por seu perfil industrialista.

**Observações:** os casos de Martín B. Noel e Eduardo Braun Cantilo merecem um esclarecimento. Embora tenha explicado que os mesmos não pertenciam à UIA no momento das entrevistas realizadas com cada um deles, agrupei-os seguindo a

---

<sup>34</sup> Foi a única entrevista que foi postergada indefinidamente, sendo impossível sua realização. Cabe esclarecer que no momento de solicitá-la, Gilberto Montagna, importante acionista da fábrica de bolachas Terrabusi, foi vendida em 70% à norteamericana Nabisco. *Clarín*, 5 de janeiro de 1994.

classificação de ter pertencido ou pertencer ao MIA ou ao MIN.

Onde não há nenhuma flecha que relacione um entrevistado com uma pessoa que tenha se destacado na entidade, é porque, por diversos motivos, não respondeu à pergunta.

Tendo em conta as reflexões que realizo, a seguir definirei alguns conceitos, vinculados à análise de "redes".

As "redes" (Barnes: 1969 [1987]) são uma abstração de primeiro grau de realidade que contém a maior informação possível sobre a totalidade da vida social de uma comunidade; dela podem realizar-se extrações egocêntricas (centradas em uma pessoa) ou sociocêntricas.

\* "sentido da relação": tendo como mínimo dois indivíduos, existem duas possibilidades lógicas: ou se nomeiam um ao outro, ou não.

Se ocorre o primeiro, diz-se que ambos compõem uma relação "adjacente".

A partir de um indivíduo Alfa, os que são "adjacentes" a ele conformam os "contatos de primeira ordem de Alfa", e é aqui onde a noção de "densidade" aparece. A mesma é a proporção entre as linhas "adjacentes" ou "diretas" e todas as restantes entre as que se encontram as "indiretas" (se Alfa é adjacente a Beta e este com Gama, Alfa se encontra em uma relação "indireta" com Gama).

Se em torno de Alfa se detecta uma zona "densa", a mesma se denomina "estrela".

Com base na caracterização de Barnes inspirei-me em alguns de seus conceitos mencionando algumas ressalvas:

- em primeiro lugar, confeccionei "sociogramas", apesar de que nos mesmos tenham aparecido alguns fenômenos que requeriam uma análise egocêntrica (Oxenford, Liendo, Colombo, Gaona, Pellegrini, Cambaceres);

- a "densidade", de acordo com a definição de Barnes, supõe um tipo de relação "adjacente" entre um Alfa e um Beta. No entanto, em vários dos casos que analisei, os integrantes do MIA e do MIN e os "Egos" aludidos não pertencem à mesma geração, pela qual a adjacência é impossível de conceber desde o momento em que, por exemplo, Pellegrini morreu muito antes de que tivesse nascido Arnaldo Etchart, portanto, nunca poderia tê-lo nomeado como uma pessoa que "deixou marcas na entidade".

Isto guarda relação com as definições de "sociograma" e de "rede" antes citadas. Enquanto que esta última se restringe a situações interativas, o "sociograma" admite como possibilidade uma relação de não presença.

- em vista do anterior, elaborarei minha própria definição operacional e falarei de "estrelas" e "zonas densas" em relação à proporção entre as relações que privilegiam um "Ego" e todas as outras que se detectam.

A "dispersão" se entenderá em função da mesma proporção.

### Reflexões.

- Com respeito aos integrantes do MIN, observa-se uma "dispersão" em função das pessoas que estabeleceram um marco

na entidade, embora a maioria dos nomeados, pertençam a suas fileiras.

O mesmo poderíamos dizer dos integrantes do MIA.

- Nota-se uma "zona densa" em torno de Eduardo V. Oxenford e Tomás H. Liendo, figuras que convocam aos integrantes do MIN.

Pela importância que tiveram para que se concretizasse a incorporação à UIA, dos integrantes que constituíram o MIN no ano de 1982, serão tratados com mais detalhes no Capítulo 4.

- apesar de certa endogamia, ou "círculo fechado", detectado entre os membros do MIA e do MIN, é importante assinalar que há alguns cruzamentos, o que pode ser interpretado como reconhecimento da gente do MIN para com o MIA e da gente do MIA pra com o MIN.

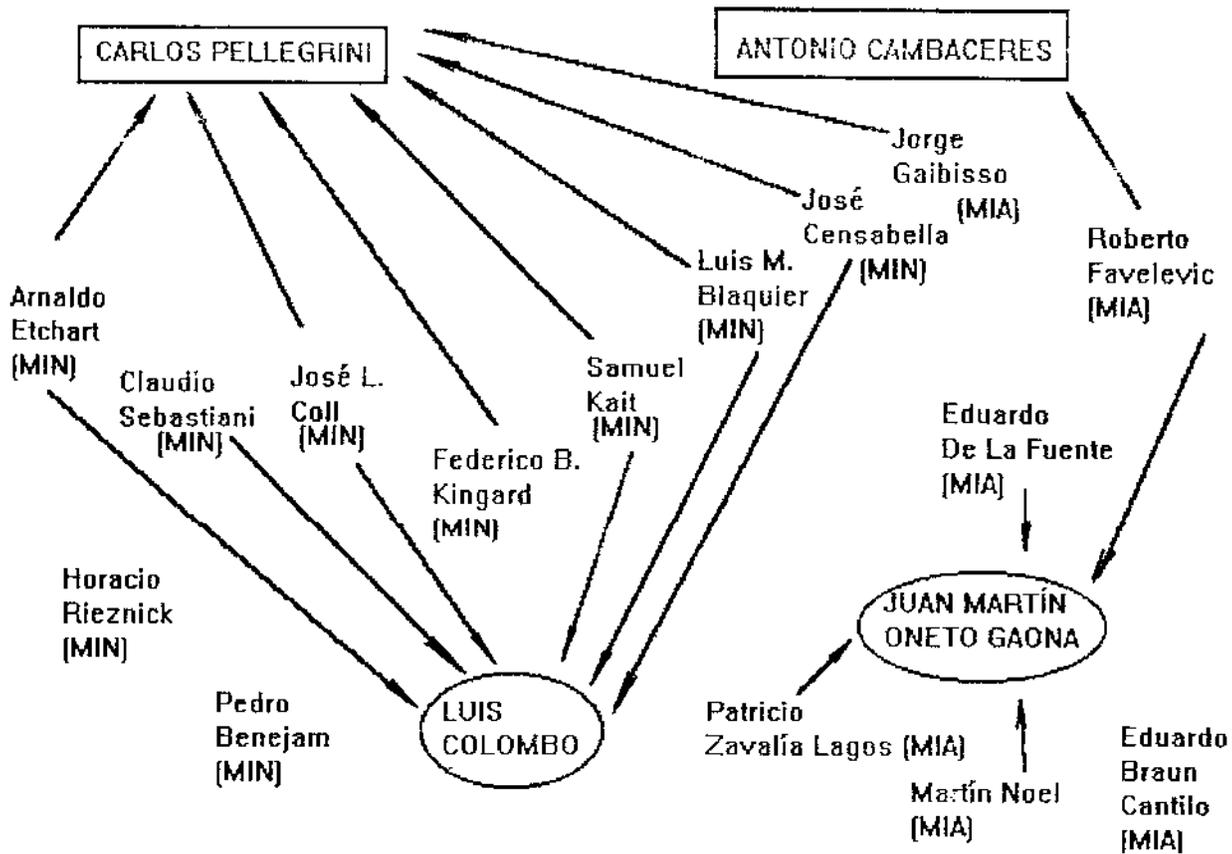
Um dos casos é o de Luis María Blaquier do MIN para com Gilberto Montagna e Eduardo De la Fuente, ambos do MIA.

Outro, de José L. Coll (MIN) para com Eduardo De la Fuente (MIA).

Eduardo De la Fuente (MIA) para com Marcelo Diamand (MIN).

Patricio Zavalía Lagos (MIA) para com Eduardo Oxenford. Este último, sem pertencer a nenhum dos dois movimentos, teve um papel destacado para que se confeccionasse um estatuto que contemplasse os territórios, além dos setores, fato que foi condição necessária para a incorporação do MIN na UIA.

Sociograma 2. Pais fundadores e Heróis Culturais da UIA.



Referencias

 Padres Fundadores

 Héroes Culturales

En **negrita** Entrevistados del MIA y del MIN  
normal:

**EN NEGRITA** Padres Fundadores y Héroes Culturales  
**MAYUSCULA:**

 Relación de los entrevistados del MIA y del MIN con los Padres Fundadores y los Héroes Culturales

 Sentido de la relación

**Observações:**

- No que respeita aos pais fundadores e heróis culturais, as figuras de Carlos Pellegrini e de Luis Colombo apresentam uma zona altamente "densa" para com os membros do MIN.

- O MIA tem seu herói cultural, Juan Martín Oneto Gaona.

Por outro lado, com respeito ao pai fundador, não detectei uma grande definição. Há a opinião que considera como pai fundador a Antonio Cambaceres enquanto que um outro integrante do MIA que elege Carlos Pellegrini, ainda que por motivos diferentes dos do MIN. Estes fatos serão analisados com detalhes no Capítulo 5.

O que quero destacar no caso deste último sociograma é a capacidade de convocação de Pellegrini e Colombo (para os integrantes do MIN) e de Juan Martín Oneto Gaona (para os membros do MIA). Assim, se esboçam as linhagens que continua no Sociograma 1 (para os integrantes do MIN) com Eduardo V. Oxenford e Tomás H. Liendo.

**Reflexões finais.**

Em uma primeira caracterização, os integrantes do MIA e do MIN consultados, apresentam este último como um aglutinante da pequena e média indústria do interior do país, politicamente mais ligadas ao desenvolvimentismo, ainda que com componentes radicais e peronistas, de pensamento protecionista e nacionalista.

O MIA, então, nuclearia as grandes instituições e empresas da Capital Federal e Provincia de Buenos Aires, de grande porte, multinacionais, setores por contraposição aos territórios.

Entre seus integrantes se destaca o consenso em torno à tradição liberal, ainda que com matizes, tal como se pode observar no caso dos entrevistados. Jorge Gaibisso representaria o extremo mais liberal do movimento; nas antípodas encontrar-se-ia um homem como Eduardo De la Fuente. Por seu lado, Roberto Favelevic e Patricio Zavalía Lagos

expressariam, ainda que com diferenças, posições intermediárias.

A hora de defini-los com maior precisão, entretanto, aqueles que protagonizam recorrem a noções que expressam cautela tais como "*acuarela*", "*superposición y solapamiento*", adjetivos como "*difuso*" e outros tantos indicadores que constituem um chamado de atenção acerca das dificuldades que demanda tal tarefa.

Tal exibição de prudência se deve não somente ao fato que no caso particular aludido as grandes empresas e algumas de características multinacionais também tenham aceitação no MIN, ou ao fato de que empresas nacionais, médias e pequenas, algumas indústrias do interior (mesmo que radicadas em função de políticas de promoção industrial) pertençam ao MIA.

Apreciamos no **Quadro 2** que alguns membros do MIN participaram na fundação do MIA; acabamos de observar nos **Sociogramas 1 e 2** reconhecimentos mútuos de integrantes do MIN com respeito ao MIA e do MIA em relação ao MIN.

Como veremos com maior atenção no Capítulo seguinte, as conceitualizações sobre ambos os movimentos e as razões pelas quais se participa em um ou em outro são suficientemente variadas para compreender que os mesmos, longe de ser assimilados a comportamentos estanques, demandam uma reflexão prévia acerca dos problemas que surgem ao tentar defini-los.

Não é, a miúdo, a figura difusa em lugar da nitida o que justamente necessitamos?, pergunta-se em suas "Investigações

Filosóficas"<sup>35</sup> Ludwig Wittgenstein a propósito de outra discussão. Em contraposição com a argumentação de Frege, que compara o conceito de uma área e conclui que esta, delimitada sem clareza, não poderia, em absoluto, receber tal denominação, o filósofo austríaco referindo-se à palavra "juego", elabora a noção de "bordes borrosos".

O achado de Wittgenstein - segundo minha opinião - apresenta-se como um conceito fecundo para tornar explicativo o tipo de dificuldades que se enfrenta na tarefa de definir ambos os movimentos.

Alguns exemplos do discurso nativo servirão para ilustrar o tipo de "imprecisões" a que me refiro.

- *"Hay mucha gente del MIA que piensa como el MIN, por eso le digo que en la Argentina no se puede encasillar a la gente. Uno de los hombres más brillantes del pensamiento nacional era del MIA, Eduardo De la Fuente. Otro es Navajas Artaza<sup>36</sup>. ¿Por qué no estaban en el MIN?. Porque la entidad a la que pertenecían respectivamente, la Asociación de Industriales Metalúrgicos (ADIMRA) y la Coordinadora de Productos Alimenticios (COPAL), eran del MIA"*<sup>37</sup>.

- *"Hay gente del MIA que es más industrialista que la gente del MIN. No hay un ideario como un manual, es mucho más difusa la cosa. Por eso le digo que se producen 'solapamientos', que parte de la gente que uno creería que por su 'estructura mental' pertenecería a un agrupamiento, aterriza, por alguna razón en otro. Y como todo esto no está*

---

<sup>35</sup> *Investigaciones Filosóficas*. Barcelona: Editorial Critica, 1988 (1953).

<sup>36</sup> Navaja Artaza é Presidente do estabelecimento "Las Marias", importante produtor de chá e erva mate. Era Presidente do Departamento de Economías Regionales até que o mesmo fosse eliminado quando assumiu a direção da UIA, a chapa que levou Jorge Blanco Villegas a Presidente da central fabril em 1993.

<sup>37</sup> José Luis Coll. Entrevista.

*muy consolidado, tampoco se tiene mucha conciencia*".<sup>38</sup>

- *"Acá hay una mezcla, es muy complejo. No se puede decir en el MIA o en el MIN todos están por ésto o por aquello. Hay distintas dimensiones a tener en cuenta para entender los agrupamientos que tienen que ver con: la pertenencia social; la dimensión empresaria; las amistades personales; los intereses concretos"*<sup>39</sup>

-*"Tenías dentro del MIA industriales que en el fondo querían el proteccionismo alto porque les convenía pero no lo decían mucho porque ya estaba el proteccionismo en el MIN. En cambio, el MIN lo decía como una doctrina"*<sup>40</sup>.

Há muitos mais casos: aqueles que privilegiam seus interesses econômicos por sobre suas pertenças sociais, ou o inverso, que os tem sacrificados em prol de pertenças sociais e amizades pessoais; os que ainda pensando como o MIN votam com o MIA alegando "compromisos" acerca dos quais preferem não dar detalhes; os que ainda dispendo de fábricas instaladas em várias provincias do interior da Argentina, privilegiam seus interesses setoriais por sobre os territoriais.

O anteriormente exposto me leva a assinalar que um dos traços dos movimentos da UIA permite concebê-los como conceitos de "bordes borrosos", descobrimento que, embora seja novo com respeito à forma na qual o MIA e o MIN foram

---

<sup>38</sup> Marcelo Diamand. Entrevista.

<sup>39</sup> Horacio Rieznick. Entrevista.

<sup>40</sup> Jorge Gaibisso. Entrevista.

caracterizados até o momento, não constitui um achado de todo original no campo da antropologia.

Frederik Barth<sup>41</sup>, por exemplo, havia advertido as "imprecisões" às quais me refiro - embora não empregasse este termo -, quando fazia referência ao trânsito potencial de indivíduos entre grupos étnicos diferentes, através de fronteiras definidas no interior das quais se construam identidades.

Mesmo reconhecendo e partilhando as críticas que poderiam ser formuladas a seu famoso trabalho, relativo aos grupos étnicos, devido às conseqüências *essencialistas* de seu objetivo, e sem intenção de ingressar nos intrincados arabescos que caracterizam o desenvolvimento da teoria da identidade, quero ressaltar que a mesma constitui-se em um campo de investigação das ciências sociais em geral e da antropologia em particular a partir de 1960.

E é justamente o trabalho de Fredrik Barth, ao qual me referi, que marca o início da generalização da noção de identidade no campo da etnologia.

Barth critica ao mesmo tempo o conceito de grupo étnico e seu foco de análise entendido até então como "*unidad portadora de cultura*", para defini-lo como um tipo de organização social. Com efeito, em um contexto interacionista<sup>42</sup>, o autor expressa que:

---

<sup>41</sup> In: Los grupos étnicos y sus fronteras. Fondo de Cultura Económica, México, 1976 (1969).

<sup>42</sup> O interacionismo simbólico tem sua origem na Escola de Chicago. O florescimento desta cidade foi tão espetacular no século XIX e os início do XX que desde a Primeira Guerra Mundial os sociólogos de Chicago

"...los grupos étnicos son categorías de adscripción e identificación que son utilizadas por los actores mismos y tienen, por tanto, la característica de organizar interacción entre los individuos"<sup>43</sup>.

Fredrik Barth estava preocupado em explorar os diferentes processos que participariam na geração e conservação dos grupos étnicos. Em tal sentido, decidiu desviar o foco da investigação até então orientado para a constituição interna e a história dos grupos étnicos, para centrá-lo no estudo dos limites étnicos e de sua persistência. E entre os limites aos que presta maior atenção, encontram-se os sociais.

Para o autor, muito se ganharia se se considerasse um fato tão relevante como o de compartilhar uma cultura comum, como uma implicação ou um resultado mais que como um característica primária e definitiva da organização do grupo étnico.

Bem, agora ter introduzido o pensamento de Fredrik Barth (pelo menos no que diz respeito a seu escrito em 1969), com o

---

se dedicaram a uma série de estudos baseados em investigações de sua própria cidade e que foram reconhecidas como o começo dos estudos urbanos modernos.

A Escola de Chicago teve distintas etapas e esteve composta de várias gerações. Entre seus representantes encontravam-se Robert Park, William I. Thomas, Ernest Burgess, William Ogburn, Herbert Blumer, Erving Goffman.

A corrente reconhece em George H. Mead o seu inspirador; em linhas gerais afirma que a concepção que fazem os atores sobre o mundo social constitui o objeto essencial da investigação sociológica; o locus privilegiado de observação estaria conformado pelas interações cotidianas.

<sup>43</sup> Barth, Fredrik. 1976 (1969). Los grupos étnicos y sus fronteras. México D.F., Fondo de Cultura Económica.

fim de complexificar minha análise sobre o MIA e o MIN, exige dois esclarecimentos e/ou comentários de vital importância para o desenvolvimento desta dissertação.

Em primeiro lugar, gostaria que ficasse claro para o leitor o recurso empírico pelo qual cheguei a incursionar em um dos múltiplos aspectos da teoria da identidade na antropologia.

Embora esta dissertação não se propôs, entre seus objetivos iniciais, "dialogar" com esta teoria de uma forma privilegiada, uma alusão à mesma surgiu como uma necessidade no transcurso da investigação empírica. Com efeito, foi a partir do conhecimento das diversas imagens que mostravam à UIA como uma entidade homogênea (tal como foi analisado no Capítulo 1), que centrei minha atenção nos movimentos da entidade os quais, comportando-se à maneira dos "*conceitos sensitivos*" dos quais falava Herbert Blumer, sugeriam dirigir o olhar para as heterogeneidades e tensões no interior da entidade.

Guiada por esta meta, propus-me apresentar os movimentos, porém o primeiro problema que tive que afrontar consistiu na dificuldade que se me apresentava ao tentar defini-los.

Nesse ponto encontrava-me quando recordei as palavras de Ludwig Wittgenstein, citadas no princípio deste capítulo. As mesmas antecipavam um de seus pontos nodais.

O fato de conceitualizar o MIA e o MIN como conceitos de "*bordes borrosos*", levou-me a refletir sobre este achado.

Recorri então a autores que, como Fredrik Barth, tematizavam, entre outras, a noção de "limite". Devido ao fato que a mesma foi formulada no seio da teoria da identidade, conseqüentemente comecei a dialogar com ela.

Cabe esclarecer que este diálogo será continuado nos capítulos seguintes, na medida em que o material empírico que os nutre assim o requeira.

O segundo esclarecimento com respeito ao texto de Barth, possui dois aspectos interrelacionados relativos ao tipo de elaboração que realizei em meu trabalho, sobre a linha de pensamento aberta por este autor.

Um deles guarda relação com uma das críticas que poderia ser formulada ao texto de Barth, e a que aludi acima, quando mencionei a palavra "essencialismo". A mesma foi enunciada entre outros autores, por Guillermo R. Ruben (1988), com respeito à teoria da identidade.

De acordo com Ruben, no interior da teoria mencionada a idéia de "irreducibilidade" funciona como "marca" no sentido da dimensão etnográfica do real, elaborada social e historicamente e retida no interior do grupo, consciente ou inconscientemente.

Interpreto que a idéia de "limite" ou "fronteira, tal como é conceitualizada por Barth, funciona como um elemento demarcador de grupos étnicos os quais se "fixa" de alguma maneira, embora admita a passagem entre ambos os lados da fronteira.

Neste sentido, se desenvolve o segundo comentário. Com efeito, para Barth, o fato de admitir como possibilidade a passagem da "fronteira" em ambas as direções não debilita sua concepção, mas a fortalece, já que os limites persistem apesar do trânsito de pessoal através deles. E, de acordo com o autor, isto é assim porque:

*"...las distinciones étnicas categoriales no dependen de una ausencia de movilidad, contacto o información; antes bien, implican procesos sociales de exclusión e incorporación por los cuales son conservadas categorías discretas a pesar de los cambios de participación y afiliación en el curso de las historias individuales"<sup>44</sup>.*

No meu caso, em que a identidade social e não a étnica (um de seus componentes) está em jogo, considero de grande importância advertir, como primeiro passo, que a noção de "limite", tal como elaborada por Barth, difere da forma em que conceitualizo as diferenças entre o MIA e o MIN. As mesmas carecem da clareza que Barth lhes atribui, além de que os movimentos em questão podem ser interpretados como conceitos de *"bordes borrosos"*.

Como veremos no próximo capítulo, as *"borrosidades"* de ambos os movimentos excedem a temática do intercâmbio através de uma linha supostamente definida: as ambigüidades permeiam grande parte das problemáticas consultadas a seus membros, apesar do que, certos núcleos temáticos, se apresentam como menos difusos.

---

<sup>44</sup> Fredrik Barth, op. cit.

Os "bordes borrosos" são os que permitem, a meu entender, que os movimentos possam conviver na UIA evitando que a mesma se desagregue, cumprindo a função de corredores flexíveis ou mecanismos para aliviar tensões.

A epígrafe borgeana para nos introduzir na leitura do Capítulo 1 girava em torno dos espelhos e a escolhi para chamar a atenção sobre um conjunto de imagens construídas em torno da UIA.

A característica mais marcante destes "espelhos" apesar da sua grande variedade, era a de refletir sempre uma única imagem: a de uma UIA homogênea.

Em La filosofía y el espejo de la naturaleza, o filósofo Richard Rorty (1983 [1979]) afirma:

*"... la imagen que mantiene cautiva a la filosofía tradicional es la de la mente como un gran espejo que contiene representaciones diversas, algunas exactas y otras no, y que se puede estudiar con métodos puros no empíricos. Sin la idea de la mente como espejo no se habría abierto paso la noción de conocimiento como representación exacta. Sin esta última idea no habría tenido sentido la estrategia común de Descartes y Kant: obtener representaciones más exactas reparando y limpiando el espejo por así decirlo". (pág., 20).*

Interpreto que a falta de matizes com que têm sido concebidos o MIA e o MIN guarda certa semelhança com a forma em que geralmente se tem apresentado a UIA.

Em ambos os casos detectei, pelo menos, um elemento comum: os "espelhos", de uma só classe e minuciosamente polidos.

## CAPÍTULO 3

AS REPRESENTAÇÕES E INTERPRETAÇÕES SOBRE O MIA E O MIN.  
OS NATIVOS E OS ESTRANGEIROS

Como anuncia seu título, neste capítulo o foco da análise estará centrado nas concepções acerca do MIA e do MIN a partir de "representações" e "interpretações" que denominarei, respectivamente, "nativas" e "estrangeiras".

Utilizo as noções de "representação" e "interpretação", na linha de análise aberta por Maurice Godelier<sup>1</sup> quem, referindo-se às relações sociais, argumenta que todas elas incluem uma parte "ideal"<sup>2</sup> a qual define como o pensamento em todas as suas funções e entre as quais se encontram as de representar e interpretar.

A função das representações - assinala Godelier - consiste em fazer presente no pensamento as realidades exteriores e interiores ao homem, sejam estas realidades materiais ou intelectuais, visíveis ou invisíveis, concretas ou imaginárias.

<sup>1</sup> In: Lo ideal y lo material. Pensamiento, economía, sociedades. Taurus Humanidades, Madrid, 1989 (1984).

<sup>2</sup> No sentido que lhe atribui Maurice Godelier, "ideal" não se contrapõe ao material; a idéia é uma realidade, ainda que do tipo das não sensíveis. O ideal consistiria no que faz o pensamento, e sua diversidade corresponde às quatro funções que se lhe atribuem: representar, interpretar, organizar e legitimar. Maurice Godelier, Op. Cit.

Interpretar - seguindo o antropólogo francês - significa definir a natureza, origem e funcionamento de uma realidade presente no pensamento.

O autor assinala, deste modo, que toda representação é, ao mesmo tempo, uma interpretação.

O capítulo está dividido em duas partes: a que se refere às representações e interpretações elaboradas por aqueles que se consideram integrantes do MIA e do MIN (apresentados no capítulo anterior), a quem denominarei "nativos", e as formuladas por aqueles que negam seu pertencimento aos movimentos aludidos, aos quais qualificarei, baseando-me no pensamento de Georg Simmel<sup>3</sup>, "estrangeiros".

Simmel define o fenômeno "estrangeiro" em termos sociológicos em relação à forma particular na qual se organiza o binômio proximidade/distância incluído em toda relação humana.

Resumindo o pensamento do autor, o "estrangeiro" é, por um lado, um elemento do próprio grupo e por outro está fora dele e o confronta. Sua posição no grupo está determinada essencialmente pelo fato de não haver pertencido a ele desde o início, não está amarrado a ele nem pelo passado nem pelo presente.

O estrangeiro, fundamentalmente móvel, entra ocasionalmente em contato com todos os elementos do grupo,

---

<sup>3</sup> Em especial o artigo que na versão portuguesa leva por título: "O estrangeiro", In: Simmel, Org. Evaristo de Moraes Filho. Coordenador: Florestan Fernandes. Editora Ática S.A., S. Paulo, 1983(1917).

porém não está organicamente ligado com alguns deles por laços estabelecidos.

### I. Os "Nativos".

Existem diversas conceitualizações a respeito do MIA e do MIN e as divergências são, muitas vezes, independentes do núcleo de pertencimento.

Em um extremo do pêndulo se localizam aqueles que afirmam que as fortes tensões existentes no passado recente (referindo-se aos inícios da década de 80) entre um e outro grupo já desapareceram e tendem a ser cada vez mais uma ficção, em parte pelo enfraquecimento de um dos contendores, o MIN, como consequência do empobrecimento do interior do país, onde se localizaria um de seus tributários<sup>4</sup>.

Compartilhando parcialmente esta opinião, ainda que sem aludir ao enfraquecimento ou desaparecimento do MIN, alguns integrantes do MIA afirmam que a única diferença radica no "estilo" de ambos os movimentos<sup>5</sup>. Nesse sentido - afirmam - no MIA se respeita com bastante fidelidade "*el decir*" porque este movimento é portador de um estilo de conduta onde a palavra tem valor. Muito pelo contrário, - continua a opinião anterior - o MIN protagonizou algumas "*picardías*"<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Tais opiniões são mantidas por exemplo, por Federico B. Kingard e Arnaldo Etchart, ambos do MIN. Entrevistas.

<sup>5</sup> Tal a opinião de Jorge Gaibisso. Entrevista.

<sup>6</sup> Jorge Gaibisso. Entrevista.

Outros, após afirmarem que os motivos de dissidências entre o MIA e o MIN praticamente desapareceram, admitem a persistência dos interesses "facciosos" e de comportamentos "massônicos" na hora de tomar decisões que dizem respeito à instituição, eleger as pessoas que ocuparão cargos, editar publicações, etc<sup>7</sup>.

No outro extremo do pêndulo há quem assegure que aqueles que negam as diferenças não o fazem de boa fé, são "superficiales" e não alcançam uma compreensão cabal do problema, já que as mesmas são profundas e, em última instância, bastante irredutíveis, ainda que "aparentemente" tenham se encurtado as distâncias nos últimos anos da década de 1980<sup>8</sup>.

Mediando entre ambas as posturas, encontram-se tantas outras que afirmam que os grandes objetivos são compartilhados por ambos os movimentos, embora cindam nos matizes sobre a forma de alcançá-los. Aqueles que assim argumentam, entretanto, admitem que alguns objetivos são substancialmente contrapostos, como, por exemplo, os concernentes à postura frente a abertura da economia<sup>9</sup>.

Outra grande polêmica no interior da entidade divide fundamentalmente aqueles que opinam que o MIA e o MIN são

---

<sup>7</sup> Patricio Zavalía Lagos. Entrevista.

<sup>8</sup> José Censabella. Entrevista.

<sup>9</sup> Pedro Benejam. Entrevista.

"partidos políticos" e aqueles que consideram esta postura como um absurdo.

Aquí convém fazer algumas distinções. No discurso nativo, "partidos políticos" pode ser utilizado para referir-se a agrupamentos que têm idéias sobre como conduzir, e que podem estar influenciados por ideologias próprias de partidos políticos da Argentina<sup>10</sup>, o que não quer dizer que as represente ou as resuma.

Neste sentido, de acordo com a opinião de um entrevistado, o MIA e o MIN são movimentos com influência política; de fato, a do "desenvolvimentismo" na conformação do MIN não é pequena, embora também esteja composta por radicais, peronistas e demais nuances políticas<sup>11</sup>. No caso do MIA, embora geralmente se admita seu componente liberal, ainda que com matizes no interior, para alguns, a dimensão política não teria tanto peso<sup>12</sup>.

O paralelo com a política é, em alguns outros casos, mais uma metáfora do que uma correspondência clara com a realidade.

Mesmo admitindo que o MIA e o MIN sejam partidos políticos no interior da UIA, seriam interpretados neste sentido enquanto "*movimientos que tengan votos*", entes com poder para a contenda eleitoral, porém à margem da política

---

<sup>10</sup> Samuel Kait. Entrevista.

<sup>11</sup> Claudio Sebastiani. Entrevista.

<sup>12</sup> Claudio Sebastiani. Entrevista.

partidária, sem prejuízo do qual alguns de seus membros poderiam ocupar cargos públicos em distintos governos<sup>13</sup>.

Outra possibilidade seria considerar o MIA e o MIN como "*facciones*" ou "*movimientos internos*" que "*como en la actividad política global, son más 'camisetas' que formas ideológicas de pensamiento*"<sup>14</sup>.

O MIA teria um perfil mais próximo a um partido conservador, enquanto que o MIN, a inclinação própria de um socialdemocrata<sup>15</sup>.

Em contraposição aos matizes citados, há quem afirme que o MIA e o MIN sejam movimentos internos que carecem de semelhança com os partidos políticos; seriam mais propriamente dois setores ou dois pontos de vista<sup>16</sup>. No mesmo sentido, poder-se-ia caracterizá-los pelo diagnóstico e soluções propostas para o desenvolvimento argentino<sup>17</sup>. Ou ainda como duas correntes que respondem à "realidade objetiva", a uma polarização ideológica de forma tal que o MIN está muito mais próximo de posturas protecionistas, ao industrialismo e à intervenção do governo, enquanto que o MIA é muito mais propenso a se respaldar em idéias liberais<sup>18</sup>.

---

<sup>13</sup> Luis María Biaquier. Entrevista.

<sup>14</sup> Horacio Rieznick. Entrevista.

<sup>15</sup> Patricio Zavalía Lagos. Entrevista.

<sup>16</sup> Arnaldo Etchart. Entrevista.

<sup>17</sup> José Censabella. Entrevista.

<sup>18</sup> Marcelo Diamand. Entrevista.

Pelo que se pôde observar acima (exemplo do que se repete para muitos outros temas na entidade), não há unanimidade de critérios na percepção que seus protagonistas têm do MIA e do MIN apesar de que, como veremos a seguir, detectei uma área temática que provoca um consenso maior e em torno do qual os integrantes dos movimentos se percebem mais nitidamente, pelo menos neste aspecto.

A mesma, tal como a interpreto, está atravessada por três eixos inscritos na problemática dos nacionalismos econômicos: protecionismo/liberalismo; Buenos Aires/Interior; indústrias naturais/indústrias artificiais.

Os eixos aludidos fincam suas raízes em uma interpretação dicotômica da Argentina, cuja fecundidade não é minha intenção discutir; simplesmente assinalar que os mesmos, mais que centenários com respeito à interpretação da história e literatura argentina, são fundamentais para a compreensão das percepções que, de seus movimentos, possuem seus membros.

Argumentarei que é possível interpretar a forma em que integrantes do MIA e do MIN se percebem, ao menos em um de seus aspectos, em função de um sistema de classificações dicotômicas que conta, como pano de fundo, com os eixos mencionados, ainda que os mesmos não sejam anunciados pelos nativos de forma clara.

Começarei por uma breve caracterização dos mesmos e depois sistematizarei as representações e interpretações dos nativos acerca de sua percepção do MIA e do MIN em função do que denominei sistema de classificações dicotômicas.

As mesmas giram em torno dos itens seguintes: nomações, composição, tipos de produção e interesses (setoriais e do país).

## II. Os eixos privilegiados.

### 1. Protecionismo/livre-comércio.

O *Movimiento Industrial Nacional* é o encarregado de manter viva na instituição uma polêmica que, na Argentina, é mais que centenária: a estabelecida entre as posições protecionistas e liberais.

Por esta razão, para tornar mais compreensível a posição atual do MIN, começarei por expor uma síntese da disputa a partir de um de seus marcos mais significativos e que teve lugar na Argentina na segunda metade do século passado.

Baseio-me na exposição e interpretação do historiador argentino José Carlos Chiaramonte<sup>17</sup>.

Nos primeiros momentos do movimento protecionista na Argentina (década de 70 do século passado), o livre-comércio tinha um enorme peso no tempo que os princípios liberais eram abraçados pela maioria da classe dirigente.

---

<sup>17</sup> Nacionalismo y Liberalismos Económicos en Argentina, 1860-1880. Hyspanamerica Ediciones, Buenos Aires, 1986 (1971).

Os defensores do livre-comércio se baseavam na teoria clássica da divisão do trabalho internacional segundo a qual, alguns países estavam naturalmente destinados à produção de matérias primas, enquanto que outros a se industrializar, situação esta que servia para justificar o papel da Argentina em sua relação com a Inglaterra e outros países europeus.

O protecionismo, por sua vez, seria - segundo o historiador - *"la tendencia politicoeconómica que hace de los gravámenes al comercio exterior un medio de defensa de la producción local frente a la competencia exterior"*(pág. 15).

Dirigido por Vicente Fidel López<sup>20</sup>, o movimento protecionista constituiu um marco qualitativamente distinto (dentro de uma tradição que pode ser rastreada já desde o período colonial), porque possuía um programa consciente e explícito de desenvolvimento capitalista.

O movimento foi gestado durante a depressão que se seguiu à crise de 1866<sup>21</sup>, o que pôs em relevo os riscos derivados de conceber o país como um mero provedor de matéria prima e alimentos para os mercados europeus, em um mundo que

---

<sup>20</sup> Historiador, deputado, jornalista, professor na cátedra de Economia da Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires, Vicente F. López se nutriu das idéias dos protecionistas alemão e norteamericano List e Carey, e estava influenciado pelo romantismo e o socialismo utópico.

Junto a outros integrantes do movimento como Miguel Cané, chegou a ser sócio honorário do *Club Industrial*, uma das entidades que deu origem à *Unión Industrial Argentina*.

<sup>21</sup> A este respeito, Chiaramonte explica que a segunda metade do século XIX até fins do mesmo é conhecida na economia argentina como *"época de la lana"*, devido ao fato que a produção de lã cresceu de tal forma que passou a ocupar o primeiro lugar na economia do Litoral, em virtude do desenvolvimento da criação de gado ovino na província de Buenos Aires.

Em 1866 assiste-se a uma crise econômica que afeta esta produção.

justamente nesses anos começa a se orientar decididamente para o protecionismo.

O impulso inicial destas tendências deveu-se - segundo Chiaramonte - à atividade de um grupo de fazendeiros que em 1866 funda a *Sociedad Rural Argentina*<sup>22</sup> ainda que esta hipótese possa surpreender àqueles que supõem que os proprietários agro-pecuários mantiveram invariavelmente, em todas as épocas, uma atitude de repulsa frente aos planos do crescimento econômico sustentados pela indústria.

A crise de 1866 sucede a de 1873. Embora a de 73 difira da de 66 pelos setores da economia afetados (a produção de lã sofreu as piores dificuldades no transcurso da primeira crise, enquanto que o comércio e as finanças estatais, durante a segunda), ambas trouxeram elementos para o fortalecimento da tendência protecionista na Argentina.

Não obstante, o setor pecuário deveria abandonar o movimento protecionista devido a que "*la recuperación de los productos argentinos en el exterior fue tan rápida y satisfactoria, que hizo olvidar aquellas catastróficas predicciones de los años de depresión y las intenciones de algunos voceros de la ganadería de apartar los capitales de esta actividad para canalizarlos hacia la industria*"<sup>23</sup> (pág. 100).

---

<sup>22</sup> A mesma é fundada a 10 de julho de 1866, na casa de don Benjamín Martínez de Hoz. É a entidade que representa os interesses rurais (agro-pecuários) dos grandes proprietários. In: Tiempos de Epopeya. Sociedad Rural Argentina 1866-1966. Establecimientos Gráficos EGLD, Buenos Aires, 1966.

<sup>23</sup> Chiaramonte, José. C. Op. cit.

Acrescenta o autor que na Argentina o incipiente apoio dos pecuaristas à industrialização desaparece rapidamente devido, entre outras causas, às novas perspectivas que o frigorífico abria para a pecuária.

*"La industria de la carne resulta infinitamente más atractiva que la textil para la clase dirigente argentina; pero no ya concebida como instrumento de nacionalismo económico, sino como simple medio de enriquecimiento, al punto que les será indiferente que la industria en sí esté en manos de capitalistas nacionales o extranjeros". (pág. 245)*

Embora o protecionismo das décadas de 1860 e 70 se apoie sobre a reação dos pecuaristas de Buenos Aires ante a crise da lã, há outro setor social que participou do movimento protecionista. Trata-se dos industriais e artesãos de Buenos Aires, assim como de alguns pontos do interior da Argentina, que se organizaram no *Club Industrial* em 1875<sup>24</sup>.

Dessa época, datam os famosos debates sobre a *Ley de Aduanas*, defendida no Parlamento argentino e durante os quais se pronunciaram os mais veementes discursos a favor de uma política protecionista, contando entre seus protagonistas mais destacados, Carlos Pellegrini, Vicente F. López e Miguel Cané.

É interessante notar com Chiaramonte que Vicente F. López converteu o protecionismo em um movimento de

---

<sup>24</sup> É importante notar que é da confluência do *Club Industrial*, fundado a 29 de agosto de 1875 e o *Centro industrial*, criado a 8 de dezembro de 1878, que nasce a *Unión Industrial Argentina*, a 7 de fevereiro de 1887. Mais detalhes na Cronologia.

nacionalismo econômico, chegando a qualificá-lo de "liberalismo nacionalista".

*"López y otros integrantes del movimiento afirmaban defender al proteccionismo como un recurso transitorio, como una etapa necesaria para asentar realmente al país en los cauces liberales; y critican a los librecambistas porque su liberalismo económico provocaba la subordinación del país a Inglaterra. Se trata, en realidad, de un liberalismo nacionalista que, merced a cierta impregnación de historicismo romántico, formula restricciones momentáneas a la vigencia plena del liberalismo en el campo económico, como un medio de alcanzarlo en una etapa posterior. La industria naciente, como en el caso de la Argentina, necesita protección; sólo al desarrollarse será útil el librecambio"*<sup>25</sup>. (pág. 191)

## 2. Buenos Aires e Interior:

O MIA e o MIN reeditam no seio da UIA o já clássico confronto entre Buenos Aires (a província economicamente mais rica da Argentina) e o resto do país, conhecido como o Interior<sup>26</sup>.

É freqüente escutar ou ler no seio da entidade, frases como as seguintes:

*- "Comprendemos la lógica preocupación de quienes principalmente en el interior consideran la conveniencia de crear organismos que representen a la pequeña y mediana industria tan olvidadas por el porteñismo de la Unión Industrial Argentina"*<sup>27</sup>; o

<sup>25</sup> Dentro do nacionalismo dos protecionistas - explica Chiaravonte - havia outra variante, a que tendia à refutação de todo o estrangeiro pelo simples fato de sê-lo.

<sup>26</sup> Embora o litoral argentino compartilhe com Buenos Aires as características que diferenciam ambas as áreas do resto do país, geralmente se faz referência exclusivamente a Buenos Aires.

<sup>27</sup> In: "Declaración del «MIN» Movimiento Industrial Nacional. Con motivo de la finalización del año de 1982". Buenos Aires, 22 de dezembro de 1982.

- "...hay que terminar con la mentalidad portuaria, hay que comprender que el Interior también es Argentina"<sup>26</sup>.

Escapa aos objetivos desta dissertação uma explicação detalhada da complexidade de fatores que contribuíram para diferenciar uma Argentina do Interior, tradicional, hispânica e pobre, e outra Argentina de Buenos Aires, aberta, cosmopolita, rica e europeizada, e que aparece tematizada sob essa forma dicotômica em várias obras literárias<sup>27</sup>.

É preciso assinalar que um dos fatos históricos aludidos como um dos primeiros, por quem subscreve este processo de diferenciação, foi a criação, em 1776, do Vice-Reino do Rio da Prata.

Os reis de Espanha provocavam com esta reforma uma variante geopolítica de grande importância já que, daquele momento em diante, o peso econômico e político da região do vice-reino se trasladava de Potosi (conhecido centro de extração de metais preciosos) para o Rio da Prata, e especificamente para Buenos Aires, cujo porto seria uma via privilegiada para exercer o comércio com o estrangeiro.

Ao mesmo tempo, as cidades do interior que até então gozavam de uma próspera situação econômica graças ao desenvolvimento de seus pequenos artesanatos e manufaturas,

<sup>26</sup> "Discurso pronunciado por el Sr. Roberto Jure, en el acto de clausura del Congreso de las «PYMI» (Pequeña y Mediana Industria), con la presencia del Secretario de Industria designado Ing. Carlos Lacerca". Buenos Aires, 25 de noviembre de 1983.

<sup>27</sup> Ver. Mallea, Eduardo. 1990 (1937). Historia de una pasión argentina. Buenos Aires. Editorial Sudamericana, S.A.; Martínez Estrada, Ezequiel. La cabeza de Goliath. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina; Massuh, Victor. 1989 (1982). La Argentina como sentimientos. Buenos Aires. Editorial Sudamericana.

viram-se prejudicadas pelo desaparecimento das barreiras protetoras e a introdução (através do porto de Buenos Aires), de mercadorias importadas da Europa, que circulavam a um preço muito baixo.

Séculos mais tarde, por esse mesmo porto de Buenos Aires, ingressariam várias ondas migratórias que se radicariam, majoritariamente, em Buenos Aires e no litoral argentino, acentuando as diferenças em relação ao interior do país.

A dicotomia inicial foi adquirindo diversas configurações, apresentando-se em novas versões de acordo com as épocas, as circunstâncias, os personagens, combinando-se, muitas vezes, com dicotomias de ordem política, como o caso do que, na história argentina, se conhece como o confronto entre unitários e federalistas.

### 3. Indústrias "naturais" e "artificiais".

Sem intenção de estabelecer a origem da mesma, pelo menos na década de 1940 a citada concepção dual da indústria já estava esboçada, tal como se pode ler na publicação oficial da UIA naquele período, a revista *Argentina Fabril*<sup>31</sup>.

Embora este tema seja retomado mais adiante, nesta revista se criticava a visão segundo a qual havia duas classes de indústrias: umas eram benéficas, prestigiadas,

---

<sup>30</sup> Ver Capítulo 1.

<sup>31</sup> Año III, Nº 858. Buenos Aires, junho de 1940.

"genuínas" com referência às extrativistas e as agropecuárias.

As "artificiais" eram impopulares, causadoras de prejuízos, "não-genuínas" e "passivas". Entre elas se contariam todas as indústrias fabris e manufatureiras de transformação que incluíam processos químicos e físicos. As mesmas deviam ser protegidas do assédio exterior.

A propósito, há antecedentes prévios; em um documento de 1987 Arnaldo Etchart afirma:

*"La distinción entre industrias naturales y artificiales que sin ningún pudor se proclamó como sustento de la política económica al promediar los años veinte, configura otro eslabón indisimulado de afiliación incondicional a viejas ideas, que no eran malas por antiguas, sino porque no atendían las conveniencias de un despegue industrial que ya se insinuaba también en países como Australia, Canadá y otros de parecido desempeño"*<sup>32</sup>.

É interessante notar que esta distinção estava presente e foi uma das causas que a fins do século passado provocou o cisma no *Club Industrial*, e deu origem ao *Centro Industrial*.

---

<sup>32</sup> "Luces y sombras de un centenario. Cien años de la Unión Industrial Argentina", Arnaldo Etchart. 10 de fevereiro de 1987.

Com efeito, a divisão estourou a raiz dos conceitos enunciados pelo presidente do *Club*, Miguel Puiggari<sup>33</sup> um químico prestigiado, no banquete do terceiro aniversário do *Club Industrial*, ao qual assistiram o Presidente da Nação e outras autoridades.

Puiggari teria chamado a atenção sobre a necessidade de:

*"no confundir la verdadera industria con las artesanías, extendiéndose sobre el particular; nos hallamos en la primera infancia de la industria, dijo, y no conviene exagerar su desarrollo; es necesario no confundir la industria con las materias primas que elabora ni con las artes y oficios; está lejano el día en que podamos considerarnos país industrial; carecemos de hierro, carbón fósil y ácido sulfúrico, que constituyen la trinidad a la que rinden culto las más importantes industrias. Resulta, así, que por mucho tiempo no podremos ser industriales y que lo prudente es prestar la mayor atención a las industrias establecidas que puedan considerarse naturales o aclimatadas, para hacerlas desarrollar"*<sup>34</sup>.

A conclusão de Chiaramonte é que o discurso de Puiggari não representava as aspirações da maioria dos membros do *Club Industrial*.

Não obstante, alentados por suas palavras, treze de seus sócios se manifestam em desacordo com a prédica protecionista de "*El Industrial*", órgão oficial do *Club Industrial*, o que culmina com a renúncia de seu diretor, José Daumas<sup>35</sup>.

<sup>33</sup> Chiaramonte esclarece que desconhece as circunstâncias pelas quais havia sido levado à presidência do *Club*, já que Puiggari não se encontrava entre seus fundadores. O autor supõe que o mesmo teria sido convidado a associar-se para presidir a instituição como forma de prestigiá-lo.

<sup>34</sup> Citado em Chiaramonte, José C. op. cit., pág. 226.

<sup>35</sup> Daumas era fabricante de cigarros.

Por sua vez, Policarpo Yurrebasso, quem o sucede como editor responsável, em um mesmo artigo elogia José Daumas e ataca aqueles sócios *"que se inscribieron en el Club con móviles ocultos que ahora descubren, y se muestran sostenedores del librecambio"*<sup>36</sup>.

A reação não se fez esperar e, a 19 de janeiro de 1879, aparece *"La Industria Argentina"*, órgão do Centro Industrial que acabavam de constituir os sócios renunciantes de tendência liberal.

*"Al explicar los motivos que llevaron a la fundación de la nueva entidad (el Centro Industrial), luego de las cuestiones provocadas por el banquete del tercer aniversario del Club, glosa las palabras de Puiggari en aquella oportunidad, y señala, entre otras cosas, la conveniencia de no castigar a los consumidores con altos impuestos aduaneros que sólo permiten que sigan vegetando industrias insignificantes, aunque es objeto del Centro, aclarar, ayudar a progresar a esas industrias. Pero ello se logrará cuando se exploten la agricultura y, sobre todo, la minería, fuente del carbón, el hierro y el ácido sulfúrico que la industria necesita."*<sup>37</sup>

### III. O sistema de classificações dicotômicas.

#### 1. Nomações.

Os últimos termos com que se identifica a ambos os movimentos, a saber, "Argentino" e "Nacional", em relação com o MIA e o MIN, respectivamente, foram outro motivo de

---

<sup>36</sup> Chiaromonte, José. Op. cit. pág. 227.

<sup>37</sup> Chiaromonte, José. Op. cit. pág. 278.

indagação no transcurso da investigação. Vejamos, neste sentido, as seguintes definições:

Alguns integrantes do MIN afirmam que:

*"(...) el concepto de Nación tiene un contenido de integración mucho más grande que el simple nombre del país. Hoy la Argentina no tiene nada de federal, es un unicato y los unitarios, en principio, serían los del MIA"<sup>38</sup>.*

*"...Es decir, nación tiene un contenido de integración: Argentina no tiene nada de federal, por eso hablamos del MIA como de los intereses del puerto, porque en realidad (ellos) asimilan Argentina a Buenos Aires"<sup>39</sup>.*

Outro integrante do MIN afirmava que, enquanto este movimento aglutina os homens da indústria que têm pensamento "nacional", os homens do MIA se chamam a si mesmos de "liberais" porém *"fundamentalmente están en Buenos Aires y defienden los «intereses del puerto»"<sup>40</sup>.*

Dentro do mesmo movimento, para um de seus membros, o MIN se caracterizaria, em troca, por:

*"la presencia de gente que ya no va al MIN por un sentido de la regionalización, porque antes parecía el MIN el Interior y el MIA, la Capital, ya no es así. Yo al MIN y al MIA los vinculo más con el diagnóstico y las soluciones para el desarrollo argentino.*

*El empresario grande de Buenos Aires, cuya representación siempre fue mayoritaria en la UIA,*

<sup>38</sup> Federico B. Kingard. Entrevista

<sup>39</sup> Federico B. Kingard. Entrevista

<sup>40</sup> José Luis Coll. Entrevista.

apoyaba a (José Alfredo) Martínez de Hoz y nosotros, no. Nosotros decíamos: Ustedes morirán aplaudiendo.

Para mí hoy el MIN es una expresión que guarda más relación con la posición intelectual, mental o ideológica con respecto al problema económico argentino e internacional que con la regionalización"<sup>41</sup>.

Que posições adotam ante tais interpretações, os integrantes do MIA?

- "La industria en general, los del interior dicen que por fruto de los privilegios (hablo del pensamiento del interior, trato de describírtelo sin justificarlo ya que no es mi opinión), creen que la Argentina se hace por mil una cosas para favorecer a Buenos Aires: le dan un puerto estupendo, todas las líneas férreas confluyen. De hecho, sin proponérselo quizás, se dan las condiciones para que por caminos, por puertos, por ferrocarriles, Capital y Gran Buenos Aires sean el polo de desarrollo industrial más importante (del país). Los del interior resienten mucho de eso pero en general, salvo alguna excepción, no hay grandes fábricas instaladas en el interior, con excepción de las que se radican a partir de planes de desarrollo posteriores a Frondizi"<sup>42</sup>.

- "Evidentemente, hay más concepciones nacionalistas en el MIN sin ser una cosa determinante. Una pildora del 10 por ciento más en el MIN que en el MIA sobre todo porque Buenos Aires, como ciudad cosmopolita no es tan nacionalista como en el interior y además porque todo el interior viene de antiguos resentimientos de aquella industria manufacturera que existía en aquel entonces, no saben cuál, y que sin embargo - dicen- ha sido arrasada por la importación desde el puerto de Buenos Aires"<sup>43</sup>.

<sup>41</sup> José Censabella, Entrevista. Note-se que Censabella é da área litorânea, menos periférico do que a que correspondem os entrevistados anteriores, a saber, Federico B. Kingard (Jujuy), e José L. Coll (Misiones). Portanto, não privilegia tanto o eixo Buenos Aires/Interior.

<sup>42</sup> Patricio Zavalía Lagos, Entrevista.

<sup>43</sup> Patricio Zavalía Lagos, Entrevista. Formulada com escasas variações a opinião de Zavalía Lagos é compartilhada por Roberto Favelevic e Jorge Gaibisso, Entrevistas.

Destaca-se que, embora os integrantes do MIA neguem que Buenos Aires tenha que assumir uma culpa histórica e, inclusive, ainda quando afirmem frases tais como "*Eso es muy viejo, muy obsoleto, esa antinomia puerto/interior es muy vieja*"<sup>44</sup>, são pegos na mesma lógica empregada no sistema de classificações dicotômicas.

Por sua vez, entre os integrantes do MIN manifestam-se duas posturas: as que aludem à dicotomia Buenos Aires/Interior; as que se referem ao binômio liberalismo/nacionalismo.

## 2. Composição.

Onde há mais disputas em relação à composição dos dois movimentos, é no que se refere às respostas à pergunta<sup>45</sup> pelas características sociológicas e/ou culturais do MIA e do MIN.

O que primeiro chama a atenção em todos os casos é que por características sociológicas e culturais os entrevistados interpretam "pertença de classe". O valor supremo são os "nomes ilustres", cuja definição se apresenta como uma nova dicotomia: podem estar aludindo aos mais antigos dentro do desenvolvimento industrial argentino, ou aos nomes patricios, vinculados aos fundadores da pátria<sup>46</sup>.

---

<sup>44</sup> Jorge Baibisso. Entrevista.

<sup>45</sup> A mesma foi formulada em entrevistas a membros dos referidos movimentos no interior da UIA.

<sup>46</sup> Arnaldo Etchart. Entrevista.

Embora para muitos deles, a UIA nunca tenha se caracterizado por incorporar a aristocracia argentina<sup>47</sup>, já que, segundo a explicação de alguns entrevistados, salvo muito raras exceções é uma indústria de imigrantes de primeira e segunda geração<sup>48</sup>, a disputa em muitos casos é por saber qual dos movimentos possui maior quantidade de apelidos ilustres.

Alguns integrantes do MIN opinam que os mesmos pertencem a suas filas (citam nomes dos Blaquier, os Patrón Costa, os Cornejo)<sup>49</sup>, e se acham encarnados na "aristocracia provinciana", a qual contrapõem em prestígio à gente da indústria de Buenos Aires. Um deles comenta, a esse respeito, que no MIA:

*"por más que ahora aparezca la 'farándula' con (Francisco) Macri<sup>50</sup> a la cabeza, Macri está lejos de ser un típico representante de la 'oligarquía argentina'<sup>51</sup>.*

Para outros, inclusive integrantes do MIN, o MIA conta, entre seus membros com gente que pertence aos setores sociais

<sup>47</sup> Arnaldo Etchart. Entrevista.

<sup>48</sup> Federico B. Kingard. Entrevista.

<sup>49</sup> Arnaldo Etchart. Entrevista.

<sup>50</sup> Francisco Macri é presidente de uma das *holdings* mais importantes da Argentina, com interesses diversificados no setor automotivo, serviços, construção civil, mais recentemente alimentação, etc. é um dos grandes privatizadores. Embora atue diretamente na UIA, considera que seu ex-cunhado e atual presidente da UIA, Jorge Blanco Villegas, ainda que se lhe reconheça "independência de critério", partilha e defende interesses de seu parente.

<sup>51</sup> Federico B. Kingard. Entrevista.

da "velha aristocracia argentina", ainda que admita o entrevistado que *"la aristocracia argentina nunca se comprometió con un proyecto industrial en la Argentina"*. Seguindo esta opinião, o MIA reuniria os setores mais tradicionais da Argentina que, em seu momento, incursionaram no setor industrial. Ademais, continua o entrevistado, *"el MIA es la alianza del «establishment» local con el «establishment» importado"*<sup>52</sup>.

Um ex-integrante do MIA apoia o anterior, afirmando que a classe social do «establishment» estava mais representada no MIA do que no MIN, e o segue sendo com a exceção dos Blaquier que pertencem ao MIN.

Os nomes aos quais faz referência tem sido considerados pioneiros da indústria na Argentina, relacionados com as fábricas de Bagley, Terrabussi, Noel, Aguila Saint, Bunge & Born no setor alimentício; Piccardo, de cigarros; a indústria têxtil com Campomar. Porém afirma que esta unidade sociológica não era unidade por um espírito de classe, mas antes, era a «tradição do porto»<sup>53</sup>.

Pode-se observar que na concepção de "nomes ilustres" há um suposto mais liberal, setorial, de uma lado e um relativo à nacionalidade, do outro.

### 3. Produção.

---

<sup>52</sup> Horacio Rieznik. Entrevista.

<sup>53</sup> Patricio Zavalía Lagos. Entrevista. Esta "tradição" será retomada e explicada mais adiante.

Vejamos agora como se conceitualizam os integrantes do MIA e o MIN em torno do que produzem:

*"Los productores de alimentos siempre consideraron que ellos eran los generadores de las divisas del país, que la que ejercían era una actitud noble de por sí, porque lo que viene del campo es todo noble y todo bueno. Todo lo demás, para ellos, era artificial, subsidiado, ingrato. Había ventajas comparativas que hacían que Argentina fuera el granero del mundo y toda esta herencia de la década del 30 y mucho antes del 30, la Argentina del modelo del 80, está muy metido en la cultura argentina"<sup>84</sup>.*

- *"Entiendo que estas reflexiones pueden parecer duras, pero somos dirigentes gremiales empresarios y debemos hacer el análisis crítico honradamente; por eso nos sorprende la actitud de algunos empresarios industriales que se manifiestan en la ciudad de Pinamar apoyando el denominado "Informe 84" motorizado por la Sociedad Rural Argentina, informe que propicia un crecimiento económico sólo a través de un fuerte impulso en las exportaciones AGRO-INDUSTRIALES. Es evidente que todavía hay industriales Argentinos que tienen la vocación de "morir aplaudiendo"<sup>85</sup>.*

*Habría que preguntarles a los propiciadores de ese proyecto qué hacemos con nuestras economías regionales"<sup>86</sup>.*

- *"La UIA en esa época era la UIA elitista de la ciudad de Buenos Aires que tenía a las grandes multinacionales y que representaba un gran empresariado con el cual nosotros no estábamos.*

*Nosotros éramos el grupo empresarial emergente del modelo en cambio la UIA no es una casualidad que la presidiera Coelho, (se refiere a la década de 1970, antes de la fusión) empresario de la yerba mate. La UIA era la entidad empresaria de los*

<sup>84</sup> José Censabela-Entrevista.

<sup>85</sup> "Morir aplaudiendo" é uma expressão empregada por integrantes do MIN para referirem-se ao fato de que na época de José Martínez de Hoz, muitos industriais do MIA, subscreviam ao pensamento liberal deste Ministro da Economia apesar de que a instrumentação dessas idéias tiveram conseqüências nefastas para suas indústrias, como foi o caso de muitas delas que terminaram quebrando por essa época.

<sup>86</sup> Texto do discurso de encerramento, pronunciado pelo Sr. Roberto Jure, Presidente do departamento PYMI da UIA, com motivo de celebrar em Salta, o Congresso das PYMI do Norte Argentino.

fabricantes de alimentos, no es una casualidad que Bunge & Born manejara la UIA, lo que se llama hoy COPAL, las viejas empresas tradicionales, los nombres patricios de la industria argentina, nombres que empiezan con los Terrabussi en una panadería vendiendo galletitas. No hay que olvidar que la UIA a fines del siglo pasado se funda con los que fabricaban paraguas, sombreros, soda. Era para nosotros una entidad elitista, conservadora, liberal, contraria al desenvolvimiento de la industria, que sostenía que la industria era artificial porque la Argentina debía ser aquello que era natural, era explotar el suelo, la agroindustria"<sup>97</sup>.

- "Caramelos o acero no es una opción y menos determinada por el mercado. Simplemente representa otra nueva capitulación de la dirigencia nacional, inscripta en el mismo marco de incompreensión de la realidad que suscitó aquello de que "la Argentina desde el punto de vista económico es parte integrante del imperio británico"<sup>98</sup>.

- "El MIN es la garantía de unidad en contra de la discriminación; de democracia interna en lugar de posiciones privilegiadas; de defensa irrestricta de la industria a partir de sus sectores básicos integrando todo el eslabonamiento industrial en contra del concepto de industrias naturales e industrias artificiales"<sup>99</sup>.

- "Nosotros tenemos diferencias insalvables con la concepción tradicional del MIA. No es una casualidad que el MIA defendiera a Martínez de Hoz y nosotros, (el MIN) estábamos en contra; ellos fueron los sostenedores de la industria artificial, por ejemplo piensan que hay una industria buena y una mala y a la mala hay que liquidarla, esa es una mentalidad típicamente liberal"<sup>100</sup>.

- "Los más fervorosos del MIN cuanto a la presencia industrial en Argentina representan la

<sup>97</sup> José Censabella. Entrevista.

<sup>98</sup> "Discurso pronunciado por el señor presidente de la Unión Industrial de Salta, Señor Arnaldo Etchart el día 15 de octubre de 1982 en la comida ofrecida a los miembros de la Unión Industrial Argentina reunidos en Salta con motivo del plenario del corriente año".

<sup>99</sup> "Por qué y para qué el MIN". Buenos Aires, 23 de abril de 1984. Assinado pelo Secretário do Movimento Industrial Nacional.

<sup>100</sup> José Censabella. Entrevista.

*doctrina desarrollista. En el MIA no hay... somos más... menos ideólogos, ¿no?. Industria, sí, por Dios, pero buena, competitiva. Lo otro es: industria, y punto; después mejoraremos; no importa, alta protección, después mejoraremos. Son dos políticas.*

*El MIA sería más partidario de la libertad, el MIN, más proteccionista*<sup>41</sup>.

Embora reelaboradas, as alusões sobre a agroindústria, caricaturada as vezes sob a forma de "caramelos" ou "bolachas", trazem uma crítica ao mesmo tempo que remetem ao debate entre indústrias naturais e artificiais.

#### 4. Interesses.

Esta distinção remonta aos debates sobre a *Ley de Aduanas* dos anos de 1875 e 76 quando, aludindo aos deputados liberais dizia-se que os mesmos "*crearon un sistema económico para su bolsillo, no para el país*"<sup>42</sup>.

Vejamos os termos em que a polémica se desenvolve um século depois.

Em um documento sobre as diferenças MIA-MIN, elaborado pelo secretário do MIN na década de 80, pode-se ler em referência ao MIA.

*- "Concepción liberal que privilegia el interés individual por encima del interés nacional. Conducta que se correlaciona con esta concepción, que algunos miembros del MIN caracterizan como: "la preocupación por la industria se centra en el precio de la galletita".*

<sup>41</sup> Jorge Gaibisso. Entrevista.

<sup>42</sup> Extraído do diário *La Capital*, de Rosário. Citado por Chiaromonte.

Outra opinião indica que o MIA não tem uma concepção nacional de sua atividade, seus interesses são prévios ao interesse nacional. O MIN afirma que o que importa é defender os próprios interesses através da solução dos problemas nacionais.

Aprofundando nessa linha, seus integrantes recordam um debate mantido dentro da entidade entre Arnaldo Etchart e Gilberto Montagna. Naquela oportunidade, o primeiro se definia como "industrialista", partidário da industrialização irrestrita da Argentina, e o segundo como "industrial".

Um dos entrevistados explica como prossegue a diferença entre indústrias "naturais" e "artificiais".

*"Cuando Gilberto Montagna decía 'Yo soy industrialista' quería significar que él le interesan los intereses de su empresa y va a defender los intereses particulares industriales pero no una concepción global de la industria argentina. Va a defender los intereses de los socios de la UIA pero no va a pensar en términos de que haya más socios de la UIA, ni que los 'chiquitos' se hagan 'grandes'.*

*Una (la del MIN) es una concepción política: 'yo creo que voy a crecer si toda la industria crece', es una concepción estratégica.*

*En el caso de Montagna es una concepción táctica, del día a día. Son dos concepciones ideológicas"<sup>64</sup>.*

Vinculado à afirmação anterior, outro integrante do MIN acrescenta que, diferentemente do MIA, seus membros não conduziam a UIA da mesma maneira que às suas empresas

---

<sup>63</sup> Samuel Kait.

<sup>64</sup> Horacio Rieznik.

particulares, de forma que as deixavam nas mãos das Câmaras correspondentes, para tomar-se os problemas da UIA de todo o país.

*"Cuando Gilberto Montagna -afirma Arnaldo Etchart- fue presidente de la UIA, en la época de Alfonsín, negociaba en función de sus galletitas".*

*Es por esa razón que caracterizó al MIN como la visión del condor y al MIA como el de la perdiz de las pampas. Al MIA como un grupo liderado fuertemente por Gilberto Montagna "al cual adhieren los otros como si se tratara de un Club de Tennis, haciendo una cuestión elitista social, pero sin élite. El MIN, por contraposición, había luchado porque la UIA recuperara su rol fundacional".*

Sistematizando o assinalado por Arnaldo Etchart:

| MIA               | MIN                   |
|-------------------|-----------------------|
| Perdiz dos Pampas | Visão do Condor       |
| Concepção tática  | Concepção estratégica |
| Club de Tennis    | Club Industrial       |
| Industriais       | Industrialistas       |

De acordo com o entrevistado, o MIA estaria preocupado tão somente com o interesse individual de sua própria empresa, careceria de um projeto de amplo prazo, e de doutrina.

A propósito, um assessor do MIA reconhecia em uma entrevista que, embora o MIA e o MIN constituíssem lugares

<sup>45</sup> Arnaldo Etchart.

apropriados para rastrear a doutrina da UIA, a mesma seria mais nítida no caso do MINes.

Seguindo com o quadro anterior, o MIN seria o portador da estratégia industrialista, a longo prazo e encarregado de retomar o projeto fundacional da UIA. É por esta razão que se pode ler em um documento muito esclarecedor da década de 1980, o seguinte:

*"La UIA debe saber y comprender que no puede regalar el rol político que le es suyo; que no debe rehuir ese debate; es más, que debe volver a ser factor de poder en Argentina para refundar el proyecto de industrialización nacional irrestricto que nunca debimos perder.*

*La lucha por la industrialización reconoce sus comienzos en 1620 cuando Hernando Arias de Saavedra, Hernandarias, inicia el proyecto industrial con el objeto de transformar la colonia a través de la incipiente industria textil; y precisamente desde entonces los intereses de la metrópoli, corporizados por sus representantes en estas tierras, oponen los desestímulos o agravios que van a frenar la iniciativa industrial.*

*En 1760 la zona norte del Virreynato del Río de la Plata, comprendida actualmente por las provincias del NOA, contaba con el 40% de la población siendo casi seguro que la participación del producto bruto de la región en el total nacional superaba ese porcentaje; pero a pesar de ello nuevamente los intereses opuestos a la industria a través del expediente del "libre comercio" agrava o desestimula los emprendimientos realizados y se concluye con esos esfuerzos.*

*En 1790 en Buenos Aires se paraliza la iniciativa de los hermanos Liniers que empujaban el proyecto de la fabricación de las "pastillas de sustancia" que no era otra cosa que el aprovechamiento industrial de las proteínas cárneas.*

---

<sup>66</sup> Jorge Bogo, economista, ex-assessor do departamento de Economia da UIA, integrante do Consejo Académico del Instituto. Entrevista realizada a 8 de junho de 1993.

Pero no todos eran desestímulos o agravios. Están las propuestas industrialistas de Don Pedro Ferré en 1826, la Ley de Aduanas de 1835 como formidable herramienta de protección industrial, las propuestas y exhortaciones de Emilio de Alvear en 1870, los debates por la industrialización nacional en 1876 cuando Carlos Pellegrini, Miguel Cané, Dardo Rocha, José Hernández, Vicente Fidel López y otros se oponían a los intentos del Ministro Norberto de la Riestra para seguir manteniéndonos como país productor de materias primas sin advertir la fuerza transformadora de la industria.

En este contexto llegamos a la fundación de la Unión Industrial Argentina en 1887 cuando conducida por Cambaceres inicia el proyecto de transformación concibiendo a la Corporación como una herramienta de poder político real para lograr los objetivos fundacionales.

Queremos restaurar y renovar la UIA de 1899 cuando su presidente Don Francisco Seguí encabeza la manifestación que el 26 de junio llega hasta el Congreso Nacional con la participación activa y masiva de obreros para reclamar la protección eficaz de la industria ante las pretensiones librecambistas del Centro de Comercio de Buenos Aires y es recibida por el Ing. Don Emilio Mitre - Presidente de la Cámara de Diputados de la Nación - quien en acalorado y entusiasta discurso dijo entre otros conceptos que obreros y patronos - contrariando la dialéctica de la lucha de clases - llegan tomados de la mano como en el escudo patrio - a pedir la protección y el estímulo de la industria Nacional.

Queremos recuperar la UIA de Don Luis Colombo que el 12 de Junio de 1933 congrega a miles de trabajadores e industriales en el Luna Park o Palacio de los Deportes, como se llamaba en esa época, para protestar por el pacto Roca-Runciman que nos vuelve a proponer la división internacional del trabajo y el rol de "granero del mundo". Esta es la UIA en cuya búsqueda estamos.

Somos por eso los herederos naturales de los Pellegrini, Cané, López y otros que supieron asumir el rol político de la industria para lograr la postergada transformación.

Esta es la historia de los conos de sombra y de los momentos de luz de la dirigencia industrial

*argentina, dirigencia que cuando se producen las sombras claudica seguramente por desconocimiento o ignorancia del rol de la industria, por falta de interés o pereza mental para adentrarse en la historia del proyecto industrial postergado desde 1620 o por superficialidad o frivolidad en el tratamiento del problema"*<sup>47</sup>.

Assim, neste discurso, Arnaldo Etchart explicita a um mesmo tempo os marcos e os homens que o MIN reivindica: 1876, 1887, 1899, 1933; Carlos Pellegrini, Miguel Cané, Dardo Rocha, Luis Colombo, datas e homens que têm um grande significado para a história do protecionismo na Argentina.

Isto explica, em parte, a "densidade" em torno das figuras de Pellegrini e Colombo no Sociograma 2, do Capítulo 2, fenômeno que será aprofundado no Capítulo 5.

Sobre os homens e os marcos, quero fazer duas reflexões: ao recobrá-los e alinhar-se a eles, os integrantes do MIN estabelecem um laço com as gerações que os precederam, laço que os vincula com a UIA dos primeiros tempos, legitimando-os como se houvessem ingressado a esta instituição muito antes de 1980.

Em segundo lugar, e paralelamente ao conhecimento das interpretações acerca do MIA e do MIN, advertem-se certas recorrências dicotômicas na UIA: o *Club Industrial* e o *Centro Industrial*<sup>48</sup>; Carlos Pellegrini e Norberto de la Riestra<sup>49</sup>;

<sup>47</sup> Discurso pronunciado pelo senhor Arnaldo Etchart a 17 de junho de 1986, por motivo da Assembléia Nacional do Movimento Industrial Argentino em que se lhe oferece a candidatura à Presidência da UIA para as eleições de 1987.

<sup>48</sup> Como vimos neste mesmo capítulo, no que se refere ao episódio que acarreta o cisma dentro do *Club Industrial*, originando o *Centro Industrial*, o primeiro era mais protecionista e o segundo mais liberal.

Luis Colombo e Juan Martín Oneto Gaona<sup>70</sup>; o MIN e o MIA, que dariam elementos para pensar que a heterogeneidade foi uma característica da entidade presente já desde o seu berço e me atrevera a dizer, antecipando-me aos resultados do Capítulo 5, que esta heterogeneidade pode registrar-se tanto no plano histórico quanto no mítico.

#### IV. Nem MIA nem MIN. Os "estrangeiros".

Nesta subdivisão, agrupei aqueles entrevistados que se definiam negando seu pertencimento ao MIA ou ao MIN.

Dentro desta classificação, desta vez empregado o termo "estrangeiro" no sentido apontado nas páginas iniciais deste capítulo, para referir-me fundamentalmente ao que se usou chamar o "*Club de Exportadores*" ou também "*Grupo Paulista*" e também "*Club de Privatizadores*". Os mesmos foram apresentados no Capítulo 1, quando se fez referência às razões pelas quais haviam sido nominados de tal maneira.

A seguir, farei uma breve caracterização dos entrevistados em questão, para depois analisar suas opiniões acerca do MIA e do MIN.

---

<sup>69</sup> Carlos Pellegrini e Norberto de la Riestra simbolizam o enfrentamento das posturas protecionistas e liberais respectivamente, nos debates sobre a *Ley de Aduanas* desenvolvido na Câmara dos Deputados em fins do século passado.

A menção da figura de Norberto de la Riestra e sua identificação com o pensamento do MIA corresponde a Arnaldo Ethcart em entrevista.

<sup>70</sup> Esta oposição corresponde exclusivamente a minha interpretação, a qual se baseia nos resultados do Sociograma 2, assim como na análise da formulação dos rituais e a simbologia da entidade, o que se analisa no Capítulo 5.

**Israel Malher<sup>71</sup>.**

Nasceu em Buenos Aires em 1929. Seu pai trabalhou como confeccionista de camisas.

Estudou Engenharia na *Universidad de La Plata* entre 1948 e 1952, porém não chegou a graduar-se. Um ano antes de abandonar seus estudos, em 1951, realizou seu primeiro empreendimento empresarial vinculado ao transporte vertical de cargas. Início nada alentador já que faliu em 1952.

Trabalhou em relação de dependência até 1959, ano em que fundou Técnica Toledo S.A. junto a um sócio do qual posteriormente lhe comprou a parte.

Nos escritórios de sua fábrica, na Capital Federal, a 17 de maio de 1993, realizei uma entrevista com Israel Malher, quem fora presidente da UIA no período de 1991-3.

Ingressou na UIA na década de 1980, porém havia desenvolvido anteriormente uma grande atividade grêmio-empresarial: foi orador da *Cámara Argentina de Fabricantes de Máquinas-Herramientas Accesorios y Afines* (AAFMHA) e depois presidente da mesma de 1976 a 1981; Presidente da *Asociación de Industriales Metalúrgicos de la República Argentina* (ADIMRA), vice-presidente do *Instituto Nacional de Tecnología Industrial* (INTI).

---

<sup>71</sup> As classificações que proponho, como todo instrumento analítico, não são perfeitas. No caso de Israel Malher, agrupei-o aqui enquanto se define como "ni NIA ni MIN", entretando, não o incluiria entre os "estrangeiros".

A sua atividade grêmio-empresarial se soma a política, a qual desenvolveu como afiliado do Partido Radical.

#### Manuel E. Herrera.

Oriundo da província de Santiago del Estero, nasceu em 1944. Formou-se como advogado em 1966, seguindo os passos de seu pai, quem trabalhou como juiz e como professor universitário. Sua mãe era professora.

Seu avô materno era advogado e administrador dos campos de seu pai, quem possuía importantes extensões na província de Córdoba e na região ao sul de Santiago del Estero.

Seu avô paterno era um importante pecuarista, agricultor e industrial em Santiago del Estero.

Sobre a vida particular, na entrevista que fiz com ele a 7 de janeiro de 1992, em seu gabinete da UIA, Herrera acrescentava com orgulho:

*"Mi abuelo paterno instaló una fábrica de alimentos especiales muy importante donde se mezclaba melasa que venía de Tucumán y alfalfa que cultivaba en Santiago del Estero; así producía 'melalfa' para la exportación. Su socio fue el rey de España, Alfonso VII.*

*Por otra parte mi abuelo era dueño de una usina eléctrica; fundó un pueblo a 30 km. de Santiago del Estero al que bautizó con el nombre de su madre y lo dotó de todo lo necesario para que tuviera los beneficios de la civilización: le puso una fábrica de hielo, de soda, un cine, hotel, comercios de ramos generales, la usina eléctrica, teléfonos, construyó canales de riego y construyó una iglesia. Fue un emprendedor, un colonizador".*

Entrevistei Manuel Herrera enquanto Secretário da *Unión Argentina*, e portanto, integrante de seu *Comité Ejecutivo*. Carecia de trajetória anterior na UIA.

Nesta época, era Diretor de *PASA Petroquímica Argentina S.A.*, empresa do Grupo Pérez Companc; ex-diretor de Atanor S.A. (Grupo Bunge & Born); Rago S.A.; Safetys S.A.; Carboquímica S.A.; Tecnor S.A.; Hoganor S.A.; Fadecor S.A.; Duranor S.A.

#### **Alejandro Achával<sup>72</sup>.**

Sua família paterna "*conta con 300 años de Argentina*"<sup>73</sup>, segundo gosta de dizer Achával, portador de um sobrenome de origem basca.

Sua avó materna era filha do Embaixador alemão em Montevideo (Uruguai) na época de Bismark, durante a unificação alemã.

O avô paterno era um destacado produtor agropecuário, que Achával qualifica de "*empreendedor*", enquanto que sua bisavó era filha de Laureano Rufino, "*gente muy rica de origen agropecuario*".

Alejandro Achával formou-se como engenheiro em 1956 e depois de trabalhar gratuitamente na General Electric Argentina durante um ano, a companhia o enviou a uma de suas

---

<sup>72</sup> Como integrante da *holding* Carovaglio Zorroquín pode ser incluído entre os privatizadores.

<sup>73</sup> No original por sugestão da autora (N.T.).

sucursais nos Estados Unidos como bolsista, país em que ele residiu um par de anos.

De volta a Buenos Aires trabalhou quatro anos na mesma companhia.

De 1962 a 1973 trabalhou em Fiplasto, uma indústria dedicada à produção de chapa dura de propriedade da família Leloir, sendo o prêmio Nobel em Química, Luis Leloir, um de seus principais acionistas.

Em 1974, Federico Zorraquín, empresário do Grupo Garovaglio & Zorraquín, o contratou para analisar a compra de um grande frigorífico, operação que não se concretizou. Porém, por outro lado, Zorraquín adquiriu IPAKO, então uma companhia petroquímica americana, e ofereceu a direção da mesma a Alejandro Achával.

Quase vinte anos depois, na entrevista que Alejandro Achával me concedera, nos escritórios de IPAKO, na Capital Federal, a 15 de novembro de 1993, forneceu mais detalhes sobre sua atividade atual.

*"Después de comprar IPAKO, Zorraquín adquirió un paquete accionario más, el de Petroquímica Bahía Blanca, del Grupo Bunge & Born. De la Compañía Química hicimos Polisor y hoy soy director de todas esas compañías y director de una compañía americana que es la tercera productora mundial de gases industriales. Por otra parte, hoy IPAKO es 15 veces más de lo que era en 1974".*

Achával pertencia ao Comitê Executivo da UIA no momento da entrevista, entidade na qual ingressou em 1993 como Presidente da Câmara Química e Petroquímica.

**Alberto F. Ibañez.**

Entrevistei Alberto Ibañez a 16 de outubro de 1992, em seu escritório de Relações Institucionais do Grupo Techint, empresa da qual é executivo. Anteriormente foi funcionário de Acindar, propriedade da família de Acevedo.

Detinha então o cargo de Presidente do Departamento de Comércio da UIA.

é Contador Público Nacional e descende de espanhóis e argentinos.

Antes que passasse a trabalhar para um grupo japonês vários meses depois de ter realizado esta entrevista, era considerado por vários meios editoriais, como um dos "lobbystas" mais importantes do Grupo Techint.

**Roberto Rocca<sup>74</sup>.**

Os economistas e o jornalismo especializado o apontam como o Presidente da maior *holding* industrial da Argentina e não se cansam de fazer referência ao fato que a revista norteamericana "Forbes" lhe atribui uma fortuna que supera milhões de dólares.

O Presidente do Grupo Techint é um dos principais referenciais dos chamados *Grupo Paulista*, *Club de Exportadores* e *Club de Privatizadores*, devido respectivamente a seu pensamento industrialista, seu claro corte exportador e

<sup>74</sup> Embora Roberto Rocca não ocupe pessoalmente nenhum cargo na UIA, sua participação informal na mesma é importante.

a aquisição, por parte de seu grupo, de várias das empresas estatais que foram privatizadas durante a gestão do atual Presidente Argentino Carlos S. Menem, concedeu-me uma entrevista a 3 de dezembro de 1993.

O lugar, um elegante escritório com vista para o porto de Buenos Aires, localizado no 29º andar do mesmo edifício que sedia a *Unión Industrial Argentina*, em cujas paredes foi dado um lugar especial para o retrato de seu pai, Agustín Rocca, fundador do Império.

Agustín Rocca nasceu a 25 de maio de 1895, em Milão (Itália) e poucos anos depois ficou órfão de pai e mãe, devido a um terremoto que no ano de 1908 destruiu a cidade de Messina<sup>75</sup>.

Em 1915 foi egresso da Academia Militar como subtenente de artilharia e dali há poucos dias a Itália entrou em guerra (Primeira Guerra Mundial), para a qual foi convocado, exercendo a função de oficial de artilharia de montanha.

Ao fim do conflito bélico, abandona o exército inscrevendo-se no Politécnico de Milão, no qual conclui seus estudos de engenharia em 1921, e ingressa na fábrica conhecida hoje por Dálmine S.p.A., especializada na produção de tubos de aço sem solda e na qual chegou a ser Vice-presidente e administrador delegado da sociedade.

---

<sup>75</sup> Para a reconstrução de alguns marcos importantes na vida de Agustín Rocca, baseio-me no número especial que o "Boletín Informativo" da Organização Techint dedicou a sua memória após a sua morte, ocorrida a 17 de fevereiro de 1978.

"Boletín Informativo" Nº 209, Janeiro-Fevereiro-Março de 1978.

Com a crise econômica de 1930, o Estado teve que suportar várias empresas que estavam à beira da falência, quando então teve lugar a formação de uma nova sociedade financeira estatal que as agrupava com o nome de Sofindit, primeiro e IRI depois. Em ambas as sociedades Rocca ocupou postos-chaves.

Encarregado pela IRI, Rocca estudou a reestruturação da siderurgia italiana, o que lhe permitiria mais tarde elaborar um plano cujo objetivo estava baseado em concentrar todas as participações em Finsider, da qual foi seu primeiro diretor geral.

Enquanto se encarregava da instalação de uma fábrica siderúrgica em Cornigliano, Gênova, e continuava à frente de Finsider e Dálmine, lhe confiaram a responsabilidade da ampliação das fábricas de armamentos e estaleiro de Ansaldo.

Aos 51 anos resolveu deixar seu país, foi assim que em 1946, com dez mil dólares reunidos entre seus parentes e amigos, viajou ao Brasil e à Argentina, onde finalmente se instalou.

Na entrevista, Roberto Rocca, nascido em 1922, engenheiro mecânico formado no Politécnico de Milão em 1945, doutor pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT) em Químico-Física Metalúrgica, recordava desta maneira os inícios da Organização que atualmente preside:

*"Mi padre y yo teníamos que buscar trabajo para un centenar de ingenieros y entonces se hizo la Techint. Después de la guerra había muchos intereses europeos para salvar cosas que tenían en*

*la Argentina: varios hombres importantes hicieron un fondo que se llamaba "Industrial Investment Corporation". La gente le dio estancias a mi padre, en la Argentina, para que le pusiera tubos. Ahora bien, ¿cómo se hacía para entender dónde terminaba el interés de Techint y empezaba el de los otros?. Entonces propusimos una fusión cuyo principio es que el grupo Rocca, el grupo inicial de ingenieros, hasta tanto 'no se fueran todos al tacho'<sup>76</sup>, conservaba la guía, era el grupo operador del conjunto".*

Agustín Rocca criou na Argentina Dálmine Siderca e a Techint, que se converteu em uma empresa construtora. As primeiras obras enquadraram-se dentro do que devia ser sua especialidade mais cracterística, em termos históricos: linhas elétricas, gasodutos e oleodutos.

A primeira iniciativa industrial de Roberto Rocca, seu filho, foi a Cometarsa, uma fábrica de fábricas; depois veio Losa, uma fábrica de cerâmicas para a indústria da construção.

Hoje, as principais empresas do Grupo Techint na Argentina são as seguintes (Quadro 7, próxima página):

---

<sup>76</sup> Na linguagem cotidiana portenha, "Irse al tacho" é sinônimo de falar.

## Quadro Nº 7.

Empresas do Grupo Techint na Argentina<sup>77</sup>

|   |  |
|---|--|
| Siderca (Tubos de aço sem costura)              | Losa (telhas cerâmicas e ladrilhos ocós)                         |
| Siat Comater (Tubos de aço com costura)         | Telettra Argentina (Telecomunicações)                            |
| Propulsora Siderúrgica (Chapa laminada a frio)  | Tecpertol (Exploração e produção de petróleo)                    |
| Cometarsa (Grandes Construções metálicas)       | Ferro Expreso Pampeano (Transporte de cereais e cargas em geral) |
| Ingenharia Techint (construções civis)          | Caminos del Oeste (Manutenção de rodovias)                       |
| Arsa (Aços revestidos)                          | Santa María (Financiadora de investimentos por mandato)          |
| Tubos e perfis (tubos trefilados e estruturais) | Saneamiento y Urbanización (trabalhos de engenharia sanitária)   |

Fonte: "Historia de una Pasión. El testimonio de Roberto Rocca". Revista Mercado Nº 83, Buenos Aires, Agosto de 1991.

Sem pretensões de detalhar exaustivamente toda a conformação da *holding*, o que escapa aos objetivos desta dissertação, há que acrescentar à informação anterior a série de incorporações atinantes às privatizações de empresas do Estado argentino que adquiriram especial magnitude sob a administração Menem-Cavallo. Tais são os casos de Somisa;

<sup>77</sup> Segundo a opinião de Roberto Rocca "si se considera la nacionalidad de las personas que integran Techint es un grupo fundado por italianos que terminaron radicándose en Argentina. La concentración de los intereses del grupo en Argentina es tal que si uno quisiera dar una gran definición tendría que decir que es una multinacional argentina", Entrevista.

Gasoduto zona Norte; ENDELAP; Zona Sul de Entel; Areas Aguaraquê e *El Tordillo de Yacimientos Petrolíferos Fiscales (YPF)*, e dez áreas marginais de YPF<sup>70</sup>.

O atual presidente da Techint Argentina S.A., da Organização Techint e de Siderca S.A., presidente do Circulo Italiano, não só herdou a sabedoria, experiência e inteligência de seu pai, como também pertence a uma larga tradição de indivíduos empreendedores.

No único artigo jornalístico, que segundo Rocca, reflete bem sua vida e seu pensamento, o autor afirma que no século XVIII os antepassados de Roberto Rocca, oriundos de Gênova e dedicados à navegação, especializaram-se na importação de trigo da Criméia<sup>71</sup>. O capitão do primeiro navio que trouxe trigo à Argentina, chamava-se Paolo Rocca. Entretanto, os Rocca nem sempre foram bem-sucedidos; em meados do século passado, seu bisavô perdeu sua fortuna por não acreditar no futuro do navio a vapor.

Seu avô Giuseppe, também engenheiro, empreendeu a larga trajetória da reconstrução da fortuna, começando com as estradas de ferro italianas em Messina, em 1906, lugar no qual morreria por causa do terremoto que - como já nos referimos acima - sacudiu esta cidade em 1908.

À frente do grupo desde o falecimento de seu pai, em 1978, acompanhado por seu filho Agostino (em honra ao

---

<sup>70</sup> *Clarín*, domingo, 13 de dezembro de 1992, pág. 6 e 7.

<sup>71</sup> O artigo em questão, anteriormente citado é "*Historia de una Pasión. El testimonio de Roberto Rocca*".

fundador do império Techint), Roberto Rocca, tem tempo livre o suficiente para pintar e ser Vice-presidente do Mozarteum Argentino.

#### V. Reflexões finais.

Apesar deste último conjunto de entrevistados se definirem por seu pertencimento ou não ao MIA e ao MIN, é necessário fazer alguns esclarecimentos.

Israel Malher havia pertencido a uma lista do MIN de princípios da década de 1980 e tem um pensamento claramente industrialista. Mesmo assim foi fundador do MIA como integrante da ADIMRA, associação metalúrgica que, como vimos, pertenceu tradicionalmente ao MIA.

Alejandro Achával conhecia pouco a instituição à qual havia recém ingressado em 1993, integrando uma lista do MIA. Suas palavras na entrevista foram:

*"La verdad, yo no he estado participando ni del MIA ni del MIN. He sido propuesto a través de la Cámara Química porque la misma perteneció históricamente al MIA"*

Manuel Herrera, ingressou na UIA em 1991 e dizia pertencer ao *Club de Exportadores*.

Alberto Ibañez, funcionário de várias *holdings* definiu-se como "Paulista".

Roberto Rocca pertence ao *Club de Exportadores, Paulistas e Privatizadores*. Exibe um pensamento industrialista apesar do qual votou em numerosas

oportunidades pelo MIA. Quando o consultei se pertenceria ao MIA ou ao MIN, ele respondeu:

*"A ninguno de los dos. Personalmente porque yo no he entendido cuál es la diferencia. Soy muy amigo de (Gilberto) Montagna (MIA) y de otros, de todos, y cuando me siento con ellos no entiendo, me parece que son problemas personales".*

É comum escutar entre aqueles que se definem como "nem MIA nem MIN" que as diferenças entre ambos os movimentos não existem.

*"Las diferencias pertenecen al pasado. Los movimientos tienden a desaparecer"<sup>80</sup>.*

*"Yo creo que no hay diferencias sustanciales (entre el MIA y el MIN), que los principales objetivos son los mismos. Hay diferencias en cuanto al enfoque que han dado a algunos problemas, yo le diría más bien años atrás. Hoy creo que se va configurando, que...se van identificando mucho más. (...) Son posiciones que a veces vienen de más atrás y que yo no entiendo muy bien"<sup>81</sup>.*

*"Yo le diría que casi no hay diferencias ideológicas entre el MIA y el MIN. Es casi una historia que fue superada por las realidades del mundo, pero que se conservan porque ya tienen sus núcleos, su gente y todo lo demás"<sup>82</sup>.*

*"El MIN y el MIA son corrientes que tienen un conflicto uno con otro muy a la Argentina, por razones más bien personales antes de que de intereses"<sup>83</sup>.*

---

<sup>80</sup> Alejandro Achával. Entrevista.

<sup>81</sup> Manuel Herrera. Entrevista.

<sup>82</sup> Alberto Ibañez. Entrevista.

<sup>83</sup> Roberto Rocca. Entrevista.

Há uma diferença substancial entre os "nativos" e os que se definem como "nem MIA nem MIN", entre os quais se incluem os "estrangeiros".

Enquanto que os primeiros se comportam como "movimentos", pelo menos no que se refere à área dos "nacionalismos econômicos", os segundos atuam como agrupamentos de "estrangeiros", na acepção de Simmel.

Com efeito, sugeri acima que o MIA e o MIN, portadores de múltiplas ambigüidades em uma série de problemáticas, se definiam pelo menos com respeito de uma área temática que denominei de "nacionalismo econômico", a partir de um sistema de classificações dicotômicas.

Neste trabalho, ao qual fizemos referência na Introdução desta dissertação, Alberti e Castiglioni, em uma investigação que realizaram entre os membros da UIA em 1985, afirmam que alguns deles, consultados em entrevistas em meados de 1985, caracterizavam a Argentina como uma sociedade "movimientista", entendendo o movimento como um tipo de expressão política da ação social, um dos traços que se baseia na distinção "nós-eles"<sup>84</sup>.

Os casos do *Club de Exportadores* e do *Club de Privatizadores* podem ser interpretados como "nucleamientos de extranjeros". Apesar de que alguns de seus integrantes pertençam à UIA desde há vários anos, não expressam estar

---

<sup>84</sup> Alberti y Castiglioni, Op. Cit. pág. 18.

comprometidos com eles ou compenetrados com suas origens e suas disputas; menos ainda compartilhar suas linhagens.

Os "estrangeiros" se situam fora dos movimentos, muitas vezes não os entendem e até os põem em cheque, por exemplo, quando negam a existência de diferenças entre o MIA e o MIN.

Na mesma operação pela qual homogenizam novamente um e outro movimento, negando suas diferenças, as afirmam ao autodefinirem-se em função de uma dicotomia, a saber: "*somos ni MIA, ni MIN*".

Se observamos as declarações de integrantes do MIA e o MIN, muitos deles mantêm também uma atitude homogeneizadora no sentido das diferenças que existiam em outras épocas já desaparecidas ou tendendo a desaparecer.

Retomando as reflexões finais do capítulo anterior com respeito ao conceito de "limite" formulado por Fredrik Barth, a presumida "fronteira" entre o MIA e o MIN careceria, no caso sob estudo, da definição (no sentido de precisão e contundência) implícita na noção de Barth.

Embora para alguns entrevistados as diferenças entre o MIA e o MIN sejam profundas, para outros as mesmas se reduzem a questões de estilo, ao que se soma o fato de que a pessoas que sustentam tais opiniões pertencem indistintamente a um ou a outro movimento.

Em um trabalho recente George Marcus (1994) argumentou que se a tarefa das ciências sociais consistia, há até bem pouco tempo atrás, em apresentar as "identidades" sob estudo desprovidas das confusões, desordens e ambigüidades que as

constituíam, os esforços devem dirigir-se hoje em dia a esclarecer a ambigüidade que lhes é inerente.

Com base no trabalho de campo que realizei, afirmo que a ambigüidade é um elemento de vital importância na hora de formular uma interpretação sobre o MIA e o MIN.

Não obstante, não é o único; como assinaliei para o caso dos "nacionalismos econômicos", detectei um núcleo temático a partir do qual se pode vislumbrar um divisor de águas.

Tanto no caso dos nativos como no caso dos estrangeiros, há um ponto de acordo com respeito ao MIA e ao MIN: as diferenças eram mais nítidas no passado. Por isso esta indagação será o tema do próximo capítulo.

VIVIANA LEBEDINSKY

**UNION INDUSTRIAL ARGENTINA:  
Entre o Mito e a História**  
ETNOGRAFIA DE UMA CENTRAL GREMIAL-INDUSTRIAL

*Um estudo antropológico no âmbito  
das sociedades "complexas"*

VOL. II

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Departamento de  
Antropologia do Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas  
da Universidade Estadual de  
Campinas, sob a orientação do  
Prof. Dr. Guilherme Raul Ruben.

Este exemplar corresponde à  
redação final da dissertação  
defendida e aprovada pela  
Comissão Julgadora em  
06/04/95.

Banca:

Prof. Dr. Guilherme Raul Ruben - Orientador

Profª Drª Maria Suely Kofes

Profª Drª Paula Montero

Abril/1995

PM-00076797-0

|            |          |
|------------|----------|
| UNIDADE    | PC       |
| MUNICÍPIO: | UNICAMP  |
| V.         | 02. E    |
| PREÇO      | 433,95   |
| DATA       | 28/09/95 |
| N.º CPD    |          |

VIVIANA LEBEDINSKY

# UNION INDUSTRIAL ARGENTINA: Entre o Mito e a História

ETNOGRAFIA DE UMA CENTRAL GREMIAL-INDUSTRIAL

*Um estudo antropológico no âmbito  
das sociedades "complexas"*

Vol. II



2 DE SEPTIEMBRE 1587

*Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Departamento  
de Antropologia Social  
do Instituto de Filosofia  
e Ciências Humanas  
da Universidade Estadual  
de Campinas, sob a orientação  
do Dr. Guillermo R. Ruben*

*Este exemplar corresponde à  
redação final da tese defendida  
e aprovada pela Comissão  
Julgadora em 6/4/95*

MARÇO / 1995

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Lebedinsky, Viviana

L491u Union industrial argentina: entre o mito e a história, etnografia de uma central gremial-industrial, um estudo antropológico no âmbito das sociedades complexas / Viviana Lebedinsky. -- Campinas, SP: [s.n.], 1995.

Orientador: Guilherme Raul Ruben.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Antropologia social. 2. Mito. 3.\* União industrial argentina. I. Ruben, Guilherme Raul, 1947- II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

**TERCEIRA PARTE*****Heterogeneidades II***

## Capítulo 4

### O Passado Recente. Origens e Linhagens<sup>1</sup>

"... Todo lenguaje es un alfabeto de símbolos cuyo ejercicio presupone un pasado que los interlocutores comparten..."

Jorge Luis Borges<sup>2</sup>

#### Introdução.

Como pôde ser apreciado nos dois capítulos anteriores, o passado recente e o passado remoto se apresentam como fatos "densos" no discurso nativo.

No primeiro caso, abundam as alusões ao passado para referir-se, entre outros tópicos, às diferenças MIA-MIN. As mesmas teriam sido mais nítidas em um período anterior ao presente.

No segundo, o resgate de figuras e fatos mais que centenários é uma prática recorrente.

No que concerne ao passado remoto, problemática do próximo capítulo, dedicarei especial atenção ao que denomino origens "míticas" do MIA e do MIN.

No presente capítulo, centrar-me-ei no passado recente com ênfase nas origens históricas do MIA e do MIN; nas

---

<sup>1</sup> Por tratar-se de um conceito surgido no seio da antropologia das sociedades "primitivas", devo esclarecer que a noção de "linhagem" funciona, em meu trabalho, à maneira do conceito de "exemplar" no sentido kuhniano, um disparador de imaginação.

Em termos operativos, quando utilizar o termo "linhagem", estarei me referindo ao fato de que um grupo de pessoas se agrupa em função do reconhecimento de um antepassado comum.

<sup>2</sup> El Aleph. In: *El Aleph. Obras Completas*, tomo I, pág. 624. Buenos Aires: Emecé Editores. 1991.

relações mantidas por ambos os movimentos em épocas passadas; e nas circunstâncias pelas quais se construíram as "linhagens históricas"<sup>3</sup> do MIA e do MIN.

Analisarei as relações MIA-MIN no passado recente a partir das representações e interpretações (no sentido outorgado a estes termos por Maurice Godelier e explicitado no capítulo anterior) dos "nativos" já apresentados no Capítulo 2.

O registro aludido, cuja característica é a de ser uma interpretação do passado a partir do "presente etnográfico", será enriquecido por documentos contemporâneos desse passado recente.

Embora esta problemática seja retomada nas Considerações Finais desta dissertação, quero esclarecer aqui que o "presente etnográfico", tal como o concebo, inclui a "memória"<sup>4</sup>.

No que concerne às relações MIA-MIN, um de meus propósitos é o de problematizar, em termos antropológicos, o sentido que adquire este passado recente, no discurso nativo.

<sup>3</sup> Como no caso do conceito de "linhagem", formularei uma definição operativa para referir-me à "linhagem histórica" e à "linhagem mítica"

Para isto, neste caso particular e com todos os cuidados que esta definição operativa contenha, por se tratar de uma concepção elaborada originalmente no contexto da antropologia das sociedades "primitivas", para ser reelaborada no contexto de um trabalho situado na problemática das sociedades "complexas", considere - seguindo Claude Lévi-Strauss (1984 [1962]; 1980 [1958]) - que uma das características do mito é a de evocar um passado abolido e aplicá-lo como uma trama sobre a dimensão do presente.

Assim sendo, a história efetua uma escolha entre os elementos do presente, concedendo somente a alguns deles o privilégio de ter um passado.

Entenderei a história como uma representação do passado e aos mitos reconhecerei a capacidade de entrelaçar passado, presente e futuro.

<sup>4</sup> Ver Considerações Finais.

Para isto, focalizarei a atenção em alguns fatos que os entrevistados privilegiaram como significativos, a saber: 1) a fusão da *Unión Industrial Argentina* e a *Confederación General de la Industria* em 1974; 2) a constituição do *Movimiento Industrial Argentino* e dos movimentos que posteriormente convergiram na fundação do *Movimiento Industrial Nacional*, isto é, o *Movimiento de Empresarios del Interior* (MEDI) e o *Movimiento Unificado del Interior* (MUI) em 1976; 3) alguns episódios que marcaram a convivência do MIA, MUI e MEDI na UIA, sob intervenção do governo militar entre 1976 e 1981, entre os quais se destacam os protagonizados por Tomás Horacio Liendo e Eduardo Valentín Oxenford; 4) a fundação do MIN em 1982.

Argumentarei que os fatos "densos" mencionados, situados em três momentos diferentes da convivência na vida argentina, como foram: o período peronista da década de 1970; a época do último governo militar de meados de 1970; a época do último governo militar de meados de 1970 até os iniciados na década de 1980 e o final do governo militar até 1982, podem ser interpretados como distintos marcos de um complexo processo no qual se conformaram as relações entre o MIA e o MIN.

#### I. Um olhar retrospectivo.

Vimos que, quando no capítulo anterior os "nativos" e alguns "estrangeiros" se referiam às diferenças MIA/MIN, mesmo aqueles que opinavam que as mesmas haviam desaparecido,

argumentavam que se poderia rastreá-las com menor dificuldade nos primeiros anos da década de 1980.

Embora seja precisamente em 1982 que o MIA e o MIN começam a conviver enquanto movimentos no seio da UIA, a relação dos membros que em 1976 constituiriam o MIA com a da maioria dos integrantes do MEDI e do MUI (fundados na mesma época que o MIA), que em 1982 convergiriam no MIN, data dos inícios da década de 1970 no marco do que veio a se chamar a *Confederación Industrial Argentina* (CINA), produto da fusão da UIA e da CGI.

Para os integrantes do MIN, a incorporação de seu movimento à UIA teria dado início a uma entidade totalmente diferente da anterior, chegando a denominá-la "nova UIA" e atribuindo a mudança a uma causa exclusivamente "externa" à entidade grêmio-empresária em foco.

Os membros do MIA, por sua vez, relativizando a versão anterior, afirmam que a UIA vinha de um processo de transformação "interna", cujo um dos marcos se conhece como a *"ruptura de los metalúrgicos"*, em 1971.

Um protagonista principal deste evento, Eduardo Braun Cantilo, se referia ao episódio nos seguintes termos:

*En 1971, junto con Eduardo De la Fuente, como dirigentes de la Asociación de Industriales Metalúrgicos de la República Argentina (ADIMRA) nos retiramos de la UIA porque (José) Enquin\*, que había sido nombrado por la Asociación de Industriales Metalúrgicos (en el Consejo Directivo de la UIA) se*

\* Refere-se ao engenheiro José Enquin, quem fora Primeiro Vice-presidente na Junta Diretora da UIA. *Provincia de Establecimientos Industriales Febo CIFISA. In: Memoria y Balance de la UIA 1971-72.*

movía "per se" y nosotros no estábamos de acuerdo en la composición del Consejo ni con su filosofía.

Con ese "quiebre", fui parte del grupo que sacó del Consejo Directivo de la UIA a todas las empresas multinacionales porque no hay ninguna Unión Industrial del mundo que tenga en su Consejo de Presidencia a la Shell, a la Esso, a la Ford y la General Motors..., es una locura. Las personas que están ahí, tienen que tener poder de decisión. Cuando usted el poder de decisión lo tiene a una distancia de Fax de 10 mil kilómetros, en otro país, lo que ese señor opina no es lo que le conviene a la industria argentina sino a la industria de ese señor, donde la estrategia temporaria de la Argentina le puede convenir o no.

Esa había sido la norma en la UIA. Las (empresas) extranjeras recibían el mismo trato que las nacionales. Cuando nosotros irrumpimos en los años 1970-71, nos encontramos con esta situación y nos pareció incompatible con una política de industria nacional.

Debido a la "ruptura" la UIA quedó huérfana de un sector importante como el metalúrgico por un interregno corto hasta que vinieron a vernos Patricio Zavalía Lagos, Roberto Blanco, Martín Noel y Padilla a Pratt, a De la Fuente y a mi. Siendo Presidente de la Asociación de Industriales Metalúrgicos en 1972, me nombraron Vicepresidente Primero de la UIA y a Enquín, le quitamos el poder"<sup>6</sup>.

Se um dos marcos que (de acordo com a ótica do MIA) marcava uma mudança interna na UIA era o da "ruptura de los metalúrgicos", outro se refere à modificação dos Estatutos da Entidade. As mesmas introduziram muitas das mudanças que depois se incorporaram definitivamente à UIA na década de 1980.

Além das explicações de claro corte "externalista" (MIN), ou "internalista" (MIA), a seguir, argumentarei que às

---

<sup>6</sup> Entrevista.

diferenças MIA/MIN podem ser rastreadas, sob a forma MIA/MEDI-MUI já na década de 1970.

### 1. A "fusão". O período do governo peronista.

A linguagem "nativa" popularizou com o nome de "*la fusión*" à confluência entre a *Unión Industrial Argentina* e a *Confederación General de la Industria* (integrante da *Confederación General Económica*) na *Confederación Industrial Argentina*.

Pela importância da CGE e da CGI na compreensão das percepções nativas sobre "a fusão", começarei com uma breve caracterização das mencionadas centrais grêmio-empresariais, no que se refere a sua fundação, constituição, trajetória, objetivos e principais dirigentes.

#### a) A *Confederación General Económica* (CGE).

De acordo com a história oficial<sup>7</sup>, na madrugada de 26 de maio de 1950, na residência particular de Don Ramón Garriga<sup>8</sup>, assinou-se o documento a partir do qual se constitui a

<sup>7</sup> Trata-se do Comunicado Nº 75/75 de 16 de maio de 1975 da *Confederación General Económica de la República Argentina* intitulado "*La CGE celebra 25 años cumpliendo con el país. La unidad definitiva del empresariado nacional es un hecho irreversible en la historia del país*".

<sup>8</sup> De acordo com o artigo "SINTESIS BIOGRAFICO DE LOS FIRMANTES DEL ACTA DE CATAMARCA", da *Confederación General Económica de la República Argentina* (sem data), a atividade empresarial de Raúl Garriga estava ligada às firmas "Vicente Garriga SRL", "El Cerrito SRL", "Don Vicente SRL", e fundou "Catamarca Algodonera SARICI" (com sinal de interrogação em SARICI, no original), onde ocupou a vice-presidência.

Toda sua atividade foi desenvolvida na província de Catamarca, em cuja representação concorreu em 1948 ao Primeiro Congresso Económico do Norte, realizado em Tucumán. Em 1953, foi designado membro e conselheiro da *Confederación de la Producción* e conselheiro da CGE.

Ocupou a presidência da *Sociedade Ganadera de Catamarca*. Morreu a 19 de dezembro de 1963.

*Confederación General Económica*, o que se denominou "*Acta de Catamarca*"<sup>9</sup>.

Os signatários desta *Acta* foram: Raúl Ferreira, José Ber Gelbard e Rafael Portas pela *Federación Económica del Norte Argentino*; José Tristán Paz Casas e Rafael A. Seguí, em representação da *Federación Cordobesa de Entidades Comerciales, Industriales y de la Producción*; Francisco Lucena y Juan Mercado Benavidez pela *Federación de la Producción, Industria y Comercio del Oeste*; Angel Borghi e Héctor M. Enz pela *Federación de Comercio e Industria de Rosario*.

Finalmente, entidades que agrupam, por sua vez, as forças da Produção, a Indústria o Comércio das seguintes Províncias e Territórios Nacionais: Tucumán, Salta, Catamarca, Santiago Del Estero, La Rioja, Jujuy, Córdoba, Mendoza, San Juan, San Luis, Santa Fe, Chaco e Formosa<sup>10</sup>.

Em seu texto original e em clara alusão crítica à UIA, se constata que as razões pelas quais se cria esta entidade têm seu fundamento "*en la inexistencia de un organismo de carácter nacional auténtico, la necesidad de formarlo para defender los intereses de la Producción, la Industria y el Comercio y colaborar con la mayor eficacia en las soluciones de carácter nacional en beneficio del país*".

---

<sup>9</sup> *Opinión Económica*, Órgano de la Confederación General Económica de la República Argentina, Año VI, nº 61, maio de 1975, pág. 16.

<sup>10</sup> "*Acta de Catamarca*". *Opinión Económica*, Órgano de la Confederación General Económica de la República Argentina, Año VI, nº 61, maio de 1975.

Quanto à gestação da CGE, a versão oficial<sup>11</sup> indica que os empresários do interior buscavam "*afirmar su personalidad en una entidad que los agrupara integralmente*", nesse caminho um vasto setor convocou o Primeiro Congresso Econômico do Norte Argentino, realizado em Tucumán a 6 de dezembro de 1948. Do encontro nasceu a *Federación Económica del Norte Argentino* (FENA), com representação das províncias de Tucumán, Salta, Jujuy, Santiago del Estero, Catamarca, La Rioja e as governanças de Chaco e Formosa.

Esse passo constituiu - de acordo com o documento citado - o ponto de partida da unidade e coesão do empresariado nacional. A notória entidade convocou para maio de 1950, em Catamarca, o Segundo Congresso Econômico do Norte Argentino, onde aos representantes das províncias e governanças presentes no encontro anterior, se somaram as de Santa Fé, Córdoba, San Juan, Mendoza e San Luis.

A *Asociación Argentina de la Producción, Industria y Comercio* (AAPIC), da Capital Federal, também se fez presente retirando-se, não obstante, pouco tempo depois de iniciadas as deliberações.

De acordo com um documento da CGE "*la AAPIC se constituyó el 20 de mayo de 1946, respondiendo a la voluntad de algunos industriales que si bien habían pertenecido a la UIA, fueron alejándose de ella al incorporarse al ejercicio de cargos públicos que, por su representación, se les había*

---

<sup>11</sup> Comunicado Nº 74/75, de 16 de maio de 1975 da CGE.

*ofrecido. Fue evidente su inspiración ligada al quehacer oficial y además su intención de suplir, como sucedáneo, a la UIA, a la sazón disuelta*<sup>12</sup>.

A decisão da AAPIC (retirar-se do Segundo Congresso Econômico do Norte Argentino), provocou a reação do resto dos participantes, os quais se dedicaram com mais energia à tarefa de encontrar uma solução a suas aspirações.

É, então, quando, na residência de Ramón Garriga, se estabelecem as pautas iniciais a partir das quais surgiria a *Confederación Argentina de la Producción, la Industria y el Comercio* (CAPIC) em outubro de 1950, a que a versão oficial considera uma etapa importante no prolongado e difícil processo da integração empresarial.

*"Fue un movimiento generado por un impulso nacional auténtico, que trastocó conceptos tradicionales y jerarquizó las funciones del hombre de empresa argentino, reemplazando los esquemas individualistas con los de la solidaridad social"*<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> Comunicado Nº 74/75, de 16 de maio de 1975 da CGE.

O Comunicado citado acrescenta que "Entre el 8 y 15 de agosto de 1947, AAPIC auspició el Congreso de la Economía Argentina, pero sus conclusiones resultaron adversas a los propósitos de las organizaciones. Además de las críticas dirigidas a determinadas actitudes gubernamentales, los asistentes señalaron la conexión entre la entidad y los tradicionales intereses metropolitanos, alejados de las necesidades de los empresarios del interior del país.

Este fracaso significó que los patrocinadores de la AAPIC, intentaron la creación de una nueva institución. Así, el 20 de agosto de 1948 bajo la misma inspiración que la anterior, se convierte en la Confederación Económica Argentina. Pero su vida fue efímera y sólo utilizaa según las conveniencias del momento y nunca alcanzó a obtener personería jurídica".

<sup>13</sup> Comunicado Nº 74/75, de 16 de maio de 1975 da CGE.

A CAPIC deu seu apoio ao Terceiro Congresso Econômico do Norte Argentino, convocado pela FENA e realizado em Resistencia (Chaco) em outubro de 1951.

De acordo com a visão oficial, o fato permitiu afiançar à CAPIC, logrando que as entidades metropolitanas a reconhecessem como a autêntica representante do interesse nacional.

As entidades provinciais de todo o país começaram a agrupar-se, constituindo-se em federações regionais e a 22 de dezembro de 1953, nasce a CGE e se dissolve a CAPIC.

A 16 de outubro de 1953 se realiza a assembléia de constituição definitiva da *Confederación General Económica*.

Observei que a anterior é a versão oficial da criação da CGE já que existe uma investigação muito bem conceituada no meio acadêmico argentino na qual seu autor, o economista Javier Lindemboin, atribui à *Federación Argentina de Entidades Defensoras del Comercio y la Industria*, criada a fins de 1933, como o antecedente mais direto da *Confederación General Económica*.

Seguindo Lindemboin:

"...el basamento de la Federación, en su origen, es el conjunto de centros de comercio e industria de tipo local. Luego se van incorporando algunas cámaras específicas de industria o de comercio, y, a veces, de servicios menores.

No aparecen las entidades tradicionales del sector agropecuario, ni las referidas al comercio exterior. La mayor parte de las actividades industriales incluídas pueden ser denominadas

"livianas", o sea particularmente vinculadas al consumo final"<sup>14</sup>.

Embora o período estudado por Lindemboin (1930-1946) seja muito anterior ao que nos ocupa nesta dissertação e, ainda que a reflexão seja um tanto colateral ao desenvolvimento do presente capítulo, é importante notar que, em contraposição com aquelas imagens homogeneizantes que acompanharam a UIA nos distintos momentos de sua vida institucional até as décadas de 1930 e 1940:

*"(...) la única central "tradicional" que incluía en su cuerpo directivo a autoridades de la Federación Argentina de entidades defensoras del comercio y la industria, era, precisamente, la Unión Industrial.*

*Esta base contradictoria de intereses permite comprender, por ejemplo, que la UIA apoyase el pacto<sup>15</sup> Roca (Runciman) pero se opusiera a la eliminación de la industria existente; que apoyase las medidas industrialistas del Plan Pinedo<sup>16</sup> pero también polemizara acerbamente con los ganaderos y los importadores; que encabezara la oposición al gobierno militar de 1945 pero que de sus filas*

---

<sup>14</sup> Javier Lindemboin: "Organización Gremial Y Expresiones Del Empresariado Industrial Argentino (1930-1946). Centro de Estudios Urbanos y Regionales. Instituto Torcuato Di Tella. Buenos Aires, 30 de julho de 1975, pág. 145.

<sup>15</sup> A este respeito, ver Cronologia correspondente ao ano de 1933.

<sup>16</sup> Programa de reativação econômica preparado pelo Ministério da Fazenda, sob a direção de Federico Pinedo, remetido pelo Poder Executivo à Câmara de Senadores a 14 de novembro de 1940.

O Plano se origina em uma difícil situação para a economia argentina, motivada durante a Segunda Guerra Mundial.

Segundo Juan J. Llach, o Plano tem o significado especial de ser o primeiro documento do Estado que considera a possibilidade de modificar parcialmente a estratégia de desenvolvimento econômico vigente. O programa procurava conciliar a industrialização com a economia aberta, fomentar as relações comerciais da Argentina com os Estados Unidos e com os países limítrofes e criar um mercado de capitais. Não chegou a impor-se, foi derrotado politicamente.

Llach, Juan. J. 1984. El Plan Pinedo de 1940, su significado histórico y los orígenes de la economía política del peronismo. In: Desarrollo Económico. Revista de Ciencias sociales. Nº 92, vol. 23, janeiro/março de 1984.

*salieran los responsables de la política económica de los primeros años del gobierno de Perón*"<sup>17</sup>.

Baseando-me novamente na versão oficial, os objetivos da CGE consistiam em propiciar: a descentralização econômica e a plena expansão das regiões do país mediante o estabelecimento de políticas de sólido apoio às empresas nacionais; o desenvolvimento acelerado e intensivo das indústrias de base e manufatureira, e a elevação dos níveis técnicos da produção agropecuária.

Tendia a lograr a expansão da produção de bens através de uma planificação orquestrada entre todos os setores sociais e a totalidade das regiões do país, orientada para um maior equilíbrio e bem estar sociais, uma distribuição equitativa da riqueza e a criação de um grande mercado interno.

Aspirava, desta forma, a prevenir os processos de desnacionalização e orientar o investimento estrangeiro nas prioridades fixadas pelos argentinos, como meio de assegurar a soberania do país.

A CGE estava composta por três ramos: o industrial<sup>18</sup> (a CGI), fundiu-se com a UIA em 1974 durante o segundo governo peronista e sofreu intervenção em 1976, ocasião em que se

---

<sup>17</sup> Javier Lindeboim, Op. Cit., pág. 182.

<sup>18</sup> Comunicado NO 74/75, de 16 de maio de 1975 da CGE.

<sup>19</sup> A Confederación General Económica de la República Argentina (CGE) é uma entidade de quarto grau, composta por três Ramos: a Confederación de la Producción; a Confederación de la Industrial e a Confederación del Comercio.

produziu o último golpe militar na Argentina, para ser novamente posta em funcionamento em 1984, no reinício da democracia que liderou como presidente o radical Raúl Alfonsín.

Antes de 1976, sofreu intervenção e foi dissolvida em setembro de 1955, quando do golpe militar que derrocou Juan Domingo Perón em seu primeiro mandato, e recobrou sua personalidade jurídica em 1958, em coincidência com a ascensão à presidência do país de Arturo Frondizi.

A primeira comissão diretiva da CGE esteve presidida por José Ber Gelbard. Pela menção permanente que a ele fazem os fundadores do MIA, do MUI e do MEDI, trarei alguns dados de sua biografia extraídos de um documento oficial da CGE<sup>20</sup>.

b) José Ber Gelbard.

Filho de imigrantes judeus estabelecidos em Tucumán na segunda década do século XX, começou a trabalhar desde pequeno, tendo formação autodidata.

Em 1939 radicou-se em Catamarca, dedicando-se à atividade empresarial: instala o primeiro hotel e cultiva algodão.

A partir de 1940, iniciou sua atividade grêmio-empresarial participando em congressos e assembléias entre 1948 e 1951, em Tucumán, Catamarca e Chaco.

---

<sup>20</sup> *Opinión Económica*, órgão da CGE, maio de 1975, pág. 76

Entre 1950 e 1953, presidiu o Conselho Diretor da *Confederación Argentina de la Producción, la Industria y el Comercio* (CAPIC) e de 1953 a 1955, a *Confederación General Económica* (CGE).

Foi propulsor do *Movimiento de Recuperación* da CGE entre 1955 e 1958 e presidiu o *Instituto de Investigaciones Económicas y Financieras* desta entidade.

Voltou a dirigir a CGE entre 1966 e 1968, retornando ao cargo em 1970, ao que renunciou em 1973, quando a 25 de maio desse ano aceitou o cargo de Ministro da Economia, compondo o Gabinete do Presidente peronista Héctor Cámpora, exercendo-o até outubro de 1974.

Até aqui os protagonistas, porém em que consistiu a fusão?

c) A *Confederación Industrial Argentina* (CINA).

No preâmbulo dos Estatutos<sup>21</sup> derivados da fusão entre a *Unión Industrial Argentina* e a *Confederación General de la Industria*, integrante da CGE, afirma-se que "la *Confederación Industrial Argentina (CINA)* fundada en la Capital Federal el 2 de agosto de 1974, es la continuadora legal, por fusión, de la *Unión Industrial Argentina*, fundada en la Capital Federal el 7 de febrero de 1887 por fusión del *Club Industrial Argentino* y el *Centro Industrial Argentino*, con personería jurídica otorgada por decreto del 31 de enero de 1888, y de

---

<sup>21</sup> Os mesmos foram encontrados em um arquivo da UIA, a fins de 1992.

la Confederación General de la Industria de la República Argentina, anteriormente denominada Confederación de la Industria, nombre con el que fue fundada en la Capital Federal el 16 de diciembre de 1951 y con el que se otorgó personería jurídica por Decreto Nº 8.438, del 13 de octubre de 1952".

De acuerdo con los Estatutos de CINA, ambas las entidades concordaban "en la conveniencia de fusionarse con el propósito de unificar la representación nacional de los industriales".

A nova entidade adería à CGE, assumindo a representação do setor industrial, com caráter federativo e setorial.

Os signatários afirmavam que:

"esta suma de esfuerzos procura un afianzamiento de la industria de capital nacional, particularmente la pequeña y mediana empresa y orientar las inversiones hacia el interior del país, como forma de lograr un desarrollo que estructure un país armónico, en un contexto en el que deberán tener vigencia la justicia social, la libertad, las garantías individuales y la democracia, como expresiones vitales de una sociedad que pretende consagrar al hombre como destinatario fundamental de todos sus esfuerzos".

Vale à pena deter-se no marco em que se produziu esta fusão, pois algumas de suas arestas são pouco conhecidas e porque é um episódio muito significativo para a *Unión Industrial Argentina*.

Do ângulo da maioria dos integrantes da UIA que foram entrevistados entre 1992 e 1994, a "fusão" foi vivida como uma espécie de "*intervención peronista*" na entidade, distinta da de 1946<sup>22</sup>, porém intervenção.

O que chama imediatamente a atenção é que entre os que disseram sentir-se "intervindos", encontram-se membros do MIN, os quais àquela época não pertenciam à UIA, o que vale dizer, retrospectivamente, que els a consideram sua.

A esse respeito, é interessante fazer alusão aqui a um documento no qual seu autor, Arnaldo Etchart, refere-se à fusão (da qual não participou), situando-a no seguinte contexto:

*"Interferencias, incomprendiones, intervenciones, fusiones, desposesiones y liquidaciones, no son episodios extraños al acervo histórico-cultural de la Unión Industrial Argentina. Todos esos sobrecogedores acontecimientos, no sin desgaste y frustraciones, fueron superados con singular vigor por quienes en este dinámico, cambiante siglo encabezaron los destinos de la Institución"*.

Introduzindo uma pequena digressão na linha argumentativa principal deste capítulo, vale a pena sublinhar que os integrantes do MIN, através da voz de Arnaldo Etchart, não somente se assenhoram do passado da UIA, como também que, nesta ocasião, recriam a oposição UIA/ exterior. Desta

---

<sup>22</sup> Ver Cronología

<sup>23</sup> Arnaldo Etchart. In: *Luces y sombras de un Centenario. Cien Años de la Unión Industrial Argentina. 1887-1987*, 10 de fevereiro de 1987. Discurso pronunciado na reunião da Junta Diretora da UIA no dia 10.02.87. Não se especifica editora, nem cidade.

maneira, ainda sem o propor, reincidem no mesmo tipo de operação homogeneizadora que analisei criticamente nos Capítulos 1 e 3.

Retomando a temática da fusão fica claro que, tanto as pessoas que integrariam o MIA, como as que seriam membros do MUI e do MEDI, estavam em desacordo com a mesma<sup>24</sup>

Os entrevistados apresentados no Capítulo 2, qualificaram a fusão de *"artificial"*<sup>25</sup>; *"engendro propiciado por la cúpula de la CGE debido al enfrentamiento permanente entre la CGE y la UIA"*<sup>26</sup>; *"acto forzado por la cúpula cegeísta en el que los hombres de interior que condujeron la CGE desde sus orígenes empezaron a crear sus intereses en Buenos Aires y terminaron tan portuarios como los de la UIA"*<sup>27</sup>.

Apesar do tom crítico dos comentários, o certo é que a fusão se concretizou. Como a justificam os protagonistas?

Por um lado, os futuros integrantes do MEDI e do MUI que depois confluíram no MIN, alegam certa fidelidade à CGE, organização com a qual compartilhavam as mesmas origens provincianas<sup>28</sup>.

Por outro, quem posteriormente fundaria o MIN, assegura que:

---

<sup>24</sup> Ou, pelo menos, nesses termos se expressavam quase vinte anos depois de concretizada a fusão.

<sup>25</sup> Israel Maiher. Entrevista

<sup>26</sup> Pedro Benejam. Entrevista.

<sup>27</sup> José Luis Coli. Entrevista.

<sup>28</sup> Federico B. Kingard. Entrevista.

*"(...) hubo empresarios que en la reunión del Consejo Directivo de la UIA en la que se decidía la fusión, votaron en contra considerando que era conveniente mantener la identidad, con el riesgo eventual de ser nuevamente sometidos por el peronismo"<sup>29</sup>.*

Com intenção de enriquecer a interpretação sobre a justificativa nativa da "fusão", basear-me-ei em três versões de integrantes da UIA, que sintetizam outras tantas.

Apoio-me em: testemunhos de dois de seus principais protagonistas, Eduardo Braun Cantilo e Martín Benito Noel (ambos membros da UIA); um informe confidencial<sup>30</sup> redigido com o objetivo de solicitar às Forças Armadas, responsáveis pelo golpe de estado em 1976, que reconsiderassem a intervenção de que havia sido objeto a UIA por haver-se fundido com a CGI, ao que denominarei Documento 1; um informe interno de autor anônimo correspondente à década de 1980, encontrado nos arquivos da entidade, ao qual chamarei Documento 2.

d) A palavra dos protagonistas.

Qual era o clima que se vivia na UIA nos momentos anteriores à sua fusão?

De acordo com a opinião de Martín B. Noel:

---

<sup>29</sup> Roberto Favelevic, Entrevista. O temor dos integrantes do MIA de uma nova intervenção peronista é uma constatação frequente no discurso nativo. A intervenção de 1946, pela qual Juan D. Perón fecha as portas da entidade grêmio-empresarial pelo período de sete anos, é uma lembrança permanente para os membros da UIA.

<sup>30</sup> A seu autor, grande conhecedor desses episódios e que preferiu permanecer no anonimato, meus agradecimentos.

"La UIA estaba totalmente relegada de su participación como entidad representativa de la industria porque la CGE había absorbido la representación de todo el empresariado argentino sea comercial, industrial o agropecuario. Había una serie de entidades empresarias que se iban afiliando a la CGI, e incluso desafiliando de la UIA, lo cual creaba una situación bastante compleja y estaba indicando que buscaban otro horizonte para posicionarse o tener mejor acceso al gobierno nacional de aquel entonces"<sup>31</sup>.

Quanto aos objetivos da fusão, Noel assinala:

"Primero consolidar en una sola entidad todo lo que fuera la industria argentina y en segundo lugar, hacer las cosas abiertamente, no seguir con ese tema de las dobles afiliaciones que no servía para otra cosa que para continuar dividiendo"<sup>32</sup>.

Agora, como se explica que, sendo a UIA uma entidade que agrupava empresas mais importantes que a CGE em termos de produção, estivesse em parte marginalizada das medidas que se tomavam no setor industrial? A esse respeito, afirma Noel:

"Eso fue un tema netamente político porque cuando se lo designa a Gelbard Ministro de Economía, él era el fundador y Presidente de la CGE y únicamente dialogaba y daba acceso a los niveles de gobierno a dicha entidad, desconociendo al resto.

La CGE tenía un segundo escalón, que era el Instituto de Investigaciones Económicas<sup>33</sup>, un aparente centro de estudios industriales, en el cual las empresas buscaban algún tipo de protección haciendo aportes muy importantes, buscando un tipo

---

<sup>31</sup> Entrevista

<sup>32</sup> Entrevista.

<sup>33</sup> Noel me proporcionou, entre outros importantes materiais, a lista das empresas que contribuíram com este Instituto e figuram as maiores e mais importantes do país, nacionais, estrangeiras, multinacionais, etc. tal a classificação daquela época.

*de participación encubierta para no participar directamente de la CGE".*

Quanto ao tratamento que recebeu a UIA depois da fusão, em uma primeira etapa as expectativas da central fabril sob estudo se cumpriram, porém posteriormente as relações na CINA foram se deteriorando devido a que

*"la CGE tomaba posiciones políticas ya que defendía a Gelbard en temas en que (los integrantes de la UIA) no estábamos de acuerdo como el congelamiento de precios".*

Examinemos agora a visão retrospectiva de Eduardo Braun Cantilo; a mesma se vê refletida vividamente no seguinte diálogo, extraído de um par de entrevistas que com ele fiz em 1993:

*Pergunta: ¿Por qué se hizo la fusión con la CGI?*

*Resposta: "Como primera medida, Roberto Blanco, de Compañías y Seguros y empresario de la yerba mate; Martín Noel (Noel); Edmundo Paul, Presidente de Celulosa; Patricio Zavalía (Lagos), Director Ejecutivo de Alpargatas; el coronel Elías Ramírez, de Bunge & Born, y yo, conformábamos el Grupo de los Siete. Nos estábamos preparando para el pasaje a la democracia<sup>54</sup>. Eramos demócratas, no éramos un grupo pro gobierno militar, que era el que estaba asentado. El Grupo de los Siete teníamos muy buena relación con la gente (de la CGI)...hay que diferenciar muy bien CGI de CGE. Nos fusionamos con (Alfredo) Concepción<sup>55</sup> en la CGI".*

<sup>54</sup> Governava o país, um presidente militar.

<sup>55</sup> Ao cair o governo do presidente radical Arturo Illia, em 1966, Alfredo Concepción e Roque Carranza, dois membros do staff radical, integraram-se à CGE. Alfredo Concepción, titular da CGI, havia sido membro da Junta Executiva da Unión Industrial Argentina entre 1957 e 1963. Mercado, 7 de junho de 1973, pág. 18.

*Pergunta: Usted quiere decir que no estaba de acuerdo con la filosofía de José Ber Gelbard y de Julio Broneras, máximos exponentes de la conducción de la CGE.*

*Resposta: "Absolutamente no. Tal es así que hicimos un movimiento contra la elección de Gelbard. Nosotros teníamos buena relación con el otro sector, con la CGI, cuyo Presidente era Alfredo Concepción. Cuando viene el gobierno de Gelbard, se empieza a producir un hecho muy notable. Primero sale una ley por la cual toda la estructura es corporativa; por ley se establece el aporte a la CGE. La CGI y la Confederación General del Trabajo (CGT) se convierten en los centros, por ley, para regular la acción económico-social del país. El Pacto Social<sup>37</sup> lo firman esos dos; había congelamiento de precios y el gobierno y el Ministerio de Gelbard empiezan a negar aumentos de precios a quienes no estuvieran afiliados a la CGE y a la CGI. Empezamos a tener salones vacíos en la UIA, por la doble afiliación, a la UIA y a la CGE. En la Asociación Metalúrgica no se pasó ni una sola cámara; en la de la alimentación y en la de los papeleros, tampoco".*

*Pergunta: ¿Por qué ni alimentación, ni metalúrgicos, ni papeleros?*

*Resposta: "Porque conseguimos mantener las huestes; porque no estaba de acuerdo con tener que 'aflojar' para tener un aumento de precios".*

*Pergunta: ¿Por antiperonismo?*

*Resposta: "No, la palabra peronismo no entraba; entraba una cuestión de negocios o de Gelbard. Es decir, la presión que ejercía Gelbard era muy desagradable para muchos empresarios. Llegamos a un acuerdo entre nosotros de buscar la mejor solución: ¿cómo hacíamos para no perder identidad y hacerlo institucionalmente, todos juntos, sin que nadie saltara el*

<sup>36</sup> Julio Broner sucedeu a José Gelbard na Presidência da CGE a 7 de maio de 1973, quando Gelbard foi nomeado Ministro da Economía.

Nasceu no Chaco, em 1922 e estudou engenharia eletromecânica na Universidade de La Plata.

Foi Presidente e fundador de Wobron, especializado na fabricação de embreagens, firma que começou como modesta oficina metalúrgica nos inícios da década de 1950, estendendo-se com filiais no Chile e Uruguai.

Como dirigente empresário foi um dos principais "animadores" da CGE, um caminho que começou a percorrer como fundador da Cámara de Fabricantes de Automotores, Repuestos y Accesorios (CIFARA).

A partir da CGE, teve acesso ao cargo de conselheiro titular do consejo Nacional Económico y Social (CONES). Mercado, 7 de junho de 1973. Pág. 17

<sup>37</sup> Plano Económico Conjunto, apresentado pela CGE e a CGT, como contribuição ao novo governo, e que surgiu de uma convocatória em março de 1972, realizada por iniciativa da CGE no Plaza Hotel para analisar a situação do país à que responderam os principais dirigentes políticos e a CGT. Mercado, 7 de junho de 1973, pág. 18.

cerco. Y empezamos a negociar, a fines de 1973 con Concepción".

*Pregunta:* ¿Cómo se explica que la UIA, siendo una entidad tan poderosa... (interrumpe Braun Cantilo).

*Resposta:* "Deja de ser poderosa cuando usted le coloca un cepo con el cual lo manda a la quiebra, porque habiendo inflación a usted no le permiten aumentar los precios o habiendo premisos de cambio, no le permiten importar mercadería. Y lo ejercieron con todo descaro".

*Pregunta:* ¿Hubo gente dentro de la UIA que se opuso a la fusión?

*Resposta:* "No, lea las actas de la Asamblea y los que después dijeron que se habían opuesto, votaron todos a favor. Hubo dos personas metalúrgicas que me enviaron cartas oponiéndose: José Estensoro y el que era Presidente de ACIEL<sup>39</sup>. Siempre dije que 'Pepe' Estensoro tuvo el coraje de decir: "los principios no se negocian".

Creo que había otros ingredientes. Nosotros, básicamente, éramos "no antiperonistas". El Grupo de los Siete tuvo siempre una excelente relación con el sindicalismo, no por la cuestión política del sindicalismo sino porque en nuestras fábricas teníamos una relación muy fácil con nuestro personal. No pertenecíamos a la generación de antes, donde los sindicatos eran vistos como otra cosa. Para nosotros sentarnos en una mesa de negociación con los sindicatos era algo que vivíamos desde que habíamos empezado".

*Pregunta:* La otra generación que Ud. menciona, ¿cuál sería?

*Resposta:* "La generación de (Elbio) Coelho"<sup>40</sup>.

(...) "Yo quería agregar que nosotros habíamos acordado que el Presidente de la CINA (Confederación Industrial Argentina), tal el nombre de lo que resultó de la fusión, era Alfredo Concepción. La Asamblea era el 4 o 5 de julio y Perón muere el día 2 de julio. Siendo el velatorio de Perón, Gelbard o Broner me cita a su casa y nos comunican que Alfredo Concepción no acepta ser Presidente. Al morir Perón, ellos rompen el pacto. Pero era imposible volver atrás, 24

<sup>38</sup> Actualmente José Estensoro é Presidente da privatizada Yacimientos Petrolíferos Fiscales (YPF).

<sup>39</sup> Em 1955, com a derrota de Juan D. Perón, a CGE foi despojada de sua personalidade jurídica, a qual lhe foi restituída em 1958, sob a presidência de Arturo Frondizi. Então como resposta, as entidades empresárias tradicionais (entre esas a Cámara Argentina de Comercio, a Unión Industrial Argentina, a Bolsa de Comercio e a Sociedade Rural Argentina), se agruparam em torno da Acción Coordinadora de las Instituciones Empresarias Libres (ACIEL).

<sup>40</sup> Refere-se a Elbio Coelho, que fora Presidente da UIA na época da fusão, e desde 1967, sucedendo a Juan Martín Oneto Gaona. Era um empresário produtor de erva mate.

horas antes de la Asamblea, así que nos dieron como alternativa a (Carlos) Coquegniot".

Pregunta: ¿Y cómo resultó?

Resposta: "Era de Córdoba, buena persona, pero no tenía la individualidad de Concepción. Siempre había conflictos, nunca estaban todas las cartas sobre la mesa y las discusiones eran interminables. Cuando (Carlos) Coquegniot estaba de viaje, yo lo reemplazaba y hacía que se votaran ciertas cosas; cuando él estaba, hacía lo propio. No funcionó como institución nunca. La CINA duró hasta abril de 1976".

e) A letra dos documentos.

O Documento 1.

Os pontos mais importantes do mesmo se resumem a seguir:

- Em 1972 foi criado o *Consejo Nacional Económico y Social* (CONES) com pequena participação da UIA; os 8 cargos correspondentes às regiões em que se havia subdividido o país haviam sido atribuídos a instituições ligadas à CGE.

Esta situação provocou a reação da *Federación Gremial de Comercio e Industria de Rosario*, a qual propôs a realização de uma Assembleia Nacional Empresarial (na qual participaria a UIA) que se realizou nesta cidade, a 24 de março de 1973, cujo conteúdo e documentos resultantes seriam levados ao Presidente eleito da Nação, o peronista Héctor Cámpora.

Nesta Assembleia, seria considerado o esquema do novo Estatuto da UIA, modificado com o fim de imprimir-lhe um viés federalista.

Embora na reunião de Rosario se tivesse decidido que a UIA não ocuparia cargos perante o CONES, por iniciativa do

engenheiro Eduardo Braun Cantilo, estes postos foram cobertos por setores industriais em forma individual.

- Após a assinatura da *ACTA DE COMPROMISSO NACIONAL*<sup>41</sup>, a qual aderiram, entre outras entidades, a UIA, começa - segundo o autor do documento - a odisséia dos industrialistas no que concerne à política de fixação de preços máximos.

A UIA convoca mais de trezentas empresas líderes para obter baixa de preços nos artigos de primeira necessidade e apesar disto não desperta atenção do setor econômico (Gelbard já era Ministro da Economia), de forma que fica à margem de toda gestão ante os poderes públicos uma vez que os textos das leis sancionadas, especificam que só a CGE é a entidade representativa do setor empresarial.

- Em julho de 1973, intensifica-se a negativa do Ministro Gelbard e do Secretário de Comércio, no sentido de dialogar sobre temas econômicos com os representantes da UIA; desta forma exige-se que todas as audiências sejam canalizadas pela CGE.

Ante estes fatos, sugere-se que as Câmaras ligadas à UIA solicitem sua filiação à CGI, para poder expor os problemas de cada setor específico ante as autoridades correspondentes. A UIA, por sua vez, seguiria mantendo uma conduta combativa tentando contrapor-se às situações de privilégio dirigidas à

<sup>41</sup> Nome que em 1973 se deu ao pacto entre organizações industriais e sindicatos para lograr uma estabilidade de preços e salários.

"entidad que en ese momento funcionaba como um Ministerio de Economía paralelo (CGE)"<sup>42</sup>.

- Em agosto de 1973 cria-se a *Comisión de Precios, Ingresos y Nivel de Vida*, da qual se exclui a UIA.

- Em setembro de 1973 o Conselho Diretor da UIA aprova o novo Estatuto da entidade; na mesma época, criam-se as *Comisiones Sectoriales de Precios*, nas quais tampouco a UIA é chamada a participar integrando-se, conseqüentemente, com representantes da CGE. Ante esta nova situação de marginalidade, a UIA reitera às entidades a ela ligadas a necessidade de que se filiem à CGI.

A UIA possuía o poder econômico da indústria, porém a CGE detinha o poder político.

- Durante o ano de 1973, o então presidente da UIA, Elbio Coelho, manteve audiências com José Ber Gelbard e Alfredo Concepción para tratar de unificar o setor industrial ainda que as gestões tenham fracassado.

É neste momento - seguindo o documento - que começam a efetuar-se reuniões, nas quais participavam Eduardo Braun Cantilo, Martín Noel, Roberto Blanco, Federico Padilla e setores da CGE e CGI, que não eram do conhecimento do presidente da UIA.

---

<sup>42</sup> Documento 1.

Estas reuniões, que seu autor denomina de "clandestinas" por terem-se realizado "a espaldas" do titular da UIA, culminam no mês de fevereiro de 1974, com a assinatura da *ACTA DE FUSIÓN*.

Em síntese:

\* a UIA era marginalizada nas decisões e era pressionada para que se filiasse à CGI-CGE, única interlocutora válida do governo no campo grêmio-empresarial;

\* havia distintas linhas no interior da UIA, algumas tendentes à fusão<sup>43</sup> ("a dos autodenominados *Siete Enanitos*" também chamada de "*o grupo*") e outras que queriam manter sua autonomia.

\* a UIA propôs uma modificação estatutária já em 1973<sup>44</sup>;

A propósito, o exame destes Estatutos, encontrados nos arquivos da UIA, evidencia que ao menos um setor dos membros da UIA promovia a admissão da representação territorial junto à setorial na direção da entidade.

Documento 2.

---

<sup>43</sup> No documento 1, acusa-se a alguns de seus membros de "haber gozado de privilegios en ciertas negociaciones, y posteriormente en la celeridad en concedérseles aumentos en los precios de los productos".

<sup>44</sup> Que, como veremos mais adiante, corresponde a um processo que se inicia em 1971 com a ruptura temporária da Asociación de Industriales Metalúrgicos com a UIA.

Um segundo documento, de autor anônimo, encontrado nos arquivos da entidade, agrega outro elemento à compreensão do processo da fusão; com efeito, às pressões políticas externas já detalhadas se acrescenta que o processo de enfraquecimento da UIA que levou à fusão, contou, entre suas causas imediatas, com uma reação da indústria do interior contra a UIA, que se supunha como representante dos interesses do porto<sup>40</sup>.

A reação foi encabeçada pela *Asociación de Industriales de Córdoba*, presidida pelo engenheiro Jaime Rocca (proprietário de Canteras Malueño S.A.) e Roberto Castro Garayzábal, (representante da automotiva IKA Renault).

As causas do comportamento descrito devem ser buscadas - seguindo o Documento 2 - no ideário sustentado pela *Asociación de Industriales de la Provincia de Córdoba*, direcionado a desestimular o estabelecimento de novas indústrias na Capital Federal e na Grande Buenos Aires, zonas às quais se tratava de beneficiar com uma lei de promoção industrial que estimulava as regiões do país de maior desenvolvimento industrial.

A *Asociación de Industriales de Córdoba* e a *Unión Industrial de Santa Fe*, se separaram da UIA. Inclusive a *Asociación de Industriales de Córdoba* nem sequer chegou a tomar parte da CINA. Estas entidades levaram a cabo reuniões

---

<sup>40</sup> Embora o mesmo não tenha data, por alguns dos dados que contém pode-se inferir que corresponde ao ano de 1978. Seu autor se revela como um grande conhecedor dos grupos e dos homens da UIA.

e congressos de industriais do interior, com a expressa exclusão da UIA.

2. Os resultados da Fusão: a constituição do *Movimiento Industrial Argentino* (MIA), o *Movimiento Empresario del Interior* (MEDI) e o *Movimiento Unificado del Interior* (MUI).

Apesar das opiniões dissidentes, as pressões externas e as fraquezas internas levaram a UIA a fundir-se à CGI.

As críticas à direção cegeísta, compartilhadas pelos integrantes da UIA no CINA, assim como pelos membros das associações de empresários do interior do país que antecederam à constituição do MEDI e do MUI, alcançaram grande virulência entre meados de 1975 e princípios de 1976.

Os futuros integrantes do MIA, MEDI, e MUI como no caso dos Nuer, descrito por E. E. Evans-Pritchard (1977 [1940]), uniram-se ante um inimigo comum: a direção cegeísta.

Alguns dos pontos centrais da contenda, reconstruídos nesta oportunidade por documentos, material confidencial e diários e revistas da época, se detalham a seguir.

Dentre eles, destacam-se fundamentalmente dois, que costumam ser chamados: "*Reunión del Noroeste Argentino*" e "*Paro empresario*".

\* "Reunião do Noroeste Argentino".

Em um documento datado em San Miguel de Tucumán a 19 de julho de 1975, e que leva por título "*Declaración del NOA<sup>66</sup> Empresario*", editado nos diários da Capital Federal e do interior do país, acusa-se abertamente à presidência da CGE de emitir declarações totalmente divorciadas da dramática realidade argentina, ao mesmo tempo aponta que "*la consulta a las entidades representativas que integran la CGE, debe ser real y no aparente, preservando el sentido del Acta de Catamarca, en la que ella tuvo origen*". A declaração solicitava publicamente à *Confederación General Económica*, a convocação para uma reunião de todas as Federações e Confederações Econômicas do país a fim de coordenar uma política comum.

Depois de uma onda de protestos contra a direção da CGE, protagonizada por parte da CINA, do *Centro Comercial e Industrial de Paraná*, da *Federación de Comercio e Industria de San Nicolás*, das *Cámaras Argentinas de Frigoríficos*, a *Federación Gremial de Comercio e Industria de Rosario*<sup>67</sup> e a *Federación Industrial de Córdoba*<sup>68</sup>, Julio Broner, aceitou a convocação proposta pela "*Declaración del NOA Empresario*", a

---

<sup>66</sup> Abreviatura do noroeste argentino. O comunicado está assinado pela *Comisión Coordinadora de Entidades Empresarias del Noroeste*, composta pela *Federación Económica de Catamarca*, *Federación Económica de Tucumán*, *Confederación General Económica de Jujuy* e a *Confederación General Económica de Salta*.

<sup>67</sup> *Clarín*, 26 de julho de 1975.

<sup>68</sup> *Clarín*, 29 de julho de 1975.

qual se realizou em Tucumán, nos dias 2 e 3 de agosto de 1975.

Nesta reunião, a geografia empresarial do país se dividiu em três setores<sup>47</sup>; 1) Tucumán, Catamarca, Salta, Jujuy, Misiones e San Juan, que propiciavam frontalmente uma mudança na direção da CGE; 2) Capital Federal, Santa Fe, Chaco e Entre Ríos, que se manifestaram solidárias com a direção e 3) o resto das províncias, sem alinhamento definitivo.

Na oportunidade aludida, o jornalista Joaquín M. Morales Solá, um reconhecido analista político argentino, afirmou em uma nota que

*"Muy pocas veces la conducción de la CGE debió atender tanta rebeldía interior, liderada hoy por el núcleo denominado NOA Empresario y por el Litoral"*<sup>50</sup>.

Cabe destacar que o núcleo *NOA Empresario* contava com a liderança de Pedro Benejam, então presidente da *Federación Económica de Tucumán*.

Vinte anos mais tarde, fazendo referência àquela circunstância, Pedro Benejam recordava:

*"si bien la CGE estaba formada por tres Confederaciones, la de la Industria, la del Comercio y la de la Producción, desde la conducción nacional de la CGE se ejercía un centralismo que no estaba bien visto por las entidades del interior. Además en aquella época se daba una especie de ósmosis entre la CGE y el partido gobernante (el*

<sup>47</sup> La Gaceta, 3 de agosto de 1975

<sup>50</sup> La Gaceta, 3 de agosto de 1975

*peronismo) con definiciones políticas que los empresarios del interior no estábamos de acuerdo. Buscábamos una conducción que consultara los intereses del interior del país*"<sup>51</sup>.

\* A corrente opositora se somou a *Confederación Industrial Argentina (CINA)*, cujos integrantes "*impugnarían a los directivos de la CGE la defensa de intereses particulares (caso concreto de la operación Fate-Aluar*"<sup>52</sup>), la insensibilidad ante reiterados reclamos de los afiliados y algunas manifestaciones realizadas en forma unilateral"<sup>53</sup>.

\* Sucedem-se os pedidos nos quais se exige a renúncia do titular da CGE, Julio Broner; subscrevem-nos: Mendoza<sup>54</sup>, a *Asociación de Industriales de la provincia de Entre Ríos*, la *Federación Industrial de la provincia de Córdoba*, a *Federación Económica de la provincia de Buenos Aires* e a *Federación Gremial del Comercio e Industria de Rosario*"<sup>55</sup>.

\* A 12 de dezembro de 1975, as *Confederações Econômicas de Jujuy, Misiones, Salta, Santa Cruz* junto às *Federações*

---

<sup>51</sup> Entrevista.

<sup>52</sup> Fate e Aluar eram duas fábricas de pneumáticos e alumínio, respectivamente, propriedade de José Ber Gelbard e Manuel Madanes.

Quem critica Gelbard afirma que o governo o teria favorecido com créditos e subsidiado a energia (elemento vital sobretudo no caso do alumínio) que suas fábricas consumiam.

<sup>53</sup> *Mayoría*, 2 de agosto de 1975.

<sup>54</sup> *Clarín*, 24 de agosto de 1975

<sup>55</sup> *Clarín*, 5 de setembro de 1975

Econômicas de Catamarca, Mendoza, San Juan e Tucumán, lançam uma dura crítica à política de ajuste que seria a causa da crise que padeciam em dezembro de 1975. *"En mayo de 1973 comenzó a aplicarse una política económica de neto corte estatizante, que buscando redistribuir una riqueza que no ayudó a generar, condujo al gradual deterioro del aparato productivo"*<sup>66</sup>.

A 23 de dezembro de 1975, em um documento interno assinado por membros da Comissão Diretora da CINA, dirigido ao presidente da mesma, Carlos Coqueugniot, decide-se dar apoio público ao comunicado anteriormente citado, enquanto que se estabelece um acordo para um reconhecimento imediato da *Federación Industrial de la Capital Federal*, a qual, no dia seguinte, publicaria nos diários da Capital Federal, seu apoio aos industriais do interior sob o título *"Los industriales con los empresarios del interior del país en defensa de la nación"*.

\* Paralisação empresarial:

A 6 de fevereiro de 1976<sup>67</sup>, a *Asamblea Permanente de Entidades Gremiales Empresarias* (APEGE), que alguns analistas teriam interpretado como um ressurgimento da "liberal" ACIEL, convoca uma paralisação empresarial a realizar-se a 16 de fevereiro, como Dia de Protesto Nacional.

---

<sup>66</sup> Trata-se de *"Una política económica que frustró a los argentinos"*. *Clarín*, 12 de dezembro de 1975.

<sup>67</sup> *Clarín*.

Em um comunicado que vem a público a 14 de agosto de 1975, anuncia-se a constituição da *Asamblea Permanente de Entidades Gremiales Empresarias*, "ante la crisis más grave de la historia del país"<sup>50</sup>.

Em comunicado do dia 10 de fevereiro de 1976<sup>51</sup>, a *Comisión Coordinadora de Las Industrias De Productos Alimenticios, Bebidas y Afines (COPAL)*<sup>52</sup> apóia a paralisação de 16 de fevereiro de 1976.

O comunicado de 11 de fevereiro de 1976<sup>51</sup>, que expressa a posição da CINA com respeito à mencionada paralisação, apresenta contradições, já que, por um lado, se intitula "*La industria No Para*", enquanto que, entre as resoluções da Comissão Diretora da Confederação, assinala-se a aprovação do plano de mobilização do empresariado industrial proposto pelo Comitê Executivo.

\* A 26 de fevereiro de 1976, devido ao êxito<sup>52</sup> da paralisação empresarial de 16 desse mês, um numeroso grupo de dirigentes da *Confederación Industrial Argentina (CINA)* pediu ao Comitê Executivo da organização a convocação urgente de uma

<sup>50</sup> *La Nación*.

<sup>51</sup> *La Nación*.

<sup>52</sup> Agrupamento integrado por todas as Federações, Câmaras e entidades ligadas à declaração de princípios de 25 de abril de 1975, que lhe deu origem (In: Proyecto de Reglamento Interno Provisorio, material não publicado).

<sup>51</sup> *La Prensa*.

<sup>52</sup> De acordo com o *Clarín*, de 26 de fevereiro de 1976, a 16 de fevereiro fecharam de 80% a 100% do comércio e a paralisação foi unânime no setor agropecuário.

Assembléia Geral Extraordinária da entidade para fixar a posição da instituição frente à CGE, ante a *"total falta de representatividad de la actual conducción de la CGE"*<sup>63</sup>

Em um documento interno remetido às Câmaras e Federações Industriais, no qual se faz referência ao comunicado mencionado anteriormente, afirma-se que a CINA suspende sua participação dentro da CGE, *"hasta tanto la institución sea auténtica representante de los distintos estamentos empresarios"*<sup>64</sup>.

\* A 10 de março de 1976, o Comitê Executivo da CGE rechaça uma solicitação de integrantes da CINA a propósito da convocação de uma Assembléia Geral Extraordinária da *Confederación Industrial Argentina*. Como resultado, os perdedores da contenda dão a conhecer um novo comunicado<sup>65</sup>, datado de 12 de março de 1976, no qual se resolve iniciar as ações legais pertinentes, embora não se especifiquem quais.

Neste clima se constitui o MEDI, o MIA e o MUI, movimentos que apesar de se manterem diferenciados, coincidiam, como no caso dos Nuer, em sua oposição ao "inimigo comum".

---

<sup>63</sup> Clarín.

<sup>64</sup> Sem assinatura e sem data.

<sup>65</sup> La Nación

Um elemento adicional para compreender as razões pelas quais o MIA, o MEDI e o MUI mantinham sua unidade em função de sua contraposição à direção cegeista, pode ser encontrada nas distintas propostas econômicas em discussão, que conviviam na Argentina na década de 1970.

De fato, para a época em que o MIA, o MEDI e o MUI se rebelam contra a direção da CGE, havia na Argentina três projetos econômicos em discussão, segundo a opinião do analista político e destacado jornalista Mariano Grondona<sup>96</sup>; o liberal, o nacionalista e o socialista.

O projeto nacionalista consistia em atribuir a cada um dos setores da vida econômica, uma porção determinada do produto nacional; um preço justo e uma rentabilidade suficiente aos empresários rurais e industriais; recursos ao estado e às províncias com problemas econômicos.

De tonalidades doutrinárias social-cristãs, afirma Grondona, o projeto nacionalista se vincula, ademais, com o peronismo histórico.

O projeto socialista apontava para a estatização ou socialização dos meios de produção. Embora admitisse, no limite, a subsistência da atividade privada, reduzia seu papel ao nível das pequenas empresas, clientes, por sua vez, do Estado promotor e regulador.

O projeto liberal acreditava na energia da empresa privada como pivô do projeto social; confiava no mecanismo do

---

<sup>96</sup> *Mercaço*, 31 de julho de 1975, pág. 11 e 12.

mercado como regulador de preços e investimentos e aceitava colaborar em termos econômicos e financeiros com as nações desenvolvidas de tipo ocidental.

No mesmo artigo, Grondona afirmava que aqueles que estavam do lado liberal, eram a maioria ruralista e da CINA, assim como as correntes políticas federal, conservadora e "frigerista" (esta última, variante "desenvolvimentista" capitaneada pelo político e economista do MID, Rogério Frigerio).

De modo tal que, naquela época - afirma o analista - os setores desenvolvimentistas dos movimentos de industriais do interior do país estavam mais próximos dos setores mais liberais da CINA, incluído o MIA, do que dos defensores do modelo nacionalista apregoado pelo peronismo.

#### a) O nascimento do MEDI.

Datado em San Juan, a 14 de março de 1976, dá-se a conhecer um comunicado que notifica a criação do "*Movimiento Empresario del Interior*" (MEDI), que leva a assinatura das Federações Econômicas de Catamarca, Mendoza, San Juan e Tucumán, junto às Confederações Econômicas de Jujuy, La Rioja, Misiones, Salta e Santa Cruz.

No comunicado, aponta-se que "*el MEDI no sólo surge para rescatar las banderas que dieron origen al movimiento confederal, sino para proyectarse al futuro como la auténtica expresión de los empresarios del interior*".

Em outro parágrafo indica que *"corresponde rescatar el sentido de las reivindicaciones de nuestro federalismo histórico, que hoy cobra mayor vigencia con la destrucción de las economías regionales"*<sup>67</sup>.

Vinte anos mais tarde, um de seus fundadores, José Luis Coll, caracteriza o MEDI como um movimento empresarial *"un poco rebelde con respecto a la Capital (Federal)"*.

Seguindo a opinião de Coll:

*"todos los movimientos, instituciones nacionales, salvo en una única época de la CGE, (en los inicios) vivieron y viven en el puerto (en alusión a Buenos Aires, ciudad puerto), del puerto y para el puerto. La CGE fue en un momento una de las entidades que se fundó en el interior, en Catamarca y de allí fue llevando una trayectoria muy buena hasta que se instaló en Buenos Aires; entonces los hombres del interior que la condujeron empezaron a crear sus intereses en Buenos Aires y terminaron tan portuarios como la Unión Industrial Argentina de aquel entonces"*<sup>68</sup>.

b) A fundação do MIA.

A 23 de março de 1976, mediante um comunicado, informa-se à opinião pública sobre o ato de constituição do *Movimiento Industrial Argentino (MIA)*. No mesmo, expressava-se que era o desejo de sua mesa coordenadora<sup>69</sup>:

---

<sup>67</sup> *La Nación*, 18 de março de 1976

<sup>68</sup> Entrevista.

<sup>69</sup> Não aparece assinaturas.

"1) que las autoridades de CINA sean elegidas mediante una consulta orgánica y pública a todas las Cámaras, Asociaciones y Federaciones industriales.

2) que todo dirigente de CINA responda a una representación legítima y explícita de sus mandantes.

3) que las decisiones de CINA resulten del mandato de sus bases tanto sectoriales como regionales"<sup>70</sup>.

De acordo com uma interpretação posterior<sup>71</sup> sobre a criação do MIA, a direção da ex-UIA na CINA "toma la decisión secreta de copar<sup>72</sup> la CGE desde adentro a través de (...) la CINA, maniobra que neutralizan Julio Broner y Carlos Coqueugniot al no llamar la Asamblea para la aprobación de los Estatutos de la nueva central.

Como respuesta los ex-dirigentes de la UIA constituyen el Movimiento Industrial Argentino (MIA) como bloque interno de la CINA"

O MIA se constituiu em uma Assembléia realizada a 27 de abril de 1976 no Círculo Italiano<sup>73</sup>, embora, como bem expressa

<sup>70</sup> Ciarín, 23 de março de 1976.

<sup>71</sup> Convicción, 13 de setembro de 1979.

<sup>72</sup> Intervir em uma situação assumindo os riscos e a responsabilidade conseqüentes. Avassalar, dominar uma coisa.

In: Gobeló, José, 1991. *Nuevo Diccionario Lunfardo*. Buenos Aires: Ediciones Corregidor.

<sup>73</sup> Roberto Favelevic opinou sobre o particular. "Era simplemente un lugar; podría haber sido el club Español o el Alemán. Pero había algún asociado nuestro que era socio o directivo del Círculo Italiano". Entrevista.

Outros entrevistados afirmaram que o sócio em questão era Franco Speranza, que trabalhava na *Asociación de Industriales Metalúrgicos*

um comunicado interno assinado por sua Mesa Organizadora e datado em Buenos Aires no mês de abril de 1976, seus objetivos imediatos diferiam dos que foram enunciados no dia 23 de março de 1976, entre os quais se propunha debater: a posição da CINA ante o fracasso das autoridades que nesse momento conduziam a CGE; o fim dos mandatos da Comissão Diretora e da Comissão Revisora de Contas, assim como a eleição de novas autoridades provisórias; a implementação dos Estatutos da CINA.

Em um parágrafo deste documento expressava-se que:

*"El hecho de que actualmente la Confederación Industrial Argentina (CINA) esté intervenida<sup>74</sup>, no excluye sino refuerza la necesidad de la existencia de un ente coordinador y aglutinante de las distintas Cámaras y Federaciones industriales".*

A filosofia<sup>75</sup> do MIA compunha-se de objetivos tais como a defesa da empresa privada, concebida como fator principal de crescimento econômico, de bem estar geral e elemento fundamental de uma real democracia política.

Assim, enquanto que a 14 de março de 1976, o país assistiu ao nascimento do MEDI, o do MIA se concretizou a 27

---

<sup>74</sup> Recordemos que a 24 de março de 1976 se produz o golpe de estado encabeçado por Jorge R. Videla e a partir desse momento começa um processo de intervenção em todas as entidades grêmio-empresariais, incluindo a CINA, a CGE e a UIA.

<sup>75</sup> Mercado, 6 de maio de 1976, pág. 32

de abril do mesmo ano, embora o mesmo conte com o antecedente de 23 de março de 1976.

Segundo um dos protagonistas da fundação do MIA, Patricio Zavalia Lagos<sup>76</sup>, o objetivo do MIA de 1976 era de:

*"Recuperar la Unión Industrial y tener un ideario neoliberal, pragmático... con diferencias, porque cada sector hace esta lectura de una forma diferente: en un sector como el de la alimentación que necesita menos protección, la tendencia es más liberal que en un sector como el automotriz, el petroquímico o el textil, que para desarrollarse necesita algún tipo de administración de las importaciones.*

*El MIA tenía una tendencia a ser más liberal en lo económico que las otras corrientes que eran más bien dirigistas y de planificación, hablo del MEDI y del MUI, con fuertes vinculaciones con un Partido industrialista como era el de Frondizi".*

Assim, recordava Zavalia Lagos as circunstâncias que rodearam a criação, tal como se expressa no seguinte diálogo extraído da entrevista que com ele realizei.

*Pergunta: ¿Ese MIA de 1976, recuperaba alguna figura, algún hito de la Unión Industrial?*

*Resposta: "Hitos de hombres no, porque el último había sido Coelho que era la quintaescencia de ese Club; nosotros los revolucionarios no lo queríamos".*

*Pergunta: ¿Quiénes eran los 'revolucionarios'?*

*Resposta: "Lo que durante y después de la fusión se dio en llamar el 'Grupo de los Siete Enanitos': Elías Ramírez, Roberto Favelevic, Eduardo Braun Cantilo, Martín Noel, Edmundo Paul, Roberto Blanco y yo".*

*Pergunta: ¿Quién era la 'Blancanieves'?*

---

<sup>76</sup> Entrevista.

*Resposta: "No había. Era el grupo que... como nos habíamos dado cuenta que la unión (con la CGI) la hicimos y nos estaban estafando, nos reuníamos los siete para lamernos las heridas para resistir esa fagocitación de la CGI. Ese grupo fue el que llevó adelante la necesaria transformación. Ya en gérmen, los primeros estatutos que se dan en borrador de lo que hoy es una realidad de la Unión Industrial, son de aquella época; la necesidad de mayor transparencia y vinculación con el interior y con la pequeña y mediana industria, surgen de aquella época que yo te puedo situar en la década de 1970".*

*Pregunta: Hubo otro episodio en los '70 que fue la ruptura de la Asociación de Industriales Metalúrgicos...*

*Resposta: "Claro, es parte de la misma historia. Braun Cantilo rompió con esa estructura de la Unión Industrial vieja y como transacción a todo eso se estudia un nuevo estatuto".*

c) A constituição do MUI.

No que concerne ao *Movimiento Unificado del Interior* (MUI), resultou-me difícil datar sua fundação com a precisão dos outros dois movimentos, por carecer da documentação pertinente.

Por outro lado, nas entrevistas realizadas, os membros do MIN que participaram na fundação do MUI não recordavam a data com exatidão.

Posso afirmar, entretanto, que em fins de março de 1977, o MUI estava constituído dado que neste mês se realizou uma reunião entre o MEDI, o MIA e o MUI, agrupados nesta oportunidade na *Organización Industrial Argentina* (OIA)<sup>77</sup>.

Fundada em 1977, a OIA foi o resultado da confluência do MIA e da *Coordinadora de Empresarios del Interior*, associação que agrupou em seu seio o MEDI e o MUI.

<sup>77</sup> *Clarín*, 30 de março de 1977.

Quais era as diferenças entre o MUI e o MEDI?

Federico B. Kingard<sup>76</sup>, um homem do MEDI, referia-se a elas nos seguintes termos:

*"El MUI era el semi interior como lo llamábamos nosotros. Hay dos interiores, uno es el interior periférico que estaba formado por las provincias de Jujuy, Salta, Santiago del Estero, Misiones, Mendoza, San Juan. En cambio el MUI es ese punto intermedio que suman Córdoba, Rosario, Buenos Aires, que en el fondo comparten parte de los privilegios de la 'metrópoli', no tienen exactamente los mismos problemas que las industrias del interior. En esa época había una influencia relativamente fuerte del 'desarrollismo' en los dos movimientos".*

Os integrantes do MUI centravam sua atividade fundamentalmente na *Federación Industrial de la provincia de Córdoba*, na *Federación Económica de la provincia de Buenos Aires* e na *Federación Gremial del Comercio e Industria de Rosario*.

Como vimos anteriormente, segundo uma nota surgida a 5 de setembro de 1975<sup>77</sup>, estas federações exigiam a renúncia dos então dirigentes da CGE, embora deixassem claro que não pretendiam a criação de novas entidades. Quiçá por esta razão, as circunstâncias que rodearam o nascimento do MUI não são recordadas com precisão.

Segundo o testemunho de Samuel Kait em relação à constituição do MUI:

---

<sup>76</sup> Entrevista.

<sup>77</sup> *Clarín*.

"Entidades del interior que se retiraron de la CGE y otras que nunca estuvieron allí empezaron a establecer contactos. Entre ellas se encontraban la Unión de Comercio e Industria de Mendoza, la Federación Gremial de Comercio e Industria de Rosario, la Asociación de Industriales Metalúrgicos de Rosario, la Federación Industrial cordobesa que después fue la Unión Industrial, la Cámara de Industria y Comercio de Río Cuarto, la Federación de Comercio de Buenos Aires"<sup>60</sup>.

### 3. Convivências durante o período do governo militar.

a) As figuras de Eduardo Valentín Oxenford e Horacio Tomás Liendo.

A 15 de julho de 1977, o Poder Executivo surgido do golpe militar de 24 de março de 1976, aprovava, através da lei 21.599, o projeto apresentado pelo Ministério do Trabalho, pelo qual se dispunha a dissolução legal da *Confederación General Económica de la República Argentina*.

Pelo segundo artigo desta lei, deixava-se sem efeito a fusão da CGI com a UIA, enquanto se dispunha que a *Unión Industrial Argentina* seguiria mantendo sua personalidade jurídica<sup>61</sup>.

O sinal era claro: a *Unión Industrial Argentina*, junto aos movimentos que se opuseram à direção cegeísta se constituiriam nos escolhidos pelas novas autoridades para reorganizar os movimentos industriais. Dissolvida a CGE, a

---

<sup>60</sup> Entrevista

<sup>61</sup> *Clarín*, 16 de julho de 1977, pág. 8

UIA se convertia na única entidade empresarial que poderia assumir a representatividade do setor.

Com efeito, a 16 de novembro de 1977<sup>82</sup> ficava conformada a *Comisión Organizadora Técnica de Entidades Industriales* (COTEI), criada para assessorar<sup>83</sup> a intervenção na *Unión Industrial Argentina* (então a cargo do Coronel Jaime López Campo), na tarefa de reorganizar a entidade empresarial que agruparia todos os setores industriais do país.

Horacio Tomás Liendo.

O ato de constituição da COTEI foi presidido pelo então Ministro do Trabalho, general Horacio Tomás Liendo.

Em uma entrevista que fiz com seu filho, Horacio Liendo, ex-assessor de Luis María Blaquier em Ledesma S.A., e ex-colaborador do MIN até fins da década de 1980, o atual Secretário Legal e Técnico do Ministério da Economia do Governo de Carlos S. Menem se referia ao general Liendo nos seguintes termos:

*"Mi padre es un hombre del interior del país, de Córdoba. Pertenece al arma de comunicaciones en el Ejército, un arma en donde la tecnología y la industria juegan un rol importante. Participó en la nueva ley de personal militar en la época de la Revolución Libertadora inmediatamente después de la caída del primer gobierno peronista. Fue director*

<sup>82</sup> *La Opinión*, 17 de novembro de 1977.

<sup>83</sup> Segundo a nota publicada em *La Opinión*, 17 de novembro de 1977, "el asesoramiento brindado al interventor de la UIA se subdividirá en cinco comisiones: 1) Estudiará el aspecto legal y representativo dentro de la UIA; 2) Analizará la formación de su estructura societaria; 3) Se encargará de la constitución formal y patrimonial de la entidad; 4) Se dedicará a la organización y funcionamiento; y 5) Se encargará de la actividad política".

*de la Escuela de Comunicaciones; Comandante de Comunicaciones en el Comando en Jefe del Ejército (durante el último gobierno militar).*

*Yo no diría que era un ideólogo del industrialismo militar sino un militar profesional, pero con amplitud hacia distintos sectores. Proviene de una familia civil, muy politizada. Mi abuelo era dueño de una imprenta en Córdoba y de una librería y hacía boletas electorales para los radicales".*

Alguns membros do MIN afirmam com orgulho que o general Liendo era "desarrollista", fato que seu filho relativiza:

*"No,...mi padre..., le asignan o le asignaron simpatías...El ha tenido diálogo con muchos sectores y yo no diría que tiene o que tuvo una relación muy especial desde el punto de vista de militancia; puede haber tenido coincidencias con el modelo de desarrollo que el MID plantea o planteara pero no..."<sup>84</sup>.*

A formação da COTEI<sup>85</sup> foi um importante passo para o processo de normalização da entidade porque, embora o MIA, o MEDI e o MUI se haviam constituído na *Organización Industrial Argentina* (OIA) em 1977, a mesma deixou de reunir-se quando os integrantes do MUI e do MEDI começaram a adotar publicamente uma atitude crítica ante a condução econômica oficial, comportamento do qual o MIA não participou<sup>86</sup>.

O MUI e o MEDI vão se unindo em rechaço à política de abertura de Martinez de Hoz, e diferenciando-se do MIA, já na

<sup>84</sup> Entrevista.

<sup>85</sup> Formado por quarenta e seis dirigentes empresários da Capital Federal e do interior do país. *Convicción*, 10 de novembro de 1978.

<sup>86</sup> *La Nación*, 20 de março de 1978.

OIA, organização que fracassou por motivos mencionados, abrindo passagem para a COTEI.

Uma das tarefas fundamentais da COTEI foi a de redação de um novo Estatuto, passo fundamental na normalização da nova entidade, o que se logrou não sem várias disputas internas pela representatividade, a 13 de novembro de 1978<sup>87</sup>.

Com efeito, sendo interventor militar o tenente coronel Arnaldo E. Rolando<sup>88</sup>, os representantes regionais das provincias de Chubut, Córdoba, e Santa Fe exigiam, em uma nota enviada a este interventor militar: "*Que la representación sectorial se federalice de acuerdo al porcentaje del Producto Bruto que aporta cada provincia; - Que los órganos ejecutivos de la futura entidad estén integrados por igual número de miembros sectoriales y regionales; - Que los cargos de presidente y secretario sean rotativos; - Que las elecciones de los integrantes de la Junta Directiva se hagan en forma separada, es decir que los 120 representantes regionales del Consejo General, elijan a los veinticuatro dirigentes del interior que formen ese órgano ejecutivo y de igual manera actúen los sectores*"<sup>89</sup>.

Aprovado o estatuto da UIA, com algumas modificações, a 15 de novembro de 1978, o ministro do Trabalho, Horacio Tomás Liendo, pôs em funcionamento uma *Comisión Asesora Ejecutiva*

<sup>87</sup> *Clarín*, 14 de novembro de 1978.

<sup>88</sup> Rolando foi nomeado pelo ministro do Trabalho, Horacio Tomás Liendo. *La Nación*, 4 de abril de 1978.

<sup>89</sup> *La Opinión*, 8 de setembro de 1978.

(CEA), composta por 24 membros, em substituição da *Comisión Transitoria del Empresariado Industrial* (COTEI). No mesmo ato, realizado na sede da UIA, a entidade recuperou seu patrimônio que havia sido cedido à *Confederación de la Industria Nacional* (CINA).

A tarefa do novo órgão consistiu em: assessorar a intervenção nas tarefas condizentes à instrumentação da aplicação do Estatuto aprovado e elaborar o Regulamento Geral do mesmo\*o.

De acordo com a opinião de uma grande parte dos membros do MIN no momento das entrevistas, o general Liendo desempenhou um importante papel na concretização do Estatuto que hoje rege (ainda que com modificações) a UIA e que põe especial ênfase na divisão entre setores e territórios.

A esse respeito, Horacio Liendo (filho) opinava:

*"Creo que mi padre jugó el papel de un catalizador; sirvió para que los enconos y luchas muy profundas que habían venido de la mano de la dirigencia industrial durante el gobierno peronista del '73 al '76 básicamente, que había generado fuertes tensiones por el posicionamiento de unos y otros respecto de la CGI, luego la CGE, la CINA. (...)*

*Se trabajó mucho para que la UIA hiciera un estatuto en el que todas las partes se pusieran de acuerdo, e incluso digo catalizador porque en un aspecto en donde él relativamente no estaba personalmente muy de acuerdo fue con respecto a la representatividad que se le daba a la Capital Federal, que significaba un cierto desequilibrio permanente para la UIA y por lo cual las regiones del interior no iban a poder llegar nunca al acceso del control. Sin embargo dijo: 'Bueno, si las dos partes están de acuerdo...' De hecho los sectores más importantes con Provincia de Buenos Aires y*

\*o Clarín, 16 de novembro de 1978.

*Capital (Federal), por la suma tenían permanentemente el control (de la UIA), con relativamente poco esfuerzo de movilización, por más que todos los demás hicieran un trabajo enorme.<sup>71</sup> "*

Eduardo Valentín Oxenford.

A 19 de julho de 1979 produziu-se uma baliza a mais no processo de normalização da entidade fabril; com efeito, nesse dia, assumiu como delegado normalizador um "civil", Eduardo Valentín Oxenford<sup>72</sup>, nomeado por um novo ministro do Trabalho que subsistiu Liendo em suas funções, o general Llamil Reston.

Ao assumir seu cargo, Oxenford se referiu à contribuição dada pela UIA em seus quase 100 anos de vida, para que a Argentina *"sea hoy un país fuertemente industrializado"*, expressando sua aspiração de reunir na entidade *"toda la fuerza industrial del país"*<sup>73</sup>.

Durante sua gestão se produziram dois fatos notáveis, segundo a ótica dos entrevistados do MIN e parte dos do MIA:

<sup>71</sup> Entrevista.

<sup>72</sup> Nesse momento, Oxenford era titular do complexo fabril "Alpargatas S.A.". Foi representante empresarial da Argentina ante a Assembléia da Organização Internacional do Trabalho; Vice-presidente do *Consejo Empresario Argentino*, considerado o *Club dos grandes*; membro da *Federación de la Industria Textil Argentina* (FITA). *Clarín*, 10 de julho de 1979.

De acordo com outra fonte, em 1939, ingressou na empresa Alpargatas e em 1974, trabalhou como presidente da empresa. Ocupou cargos diretivos em distintas sociedades controladas pela Alpargatas ou vinculadas a ela: *Sociedad Anónima Fábrica Paraguaya de Alpargatas*, *Banco Francés del Río de la Plata*, *Buenos Aires Compañía de Seguros*. Em julho de 1979 foi designado pelo Poder Executivo, interventor na UIA, até março de 1981. No mesmo ano foi nomeado Secretário de Indústria e Mineração. In: *"La Unión Industrial Argentina"*, Sofia Vellarreal. In: *Ensayos sobre la transición democrática en la Argentina*, José Nun, Juan Carlos Portantiero, compiladores. Puntosur Editores. Buenos Aires. 1987.

<sup>73</sup> *Clarín*, 20 de julho de 1979.

\* numa sexta-feira, 19 de outubro de 1979, deu-se a conhecer publicamente<sup>74</sup> um documento no qual o empresariado industrial solicitava a suspensão da abertura econômica. Assinado pelos integrantes do MIA, MUI, MEDI, o mesmo contou com o aval de Eduardo V. Oxenford.

\* Porém, o fato mais lembrado por todos os entrevistados foi o protagonizado por Oxenford por ocasião da celebração do "Dia de la Industria Argentina" de 2 de setembro de 1980.

No discurso<sup>75</sup>, Oxenford expressava que era sua intenção "colaborar com o Proceso de Reorganización Nacional a través de la sana crítica".

Depois de assinalar o muito que o país lhe devia ao "Proceso..." e de recordar a amizade<sup>76</sup> que os irmanava, Oxenford afirmava.

*"Mantenemos nuestra plena concordancia con el plan económico de las Fuerzas Armadas que el Señor Ministro de Economía expuso al país el 2 de abril de 1976. Sin embargo, consideramos que muchas de las medidas de política económica tomadas a partir de entonces no concuerdan con dicho plan, y están dificultando el éxito final del mismo".*

Na página 15 deste discurso, apontava-se:

<sup>74</sup> Clarín, 19 de outubro de 1979.

<sup>75</sup> Trata-se da versão completa, encontrada nos arquivos da Unión Industrial Argentina.

<sup>76</sup> De acordo com a opinião de Patricio Zavalía Lagos, amigo pessoal do já falecido Eduardo V. Oxenford, este último tinha uma relação muito estreita com o então Ministro da Economia José Alfredo Martínez de Hoz. Entrevista..

*"Parece importante reiterar que ese plan contenía como principales postulados la libertad económica interior, la apertura externa de la economía, la subsidiariedad del Estado, el ataque a la inflación, el reemplazo de una economía de especulación por una economía de producción, el logro de una razonable distribución del ingreso, preservando el nivel de los salarios en la medida adecuada a la productividad de la economía, y la reducción del gasto fiscal mediante la racionalización de la administración pública, el mejoramiento de la eficiencia de las empresas estatales y la limitación de las obras públicas dentro de los máximos permitidos por una financiación genuina no inflacionaria".*

Entre as críticas mencionam-se: a forte liberalização gerada pela supervalorização do peso, que comprometia seriamente a subsistência dos setores produtivos da Argentina, não importando se se tratasse de industriais ou de agropecuários; o não ter conseguido concretizar a economia de produção e o progresso necessário para melhorar a qualidade de vida dos argentinos e para evitar ficarem "atrasados no conjunto das Nações".

Aqueles que assistiram a esta celebração do Dia da Indústria afirmam<sup>77</sup> que Jorge Rafael Videla ficou muito incomodado com a intervenção de Oxenford, que passou a ser, daquele momento em diante, *"la persona que se animó a hacerle frente a los militares"*.

4. O final do governo militar. A UIA normalizada.

O caminho para a constituição do MIN.

<sup>77</sup> Esse ponto não apresenta controvérsias entre os entrevistados.

A 16 de março de 1981<sup>98</sup> a UIA ficou finalmente normalizada; elegeram-se as autoridades a integrar a Junta Diretora, o Comitê Executivo e o Comitê de Enquadramento.

O ato foi presidido por Eduardo V. Oxenford, quem pouco tempo depois seria designado Ministro da Indústria e Mineração do Poder Executivo.

Somente um ano mais tarde, voltariam os problemas sérios à UIA.

Na ocasião de se realizar a renovação parcial das autoridades, o correspondente a 50% da Junta Diretora, o MIA anunciou que apresentaria uma lista própria, na qual não incluía representantes do MEDI nem do MUI.

Segundo uma nota publicada a 19 de março de 1982, afirma-se que a decisão<sup>99</sup> do MIA foi a impulsionada por Gilberto Montagna, quem *"a pesar de cuestionar las desviaciones, considera adecuada la estrategia económica (liberal) implementada desde abril de 1976"*<sup>100</sup>.

A 5 de abril de 1982, o MIA logrou seus objetivos e a lista de excelência que propiciava, com a explícita exclusão dos homens do MEDI e do MUI, a renovação das autoridades da

---

<sup>98</sup> Clarín, 17 de março de 1981.

<sup>99</sup> De acordo com Marcelo Bonelli, autor da nota, *"La decisión se fundamentó en una razón matemática, pero de claros alcances políticos. El MIA tiene un grado de representatividad indiscutible y sus principales dirigentes quieren imponer ese dominio aritmético en la conducción de la entidad"*. Clarín, março de 1982

<sup>100</sup> Clarín, 19 de março de 1982

Junta Diretora obteve 114 votos sendo a única a ser apresentada.

Dos 219 industriais convocados pelo ato sufragista, 52 desistiram; entre os presentes 68% votaram pela lista do MIA, 24% abstiveram-se de votar e 8% votaram em branco<sup>101</sup>.

A partir deste fato, o MEDI e o MUI decidiram fundar um novo movimento, o MIN<sup>102</sup>, com a intenção de disputar com o MIA a representação na entidade e competindo pelo seu poder.

Em um artigo, publicado naquela época na revista "Contraseña"<sup>103</sup> aponta-se:

*"De reciente formación el Movimiento Industrial Nacional (MIN) comienza a estructurarse en abril de 1982, cuando la falta de flexibilidad del sector liberal impide formar un lista con candidatos de ambos sectores y el MIA impone a todos sus hombres en las elecciones de ese año.*

*Su nombre pretende marcar la diferencia fundamental que lo separa de la oposición. Por eso es "nacional" y no sólo "argentino". Lo cual no implica despreciar al capital extranjero sino más bien, reclamar una mayor participación del sector en el poder".*

## 5. Reflexões finais.

Dividi-las-ei em quatro blocos:

---

<sup>101</sup> Clarín, 6 de abril de 1982

<sup>102</sup> O que se concretizou a 24 de novembro de 1982.

<sup>103</sup> Datada em abril de 1983, pág. 40

1) Através de uma trabalhosa reconstrução histórica dos acontecimentos que, na década de 70, deram origem ao MIA e aos afluentes principais do MIN (MEDI e MUI), constata-se que:

a) a UIA desse período é uma entidade por demais heterogênea e conflitiva, muito diferente do que refletiam as imagens que se tinham acerca dela e que foram analisadas no Capítulo 1;

b) uma forte disputa entre o MIA e o MIN, vividamente retratada nos discursos retrospectivos dos entrevistados sobre o período em questão, com o objetivo de firmarem-se como protagonistas absolutos das mudanças que se produziram na UIA e que ficaram moldadas nas modificações estatutárias que contemplavam a presença dos "territórios" junto aos "setores". Até aqui, ficou explicado que os entrevistados do MIA apelam, em sua memória, a fatos tais como a "*ruptura de los metalúrgicos*", enquanto que os membros do MIN aludem a uma "*nueva UIA*", a qual teria nascido com a incorporação dos "*industriales del interior*" a esta instituição.

Ambas as posturas, embora difiram no que se refere à identificação dos protagonistas da mudança, à datação histórica do mesmo e ao tipo de explicação empregada na argumentação ("internalista" no caso do MIA, "externalista" à UIA no caso do MIN), elas compartilham de um ponto de vista, cuja importância veremos com mais detalhes nas conclusões da dissertação. Não quero, porém, deixar de antecipá-la.

Tanto o MIA como o MIN pretendem uma ruptura absoluta (em termos de composição e objetivos) entre, por um lado, a UIA dos 70 (MIA) ou a dos 80 (MIN), e, por outro, a das décadas anteriores aos 70 ou aos 80, respectivamente.

Entretanto, há muitas evidências, recolhidas no presente capítulo assim como nos anteriores, que trazem material de fundamental importância para representar e interpretar uma UIA muito heterogênea, matizada, contraditória e conflitiva, anterior a estas décadas.

Uma das evidências está no descobrimento de Javier Lindemboin, de acordo com o qual a *Federación Argentina de Entidades Defensoras Del Comercio y la Industria*, criada em 1933, seria o antecedente mais direto da CGE.

Se recordarmos que a UIA incluiu a Federação aludida em seu corpo diretivo e pensamos que os antecedentes fundamentais do MIN podem ser, *grosso modo*, rastreados no MEDI e no MUI (no seio da CGE), pode-se afirmar que a UIA da década de 30 já admitia, em seu interior, elementos análogos (no que a composição se refere e ressaltando os contextos históricos) aos da UIA da década de 80.

Trazendo outra evidência: analisando o discurso doutrinário do MIN exposto no capítulo anterior, este movimento retoma muitos dos postulados, das idéias (protecionistas), dos personagens (Pellegrini, Colombo) e marcos históricos da UIA (1899, 1933); inclusive, atribui-se como tarefa "restaurar" a UIA, recuperando seu papel

fundacional, aquele de 1887, profundamente influenciado pelos debates da *Ley de Aduanas* de 1875.

Por sua vez, o MIA se identifica com posturas liberais como as sustentadas pelo *Centro Industrial*, ou as manifestadas por Norberto de la Riestra nos Debates sobre a *Ley de Aduanas* e com figuras como a do liberal Juan Martín Oneto Gaona (tal como se pode apreciar no Sociograma 2 do capítulo 2, e que se verá com mais detalhes no capítulo seguinte).

2) Se examinamos o tipo de relações estabelecidas entre o MIA e o MIN desde sua convivência na UIA e incluindo a etapa na qual o MIN se apresentava sob a forma de MEDI e de MUI, podemos concluir o seguinte:

a) na etapa da "fusão" o MIA, o MEDI, e o MUI, surgidos como reação à direção da CGE (estivesse dentro da CINA ou fora dela, como no caso de setores do MUI), comportavam-se como os Nuer, estudados por Evans-Pritchard. Mantinham inimizades e agrupamentos separados, porém uniam-se frente a um inimigo comum: a CGE.

b) com o fim do governo peronista e o início do governo militar de 1976, depois do ocaso da CINA, o MIA, o MEDI, e o MUI (estes dois últimos agrupados na *Coordinación de Industriales del Interior*) conviveram em uma série de associações:

- i) no marco da *Organización Industrial Argentina* (OIA), constata-se a primeira ruptura provocada pelas diferentes posturas ante a política econômica liberal levada adiante pelo então Ministro da Economia, José Alfredo Martínez de Hoz;
- ii) na *Comisión Organizadora Técnica de Entidades Industriales* (COTEI), a confecção dos novos estatutos leva a sérios conflitos embora, desta vez, sem chegar à ruptura;
- iii) no seio da *Comisión Asesora Ejecutiva* (CAE), depois de grandes dissidências, chega-se a um ponto de acordo na decisão de enfrentar a política econômica liberal (identificada com a gestão do Ministro José Alfredo Martínez de Hoz) que alcança seu ponto culminante no discurso de Eduardo Valentín Oxenford nos rituais correspondentes do "*Día de la Industria Argentina*" do ano de 1980.

Alguns dos integrantes do MIA, ainda que fiéis seguidores das doutrinas liberais, tiveram que aceitar o acordo já que muitos deles sofreram na própria carne as conseqüências da política econômica orientada por tais idéias.

c) o período final do governo militar, como renunciando o que se sucederia na Argentina a partir de 1983, ano que marca o início da democracia, retira-se da UIA a intervenção

militar; Eduardo Valentin Oxenford deixa uma entidade normalizada.

Os estatutos, impulsionados desde o setor oficial pelo general Horacio Tomás Liendo, simbolizam um pacto de convivência entre os setores e os territórios.

Não obstante, é no momento em que se "normaliza" a instituição que o MIA exclui de suas listas eletivas os integrantes do MEDI e do MUI, provocando a criação do MIN, ação com a qual seus membros procuram reposicionar-se na entidade.

O relato precedente pode ser interpretado da seguinte maneira: os distintos "fatos densos" sobre os quais decidi centrar-me neste capítulo, gozam de um *status* especial entre os entrevistados porque constituem os marcos fundamentais de um extenso e complicado processo de integração entre o MIA e o MIN, no qual não estiveram ausentes tanto o acordo quanto o conflito, o rechaço e até a exclusão.

As concepções da antropóloga Mary Douglas (1976 [1966]) quando reflete sobre a relação entre a ordem e a desordem a propósito de seus estudos sobre os rituais de pureza e impureza, podem resultar úteis para a análise.

Assim como a sujeira pode ser concebida, para a autora, como "desordem", aquilo que ofende a ordem reordenando-a conforme uma idéia, o comportamento ante a poluição explica-se como a reação que condena qualquer objeto ou idéia capaz de contradizer ou confundir classificações ideais.

As apreciações da antropóloga inglesa, aplicadas à interpretação da UIA, sugerem-me a seguinte argumentação: a convivência do MIA e do MIN (enquanto tal e sob a forma de MEDI e MUI) nas distintas organizações que compartilham, e mesmo antes de se constituírem em movimentos, durante "a fusão" na CINA, foi vivenciada por seus membros - segundo interpreto e de acordo com o que expressam retrospectivamente - como transcorrendo no seio de entidades "contaminadas", "poluídas".

Das quatro espécies de poluição social identificadas pela autora, há uma que se apresenta muito fecunda para explicar sobretudo o fenômeno da expulsão do qual foi vítima o MIN: trata-se do perigo de contradição interna, o que se manifesta quando alguns pontos básicos de um sistema são negados por outros de forma tal que, em certos aspectos, o sistema parece estar em guerra consigo mesmo.

Os motivos de tão animosas batalhas, se justificam no pensamento de Douglas; com efeito, a poluição, isto é, a desordem, simboliza tanto o perigo como o poder.

A idéia de poluição relaciona-se com a problemática da identidade, tal como pode ser apreciada nas conclusões seguintes.

3) Se centralizamos nossa atenção nas referências "nativas" à "fusão", notamos que a mesma constitui um fato sumamente significativo para interpretar a relação entre os movimentos em questão; ela comporta implicitamente, ao menos de maneira

retrospectiva, uma reflexão sobre a problemática da identidade.

Em várias oportunidades os integrantes do MIA afirmavam que seu desejo era o de manter sua identidade, ainda que fosse à custa de sofrer uma nova intervenção por parte do governo peronista e empregavam frases tais como "*no saltar el cerco*".

Para além do conteúdo do que se fundia, a saber, a representação dos industriais, o que parece mais traumático aos olhos daqueles que nela participaram é a forma na qual se realizou.

"Fusão", à diferença de "união" ou "integração", por exemplo, goza de uma conotação pouco cuidadosa dos "limites", das "fronteiras", no sentido enunciado por Fredrick Barth (1969).

Isto traz junto uma outra reflexão. Como diria Mary Douglas, sobre a poluição, enquanto a identidade está ausente a poluição não é perigosa, só o é quando alcança certo grau de decomposição. Então, é identificada como um perigo, algo fora do lugar que deve ser varrido vigorosamente.

O fato de que no discurso nativo se registrem tantas alusões ao passado recente para remarcar a existência de fortes diferenças entre o MIA e o MIN (e antes dele o MEDI e o MUI), ao que se somam os rispidos enfrentamentos que protagonizaram os movimentos sobretudo entre meados da década de 70 e de 80, está chamando a atenção sobre um aspecto: a

identidade era uma dimensão muito mais presente nesse passado que no presente.

Voltarei a este ponto nas considerações finais da dissertação.

4) Ao analisar o Sociograma 1, havíamos notado que Eduardo V. Oxenford e Horacio Tomás Liendo convergiam as adesões da maior parte dos entrevistados do MIN.

Depois de relatar os fatos significativos que marcaram suas respectivas gestões é possível afirmar que para os integrantes do MIN consultados, ambos os personagens constituem muito mais que "*personas que marcaron un hito en la entidad*", tal como os classifiquei na análise do Sociograma 1.

O MIN os incorporou como parte de sua linhagem histórica e os honrou com tal *status* porque eles desempenharam um papel importante em sua conformação. Simbolizam - de acordo com minha interpretação - o passaporte a sua incorporação definitiva na *Unión Industrial Argentina*.

Por último, e adiantando a problemática do próximo capítulo, é minha intenção postular aqui que entre os integrantes do MIN pode-se falar não só de linhagens históricas mas também de linhagens míticas.

O exame das relações MIA-MIN no passado recente, completa-se com a análise das mesmas a respeito do passado remoto ao qual me referirei como origens míticas e que será objeto do próximo capítulo.

Como assinala Abner Cohen em seu estudo<sup>104</sup> acerca da interdependência entre as relações de poder e o comportamento simbólico, as instituições possuem uma face "formal" e outra "informal". O autor alude a esta última para referir-se às funções organizativas que se concretizam através de formas e atividades simbólicas.

Abordarei um dos aspectos "informais" da UIA, baseando-me em observação participante nos rituais do "*Día de la Industria Argentina*" de 1993, a partir dos quais poder-se-ia "ler"<sup>105</sup> o que postulo como os mitos de origem da entidade, ao mesmo tempo que interpretar as linhagens míticas às quais filiam-se o MIA e o MIN.

---

<sup>104</sup> Abner Cohen, 1974. *Two dimensional man. an essay on the anthropology of power and symbolism in complex society*, Berkeley and Los Angeles: University of California Press.

<sup>105</sup> Devo esta formulação à oportuna observação da Professora Suely Kofes, quando da realização de meu exame de qualificação.

## Capítulo 5

### De Mitos, Rituais e Viagens

"... (los mitos) no explican verdaderamente un origen, y no designan una causa: pero invocan un origen o una causa (...) para destacar algún detalle o para «marcar» una especie".

Claude Lévi-Strauss<sup>1</sup>

#### Introdução.

Nas páginas seguintes analisam-se os mitos de origem da *Unión Industrial Argentina* (UIA) de forma complementar com o estudo dos rituais correspondentes ao "*Día de la Industria Argentina*", e que têm a UIA como principal protagonista.

Apesar da posição que o presente capítulo ocupa nesta dissertação, é a partir dele que comecei a organizar, a um mesmo tempo, a minha compreensão da *Unión Industrial Argentina* e a etnografia a ela correspondente.

Tendo em conta que as relações sociais são acompanhadas por atos simbólicos e, ainda que sem a intenção de propor falsas dicotomias, à diferença dos capítulos anteriores, neste a dimensão simbólica recebe um papel destacado.

---

<sup>1</sup> El pensamiento salvaje. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1984 (1962), pág. 334.

A leitura do capítulo não será linear: ainda que ela tenha por eixo a exposição e análise dos rituais correspondentes ao "*Día de la Industria Argentina*" de 1993, a mesma se intercalará com uma análise dos rituais, símbolos e criadores da simbologia da entidade fabril desde a celebração dos primeiros rituais. Desta forma, será entrelaçada também com os mitos de origem da entidade fabril e isto devido tanto a razões empíricas quanto teóricas.

Com respeito às primeiras, a escolha obedece a que, no caso empírico em questão, ambos os termos se encontram indissolúvelmente unidos. Os rituais se celebram para comemorar os mitos de origem.

Referindo-se à relação mito/ritual no plano teórico, Edmund Leach (1977 [1964]) afirma que o mito é a contrapartida do ritual, sendo o primeiro uma exposição em palavras, enquanto o segundo, em forma de ação, e coincidindo neste ponto com Claude Lévi-Strauss (1984 [1962]:VII) quando diferencia o mito do ritual segundo se trate de sistemas concebidos ou atualizados.

Não obstante, não é pelo influxo destas reflexões que unem mito e ritual, mas à custa de separar pensamento de ação, que ambos os termos serão tratados aqui em forma conjunta. Se o pensamento mítico é o pensamento humano que concebe a realidade por analogia, conforme sugeriu Lévi-Strauss (1984 [1962]), inclino-me mais para a postura de Maurice Godelier (1977 [1970]), quem, retomando a idéia do

grande estruturalista francês, afirma que o pensamento por analogia funda ao mesmo tempo uma teoria e uma prática.

Neste trabalho considero o mito e o ritual em forma conjunta, não como reprodução um do outro, mas como dramatizações de temas e problemas básicos do cotidiano de uma sociedade (DaMatta, 1990 [1979])<sup>2</sup>.

Sobre o conceito de ritual, concentrar-me-ei, fundamentalmente, na linha de trabalho elaborada por Victor Turner. Basta recordar aqui que o antropólogo britânico em sua primeira fase e continuando o caminho aberto por seu mestre, Max Gluckman, renovou o "método de estudo de caso", elaborando o conceito de "drama social".

Dedicado inicialmente ao estudo de situações de crises que surgiam periodicamente entre os Ndembu, em uma aldeia africana, Turner concluiu que estas crises tinham a virtude de tornar visíveis as contradições entre os princípios que governavam a "estrutura"<sup>3</sup> da aldeia e os conflitos entre pessoas e grupos. Das repetidas observações de tais situações, Turner formulou o conceito de "drama social", o qual se constituiu em sua principal unidade de descrição e análise no estudo do processo social.

---

<sup>2</sup> Trata-se de conceitos que Roberto DaMatta reelaborou a partir da linha aberta por Victor Turner.

<sup>3</sup> No prefácio de 1968, à sua obra *Schism and continuity in an african society*, Victor Turner afirma que, embora seu livro surja como transição entre o estrutural-funcionalismo da antropologia britânica de 1940 e o período em que ele recebe seu treinamento em análise processual, as análises processuais não são a negação do estruturalismo.

O drama social representa uma interação complexa entre modelos normativos que repousam em regularidades profundas e aspirações imediatas, ambições e outros objetivos conscientes de indivíduos e grupos.

Posteriormente (1992 [1982]) assimilou este conceito ao de "processo político", considerando que o mesmo inclui competição pelo poder, dignidade, prestígio e honra.

No drama social - afirma Turner - percebe-se claramente como as tendências sociais operam na prática; como os conflitos entre pessoas ou grupos em termos de normas comuns ou contraditórias podem ser resolvidos em um conjunto particular de circunstâncias.

Concebidos por Turner como "áreas de transparência" (1968:93), os dramas sociais acabam por tornar manifestos os conflitos de interesses em estado latente.

A vinculação entre os conceitos de "drama social" e "ritual" consiste em que os rituais veiculam dramas sociais (DaMatta, 1990 [1979]).

A linha de trabalho e os conceitos que Turner formulara para o estudo dos Ndembu ("drama social", "communitas", "estrutura", "antiestrutura", "processo ritual")<sup>4</sup> ou reformulara a partir das indicações de Van Gennep (1986 [1909]) a respeito dos "ritos de passagem" ("preliminar", "liminar", "posliminar")<sup>5</sup>, embora fossem repensados para o

---

<sup>4</sup> Para Turner (1988 [1969]) existiriam dois "modelos" principais de interação humana, justapostos e alternativos. O primeiro é o que apresenta a sociedade como um sistema "estruturado", diferenciado e à miúdo hierárquico. O segundo é o da sociedade enquanto "communitas", sem estruturar ou rudimentariamente estruturada e relativamente indiferenciada. Nas sociedades, convivem ambos e o "processo ritual" é aquele pelo qual se pode dar ênfase aos vínculos entre eles, frequentemente ocultos.

<sup>5</sup> Turner (1980 [1967]) considera alguns aspectos das propriedades sócio-culturais do "período liminar", no tipo de rituais caracterizados por Arnold van Gennep como "ritos de passagem", porque acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social e idade.

"Si es cierto que nuestro modelo de sociedad básica es el de una «estructura de posiciones», debemos considerar el período marginal o de «liminaridad» como una situación interestructural". Turner, Op. cit. pág. 103.

estudo das sociedades complexas (Ver: Dramas, fields and metaphors, 1985 [1974]), mantiveram, no fundamental, sua vigência. Inclusive, quando Turner formula o conceito de "liminoid"<sup>4</sup>, o qual guarda certo "parecido de família"<sup>7</sup> com a noção de "liminar", admite que nas sociedades complexas, em lugar de um deslocamento do primeiro sobre o segundo, assiste-se à coexistência de ambos em um tipo de pluralismo cultural (1992 [1982]).

Sobre o conceito de mito é necessário realizar aqui dois esclarecimentos: 1) embora no texto apareçam algumas referências ao pensamento de Claude Lévi-Strauss, não pretendo realizar uma análise estruturalista dos mitos; 2) inspiro-me fundamentalmente em algumas indicações de Jacques

---

Van Gennep demonstrou que todos os ritos de passagem se caracterizam por três fases: separação, margem ou *limen* e agregação.

O que interessa a Turner dos fenômenos liminares é a mescla da homogeneidade e o companheirismo, um certo reconhecimento de um vínculo social generalizado. O modelo de sociedade enquanto *communitas*, surge no período liminar.

<sup>4</sup> Em Frog ritual to theatre (1992 [1982]), Turner aponta uma série de diferenças entre os conceitos de "liminar" e "liminoid".

1- O fenômeno liminar predomina em sociedades tribais e agrárias, que E. Durkheim denomina "solidariedade mecânica", dominadas pelo status. Enquanto que o fenômeno liminoid floresce em sociedades caracterizadas pela "solidariedade orgânica", unida reciprocamente pelas relações contratuais e geradas por revoluções industriais.

2- O fenômeno liminar está centralmente integrado no processo social total. O fenômeno liminoid se desenvolve independentemente do processo econômico e político, ao largo das margens, nas interfaces ou interstícios.

3- O fenômeno liminar tende a ser coletivo, tem vínculo com os calendários biológicos, crises no processo social, etc. O fenômeno liminoid pode ser coletivo porém é mais factível que seja produto de indivíduos, embora tenha efeitos coletivos. Não são cíclicos, porém gerados continuamente.

4. "Liminar" guarda relação com a história de um grupo, sua experiência coletiva. "Liminoid" se refere a nomes específicos em grupos particulares.

<sup>7</sup> Na formulação de Ludwig Wittgenstein (1988 [1953]), "parecido de família" refere-se a fenômenos aparentados entre si de muitas maneiras diferentes. Não compartilha algo que seja comum a todos, porém uma complicada rede de semelhanças que se superpõem e entrecruzam, de grande escala e de detalhes. A expressão deriva da observação das semelhanças que se dão entre os membros de uma família.

Lempine (1987) que, referindo-se aos mitos de origem, afirma que os mesmos pertencem a uma classe particular relativa à origem do homem na sociedade, quer se trata de explicar a formação de um grupo, que se deseje trazer uma razão pseudo-histórica para a escolha de tal ou qual contrato social.

Tive a oportunidade de observar, assistir, fotografar e participar dos diversos rituais (diurnos e noturnos) que compõem a celebração do "*Día de la Industria Argentina*" do ano de 1993, a saber, a missa em honra aos industriais falecidos, as oferendas florais ao general José de San Martín (Pai da Pátria) e a Carlos Pellegrini (Pai da Indústria) e o banquete de encerramento, de forma tal que a descrição que apresento responde ao tão mencionado fato antropológico "*haber estado allí*" (Geertz (1989 [1987])).

As observações, crenças e comentários de integrantes da entidade, assim como de pessoas que de alguma maneira mantêm uma estreita relação com ela, foram recolhidas em entrevistas.

Recompilei e analisei os discursos correspondentes ao banquete do "*Día de la Industria Argentina*", desde o momento em que o mesmo foi instaurado no ano de 1939 até 1993, em revistas oficiais da entidade, jornais e publicações da época.

No que diz respeito ao que postulo como "mitos de origem da entidade", os mesmos foram reconstruídos a partir de publicações oficiais, livros e documentos, mas só depois que

a idéia foi tomando corpo a partir de pistas que surgiram sobretudo a partir de entrevistas com membros da UIA.

A heterogeneidade das fontes (publicações oficiais, diários da época e cartas confidenciais; entrevistas e material do arquivo da UIA; observação em vários eventos) responde não só à necessidade de levar a cabo uma verificação independente e controles cruzados, mas a que, sendo a UIA uma entidade que sofreu intervenção em várias oportunidades, há períodos e fatos que não poderiam trabalhar-se com o mesmo tipo de material. Além do mais, e para este capítulo é fundamental mencioná-lo, o plano das crenças, sobretudo os relativos a temas específicos como mitos e rituais, nem sempre puderam ser rastreados nos escritos, por tênues ou inexistentes; para um trabalho antropológico eram fontes que necessitavam ser criadas.

1. O "*Día de la Industria Argentina*". Primeira viagem: um barco como mito de origem.

Situemo-nos agora em Buenos Aires, na manhã do dia 2 de setembro de 1993. Nesse dia, membros da UIA se preparavam para iniciar uma série de rituais com os quais, a cada ano,

desde 1939<sup>6</sup>, distintas gerações celebram o advento de um novo "Día de la Industria Argentina".

Se é certo que alguns fatos merecem ter um passado, esse dia estava marcado com uma viagem crucial. Com efeito, a data comemora que em 2 de setembro de 1587 partiu do Porto de Buenos Aires, com destino ao Brasil, a primeira exportação de artigos manufaturados no país, em um barco do Bispo Victoria que tinha sua sede em Santiago del Estero, consistindo esses artigos, elaborados na antiga Governança de Tucumán, em cortinas, cobertores e colchas<sup>7</sup>.

Apesar de que a UIA foi fundada em 7 de fevereiro de 1887, como resultado da confluência do *Club Industrial* e do *Centro Industrial*, chama a atenção que a festa de 2 de setembro tenha eclipsado a de 7 de fevereiro.

A rigor, uma primeira explicação para o fato poderia ser encontrada na mesma resolução pela qual se instaurou o "Día de la Industria Argentina" e na qual se encomendava à UIA a comemoração anual dessa data a partir de 1931<sup>8</sup>. Entretanto,

<sup>6</sup> Embora o conjunto de rituais que compõem essa celebração, ainda que com diferenças com relação ao atual, datam de 1939, a primeira festa do "Día de la Industria Argentina" remonta a 1931, consistindo nesse momento em um ato escolar realizado no local da *Exposición Permanente de la Unión Industrial Argentina* ao que concorreram funcionários do Conselho Nacional de Educação, membros da UIA e representantes da *Confederación Argentina del Comercio, de la Industria y de la Producción*, delegados à *Cuarta Conferencia Económica Nacional* e grande número de estudantes. *Circular Informativa*, publicação da UIA, 1956.

<sup>7</sup> Segundo se pode ler na *Circular Informativa* da UIA de 1956, na sessão B2 de 31 de julho de 1931, do *Consejo Nacional de Educación* na qual se aprovou o expediente 20.960-C/31 da *Comisión de Didáctica*, fixou-se também o dia 2 de setembro como "Día de la Industria Argentina", segundo consta no *Monitor de Educación Común* Nº 707/8 de novembro-dezembro de 1931. O Ministério da Justiça e Instrução Pública ditou resolução similar (687/1931) a 21 de agosto desse mesmo ano, segundo consta em *la Nación*, de 2 de setembro de 1942.

<sup>8</sup> *Revista de la UIA*. Ano LVIII, Nº 92, outubro de 1945, pág. 29.

<sup>9</sup> A celebração surge por iniciativa do delegado da *Bolsa de Comercio de Tucumán* ao Segundo Congresso da Indústria Argentina, reunido em Buenos Aires em novembro de 1925. *Circular Informativa de la UIA*, 1956.

para Luis Colombo, o homem que mais tempo perdurou à frente da instituição, de 1925 a 1946, e sob cuja presidência se organizou a primeira celebração, estava claro que uma coisa era o "*Día de la Industria Argentina*" e outra, o aniversário da entidade.

Com isto não estou dizendo que os atuais integrantes da UIA desconheçam a distinção entre ambas as datas, embora nas entrevistas realizadas entre 1992 e 1993 entre membros da entidade a confusão imperasse em mais de um caso.

Afirmo, como hipótese, que o "*Día de la Industria Argentina*" ocupou o lugar do "*Día de la Unión Industrial Argentina*", cuja celebração já não se comemora, constituindo-se o barco exportador em um elemento destacado da fundação mítica da entidade. O barco zarpou efetivamente em 1587, de Buenos Aires e carregado de manufaturas, porém a UIA foi fundada justamente 300 anos depois.

O que é que se buscou ressaltar inicialmente com esse barco e com essa primeira exportação?

Ainda que a afirmação seguinte seja - como vimos na Introdução - matéria de controvérsia, a indústria na Argentina, pelo menos de fins do século passado a princípios do atual, foi considerada por um setor do pensamento "nativo"<sup>12</sup> como um fenômeno externo, marginal, produto de imigrantes e desnecessária frente a um campo provedor de

<sup>12</sup> Por pensamento nativo estou-me referindo neste caso ao que se desenvolveu na Argentina.

inesgotáveis riquezas, as quais contribuíram para alimentar, ao mesmo tempo, boa parte da população mundial até princípios do século XX e o mito da "Argentina celeiro do mundo".

Segundo destacam Alberti e Castiglioni (1985):

*"La industrialización tiene un pecado original: no es parte integrante del proyecto del '80 (1890). Nace como actividad secundaria relativamente dependiente del sector agroexportador y goza de escaso prestigio social. Se inserta marginalmente en una cultura, en una sociedad y en un sistema político consolidados.*

*La modernización social (diferenciación socio-económica, urbanización, alfabetización, etc.) no es generada por la industrialización; además las primeras actividades manufactureras son obra casi exclusivamente de extranjeros, lo que refuerza la imagen de marginalidad de la industria en el contexto socio-cultural del país"<sup>13</sup>.*

Minha hipótese é que o barco exportador é um símbolo importante do mito de origem da UIA e forma parte do mito da Argentina fabril.

O mesmo - segundo interpreto - foi organizado por Luis Colombo (embora sua tarefa contava com o consentimento dos dirigentes da entidade) durante toda a década de 30 e alcançou seu ponto culminante em 1939 (em pleno período de substituição de importações, como consequência da Segunda Guerra Mundial) depois de uma intensa prédica protecionista. Sem pretender aprofundar aqui a sua figura, direi simplesmente que este grande organizador da simbologia da UIA, que fora presidente da *Bolsa de Comercio de Rosario*

---

<sup>13</sup> Op. Cit., pág. 7.

(1910-16), Conselheiro Municipal de Rosario (1909-11); presidente da Cia. de Seguros "La Rosario", presidente de *Bodegas y Viñedos Tomba*, entre outras muitas atividades, liderou um dos períodos da UIA mais recordados hoje pelos membros da entidade, durante o qual a ênfase esteve dirigida a prestigiar o papel da indústria no desenvolvimento de uma sociedade.

Quero deter-me brevemente ao que acima foi mencionado sobre Luis Colombo e sobre o grupo de dirigentes que o acompanhou em sua gestão valendo-me de uma analogia, a qual, deve ser cuidadosamente interpretada já que um dos elementos da mesma foi elaborado no contexto das sociedades "primitivas".

Em "*El hechicero y su magia*", Claude Lévi-Strauss (1980 [1958]) afirma: "*Quesalid no se convirtió en un gran hechicero porque curara a sus enfermos; sino que sanaba a sus enfermos porque se había convertido en un gran hechicero*" (pág. 163).

Apoiando-nos a nossa analogia, assim como a existência de um consenso social é o que torna possível a existência do xamã, a permanência de Colombo se explica pelo consenso que suscitava sua gestão.

Argumento que o mito da Argentina fabril (em alusão à exportação de produtos manufaturados) tentou vir de encontro, pelo menos em parte, ao mito da Argentina celeiro do mundo (em referência aos produtos derivados da agricultura e

pecuária), instalado no poder efetivo tanto quanto no imaginário da oligarquia e de boa parte da população deste país.

Entre a documentação oficial da União Industrial, contemporânea à formulação do "mito da argentina fabril", encontrei duas versões que podem contribuir com dados na tarefa de reconstruir o sentido que se atribuía naquela época ao símbolo do barco exportador: a primeira apóia minha hipótese sobre a existência do "mito da Argentina fabril"; a segunda a põe à prova e obriga a complexificá-la. Passemos a examiná-las.

Em um discurso, fundamental para nossa análise por ser o que se pronunciou por ocasião da resolução pela qual em 1931 se decretou o *Día de la industria Argentina*, assinala-se:

*"Hasta hace muy poco tiempo, creíamos ser el granero del mundo, creíamos estar destinados a alimentar el universo y que sin nosotros las naciones industriales pasarían hambre. Esta ingenua creencia ha sido destruida rudamente, brutalmente. Después de la guerra, una tras otra, numerosas naciones han ido entornando sus puertas para nuestros productos y dejando una rendija cada día más estrecha"<sup>14</sup>.*

Talvez, seja devido a estas circunstâncias que em outra passagem afirma-se que:

*"Contra lo que pudiera creerse, no eran productos de la ganadería ni de la agricultura los primeros*

<sup>14</sup> Emilio Coni. *Anales de la Unión Industrial Argentina*, 1931. julho, Año XLIV, Nº 751.

*que se asentaron en el libro de los Oficiales Reales del Puerto de Buenos Aires*"<sup>15</sup>.

O discurso mencionado divide a cena com outro documento, vários anos posterior ao primeiro, mas que localizei dentro do mesmo período do "Mito da Argentina fabril" e que explicita uma segunda postura sobre o porquê do barco como símbolo.

*"Aquel envío es el símbolo de la industria nacional (...).*

*No puede ser la fecha más que simbólica porque, en verdad, la citada exportación no fue sino un hecho de la época, sin ninguna conexión con la evolución industrial del país". (...)*

*"Más la industria argentina, propiamente dicha, empieza con el arancel aduanero del 9 de diciembre de 1813, dictado por el Triunvirato: Rodríguez Peña, Larrea y Posadas, tendiente a favorecer la radicación de los saladeros y las seberías (...)"*

*"Esta nueva industria es pecuaria porque refleja el medio pastoril, que consiste entonces en un emporio de ganado sin marca y sin dueño. Don Juan de Garay había traído los primeros ganados en 1580 (...)"*<sup>16</sup>.

Vale dizer que para a mesma época na qual o mito de origem do barco foi concebido, existiam duas variações do mesmo: em uma se enfatizava a exportação de manufaturas (têxteis), na outra, a de produtos da pecuária.

<sup>15</sup> O autor aludia aos tecidos da Governança de Tucumán, confeccionados por mão-de-obra indígena, dirigida pelos espanhóis.

<sup>16</sup> Os parágrafos citados foram extraídos do discurso preparado pelo então Instituto de Estudios y Conferencias Industriales de la Unión Industrial Argentina por ocasião da comemoração do Dia de la Industria Argentina do ano de 1943. O mesmo foi proferido por L. R. A. Radio del Estado e transcrito na revista oficial da UIA. *Argentina Fabril. Publicación Oficial de la Unión Industrial Argentina. Año LVII, Nº 897, setembro de 1943.*

Em que sentido a segunda das versões mencionadas põe à prova e complexifica minha hipótese inicial?

Em que pese o fato de que a UIA lutou intensamente durante a presidência de Luis Colombo para impor o Mito da Argentina fabril, concordo com Alberti e Castiglioni (1985) quando afirmam que o movimento industrializador nunca foi "antiestablishment".

Um par de cartas confidenciais entre Luis Colombo e Carlos Tornquist<sup>17</sup>, encontradas em um arquivo privado, ilustram perfeitamente o ponto referido.

Datada a 23 de julho de 1927, Carlos Alfredo Tornquist escrevia de Paris uma carta a Luis Colombo da qual extraí o seguinte.

*... "Ahora, le hablaré sobre el Congreso Panamericano de Washington; aquí he tenido algunos momentos desagradables y no he hecho un informe oficial para la Unión porque tendría que decir cosas desagradables que prefiero dejarlas en el tintero. Ahora bien si Ud. insiste que conviene hacer un informe incoloro no tengo inconveniente en hacerlo; pero si no lo hago oficial lo voy a hacer en privado a Ud.*

*Cuando yo llegué a Washington estuve el día de la apertura y fui designado Vice-Presidente como lo eran todos los Jefes de Delegación; al día siguiente apareció Duhau<sup>18</sup> con gran sorpresa y gusto mío y como él venía con trabajos hechos para tratar los puntos importantes que interesaban a la Argentina (asunto carnes) y como una atención para*

<sup>17</sup> Segundo Jorge Schvarzer (1991), a Casa Tornquist compunha uma verdadeira *holding* de atividades financeiras, comerciais, de importação e exportação e industriais.

Em uma nota que a revista da UIA dedicada ao pai de Carlos, Ernesto Tornquist, detalham-se os interesses do mesmo, quem combinava entre seus investimentos a indústria açucareira, a produção de charque, a cervejaria, a metalurgia, o petróleo, etc. *Argentina Fabril*, Ano LVI, janeiro de 1943, pág. 66 e 67.

<sup>18</sup> Então presidente da Sociedade Rural Argentina.

él y la Sociedad Rural Argentina, renuncié a la Vice-Presidencia de la Asamblea en beneficio de Duhau...".

"Con gran sorpresa mía escucho al día siguiente su trabajo, hablando en nombre de la Delegación Argentina contra el proteccionismo en la forma que Ud. habrá leído; terminada la conferencia me manifestó que sentía mucho haber tenido que hablar en esa forma que sabía no iba a gustarme pero que él creía que era más conveniente para los intereses argentinos en ese momento aparecer como libre cambista, que además él creía que eso era la verdad puesto que consideraba un gran error proteger las industrias en la Argentina!!

Yo tenía que elegir uno de estos dos caminos: o callarme la boca o protestar manifestando disidencia y opté por lo primero para no desautorizarlo en su inteligente y útil gestión, aún cuando creo un poco ilusoria, gestión. Además hubiera significado una ruptura entre la Unión Industrial y la Sociedad Rural, cosa que no nos conviene".

A 14 de setiembre de 1927, Luis Colombo respondía, de Buenos Aires, esta carta a Carlos Alfredo Tornquist:

..."Refiriéndome al punto principal de su amable carta, he de confesarle que no bien leí la transmisión telegráfica del discurso del Sr. Duhau en Washington sentí desagradable escozor y así lo manifesté enseguida al amigo Anchorena, quien desde luego trató de atenuar los posibles efectos de aquellas manifestaciones libre cambistas.

La conducta de Ud. desde luego, ha sido caballeresca y noble y también la más conveniente en cuanto a evitar rozamientos entre entidades que no deben crear abismos entre sí. No ha sido igual de la otra parte, ni ha sido meditada, en mi sentir, desde que defendía un punto de vista totalmente unilateral que no es en mi concepto el punto de vista que conviene a nuestro país.

Pero no terminó allá el asunto. Vuelto al país, se ofreció un banquete en el Plaza y allí también apareció otro discurso tan libre cambista como el anterior y le siguió otro más fuerte en la inauguración de la Exposición Rural de Rosario y otro más en la de aquí. Desde luego que cada uno superó al anterior en declaraciones de aduanas libres, puertos libres, ríos libres, cordilleras

libres y sólo faltó el...amor libre, lo único quizás agradable que no fue dicho.

Como Ud. comprende, tal campaña de parte del presidente de una institución tan calificada y tan importante no podrá ni puede sino sembrar de dudas el campo que venimos cultivando en favor de un adecuado e inteligente proteccionismo y crear situaciones molestas a los legisladores y hombres de gobierno que no saben si apreciar más la campaña de la UIA o de la Rural. Entre los dos caminos concluyen por no tomar ninguno y así se malogran las mejores iniciativas.

En todos los discursos que tuve que pronunciar desde Mayo aproveché cada ocasión para contestar a "La Prensa" y aún a Duhau siempre, es claro, guardando forma y estilo dentro de un pensamiento firme de no romper lanzas o crear situaciones que afecten a las entidades que no han de sufrir las consecuencias de posibles errores accidentales de los que hoy dirigimos sus destinos.

Así fue que al recibir su carta, tan coincidente con mi sentir, la leí únicamente a Bunge y a Anchorena pidiendo a ambos que vieran el modo de que el presidente de la Rural atenuase su campaña ya que me parecía fácil defender la situación ganadera y agrícola sin dañar las justas demandas de la industria nacional"....

Como anticipara na Introdução desta dissertação, afirmou-se em mais de uma oportunidade (Alberti & Castiglioni, 1985) que os industriais na Argentina se reproduziram com um cultura alheia a dos latifundiários, deixando seu país sem cultura industrial e contribuindo de maneira muito fraca para o desenvolvimento de sua nacionalidade.

Minha opinião, entretanto, é que aqueles que fazem tal afirmação não têm em conta a tentativa, por parte da UIA, até a década de 40, de impor o mito da Argentina fabril.

O ponto que se presta à confusão reside em que a UIA, como o mostram as cartas, não rompeu com o "establishment".

Se essa foi a causa do fracasso em sua gestão, ou se em caso de não se ter filiado a este "establishment" nem sequer poderia ter feito conhecer o mito da Argentina fabril, é por agora matéria de conjectura.

Como vimos, a intenção de impor o "mito da Argentina fabril" não supõe uma ruptura simultânea com os setores da Argentina agro-pastoril. A diferença da tese que apresenta os industriais como personagens marginais, Jorge Schvartzler (1991) afirma que eram poderosos, ocupavam cargos políticos (ver anexo) e, em muitos casos, seus interesses estavam profundamente entrelaçados com os agropecuaristas.

Ainda aceitando que alguns industriais fossem poderosos, sugiro que não existe uma correspondência clara entre interesses econômicos e cultura industrialista. Talvez muitos dos industriais que desenvolveram suas atividades na época da formulação do "mito da Argentina fabril" pensaram, tal como Luis Colombo, que um país sem indústria não teria muito futuro.

A interpretação anterior se vê reforçada por minha aproximação ao pensamento de homens como Alejandro Bunge<sup>19</sup>, quem, - segundo afirma José Luis de Imaz, em um artigo surgido em 1974 - :

---

<sup>19</sup> Engenheiro, nasceu em 1880 no seio de uma família "ciolla" de Buenos Aires. Era neto de alemães. Após realizar seus estudos na Universidade Real da Saxônia e de uma experiência industrial na Catalunha, regressou à Argentina em 1910.

Ver: Imaz, José Luis. 1974. "Alejandro E. Bunge, economista y sociólogo (1880-1943)". In: *Desarrollo Económico - Revista de Ciencias Sociales*, Nº 55, vol. 15, outubro-dezembro.

"Sin abandonar nunca su clase puso en tela de juicio las bases de sustentación de buena parte de su clase". (pág. 546).

E mais adiante, Imaz acrescenta:

"Bunge atacaba el statu quo impuesto por los sectores agropecuarios e importadores de esa burguesía, esquema económico compartido aún por quienes se proclamaban sus nominales contendientes políticos". (pág. 548).

Imaz assinala que, a partir de 1921, Bunge começou a insistir em que a política econômica da Grã Bretanha era inequívoca: os britânicos exportavam o livre comércio como produto ideológico, através da aplicação do mais estrito protecionismo.

Alejandro Bunge dirigiu a *Revista de Economía Argentina* desde sua fundação em 1918 até sua morte, em 1943, e foi um destacado assessor da UIA sob a extensa presidência de Luis Colombo.

Quando me encontrava nos trâmites finais da elaboração deste dissertação, muito depois de ter formulado a hipótese sobre o "Mito da Argentina Fabril", em um fecundo diálogo, Javier Lindemboin me recomendou um livro, no qual Juan José Llach, destacado investigador e atualmente integrante do gabinete econômico de Domingo F. Cavallo, compila uma série de trabalhos publicados na *Revista de Economía Argentina* (1918-1952), nos quais podem ser apreciados diversos aspectos do pensamento de Alejandro Bunge.

Na Introdução, em referência ao título do tomo 1 de seu livro, Llach explica que "*La Argentina que no fue*" é a que ficou sepultada sob os problemas sem solução, apontados pelo grupo da *Revista de Economía Argentina* desde 1918.

Logo após lê-lo, compreendi que, o que a partir de uma postura antropológica, havia postulado como "Mito da Argentina Fabril", compartilhava certo "*parecido de família*" com aquele "*nostalgioso*" título.

Ao mesmo tempo, reparei com mais clareza que, mesmo que a UIA concordasse, não sei se com todos, mas pelo menos com alguns dos aspectos de capital importância afirmados pelos integrantes da *Revista*, ainda que este pensamento em relação com o diagnóstico dos problemas argentinos não tenha prosperado.

Voltando às versões mencionadas para interpretar a presença do símbolo do barco exportador, as mesmas giravam em torno a um tipo de produção que ele transportava. A seguir, o exame se completa com a análise de uma versão que faz referência à época e ao lugar em que partiu.

Com efeito, o barco zarpuou em 1587, localizando-se esta data em plena época da dominação espanhola. Era a colônia espanhola do Río de la Plata a que exportava pela primeira vez produtos autóctones.

Embora a Argentina se constituiria muitos anos depois, o documento do ano de 1931, pelo qual se instaura o *Día de la Industria Argentina*, faz uma rápida passagem entre os termos "Colônia espanhola" e "Argentina", a afirma.

*"La colonia española del Río de la Plata exportaba por primera vez el producto de sus esfuerzos industriales, la Argentina nacía para el comercio internacional"*<sup>20</sup>.

Na Argentina, dava-se preeminência a Buenos Aires e a seu porto.

Como indica Roberto DaMatta (1990 [1979]), grupos como a Igreja, as Forças Armadas e, poderíamos agregar, a UIA, ainda que tenham uma evolução temporal claramente determinada, se concebem como eternos e imutáveis, provavelmente porque daí deriva parte de sua legitimidade.

A história do barco, embora datada (fato que desbarataria qualquer pretensão de imortalidade) é suficientemente antiga para uma linha de pensamento que privilegia 1492 como ponto de partida da história dos territórios que posteriormente conformariam a Argentina.

Para abonar esta hipótese, a proposta inicial mencionada na resolução<sup>21</sup> pela qual se instaura o "*Día de la Industria Argentina*", é festejá-la a 12 de outubro de cada ano, dia do "Descobrimento" da América por Cristobal Colón. O paralelo do barco que zarpou em 1587, segundo se pode ver na figura 1 (anexo) correspondente à tarjeta do convite dos atos comemorativos do "*Día de la Industria Argentina*" do ano de

---

<sup>20</sup> Anais da *Unión Industrial Argentina*. 1931, julho. Ano XLIV, Nº 751.

<sup>21</sup> Revista da UIA, Ano LVIII, Nº 922, outubro de 1945, pág. 29.

1944 (pleno auge do mito da Argentina fabril e dos rituais), com as caravelas de Cristobal Colón, é muito sugestivo. Ademais, se a tentação de imaginar uma relação de caráter metonímico entre o par Colombo/Colón indicava um desvio, encontrei uma caracterização<sup>22</sup> de Luis Colombo, como o homem que "descobriu América"<sup>23</sup> e a UIA como sua "invenção", tal como se pode apreciar na figura e textos 2 (anexo).

A UIA buscou legitimar-se também, ligando-se ao "establishment". Se o traço distintivo do ritual e do mito é a dramatização, isto é, a condensação de algum aspecto, elemento ou relação, colocando-o em foco (DaMatta, 1990 [1979]), a missa em honra à memória dos industriais, a homenagem às figuras de José de San Martín e Carlos Pellegrini, o lugar onde, em numerosas ocasiões, se leva a cabo o banquete nos salões da *Sociedad Rural Argentina* (SRA), falam claramente, para além do fato de se eram marginais, estrangeiros, pobres, poderosos ou estreitamente vinculados com o *establishment*, de que a UIA da década de 40 aspirou ao menos em criar sua simbologia, em estabelecer uma linhagem que tem entre seus pilares a Igreja, o poder militar e o poder político incluindo o da *Sociedad Rural*.

---

<sup>22</sup> Cabe apontar que a mesma foi utilizada para desprestigiar Colombo e a UIA na época da intervenção peronista e é um elemento a mais para se levar em conta com relação aos estudos de imagem que já analisamos.

<sup>23</sup> A mesma foi idealizada pelo peronismo da primeira época e mostra uma imagem negativa de Colombo.

## 2. Carlos Pellegrini. O mito do pai fundador.

Os mitos podem ser complementários, suplementários e invertidos. No caso do mito de fundação da UIA, a figura de Carlos Pellegrini é complementar à do barco carregado de manufaturas no sentido em que a primeira exportação significava o triunfo da incipiente indústria argentina.

Carlos Pellegrini seria, três séculos mais tarde, o propulsor de seu progresso.

Em uma publicação da UIA no *Día de la Industria Argentina* de 1945<sup>24</sup>, pode-se ler:

*"La industria argentina celebra una fecha y venera un nombre. La fecha es la del 2 de septiembre. El nombre, el de un gran argentino: Carlos Pellegrini".* (pág. 5).

O trabalho, que reflete a opinião da UIA dos anos quarenta, destaca Pellegrini por seu papel no memorável debate do Parlamento Argentino em meados de 1876, no qual lutou (tal como vimos no Capítulo 3) junto a Vicente Fidel López e Miguel Cané pela necessidade urgente de proteger a indústria, criando com o mesmo propósito o *Banco de la Nación Argentina* e enfrentando as posições liberais defendidas, principalmente, por quem ocupava a pasta da Fazenda, sob a presidência de Nicolás Avellaneda, Norberto de la Riestra.

Nesse debate, Pellegrini dizia:

---

<sup>24</sup> A publicação leva por título "*La industria argentina*" e tem uma fotografia de Carlos Pellegrini na capa.

... "jamás se ha pensado en la industria, jamás se ha tratado de fomentarla, olvidando que toda la fuerza y la riqueza de una nación, de ella sólo dependen, y que toda su ilustración y su poder dependen exclusivamente de su riqueza"<sup>25</sup>.

Na mesma publicação (anônima), pode-se ler:

"Quienes no querían o no sabían juzgar, consideraban que la Argentina sólo debía atender a la producción agropecuaria, y que la industria era planta exótica en ella. A esto replicaba Pellegrini que un país cuyas dos fuentes de riqueza, la ganadería y la agricultura, dependen del azar de la naturaleza, "del capricho de las nubes", está expuesta de un momento para otro a verse reducida a la miseria, y que si, desgraciadamente, la industria era todavía planta exótica, debía el gobierno procurar que no lo fuera".

Filho de um destacado engenheiro e exímio fotógrafo, que fotografou toda a aristocracia portenha, e de uma mulher de origem inglesa, que muito influenciou sua educação, Carlos Pellegrini foi Senador, Ministro da Guerra, Vice-presidente da Nação no ano da criação da UIA (1887) e, em seguida, Presidente da Nação na década de 1890.

A UIA o venerou com veemência sob a presidência de Luis Colombo<sup>26</sup>, citando-o permanentemente em seus discursos, publicando sua participação nos debates da *Ley de Aduanas* de 1876, e outorgando-lhe um papel preponderante nos rituais do "Día de la Industria Argentina".

---

<sup>25</sup> La industria Argentina.

<sup>26</sup> Antes de Colombo, Pellegrini foi homenageado na UIA como se pode apreciar no quadro sobre os presidentes da instituição. Ver Cronología.

Na década de 1970, quando se inaugurou o edifício que a UIA atualmente ocupa na Capital Federal, este foi batizado com seu nome.

Em 1990 a instituição fabril inaugurou um busto em sua homenagem no saguão central do edifício e cunhou uma frase que lhe pertencia: "*Sin industria no hay nación*"<sup>27</sup>, passando a ocupar um lugar destacado junto ao "logotipo" da entidade.

Sintetizando o que foi dito até aqui, com respeito às interpretações dos mitos de origem e fundação da UIA, para a época em que foram formulados, uma das conclusões a destacar é que os símbolos (o do barco e o de Carlos Pellegrini) encerram certa ambigüidade. No caso do barco, as duas versões: a que põe em primeiro plano a produção manufatureira (têxtil) outorgando-lhe, inclusive uma prioridade temporal com respeito à atividade agro-pecuária, e a que afirma que a "verdadeira" história começa com a produção pecuária.

Com respeito a Pellegrini, a ambigüidade está dada pelo fato de ser um homem de pensamento industrialista e, ao mesmo tempo, fundador do Jockey Club, instituição ligado - como vimos - ao aperfeiçoamento da raça eqüina.

---

<sup>27</sup> A frase foi formulada oficialmente no ano de 1990, por ocasião de um comunicado, no qual a UIA tornava pública sua profunda preocupação ante a severa crise pela qual atravessava o setor manufatureiro. Na mesma intervenção Roberto Favelevic e Federico B. Kingard (quem reivindicou o pensamento de Carlos Pellegrini).

Tempos depois, na esfera oficial, o então titular da pasta da Indústria, Jorge Pereyra de Glazábal, discordou da entidade fabril em um documento no qual inverteu a frase, afirmando que: "*Sin nación no hay industria*". *Minutas del quehacer nacional. Órgano Informativo Oficial del M.I.N., Noviembre 1989/abril 90.*

Além das discussões acerca do que se considere indústria em cada época (a equina poderia ser um caso), o certo, tanto no que diz respeito a Pellegrini como no que concerne ao barco, é que há ingredientes que podem dar lugar a interpretações díspares, os quais - como veremos a seguir - talvez tenham facilitado aos industriais da década de 1990 que construíssem "linhagens míticas" diferenciais.

### 3. Os símbolos reinterpretados.

Durante meu trabalho de campo, tive a oportunidade de perguntar, em numerosas ocasiões, quem havia fundado a UIA. Devido ao fato de que os sentidos das respostas não foram muito divergentes, tratá-las-ei sem individualizá-las, esclarecendo aqui que não busco desentranhar o verdadeiro fundador (se é que existe), mas o quê pode ser interpretado do fato de que os membros da UIA outorgam esse mote a uns ou a outros<sup>20</sup>.

É preciso distinguir aqueles que mesmo afirmando que Pellegrini não havia fundado a UIA o consideram seu inspirador, o homem que assentou as bases da doutrina industrial na Argentina junto a Vicente Fidel López. Tal é o caso dos integrantes do *Movimiento Industrial Argentino*. Nessa mesma linha, Samuel Kait, seu atual coordenador, em uma

---

<sup>20</sup> Creio que a formulação em questão pode ser melhor entendida por analogia com a seguinte idéia, enunciada por L. Wittgenstein: "Verdadero y falso es lo que los hombres dicen; y los hombres concuerdan en el lenguaje. Esta no es una concordancia de opiniones, sino de forma de vida". *Op. Cit.* pág. 217.

entrevista realizada em seu gabinete da UIA agregou um dado importante:

*"Nosotros, cuando hablo de nosotros es el MIN, lo levantamos (a Pellegrini) como creador de la mística industrial nacional".*

No que se refere aos integrantes do MIA, as opiniões estão divididas. Por um lado se encontram aqueles que admitem que foi Pellegrini, porém por razões diferentes das sustentadas pelos membros do MIN.

Sem tentar aqui realizar uma análise semântica<sup>27</sup> exaustiva, os integrantes do MIA não se filiam a Pellegrini por sua luta protecionista, mas pelo fato de ter sido Presidente da Nação, isto é, por sua vinculação com o poder político.

Por outro lado, não podemos deixar de mencionar aqui que Pellegrini foi o fundador do exclusivo Jockey Club de Buenos Aires, e que lutou intensamente pela melhoria da raça eqüina.

Talvez, devido a essa mesma lógica, alguns integrantes do MIA tenham mencionado como fundador Antonio Cambaceras, homem vinculado à produção de charque e quem fora, na realidade, o primeiro presidente da UIA (Ver Sociograma 2).

Quando Luis Colombo celebrou a primeira comemoração do *Día de la Industria Argentina*, com seus rituais e banquetes, em 1939, tinha claro - tal como se pode apreciar no texto do

<sup>27</sup> No sentido que lhe atribui Victor Turner (1992 [1982]).

discurso que pronunciara naquela oportunidade - que Carlos Pellegrini não havia fundado a UIA, destacando para esse papel Adolfo Dávila. Entretanto, não foi venerado enquanto indivíduo, mas como dirigente da fusão entre o *Club Industrial Argentino* e o *Centro Industrial Argentino*.

O certo é que seu nome foi eclipsado pelo de Pellegrini e o edifício da UIA - como se pode ver na **foto 1 (anexo)** - o exibe com orgulho em sua fachada.

Porém não foi Dávila o único deslocado, assim como o 2 de setembro eclipsou o 7 de fevereiro; observando o velho edifício que a UIA ocupou até a década de 1970, situado na hispânica Avenida de Mayo, chego à conclusão de que Pellegrini eclipsou a muitos outros nomes, os quais esconde a pedra talhada no ângulo superior de sua fachada, sob a legenda: *Unión Industrial Argentina* (**foto 2, anexo**).

#### **4. O primeiro ritual. A missa: a viagem moral.**

O fato de que a temporalidade da comemoração esteja registrada, indica que o "*Día de la Industria Argentina*" é um ritual histórico, situado no período colonial.

Quiçá por isto, ou por mera coincidência, quatrocentos e seis anos mais tarde, o primeiro evento dessa nebulosa manhã de 2 de setembro de 1993 foi no bairro da Recoleta, mais precisamente na Basílica de Nossa Senhora do Pilar, um dos poucos edifícios da Buenos Aires colonial que conserva sua fachada original (**ver foto 3, anexo**).

A igreja foi construída<sup>30</sup> por ordem de Felipe V, rei de Espanha, de acordo com uma Cédula Real que data de 28 de junho de 1716.

De um branco impecável, cor que originariamente acompanhou o templo dos padres recoletos desde que foi inaugurado em 12 de outubro de 1732, a basílica recentemente restaurada estava reservada, nesta oportunidade, para officiar uma missa em memória dos industriais falecidos desde que, deixo claro, pertencessem à UIA.

Faltando uns minutos para as dez, o templo doado por Juan de Narbona e posto sob proteção da Virgem do Pilar de Zaragoza em honra ao lugar de nascimento de Narbona, começava a receber os primeiros industriais e, assim, a celebração tinha início em um local historicamente santificado (DaMatta, 1990 [1979]:46).

Membros do comitê executivos<sup>31</sup>, ex-presidentes, empregados da UIA, e familiares dos industriais falecidos se deslocavam pelo interior da basílica, situando-se os primeiros sobre o braço direito da cruz latina que dava forma à planta concebida pelo jesuíta Andrés Blanqui, e à qual, simbolicamente, ajudaram a desequilibrar.

<sup>30</sup> Os dados relativos à Basílica de Nossa Senhora do Pilar foram extraídos do *Guía de Monumentos Históricos de la Capital Federal*. A investigação histórica correspondeu às licenciadas María del Carmen Magáz e Elisa Radovanovic, enquanto que os textos à museóloga Dora López, ao professor Marcelo Perusso e à licenciada María Cristina Zubillaga.

<sup>31</sup> Pelo comitê executivo se fizeram presentes: Jorge Blanco Villegas (presidente da UIA), da firma Philco; Sergio Einaudi (Techint); Alejandro Achával (Zorraquín); Patricio Zavalía Lagos (Alpargatas) e Murat Eurnekian (Massis). Ex-presidentes da entidade: Roberto Favelevic (Gotuzzo); Eduardo de la Fuente (ex-presidente da *Asociación de Industriales Metalúrgicos*), Juan Martín Oneto Gaona (Nobleza-Piccardo) e funcionários relevantes da entidade como Jorge Gaibisso (ex-Bunge e Born).

Talvez, a presença dos integrantes do MIN atenuara o notório desequilíbrio da representação institucional - composta aquela manhã por membros do MIA, o *Club de Exportadores* e do *Club de Privatizadores* - pondo em ação as regras do jogo do chamado momento religioso, segundo o qual - seguindo DaMatta (1990 [1979]:68) -, as categorias de ganhadores e perdedores não seriam pertinentes.

As dez em ponto o som de um sino anunciou a presença do padre que oficiaria a missa.

Em pé e afundados em sóbrios casacos, preferentemente de tons azulados e cinzas (foto 4, anexo), os participantes receberam Rafael Braun.

O verde de seus paramentos contrastava, por um lado, com as vestimentas formais e por outro, com o fulgor da prata que, procedente do Alto Peru, recobria a frente do altar-mor, diante do qual se posicionou, dominando o centro da cena.

Como aponta DaMatta (1990 [1979]:27) não é por motivos estéticos que em todos os ritos sempre encontramos um centro, uma zona focal, geralmente controlada por um sacerdote ou quem lhe faça as vezes.

Embora o rito da missa igualasse a todos na casa de Deus, sendo por isso um rito de neutralizações<sup>32</sup>, o padre atualizava estruturas de autoridade. Monopolizando as relações com o espiritual, estava em contato com os poderes

---

<sup>32</sup> Seguindo DaMatta (1990 [1979]) sendo os rituais modos de marcar aspectos do mundo diário, há três formas básicas de realizar essas marcas: reforço, inversão e neutralização.

celestiais, contrapondo-se àqueles que se situavam em suas antípodas.

Porém, ademais, aos motivos divinos o padre Braun somava os terrenos.

Descendente de russos e belgas<sup>33</sup>, seu avô paterno fez uma grande fortuna em Punta Arenas, iniciando-se em 1860 em uma agência marítima que fornecia provisões aos barcos que por ali navegavam, à época em que o estreito de Magalhães era a única passagem do oceano Atlântico para o Pacífico, antes da construção do canal do Panamá.

Seu avô materno, braço direito do presidente radical Hipólito Irigoyen, foi por duas vezes intendente da Capital Federal, interventor e governador na Província de Buenos Aires, deputado e presidente da Câmara dos deputados. A rua Intendente Cantilo da Capital Federal, recorda, hoje, sua passagem pela política.

Filho de um eminente médico fisiologista que colaborou com o prêmio Nobel de medicina, Bernardo Houssay; primo-irmão de Armando Braun Menéndez Behety, integrante do exclusivo e poderoso *Consejo Empresario Argentino* e irmão de Eduardo Braun Cantilo, industrial de atuação destacada na UIA da década de 70, Rafael Braun disse entre suas primeiras palavras: "*el Día de la Industria se festeja de varias maneras y una de ellas es en el altar*".

---

<sup>33</sup> Os dados biográficos do Pe. Rafael Braun foram extraídos de uma entrevista que com ele fiz a 24 de setembro de 1993.

Fazendo clara alusão aos distintos rituais que teriam lugar nesse dia, dava início ao religioso.

Diante de um profundo silêncio, privilegiou uma passagem do Evangelho e fixou-se na leitura da vocação de Simão, um pescador a quem Jesus pediu que abandonasse as barcas para segui-lo já que dali em diante não seria mais pescador de peixes, mas de homens.

*"Pescador de hombres no significa pescar con malas artes - se sonrió ante la pregunta - sino salir a comunicar un mensaje que uno tiene que compartir con los demás. En la simbología cristiana eso significa llevar la acción misionera; evangelio en griego quiere decir: "buena noticia". Eso es ser apóstol"*<sup>34</sup>.

Todavía reflito sobre estas palabras pronunciadas pelo pe. Braun na entrevista que me concedera a 24 de setembro de 1993, em sua residência de Junín y Santa Fe.

A antesala que dava acesso a seu escritório, na qual havia esperado vários minutos, estava enfeitada por objetos de arte religiosa e por uma imponente talha em madeira de origem belga que pertenceu a seus ancestrais. Passadas as 20 horas, o assessor da *Asociación Cristiana*<sup>35</sup> de Dirigentes de

<sup>34</sup> Rafael Braun. Entrevista.

<sup>35</sup> ACDE nasce quando bispos argentinos solicitam aos empresários que organizem um plano de ajuda para as populações famintas da Europa depois da Segunda Guerra Mundial.

Por ocasião do Concílio Vaticano Segundo (1962-65) a ACDE se tornou ecumênica e deixou de chamar-se *Asociación Católica de Dirigentes de Empresa* para denominar-se *Asociación Cristiana de Dirigentes de Empresa*. Admite agnósticos, judeus, etc. sempre que façam adesão aos conceitos da Doutrina Social da Igreja.

*Empresas* (ACDE)<sup>36</sup> abria as portas de uma biblioteca repleta de livros e recordações:

*"Jesús - añadía ante mi requisitoria el Padre, acomodado en un confortable sillón - enseñaba tomando imágenes de la vida cotidiana de su tiempo, de la pesca y agrarias, pero son metáforas. Ser pescador de hombres no significa ir a atraparlos con proselitismo como si uno fuera una secta contemporánea. Es ir de frente y decir: "yo creo en esto". ¿En qué?, en las enseñanzas de la Doctrina Social de la Iglesia."*

Nesse momento, compreendi a mensagem que o pe. Braun quis transmitir na missa de 2 de setembro; a proposta consistia em evangelizar a atividade empresarial. O pescador-empresário devia deixar de pescar peixes para passar a pescar homens, isto é, transmitir uma mensagem: a da Doutrina Social da Igreja.

Na noite da entrevista o padre, licenciado em Teologia e Doutor em Filosofia, formado na Bélgica e na Itália, assegurava que um dos males mais graves que há em muitos cristãos é a dualidade entre a fé e a vida.

*"Una cosa es ir a la Iglesia el domingo, pero después las prácticas empresariales a lo mejor son deshonestas, o no hay suficiente cuidado por la justicia o por la participación, o quizás carecen de una concepción de la empresa como una comunidad de personas"*<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> O atual presidente da ACDE é vice-presidente da holding Pérez Companc.

<sup>37</sup> Rafael Braun, Entrevista. Note-se que uma vez mais, como já foi apontado no Capítulo 1, alerta-se sobre a sede insaciável de lucro.

Não era domingo, mas quinta-feira, porém estávamos na Igreja; no templo da Recoleta a missa ia chegando a seu fim. Unindo a homilia sobre a vocação de Simão com a missão empresarial<sup>30</sup> no ritual religioso, a segunda das viagens, que apesar dos paradoxos do destino só era possível pela aceitação em abandonar as barcas, estava posta.

O padre Braun, timoneiro deste itinerário moral, havia expressado na casa de Deus que o ensinamento da Doutrina Social da Igreja e a fé cristã são úteis para se ser feliz e para se ter uma sociedade mais solidária e menos destrutiva.

Porém não se tratava neste primeiro ritual de celebrar tão somente uma atividade, a industrial, mas também de render homenagens à memória dos homens. Os nomes de Enrique Pescarmona (PESCARMONA), Fulvio Pagani (ARCOR), Salvador San Martín (TECHINT), todos eles fundadores ou funcionários de grandes empresas, sócios da UIA que haviam falecido nos últimos três anos, ressoaram no recinto desta Basílica Menor, elevada a esta categoria em 1936.

Os forjadores desta instituição industrial mais que centenária, cujos nomes já me resultavam familiares após a

---

<sup>30</sup> Em 1993, a ACDE levou a cabo uma missão empresarial que atingiu a milhares de dirigentes de empresa. Com a ajuda de vídeos, mostraram a vocação do homem como co-criador com Deus; a concepção da empresa como comunidade de trabalho; o empresário como organizador da comunidade de trabalho; a empresa como comunidade de pessoas que, portanto, têm que ser tratadas como tais; a obrigação de produzir benefícios porque isso significa que alguém faz um uso eficiente dos recursos sempre que se respeitem as demais regras de justiça; o investimento como decisão cultural e moral, por exemplo, não é o mesmo construir hotéis ou produzir armamentos que fraidas ou bicicletas; a preocupação com a ecologia; os princípios de subsidiaridade e solidariedade na relação entre o Estado e a sociedade econômica e a necessidade de desenvolver todo o potencial do empresário nos planos afetivos, moral, psíquico, espiritual e físico para que não seja simplesmente uma máquina de trabalhar. (Da entrevista com o pe. Braun, 24 de setembro de 1993).

leitura de vários livros e documentos, completaram a nômima apenas em minha memória.

Em breves minutos mais, as honras aos industriais falecidos, mortais enfim, dariam passagem à celebração dos heróis: José San Martín, o pai da pátria e Carlos Pellegrini, o pai da indústria.

##### 5. Segundo "ritual". Os heróis: um retorno cíclico.

O segundo ritual realizou-se às 10:45h. O ponto de encontro foi a Plaza Grand Bourg, no bairro de Palermo Chico, onde seriam rendidas homenagens ao General José de San Martín.

Há alguns metros do monumento construído por Angel Ibarra García e assemelhando-se aos quatro apóstolos pescadores de cuja vocação havia feito menção o pe. Braun, aguardavam quatro dos onze membros do Comitê Executivo da UIA que teriam este ano a responsabilidade de depositar uma coroa de flores com o nome da entidade (foto 5, anexo).

Pensando que dos 23 monumentos que rendem tributo a San Martín dentro dos limites da Capital Federal<sup>39</sup> o mais importante é o que se encontra na Plaza homônima, desde aquele dia sempre me perguntei por que a UIA havia preferido o situado na Plaza República do Chile, denominado "El Abuelo Inmortal".

---

<sup>39</sup> La Nación, 26 de abril de 1986, pág. B.

"General San Martín" não é somente a escultura mais apreciada do ponto de vista artístico graças à genialidade do francês Louis-Joseph Daumas, mas a que melhor simboliza a figura do Libertador da Argentina, Chile e Peru (foto 6, anexo). Segundo Adolfo Mugica<sup>40</sup>, *"al fundir la imágen de San Martín en ese bronce, (Daumas) había intentado reproducirle en el momento en que escalando las más elevadas montañas del orbe, montado en su caballo de batalla, había enseñado a sus legiones el camino del heroísmo"*.

Inaugurado no lugar escolhido por San Martín para seu quartel general de Granaderos, no bairro do Retiro, a 14 de julho de 1862<sup>41</sup>, o primeiro monumento dedicado ao Libertador no âmbito da Capital Federal se ergue, paradoxalmente, sobre um terreno que fora um antigo mercado de escravos.

A manhã de 2 de setembro de 1993 estávamos, não obstante, em presença de outro grupo de esculturas e outro símbolo; não o do bravo general no cavalo feroso com o braço erguido apontando o caminho dos Andes, mas o do velho prócere (ver detalhe foto 7, anexo) no seio de sua família na quietude de Boulogne-sur-mer, lugar que escolheu para viver parte de seu exílio.

Quiçá, o San Martín Libertador tivesse entrado em flagrante contradição com o símbolo do barco situado historicamente em 1500, em pleno domínio espanhol. Porém,

<sup>40</sup> Extraída de uma conferência pronunciada no Instituto Popular de Conferencias a 16 de junho de 1961, sobre "La gloria póstuma de San Martín a través de sus monumentos", ed. mimeo.

<sup>41</sup> La Nación (revista), 10 de dezembro de 1990. Autor: Héctor D'Amico.

sujeitando-me mais à época que começaram a homenageá-lo, poderíamos pensar que, quando se começou a celebrar o "Grande Capitão", a UIA também se encontrava exilada, condenada ao ostracismo na qual foi confinada pelo primeiro governo peronista, quando nela interveio em 1946.

Com efeito, a primeira vez que a UIA homenageia San Martín com oferendas florais ante um monumento é durante a primeira intervenção, por disposição do primeiro governo de Juan Domingo Perón.

A 12 de setembro de 1946 modifica-se<sup>42</sup> a tradicional data de 2 de setembro, *"como una de las tantas medidas adoptadas para perjudicar y desmerecer a nuestra institución, buscándose la fecha en que don Manuel Belgrano, el primero en tratar de despertar la vocación industrial, fue designado Secretario Perpetuo del Consulado, es decir el 6 de diciembre de 1793"<sup>43</sup>.*

Recordemos que no mencionado cargo, Belgrano iniciou os estudos sobre as necessidades econômicas do Vice-reino que foram o fundamento, junto com os ideais de liberdade e independência, do pronunciamento de Maio<sup>44</sup>.

A 6 de dezembro de 1950, sob a presidência de Juan Domingo Perón e Eva Duarte de Perón, enquanto a *Unión Industrial Argentina* estava sob intervenção, tributava uma

---

<sup>42</sup> Pelo decreto 16.289. *Circular Informativa*, publicação oficial da UIA, 1956.

<sup>43</sup> *Circular Informativa*, publicação oficial da UIA, 1956.

<sup>44</sup> *Clarín*, 6 de dezembro de 1956.

homenagem à memória do general Manuel Belgrano no átrio da igreja de Santo Domingo, uma comitiva da mesma entidade se trasladava a Mendoza para colocar uma placa e uma oferenda floral no monumento ao general San Martín, no Cerro de la Gloria<sup>45</sup>.

Uma coroa de flores aos pés do monumento e um minuto de silêncio como única homenagem para que o herói renascesse também naquela primavera de 1993, marcavam a transição para a última viagem (ao fim e ao cabo, todo o ritual o é) da manhã; dirigir-nos-íamos para o monumento de Carlos Pellegrini, o Pai da Pátria.

Eram 11:15h. e nos encontrávamos na praça homônima, na interseção da Avenida Alvear e a rua Libertad.

Que diferente da celebração das décadas dos quarenta, testemunhada pelas publicações oficiais da entidade (foto 8, anexo)! Por aquela época - durante o período de Luis Colombo - os membros da UIA acudiam maciçamente a esta praça e mal cabiam em uma foto.

Cinquenta anos mais tarde<sup>46</sup>, umas dez pessoas para cumprir o minuto de silêncio (foto 9, anexo); outra coroa de flores dava fim aos rituais matutinos.

Em uma das leituras que a polissemia dos rituais admite, poderíamos pensar que a Basílica do Pilar (exemplo de

<sup>45</sup> Clarín, 6 de dezembro de 1950.

<sup>46</sup> A diferença no tamanho da concorrência pode se dever a que na época de Colombo, antes de 1946, havia maior coesão que na atualidade.

hispanidade), o monumento a San Martín (o Pai da Pátria) e o correspondente a Pellegrini (o Pai da Indústria), estavam falando de uma indústria muito antiga, que finca suas raízes no período hispânico e é nacional.

Se os ritos têm como função superar ou integrar oposições tais como diacronia e sincronia, tempo reversível e irreversível, os rituais da manhã se complementavam em um sentido adicional: integravam mortos e vivos na Igreja e os heróis míticos com os vivos nos monumentos, recordando-lhes os primeiros aos segundos (com seu cíclico retorno), que eles sim, verdadeiramente morriam .

## 6. Gênese.

Como se haviam engendrado esses rituais?

Rastreando a história das celebrações da UIA em revista da entidade e jornais da época, desde 1930 até a atualidade, percebe-se que os rituais não aparecem de forma simultânea, enquanto carecem de um único organizador da simbologia<sup>47</sup>.

O de Pellegrini se institui fundamentalmente em fins da década de 30, sob a presidência de Luis Colombo; até fins da década de 50 e princípios dos 60, a missa e a homenagem a San Martín durante a presidência de Juan Martín Oneto de Gaona

---

<sup>47</sup> Prefiro falar de organizador da simbologia (sacerdote na terminologia de Lévi-Strauss) mais do que de criador porque, por não ter assistido ao período de surgimento dos mitos e rituais, desconheço se foi obra de indivíduos ou de um corpo coletivo. O único que conheço são os nomes daqueles que com mais empenho os levaram adiante, formularam-nos publicamente ou bem estavam à frente da instituição quando os mesmos se originaram ou se tornaram públicos.

quem - segundo afirmarei - criou, junto a Luis Colombo a simbologia da UIA.

Além dos cargos que ocupara em distintas companhias supramencionadas e dos marcos que protagonizou em *Unión Industrial Argentina*, Luis Colombo<sup>46</sup> nasceu a 8 de julho de 1878 em Rosario, sendo seus pais Antonio Colombo e Rosa Dell'Acqua, ambos italianos, agricultores, que se estabeleceram em Santa Fe na década de 1860.

Juan Martín Oneto Gaona era filho e herdeiro de quem fundara a indústria de tabacaria Piccardo e Cia. e, segundo Jorge Schvartzer (1991:128), um exemplo típico da classe dominante argentina:

*"(...) católico militante, padre de doce hijos, ex estudiante de la Universidad de Oxford (Gran Bretaña), forma parte de diversas instituciones de la clase alta local y su visión del mundo se corresponde con las presentadas por éstas".*

No mesmo trabalho, Schvartzer ilustra o pensamento de Gaona com o seguinte parágrafo situada no ano de 1961:

*"(...) hay industria e industrias. No creo que se deba defender desde la dirección de la UIA a cualquiera de ellas. Somos un país eminentemente agrícola-ganadero y desde el momento que queremos colocar los productos del campo, tenemos que admitir que es lógico que el país que los compre quiera, a su vez, vendernos los productos que fabrican"<sup>47</sup>*

<sup>46</sup> Os limites físicos que se sugerem para uma dissertação de mestrado, impediu-me dedicar-lhe um capítulo tal como era minha intenção quando comecei a escrever este trabalho. O valioso material que possuo sobre sua pessoa será utilizado, como espero, em um trabalho futuro.

<sup>47</sup> Juan Oneto Gaona. *El Cronista Comercial*. 24 de julho de 1961. Citado em Schvarzer, 1990.

Em 1964, durante a presidência de Juan Martín Oneto Gaona, até o presente, a figura de San Martín<sup>80</sup> começa a ser homenageada na praça Grand Bourg.

Naquela oportunidade foi recordado como o autor da primeira fábrica de confecções civis e militares em escala industrial instalada na Argentina.

Na *Revista de la Unión Industrial Argentina* dedicada ao *Día de la Industria* de 1964<sup>81</sup>, pode-se ler:

*"San Martín satisface así las necesidades internas del desarrollo militar, asegura los autoabastecimientos correspondientes, realiza la independencia económica de sus movimientos políticos, funda la eímera pero importante revolución tecnológica que caracteriza a la economía argentina de ese tiempo.*

*Por esta razón, precisamente, el 2 de setiembre, "Día de la Industria Argentina" los empresarios de la economía fabril, agrupados en la Unión Industrial Argentina depositamos al pie del monumento que perpetúa su memoria en Gran Bourg, la ofrenda floral que testimonia el reconocimiento y la gratitud de nuestras generaciones"*

<sup>80</sup> Aqui convém fazer alguns esclarecimentos. Embora o de San Martín não seja um símbolo que aparece inicialmente em 1939, em 1942 um busto do Libertador era exibido na frente do salão *Les Ambassadeurs* onde se organizava, nesse ano, o jantar do *Día de la Industria Argentina*.

A 2 de setembro de 1957, depois de vários anos em que a UIA não pôde celebrar seu tradicional "*Día de la Industria Argentina*", sob a presidência de Pacual Gambino a entidade começa a colocar, anualmente, uma oferenda floral ante o mausoléu que guarda os restos mortais do General José de San Martín, na Catedral Metropolitana.

No mesmo ano e lugar se ofereceu, pela primeira vez, uma missa em memória dos sócios falecidos da UIA. *Argentina Fabril. Publicación oficial de la Unión Industrial Argentina*. Ano LV, Nº 885, setembro de 1942, pág. 3. *Circular Informativa*, publicação oficial da UIA, ano 1956.

<sup>81</sup> Ano LXXV, Nº 24, pág. 12 e 13.

Pellegrini foi celebrado e elevado à categoria de herói na época de Colombo, enfatizando-se as características protecionistas de seu pensamento nos períodos de maior abertura econômica da Argentina. E foi sepultado, literalmente falando, quando, por exemplo, na época do liberal Oneto Gaona foi homenageado (como se faz com um mortal e não como um herói) em sua tumba do cemitério da Recoleta.

Quanto ao banquete, durante a época de Colombo sempre era realizado no restaurante "*Les Ambassadeurs*" e foi Gaona o primeiro a celebrá-lo no salão da *Sociedad Rural Argentina* em 1964.

Não por casualidade a capa da revista da UIA correspondente a esse ano exibe por título "*Argentina unida en sus industrias*" e por ilustração uma chaminé, uma espiga de trigo e uma vaca (ilustração 3, anexo).

Como em um sonho cíclico, a 2 de setembro de 1993 voltávamos a estar no mesmo salão.

#### 7. Terceiro "ritual". O banquete. Do altar à Rural: a inversão dos rituais.

A partir das 20:30h. de 2 de setembro de 1993, marcado por uma grande operação policial ao compasso de um incessante desfile, suntuosos carros pelejavam para ingressar no prédio

da *Sociedad Rural Argentina* no bairro de Palermo, dando início ao ritual do banquete do *Día de la Industrial*.

A primeira diferença visível em relação à missa daquela manhã, constituiu na multidão que encheu o salão (umas 600 pessoas, ao contrário das 30 no melhor momento dos rituais da manhã) que foi alugado à *Sociedad Rural Argentina* para realizar o jantar. Não obstante, se comparamos a platéia com dos outros anos, medida em termos da variável "banquete", a mesma era notavelmente menor, razões havia.

No galpão improvisado que fazia as vezes de ante-sala do restaurante, iam-se "apinhando" os convidados cuja orientação era resistir ao efeito "*olla a presión*" enquanto não chegasse o presidente da nação, Carlos Saúl Menem, evento que autorizaria abrir as portas da ampla sala de jantar.

Enquanto isso, a espera era amenizada por animados falatórios, em pequenos grupos, interrompidos somente por deliciosos canapés de mariscos e de champignons, "regados" por bebidas variadas.

Políticos, legisladores e juizes, gente da imprensa escrita, rádio e televisão acompanhavam os industriais em seu grande Kula, como diria Malinowski, uma noite onde a UIA recebe como presentes os anúncios oficiais<sup>82</sup> por mais que Blanco Villegas jurasse horas mais tarde em seu discurso:

---

<sup>82</sup> O presidente da nação exibiria com orgulho um dado matemático, a inflação de agosto havia sido de 0%.

"La Unión Industrial Argentina no quiere quejarse ni pedir regalos en ocasión del Día de la Industria. Lo que queremos es pensar juntos" (pág. 7).

Ante a iminente chegada de Menem (e ante a possibilidade certa de que o primeiro mandatário não tinha espaço por onde ingressar), abriram-se as portas do salão.

Entrando pela esquerda, encontrava-se a mesa principal; a seu lado uma tarimba para o orador. Recordemos que, segundo a tradição do banquete, o ato central está constituído pelo discurso dos presidentes da UIA e da nação e, eventualmente, o do ministro da Economia.

A aparente uniformidade das mesas redondas, vestidas com toalhas vermelhas e enfeitadas com arranjos florais, nos quais predominava o amarelo (foto 10, anexo), não puderam ocultar por muito tempo as diferenças substanciais.

Com efeito, a grande novidade desse ano era que as posições dos comensais tinham um preço diferencial medido em função da distância que os separavam do presidente da nação, num "rank" que ia dos 1.500 a 200 pesos (valores paritário ao dólar) para aqueles que, no extremo oposto da mesa principal, se resignavam a vê-lo através de um telão.

O fato foi destacado nos meios editoriais de forma tal que nesse mesmo dia se publicou em *La Nación*, um dos jornais mais tradicionais de Buenos Aires, um diagrama muito parecido ao correspondente à problemática da distância estrutural na Aldeia Nuer, estudada por Evans-Pritchard várias décadas atrás (ilustração 4, anexo).

Como o padre na missa, agora era Menem quem ocupava o centro da cena, e inversamente ao rito da manhã, caracterizado pelo mecanismo de neutralização (entre os assistentes à missa), a hierarquização da noite mostrava às claras que estávamos em presença de um rito de reforço (DaMatta: 1990 [1979]).

Ainda que não necessariamente nestes termos, assim o entendeu Arnaldo Etchart, tal como se pode apreciar pelo conteúdo de uma carta que veio a público a 2 de setembro de 1993, enviada à redação dos diários *La Nación*, *Clarín*, *Cronista Comercial*, *La Prensa*, *La Razón* e *Ambito Financiero*, e de cuja versão original - cedida por seu autor - extraí o seguinte<sup>93</sup>:

*"En horas de la tarde de ayer - 01 de septiembre - mi secretaria puso en mis manos la tarjeta para asistir a la tradicional comida del día de la Industria Argentina a la que concurre anualmente a partir de mi incorporación a la UNION INDUSTRIAL ARGENTINA como primer presidente y fundador de la UNION INDUSTRIAL DE SALTA.*

*Grande fue mi sorpresa - por decir lo menos - al conocer que este año se innovaba en cuanto a la división de cuatro sectores: "A - B - C y D" que corresponden a otras tantas divisiones de mesas que discrimina por categorías de autoridades, invitados especiales y empresarios según el costo de las respectivas tarjetas que van desde \$ 1.500, - para el sector "A" - con el privilegio al salón VIP -, \$ 1.000, - sector "B", \$ 300, - sector "C" y \$ 200, - para el sector "D", estas tres últimas, naturalmente con ingreso vedado al llamado salón VIP.*

*Quiero creer que quienes tuvieron bajo su responsabilidad la organización de la comida, no pensaron en la antipática, irritante y nada*

<sup>93</sup> Embora Etchart já não atuava no Comitê Executivo ou na Junta Diretora da UIA em 1993, o mesmo se considerava e era considerado por seus adversários como um dos dirigentes a mais da entidade. (Entrevista).

*elegante sectorización de quienes asisten a la misma separándolos por el "tanto tienes, tanto vales", inadmisibles entre pares a pesar del tamaño de las respectivas empresas.*

*Quiero creer también, señor Presidente, que no se habrá incurrido en la tentación de tener cuatro menús distintos con vinos y comidas de "clase A" para los de \$ 1.500, - y una comida "sencilla" acompañada con "vinos de la casa" para los del sector D que solamente pueden pagar \$ 200, - para asistir a una conmemoración más que centenaria e importante para el País por la significación del sector fabril en el desarrollo y transformación de las naciones más encumbradas".*

*... "Por todo ello este año me privaré, muy a mi pesar, de participar en la celebración de nuestro día esperando que en el próximo aniversario se restablezca la tradicional y sencilla modalidad de una reunión entre verdaderos iguales preocupados por la industrialización del País".*

Cabe destacar que a opinião de Etchart foi compartilhada por muitos integrantes do MIN, os quais manifestaram seu protesto faltando ao jantar. E, por essa mesma razão, não haviam assistido aos rituais diurnos.

O que interpreto como uma situação sumamente conflitiva entre ambos os movimentos teve seu início antes ao 2 de setembro de 1993, concretamente em uma reunião do Comitê Executivo na qual se aprovou a resolução que provocou as consequências conhecidas.

Compartilhando aqui uma idéia de Turner (1980 [1967]), as lutas prévias à encenação do ritual, são parte integral do mesmo.

Em uma carta que à diferença da anterior não veio a público, o presidente da UIA, Jorge Blanco Villegas, acusa Arnaldo Etchart de "(...) intentar alguna notoriedad a través de la crítica pública (que consigue siempre tantos

adherentes) para con las autoridades elegidas, en este caso, las de la Unión Industrial Argentina"<sup>54</sup>.

Para além das razões que Etchart expressara em relação à publicação de sua carta, alegando "*obligaciones con la gente que me siguió y me dio un lugar en la industria*"<sup>55</sup>, me parece importante chamar a atenção para o seguinte fato.

Assim como as instâncias organizadoras do ritual fazem parte constitutiva do mesmo, e enquanto tais devem ser estudadas, um lugar destacado deve ser outorgado às "platéias" (Tennekoon, 1988). E de todos os rituais que compuseram o "*Día de la Industria Argentina*" de 1993, o do banquete é o que reuniu a maior delas: segundo a carta de Jorge Blanco Villegas, umas 800 pessoas se congregaram na sede da *Sociedad Rural Argentina*, às quais se somaram as que seguiram o evento pelo rádio, televisão ou imprensa escrita.

Intrepreto que a ira de Blanco Villegas deveu-se ao fato de que a crítica veio a público; a mesma consistia em mostrar a uma grande audiência que a UIA era uma instituição dividida e hierarquizada<sup>56</sup>.

Como todo ritual, os que compõem o "*Día de la Industria Argentina*" têm uma frequência, celebram-se aos segundos dias

---

<sup>54</sup> A mesma, datada em Buenos Aires a 6 de setembro de 1993, não foi publicada e o acesso me foi possibilitado por Arnaldo Etchart.

<sup>55</sup> Arnaldo Etchart. Entrevista.

<sup>56</sup> Cabe esclarecer que, de acordo com a opinião de Blanco Villegas, "(...) lo que justamente se trató, fue evitar la discriminación de la que fueron objetos los industriales que a igualdad de valor de la entrada, jamás pudieron ocupar lugares privilegiados que siempre se adjudicaron en función de peso específico y/o «influencias»".

de setembro de cada ano; um espaço cujo acesso é restrito (no caso de 1993, a *Sociedad Rural Argentina*); recomendam-se e utilizam para a ocasião trajes especiais; outorga-se um lugar de privilégio aos discursos dos presidentes da UIA e da Argentina e eventualmente ministros de Economia ou Secretários de Indústria; há códigos de comunicação estabelecidos.

É a ocasião na qual a UIA comunica ao governo o caminhar da indústria. Nasceu para dar a conhecer ao governo os obstáculos que se opunham à industrialização do país.

Porém em 1993, a situação de conflito que se pôde suscitar entre a UIA e o governo, se deslocou para o interior da entidade.

Nessas circunstâncias, o MIN se havia valido da audiência exterior à entidade para perturbar a direção da UIA, pondo em evidência que a mesma é uma entidade heterogênea.

Se, por um lado, os rituais podem ser entendidos como fatores de coesão e solidariedade (e no caso da UIA considero que apesar da ambigüidade da simbologia ou justamente graças a ela, há fatores que aglutinam seus integrantes em torno a certos mitos e certos rituais), por outro, podem-se converter em um símbolo de emancipação, resistência ou protesto.

Abner Cohen (1974) afirma que os rituais podem reproduzir ou modificar relações de poder; com respeito à UIA, fica claro (para além dos resultados) que os rituais não

se reduzem a meras atividades repetitivas ou simplesmente se limitam a transmitir mensagens.

A encenação dos mesmos implica uma estratégia de poder que - apoiando-me no exposto por Catherine Bell (1992) - pode engendrar consenso, negociação, reinterpretação da ordem hegemônica, resistência.

Como podiam interpretar-se os sucessos ocorridos nos rituais da UIA?

Durante o banquete (que funcionou como uma área de transparência), manifestaram-se vividamente as tensões e conflitos da entidade.

Invertendo o pensamento simbólico do rito religioso, no ritual secular do banquete os industriais haviam deixado de ser todos supostamente iguais na casa de Deus para posicionar-se, segundo o dinheiro que possuíam, na casa dos homens, dramatizando os problemas de *status* como na briga de galos<sup>87</sup> de Geertz (1987 [1973]).

Em que consistiam esses conflitos? Fundamentalmente, tratava-se de uma luta na qual o MIN propunha uma relação simétrica contra uma hierárquica<sup>88</sup> que impunha o MIA, ao qual

---

<sup>87</sup> Afirma Geertz que a "riña de gallos" é uma revelação do que são realmente os balineses. Boa parte do espírito de Bali se manifesta em uma rinha de galos porque somente na aparência os galos combatem; na realidade são os homens. Op. cit. pág. 343.

<sup>88</sup> Esta idéia será retomada nas Considerações Finais deste trabalho. Só adianto aqui que, embora - segundo interpreto - as propostas simétricas e hierárquicas do MIN e do MIA, respectivamente, se manifestaram vividamente neste ritual, uma vez que as mesmas captaram minha atenção, pude reconhecê-las em uma série de situações interativas, algumas das quais participei e de outras tive conhecimento através de valiosa documentação.

se somava o fato que, como forma de potencializar sua iniciativa, o MIN a tornava pública.

O ritual do banquete, que se supunha de integração, desvirtuou-se em jogo, distinguindo-se, finalmente, ganhadores de perdedores (Lévi-Strauss, 1984 [1962])<sup>87</sup>.

### B. Uma casa dividida.

Em uma análise sintática<sup>88</sup> do ritual (Turner, 1992 [1982]), na noite de 2 de setembro de 1993, punha-se ênfase no barco exportador. Com efeito, o Secretário de Indústria o destacou em seu discurso, porém não pelas mesmas razões que deram origem ao símbolo mas como uma forma de reconhecer sua aliança com um dos grupos mais fortes da UIA, o *Club de Exportadores*, entrelaçado com o *Club de Privatizadores*.

Em consonância, o presidente da UIA, lançado conceitualmente à conquista de novos mercados, afirmou que os industriais deviam passar de "cortezanos" a "conquistadores"<sup>89</sup> (foto 14, anexo).

As palavras ressoaram em um salão de pobre cenografia. A única decoração que sobressaía por diante dos cortinados carecia de significado; compunha-se de flores secas e de um

<sup>87</sup> Para Lévi-Strauss (1984 [1962]), enquanto o ritual é conjuntivo, pois institui uma comunhão entre dois grupos que estavam dissociados no começo, o jogo é disjuntivo já que culmina com a criação de uma separação entre jogadores individuais ou grupos.

<sup>88</sup> Entendido como as relações formais entre símbolos e signos em vinculação com seus usuários ou referentes externos.

<sup>89</sup> Desta maneira convertia a crítica do Ministro Cavallo, descrita no Capítulo 1, em autocrítica, atitude que não foi compartilhada por muitos dos entrevistados segundo constataria depois do dia 2 de setembro de 1993.

cartaz, quase apagado, com a legenda "Unión Industrial Argentina", escoltada, em ambos os extremos, pela bandeira nacional pintada no cartão. (foto 14, anexo).

Nem sequer a presença do antigo "logotipo" da entidade (removido em 1987 por ocasião do seu centenário) para dar testemunho dos tempos idos. Sobre o particular, em uma entrevista com Arnaldo Etchart, o dirigente saltenho dizia:

*"El logo anterior (ver foto 15, anexo) representaba la tradición; (la intención de modificarlo) me parecía que era una demostración más - lo dijimos en la reunión del Comité Ejecutivo en que finalmente lo cambiaron porque el MIA tenían más votos - de querer romper con la tradición, con la tradición industrial. Es como modernizar un escudo de familia.*

*Es más, teniendo en cuenta que en el logo actual la I de Industria apenas está insinuada, casi ni se la nota, (en aquella reunión) Federico Berthil Kingard les dijo (refiriéndose a los miembros del MIA): ustedes son tan, pero tan antiindustrialistas que hasta le suprimieron la I de industria".*

Porém, se de símbolos se trata, nem sequer o show que se ofereceu na noite de 2 de setembro, pensado para amenizar o sarau servia para acalmar os ânimos. Pelo contrário, com seu inconfundível timbre portenho entre "cortes y quebradas"<sup>62</sup> (foto 16, anexo), recriava a velha antinomia Buenos Aires/Interior.

---

<sup>62</sup> O "corte" é uma figura do tango; a "quebrada" é uma figura coreográfica da milonga e do tango. Esta última provém do castelhano "quiebre": movimento, ou saudação, que se faz com o corpo, quebrando-o pela cintura. Gobello, José, 1991. *Nuevo Diccionario Lunfardo*. Buenos Aires: Ediciones Corregidor.

Jorge Blanco Villegas havia dito nessa noite em seu discurso: *"Ni la industria ni el país pueden ser casas divididas contra sí mismas"*.

Todavía, uma vez mais, o haviam logrado.

**QUARTA PARTE**

*Considerações Finais*  
*Final da Viagem*

### Considerações Finais

"... Me dijo que su libro se llamaba el Libro de la Arena, porque ni el libro ni la arena tienen ni principio ni fin..."

Jorge Luis Borges<sup>1</sup>

Escrever as reflexões de uma dissertação em umas poucas páginas quando muitas delas foram necessárias para apresentar e analisar o heterogêneo universo da *Unión Industrial Argentina*, traz um risco considerável: o de simplificar as diferenças que com tanta paciência, tentei modelar em cada etapa do trabalho.

Uma vez que retomar absolutamente todos os itens desta texto implicaria em escrever uma segunda dissertação, encontrei uma solução intermediária: privilegiar o que considero algumas das reflexões centrais acerca deste estudo e solicitar a cumplicidade do leitor para que enriqueça o caminho escolhido com todos os matizes e tonalidades que, em cada caso, foram expostos.

Quando comecei a conceber minha etnografia sobre a UIA, imaginava que os primeiros momentos da investigação

---

<sup>1</sup> El Libro de la Arena. In: El libro de la arena. Obras Completas. Tomo III. Buenos Aires: Emecé Editores, 1991.

transcorressem no âmbito de uma confortável biblioteca que reuniria toda a documentação existente acerca da entidade.

Para minha surpresa, posto que se tratava de uma instituição situada no que poderíamos denominar sociedade "complexa", a biblioteca perdida exigiu um trabalho fatigante. Como quem busca alguns valiosos tesouros depois do incêndio da maravilhosa biblioteca de Alexandria, ou o do mosteiro descrito por Umberto Eco em "*O nome da rosa*", demorei sete meses para recuperar os restos da biblioteca da UIA e muito mais para decifrar seus segredos.

Se é certo que o trabalho de campo é o ritual central da tribo dos antropólogos, o meu foi especialmente difícil, não só pelas peripécias relatadas minuciosamente na Introdução deste dissertação mas porque, em mais de uma oportunidade, tive que desempenhar tarefas próprias de um historiador, mais do que de uma antropóloga. O Capítulo 4 é um vivo exemplo do que acabo de dizer. Se tivesse encontrado uma obra à qual pudesse remeter o leitor sobre os movimentos da entidade, seguramente ter-me-ia dedicado a etnografar outros aspectos da central fabril.

Nos capítulos que compõem esta dissertação propus-me, em primeiro termo, demonstrar que a *Unión Industrial Argentina* longe de ser a entidade homogênea que vários escritos pretendem, caracteriza-se no presente, assim como no passado, pela presença, em seu seio, de um universo heterogêneo.

É esta heterogeneidade eu a captei, por uma lado, a partir de meu "presente etnográfico", ao qual concebo como muito diferente daquele que marcou a etnografia funcionalista clássica das sociedades "tradicionais", o qual ignorava a história; o que proponho é o contrário, um presente que inclui a "memória".

Embora tenha recorrido a este conceito para analisar as "representações" e "interpretações" (Godelier, 1990 [1984]) que os protagonistas de meu universo empírico tinham do que denominei "passado recente" e "passado remoto", não me privei de realizar algumas reconstruções históricas de períodos e temáticas específicas, quando elas não existiam previamente.

Porém as reconstruções aludidas não foram elaboradas com a intenção de serem contrastadas com as interpretações de meus entrevistados, buscando algo assim como a "verdade", ao cotejá-las com um passado histórico concebido como "real".

Minha intenção, ao empreender uma tarefa tão árdua (levando em conta as dificuldades para encontrar os documentos necessários) foi a de contar com a maior quantidade de elementos possíveis para tornar mais rica a análise das interpretações dos protagonistas de meu universo empírico.

Por outra parte, a reconstrução histórica mencionada, me permite argumentar que a UIA não só foi com é uma entidade

---

<sup>2</sup> Entre os autores que trataram deste problema, ver, por exemplo, Marcus (1991).

cheia de matizes e de tensões no plano das representações e interpretações feitas sobre ela.

O caminho escolhido para examinar a heterogeneidade da central grêmio-industrial foi focalizar o olhar nos dois movimentos que a compõem: o *Movimiento Industrial Argentino* (MIA) e o *Movimiento Industrial Nacional* (MIN), do meu presente etnográfico retrocedendo no tempo, quando ambos começaram sua convivência na UIA como MIA e como MIN, em 1982.

Devido ao fato - segundo afirmo - de que a vinculação entre um e outro movimento remonta à década de 1970 sob a forma de MIA/MEDI-MUI, estes últimos também foram incluídos na análise.

Quando decidi centrar-me no estudo de alguns aspectos das relações estabelecidas entre o MIA e o MIN (MEDI e MUI), estes movimentos compartilhavam suas ações na UIA junto com agrupamentos como o "*Club de Privatizadores*", "*Club de Exportadores*", ou "*Grupo Paulista*" os quais, à diferença daqueles movimentos, comportavam-se, com respeito a eles, como "estrangeiros" (Simmel, 1983 [1917]).

Embora meu objetivo tenha consistido no exame de certas facetas das relações mantidas pelos "movimentos" da UIA, os integrantes dos "grupos" foram consultados em função de meu interesse pelos primeiros.

Assim, por uma parte, analisei as relações MIA/MIN (MEDI E MUI) a partir das "representações" e "interpretações" de integrantes e ex-membros do MIA e do MIN, "*Club de Privatizadores*", "*Club de Exportadores*", ou "*Grupo Paulista*"

Na tentativa de diferenciar minha etnografia dos estudos de "comunidade", busquei outras vozes: de assessores, funcionários do governo, jornalistas, economistas, os quais, se alguma vez tiveram relação com a UIA, não pertenciam a ela quando realizei meu trabalho de campo.

Por outra parte, tive a oportunidade de observar e participar de numerosas situações de interação, como reuniões públicas e privadas (as quais, embora não tenham recebido um lugar destacado neste trabalho, contribuíram com elementos valiosos para a compreensão da entidade, assim como para a formulação de perguntas, hipóteses e problemáticas) e de uma situação à qual dediquei especial atenção nesta dissertação: os rituais do "*Dia de la Industria Argentina*" de 1993.

Organizei todo o material recolhido acerca das relações MIN/MIN (MEDI-MUI) em três tempos: o presente, o passado recente (histórico) e o passado remoto (mítico), levantando as seguintes reflexões:

- Sobre o presente, pode-se afirmar que o MIA e o MIN, longe de serem dois movimentos claramente definidos (tal como opinaram alguns especialistas incorrendo no mesmo tipo de erro contido nos estudos que concebem a UIA como uma entidade

homogênea), apresentam "bordes borrosos". Os mesmos, segundo afirmo, atuam como corredores flexíveis ou mecanismos que permitem aliviar tensões.

Por outro lado, constata-se que o MIA e o MIN são portadores de múltiplas ambigüidades, quando se os examina em função de uma série de problemáticas (algumas das quais não puderam ser incluídas nesta dissertação por exceder aos limites pautados para esta apresentação), ao mesmo tempo em que alcançam um certo grau de definição, pelo menos no que se refere a uma área temática, aquela relativa aos "nacionalismos econômicos".

A este respeito, pudemos apreciar, ao analisar o que denominei "sistema de classificações dicotômicas", que os integrantes de ambos os movimentos se definiam apelando para o mesmo tipo de recurso que se descobriu em relação às identidades conformadas por contraste (v. Cardoso de Oliveira, 1976).

É interessante notar que a área temática dos "nacionalismos econômicos", única em função da qual no presente há uma maior precisão nas definições, deriva do passado e teve uma forte presença nele.

- No que diz respeito ao passado recente, são recorrentes as alusões às fortes diferenças existentes entre o MIA e o MIN. Estas diferenças remontam ao período da "fusão" da UIA com a CGI, quando o MIA e o MIN se apresentavam sob a forma MIA/MEDI-MUI.

Desde a "fusão" até o ano de 1982, quando o MIN se constituiu como tal, os movimentos protagonizam diversos marcos em um complexo processo de integração durante o qual não faltaram atitudes de rechaço e exclusão.

É possível argumentar (à luz das interpretações atuais) que as diferenças entre os movimentos eram tão marcadas que fariam fracassar qualquer tentativa de "fusão", já que a mesma supõe desvanecer todas as linhas "fronteiriças" (Barth, 1976 [1969]).

A exclusão que o MEDI e o MUI sofreram nas fileiras do MIA em 1982, pode ser compreendido no mesmo sentido: sua presença era vivida pelos antigos integrantes da UIA como um elemento que poluía a instituição (Douglas, 1976), que ameaçava a ordem existente acumulando poder e encarnando um perigo potencial já que seu protagonismo contradizia certos princípios estabelecidos.

O MIN se constituiu como tal para permanecer na entidade prendendo-se às figuras de Horacio Tomás Liendo e Eduardo Valentín Oxenford, devido ao fato que o primeiro havia possibilitado (ao auspiciar as modificações estatutárias que contemplavam a incorporação dos "territórios" tanto quanto nos "setores"), que os futuros integrantes do MIN passassem a fazer parte da UIA.

Se Liendo era, de alguma forma, um "pai fundador" do MIN, Oxenford, ao solicitar uma maior proteção para a indústria no lembrado discurso do banquete do "Día de la

*Industria Argentina*" de 1980, era um novo baluarte da doutrina protecionista que o MIN encarnaria.

Ambos os personagens passariam a fazer parte do que denominei "linhagens históricas" do MIN.

O MIA se mostra menos preocupado por traçar sua linhagem histórica. Finalmente, como indica a sigla que identifica o movimento, não havia dúvidas de que a UIA sempre havia sido "sua" e, portanto, não necessitava "legitimar-se" (Godelier, 1990 [1984]).

- A análise do passado remoto evidencia que os integrantes de ambos os movimentos se alinham, desta forma, a distintas linhagens míticas, a partir de uma interpretação diferencial dos mesmos símbolos, elementos estes cuja ambigüidade inerente permite, de modo análogo aos "*bordes borrosos*" (Wittgenstein), apaziguar as tensões na instituição fabril.

Com base no exposto anteriormente, quero fazer as seguintes reflexões:

Quando se faz referência ao MIA e ao MIN a partir do "presente etnográfico", a ambigüidade detectada no que atina ao presente desaparece quando se examina o passado recente e o passado remoto.

De que maneira interpretar o fato de que a "diferença", marca característica da relação entre os movimentos tanto no passado recente como no remoto, tenha desaparecido

supostamente no presente? Como se pode compreender que com relação ao passado, os movimentos se definam unicamente por contraste, enquanto que no que se refere ao presente, pesem mais as ambigüidades na hora de explicitar a forma na qual se percebem?

Creio que uma das explicações possíveis pode ser melhor compreendida à luz das formulações mais recentes sobre a teoria da identidade, à qual me referirei muito brevemente a seguir, em função de meus objetivos.

Tendo transitado por diversos caminhos até suas formulações atuais, tal como é demonstrado em vários trabalhos de autores como Guilherme R. Ruben (1988), a teoria da identidade dedicada em um passado não muito distante a fixar a identidade dos grupos estudados de uma maneira autoritária, apelando a contrastes binários para classificá-los, hoje se propõe outros objetivos.

Com efeito, antropólogos como George Marcus (1974) argumentam que se a tarefa das ciências sociais consistia até há pouco tempo atrás em apresentar as identidades sob estudo desprovidas das confusões, desordens e ambigüidades que as constituíam, os esforços devem-se dirigir hoje em dia a esclarecer a ambigüidade que lhes é inerente.

Isto, há que acrescentar o fato de que os protagonistas de meu universo empírico pertencem a uma sociedade "complexa", "moderna" ou "quente", cujos traços mais marcantes consiste em que os "nativos" são potencialmente

conhecedores de todos os autores e teorias das ciências sociais em voga.

Uma possibilidade, então, é que os "agentes"<sup>4</sup> conheceram os debates derivados das novas formulações da teoria da identidade<sup>5</sup>; outra, que simplesmente as ciências sociais que hoje se autocriticam, se limitaram no passado a captar uma realidade que se apresentava como mais facilmente diferenciável e dicotomizável do que é atualmente.

O que não fica muito claro por ora é se as diferenças que outrora marcaram a identidade do MIA e do MIN tendem a desaparecer ou, se se trata tão somente de uma interpretação influenciada por uma mudança de cosmovisão; ou de ambas as explicações ao mesmo tempo.

A organização das relações MIA/MIN (MEDI-MUI) em três tempos, faz merecer também uma reflexão sobre a temática da memória.

Embora esta dissertação não tentou dialogar especialmente com esta problemática, não pude deixar de me referir a ela, ainda que brevemente, fundamentalmente por dois motivos.

---

<sup>3</sup> Tal consideração encontra-se, por exemplo, em Marc Abélès & Susan C. Roberts (1992).

<sup>4</sup> Utilizo o termo "agente" no sentido que lhe atribui Anthony Giddens (1979, 1984). Prefiro essa denominação à de "atores", muito ligada à teoria parsoniana da ação social.

<sup>5</sup> Nesta linha, alguns entrevistados aludiram ao fim das ideologias, mesmo sem criticar seu mentor, Daniel Bell.

Em primeiro lugar porque grande parte da informação sobre o passado recente e remoto provém de entrevistas nas quais seus protagonistas apelaram para o que se poderia qualificar de "memória"; esta aparece, por sua vez, nas opiniões emitidas sobre o presente.

Em segundo lugar, porque é a partir da temática referida que proporei uma interpretação acerca da Biblioteca da UIA.

Diga-se de passagem, é em função da problemática da Biblioteca que o tema da memória exigiu ser abordado nesta dissertação.

Inspiro-me aqui em um trabalho recente cuja autora, Myrian Sepulveda dos Santos, resenha e analisa diversas abordagens com respeito ao conceito de "memória", referindo-se fundamentalmente àqueles que agrupa sob as denominações de "construção social da memória" e a "construção da sociedade pela memória".

Não detalharei aqui os limites e possibilidades que abrem para a análise estas diferentes concepções.

Só pretendo assinalar que, assim como a autora, apoiando-se por sua vez em formulações de Walter Benjamin, afirma a possibilidade de uma complementação fecunda entre tais abordagens (as quais foram muitas vezes, interpretadas como contrapostos e mutuamente excludentes) a mesma intenção me guia quando se trata de interpretar aspectos de minha etnografia.

---

<sup>4</sup> Trata-se de "O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado". In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, Nº 23 ano 8, outubro de 1993.

A autora define "tradição" como a manutenção de aspectos do passado dos quais não temos consciência e que se acham expressos através de sentimentos, movimentos, hábitos e atitudes. Neste sentido, a tradição não é apenas um fenômeno construído socialmente, mas que constitui também um aspecto fundamental na conformação da sociedade.

Em minha etnografia, a presença da "tradição" com respeito às representações do MIA e do MIN, é detectada quando se percebe que o sistema de classificações dicotômicas, a partir do qual se definem o MIA e o MIN (MEDI-MUI) no passado recente, está permeado por eixos tais como: Buenos Aires/Interior; indústria naturais indústrias artificiais; liberalismo/proteccionismo, todos eles de fundo enraizamento na memória das interpretações históricas e literárias sobre a Argentina.

A "tradição" incide também quando em 1974 os futuros integrantes do MIA cedem à "fusão", por temor de uma nova intervenção peronista na entidade, tal como a ocorrida em 1946.

A memória como "construção social" - seguindo a autora - se refere ao fato de que ao recordar o passado nós o estamos recriando continuamente, embora este processo criativo tenha limites, já que, por exemplo, recordamos através de estruturas simbólicas coletivas, das quais participamos sem as ter criado.

Assim, podemos falar de "construção social"<sup>7</sup> para aludir à confecção das linhagens históricas e míticas às quais se filiam o MIA e o MIN.

A memória também atua como "construção social" quando o MIN invoca as frases de Pellegrini e todos os marcos e personagens do protecionismo na Argentina, ante novos contextos e problemáticas renovadas.

Seguindo Maurice Halbwachs na interpretação de Santos, as memórias se formam e são renovadas devido a "*laços de solidariedade*" construídos através de elementos simbólicos comuns.

A apreciação mencionada talvez permita a seguinte interpretação acerca da perda da Biblioteca, ainda que a mesma tenha sido parcialmente recuperada.

Creio não me equivocar ao afirmar que a biblioteca em questão simboliza todo o passado da UIA. Resgatá-la equivaleria a tornar conhecida a totalidade desse passado e, neste sentido, creio que os movimentos da UIA fazem jus às teorias que concebem à memória como fazendo parte de um processo seletivo que inclui tanto recordar como esquecer. Cada movimento se ocupa de recordar só uma parte do passado.

Talvez esta razão explique que o MIN acuse o MIA pela perda da Acta Fundacional de la UIA<sup>8</sup>, já que em sua doutrina

<sup>7</sup> Creio ser oportuno chamar a atenção aqui para o fato de que a construção social da memória pode ser melhor compreendida se se tem em conta que nela intervém também a intenção ou intenções do investigador. Neste sentido, quero esclarecer que, embora quando me preocupe em captar o que denomino em outro lugar de lógica interna, a formulação da existência de "linhagens" (históricas e míticas), "rituais", "mitos de origem", etc, fica sob minha exclusiva responsabilidade.

<sup>8</sup> Arnaldo Etchart. Entrevista.

propõe-se recuperar o papel fundamental da UIA; por isso também reclama o antigo logotipo da entidade, seu "escudo de família"\*, o símbolo da tradição industrial.

Na mesma linha interpretativa, o MIN se apega igualmente às figuras de Carlos Pellegrini e Luis Colombo ressaltando suas fases protecionistas; recorda permanentemente os debates industrialistas de 1875, as origens do *Club Industrial*.

O MIA, por seu lado, embora sem a força e a insistência do MIN, recorre, em certa medida, ao passado, ressaltando algumas facetas de Carlos Pellegrini e, sobretudo, a figura de Juan Martín Oneto Gaona.

É a partir de uma interpretação do MIN que o *Centro Industrial Argentino* e Norberto de la Riestra conformariam a linhagem do MIA.

Apesar do fato de que a "solidariedade" ancestral seja muito mais notável no MIN do que no MIA, a posse desta característica é o que une ambos os movimentos por contraposição aos "estrangeiros" ("*Club de Privatizadores*", "*Club de Exportadores*", "*Grupo Paulista*").

Embora a observação que segue constitui tão somente o ponto de partida de uma próxima investigação, a problemática da memória se mostra também solidária com as da identidade e da nacionalidade. Autores como Natalie Zemon Davis e Randolph Starn (1989), para citar alguns, afirmam que a identidade

\* Arnaldo Etchart. Entrevista.

depende da memória. Ernest Renan (1947 [1882]) e mais recentemente Ernest Gellner (1989 [1987]), delineiam argumentos a favor do papel que tem a amnésia na formação das nações.

Afirmar na Introdução deste trabalho que o MIA e o MIN constituíam um caminho fecundo para compreender a UIA, argumentando que isto é assim por ser a partir de seu estudo que posso afirmar, inspirando-me nas reflexões de Roberto DaMatta (1976), que a UIA se comporta, em parte, como uma instituição dualista, entendendo o dualismo como um princípio segundo o qual colocar em oposição é ordenar.

Quando aludo ao dualismo da UIA não me estou referindo ao par dicotômico MIA/MIN cujas "borrosidades" e "ambigüidades" manifestei nos capítulos 2 e 3.

Por outro lado os movimentos juntamente com os "agrupamentos" compõem mais uma tríade do que uma díade.

Tampouco estou fazendo referência às velhas dicotomias como Buenos Aires/Interior e tantas outras recorrentes na bibliografia argentina, para explicar quase todos os fenômenos sociais neste país.

O estudo do MIA e do MIN me leva a postular que a *Unión Industrial Argentina* pode ser interpretada como um mundo dividido (parafraseando DaMatta), devido a que o signo distintivo da dualidade é que o conflito, colocado pelas tendências opostas de seus componentes, pode ser resolvido de

duas maneiras: a partir de uma proposta simétrica ou de uma hierárquica.

A primeira admite a complementaridade entre as diferentes partes; a segunda, longe de assumir as diferenças culturais, simplesmente as elimina (DaMatta, 1976).

Ambas as propostas se fizeram "visíveis" (Turner, 1968) no banquete do "*Día de la Industria Argentina*" de 1993, porém captei-as em outras situações de crucial importância para a instituição, ainda que seu relato pormenorizado exceda os limites físicos desta dissertação.

O certo é que na UIA se assiste a uma luta entre duas propostas de relacionamento em discussão, uma simétrica e uma outra hierárquica; entre uma solução que aceita as diferenças e outra que tenta dissolvê-las, homogeneizando-as por distintos mecanismos, pessoas e fins, tal como se descreveu no corpo desta dissertação.

Entre alguns dos fins aludidos encontra-se o de apresentar a UIA como uma entidade sem tensões, homogênea, forte, que possa apresentar uma frente de batalha compacta na hora de negociar com os poderes políticos, econômicos, sociais, culturais, em um país onde o fenômeno industrial "*no está inscrito en la sangre*"<sup>10</sup>.

Retomando o explicitado na Introdução desta dissertação, a intenção inicial (depois reformulada) que guiava a

---

<sup>10</sup> A opinião, a qual subscrevo, pertence a Roberto Rocca. Em entrevista.

investigação da qual aquela resulta, consistia no exame da relação industrialização/"*nation building*".

Posteriormente, e ante as primeiras descobertas empíricas, decidi centrar minha atenção nos movimentos da entidade.

Aproximando-me do fim deste texto, chego à conclusão de que o caminho escolhido, além de me ter possibilitado etnografar os movimentos internos da entidade, e ao mesmo tempo tornar mais fecunda a interpretação da UIA, aporta elementos que poderiam constituir-se em pontos de partida de uma próxima investigação sobre a problemática da nacionalidade na Argentina.

1) O "Mito da Argentina Fabril", explicitado como tal na década de 1940 e retomado fundamentalmente pelo *Movimiento Industrial Nacional* a partir da década de 1980, junto com frases como "*Sin industria no hay nación*", atribuída a Carlos Pellegrini, indica a presença de uma preocupação que desde a fundação da UIA retorna como o fazem os mitos: reunindo passado, presente e futuro; exibindo como traço a posse de um tempo reversível, oposto à irreversibilidade própria da história;

2) O anterior me autoriza a discordar da formulação de Alberti & Castiglioni (1985) segundo a qual os industriais se reproduziram dentro de uma cultura alheia, a dos proprietários de terras, contribuindo fracamente para o desenvolvimento de uma nacionalidade na Argentina.

Relativizaria essa frase dizendo que alguns setores industriais tentaram impor o que denominei "Mito da Argentina Fabril";

3) Entre as explicações que dão conta das razões pelas quais não lograram, quero apontar que no próprio seio da instituição havia pessoas que se opunham a este mito, para além do período em que o mesmo se constituiu.

Em uma postura que contrapõe mito e história (Lévi-Strauss), o mito tenta resolver no plano do desejo o que não se pôde na dimensão do "material" (Godelier, 1990 [1984]).

Em uma visão que une mito e história (Sahlins, 1988 [1985]), o mito pode fazer variar o curso da história, tal como o atestaria com sua própria história, se tivesse vivido, o capitão Cook.

Em ambos os casos o mito põe um desafio à história e está presente ainda hoje no discurso da entidade fabril mais significativa da Argentina, constituindo-se num novo fato "denso" (Geertz, 1987 [1973]).

Embora espere ter sido suficientemente explícita no que concerne à delimitação do objeto de investigação assim como no que se refere à trama principal desta dissertação, a epígrafe que encabeça as Considerações Finais tem uma razão de ser. Com ela quis significar que, assim como no caso do "Libro de Arena", meu trabalho poderia ter enfatizado ou ter-se estruturado a partir da escolha e adequado aprofundamento

de uma das várias temáticas que permeiam esta dissertação: nacionalidade, identidade, memória, as quais poderão ser retomadas nos próximos anos.

Ao transpor a porta do edifício da Avenida Leandro N. Alem Nº 1967, iniciava uma investigação que se desenvolveria em um dos territórios até muito pouco tempo atrás "proibidos" para a disciplina antropológica.

Confesso, inclusive, que o assombro que me produziu o fato de constatar que a UIA possuía mitos, como se se tratasse de uma sociedade "primitiva", me levou a destacá-lo no título deste trabalho.

Creio não estar equivocada ao assinalar a importância que pode ter uma etnografia dos industriais, neste caso, para contribuir (ainda que não me tenha dedicado a desenvolvê-lo) à compreensão das problemáticas contemporâneas que a disciplina se coloca, entre elas a relação entre nação-globalização, local-universal.

Quando, a princípios de 1994, tive a oportunidade de consultar as excelentes bibliotecas da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Roberto Simonsen, e da Fundação Getúlio Vargas, ambas no Brasil, constatei que nenhuma delas possuía qualquer informação sobre a UIA. Pior ainda, alguns de seus amáveis funcionários desconheciam que, em pleno processo de integração no MERCOSUL, a UIA era uma

entidade fabril análoga (sem entrar nas diferenças que seguramente as caracterizam) à FIESP.

Em um plano mais modesto e no imediato, espero que esta dissertação contribua, em parte para encurtar as distâncias culturais entre ambas as centrais fabris.

A hora de brindar uma interpretação sobre a *Unión Industrial Argentina* creio não estar equivocada ao afirmar que a mesma se compreende melhor como uma entidade que se debate entre a simetria e a hierarquia; entre o mito e a história.

Se um avião me conduziu à Argentina em 1992 para começar meu trabalho de campo na UIA, três anos depois um barco do século XVI me devolve as antigas possessões do outrora império português com o fim de desentranhar os mistérios daquela primeira viagem, mítica e histórica, cuja passagem, deixo claro, não deixou marcas na água, apesar do que ainda podem ser distingüidas na atualidade.

**A N E X O S**

**A N E X O     1**

**SEMINARIOS TEMATICOS  
SOBRE  
TEMAS INDUSTRIAIS**

**SEMINARIOS ORGANIZADOS PELA UIA**

- 2 de novembro de 1992. "*Acto académico homenaje a Joseph Alois Schumpeter*". Organizado conjuntamente com a *Universidad Católica Argentina (UCA)* e o *Instituto para el Desarrollo de Ejecutivos de la Argentina (IDEA)*. In: *Unión Industrial Argentina*.

- 4 e 5 de novembro de 1992. "*Seminario de transformación económica y seguridad jurídica*". In: *Unión Industrial Argentina*.

- 12 de maio de 1993. "*Seminario industrial*". In: *Unión Industrial Argentina*.

**SEMINARIOS ORGANIZADOS NA UIA**

Diferentemente dos anteriores, estes não foram organizados pelos membros da *Unión Industrial Argentina*, mas simplesmente houve autorização para serem realizados na entidade.

Assisti aos seguintes:

- 3 de novembro de 1992. "*Just in time*".

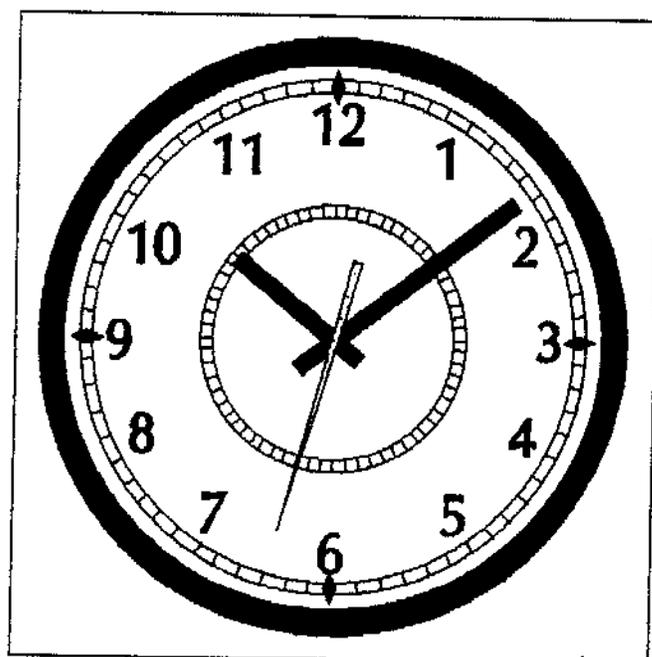
- 14 e 15 de abril de 1992. *"La segunda revolución industrial. El desafío de la industria de los 90. Optimización dinámica de la producción"*.

#### SEMINARIOS E SIMPÓSIOS ORGANIZADOS POR OTRAS ENTIDADES

- 6, 7 e 8 de outubro de 1992. Simpósio: *"Hacia un nuevo orden mundial"*. Organizado pelo Consejo Profesional de Ciencias Económicas de la Capital Federal, Tierra del Fuego, Antártida e Islas del Atlántico Sur.
- 28 a 30 de outubro de 1992. Seminário Internacional: *"Globalización económica, integración regional e identidad nacional. Análisis comparado Argentina-Canadá"*. Organizado pelo Instituto de Investigaciones de Historia Económica y Social (UBA) e o departamento de Ciências Políticas e CELAT da Universidade de Laval, Canadá.
- maio e junho de 1993. *"Empresas y organizaciones corporativas en la sociedad argentina en el siglo XX"*. Curso de pós-graduação ministrado por Jorge Schvartzler, organizado pela Universidad de Buenos Aires.

**ANEXO 2**

**CRONOLOGIA**



## CRONOLOGIA.

### - Antecedentes da indústria anteriores à fundação da *Unión Industrial Argentina*<sup>1</sup>.

\* A 2 de setembro de 1587 chegam ao Brasil os primeiros produtos do artesanato de territórios que posteriormente formarão a Argentina, em um navio fretado pelo bispo Victoria. Eram produtos do norte do atual território argentino: colchas, cobertores e chapéus.

Posteriormente se instala o primeiro moinho de trigo em Córdoba e depois, outro em Buenos Aires.

O bispo Colombres habilita o primeiro maquinário para a moenda de cana de açúcar. Começam os envios de vinho e aguardente de Mendoza e San Juan para Buenos Aires. Mais tarde, os jesuitas, com uma população trabalhadora de 17.000 nativos realizavam as tarefas iniciais para a exploração da erva mate e a fabricação de calçado e se montam, através de amplas gestões, as bases incipientes das artes gráficas.

\* O Triunvirato aprova o primeiro trabalho sobre legislação industrial na Argentina.

\* Em 1871 realiza-se em Córdoba a primeira exposição industrial. Participam treze províncias. São expostos móveis, violões, gorros, produtos e marcenaria, artes gráficas, couros e lãs trabalhadas, carnes industrializadas, calçado, cimento, cerveja, vinhos, fibras têxteis, cerâmicas, mármore, farinhas, ferragens, etc.

\* A 29 de agosto na cidade de Buenos Aires, vários industriais fundam o *Club Industrial Argentino*. É a primeira organização empresarial de industriais. A 12 de setembro do mesmo

---

<sup>1</sup> Para esta reconstrução, baseei-me em "ANTECEDENTES DE LA INDUSTRIA ANTERIORES A LA FUNDACION DE LA UIA", documento oficial da UIA, inédito. Encontrado nos arquivos da entidade. 1983.

ano é aprovado o Estatuto correspondente à constituição legal da entidade. Seu primeiro conselho diretor estava integrado da seguinte forma: Pablo Coni, presidente; Francisco Martín, vice-presidente; Alejandro Astoul, secretário; Mauricio Schwartz, tesoureiro; S.V. Guzmán, pró-secretário; Miguel Oneto, Jacobo Peuser, José Luis Lamas, Juan Zamboni, Alejandro Daul, Augusto Pech, Pablo Blot, Seravin Carneiro, Gustavo Dartiguez, Eugenio Verdou, Manuel Ponce e Luis Allemandola, oradores.

• 1875 e 1876 Debate sobre a *Ley de Aduanas* no Parlamento argentino.

Antes da fundação da UIA e fundamentado em uma proposta do Presidente Nicolás Avellaneda, Carlos Pellegrini<sup>2</sup> acompanhado por Dardo Rocha e Vicente Fidel López na Câmara dos Deputados, propõem que se proclame a imperiosa necessidade de uma emenda à *Ley* fixando-se direitos diferenciais de claros rasgos protecionistas e de fomento industrial.

Sugeria-se taxar a importação de artigos supérfluos com impostos de até 40%, facilitando-se, em troca, a importação de certas matérias primas e bens de capital que melhoraram a produtividade e a substituição de importações. Avallenada propunha um aumento indiscriminado das tarifas para acertar as mal geridas finanças públicas. Prevaleceu a tese de Pellegrini.

• A 8 de dezembro de 1878, forma-se o *Centro Industrial Argentino*. Foram suas primeiras autoridades Agustín Silveyra, Joselin Huergo, Marcos Avellaneda, José María Morales, Valentín Viedma, José Claret, Alejandro Astoul, Carlos Sackman, Juan Videla, Antonio Turdera, Eduardo Estrada, Tomás Santa Coloma, Alejandro Rigal, Edmundo Ramuosse, Augusto Somme, Manuel Alais e Adolfo Buttner.

Sobre as causas que contribuíram para a criação do *Centro Industrial Argentino*, o documento oficial da UIA assinala que:

---

<sup>2</sup> Uma caracterização de Carlos Pellegrini e Vicente Fidel López, assim como do Debate sobre *Ley de Aduanas* pode ser apreciado no Capítulo 3.

*"Nadie ha podido reconstruir con precisión los hechos que determinaron esta formación porque nunca fueron confesados con claridad, pero leyendo los periódicos de ambas instituciones infiere la existencia de tendencias políticas no coincidentes"<sup>3</sup>.*

---

<sup>3</sup> In: "HISTORIA DE LA UNION INDUSTRIAL ARGENTINA". É interessante notar que, apesar de seu título, este documento é muito sintético e refere a muito poucas fatos da UIA. Autor anônimo. Presumivelmente de 1983. Encontrado nos arquivos da entidade.

- A formação da *Unión Industrial Argentina*<sup>1</sup>.

| ANO                    | UIA  | ARGENTINA  |
|------------------------|--|--|
| 7 de fevereiro de 1887 | Fundação da <i>Unión Industrial Argentina</i> como consequência da fusão do Club Industrial Argentino e do Centro Industrial Argentino | Preside o país Miguel Juárez Celman (entre 1886 e 1892). Carlos Pellegrini exerce o cargo de Vice-presidente da Nação. A década de 80 fica conhecida por seu caráter liberal.  |
| 26 de setembro de 1899 | A UIA realiza um meeting, com participação de 80.000 pessoas para defender os direitos da indústria.                                   | Durante a presidência de Miguel Juárez Celman, produz-se a "Revolución de 1890" como reação a seu mandato, alentada por uma crise política, econômica e financeira. Juárez Celman renuncia e ocupa a presidência do país Carlos Pellegrini, até 1892. Entre 1898 e 1904 presidem o país Julio A. Roca e Norberto Quiroga Costa. Continua uma política de abertura econômica. |

<sup>1</sup> O que se refere à UIA foi elaborado com base em documentos diversos, publicados e inéditos. Os primeiros consistem em publicações oficiais da UIA. Os segundos, em material encontrado no arquivo da UIA, a saber: "HISTORIA DE LA UNION INDUSTRIAL ARGENTINA"; "ANTECEDENTES DE LA INDUSTRIA ANTERIORES A LA FUNCADION DE LA UIA" (que, apesar de seu nome, engloba alguns fatos posteriores à fundação da entidade fabril).

Para os "flashes" relativos à história argentina, apoiem-se em "Cincuenta años de Historia Argentina (1930-1980), de Gerardo López Alonso, e em material jornalístico.

|  |  |  |
|--|--|--|
| 12 de junho de 1933                              | Os industriais se manifestam no Luna Park da cidade de Buenos Aires contra o Pacto Roca-Runciman, frente a um público de 70.000 pessoas. Preside a entidade fabril, Luis Colombo                         | O tratado, que leva o nome do então vice-presidente argentino Julio A. Roca (filho) e o do ministro de comércio inglês, Walter Runciman, foi firmado a 27 de abril de 1933. Pelo mesmo, o Reino Unido garantia evitar restrições às importações de carnes argentinas em um certo nível. A Argentina se comprometia a proteger os interesses das empresas britânicas e aliviar as tarifas de importações de produtos provenientes do Reino Unido. Era presidente Agustín P. Justo e com seu governo começa, segundo seus críticos (Raúl Scalabrini Ortiz e Arturo Jauretche entre os mais destacados), a "década infame". |
| 16 de maio de 1946<br><br>22 de dezembro de 1952 | Primeira intervenção na UIA. Perón alega que a UIA emitiu um cheque, para subvencionar a campanha da Unión Democrática. Presidia a UIA, Luis Colombo.<br><br>É criada a Confederación General Económica. | Na eleição presidencial de 24 de fevereiro de 1946 impõe-se o triunfo da fórmula Perón-Quijano, contra seu rival Tamborini-Mosca, da Unión Democrática.  |



|                            |   |   |
|----------------------------|---|---|
| <p>2 de agosto de 1974</p> | <p>É constituída a Confederación Industrial Argentina(CINA), como resultado da "Fusão" entre a UIA e a Confederación General de la Industria (CGI).<br/>É nomeado como presidente Carlos Coqueugniot (industrial da província de Córdoba)</p> | <p>Época de grande comoção política no país, após a morte de Juan Domingo Perón, a 1º de julho de 1974 depois de nove meses como presidente do país. Sua segunda esposa, Maria Estela Isabel Martínez de Perón, assume a presidência da República. A 6 de setembro de 1974 o grupo extremista Montoneros anuncia que passa à clandestinidade e retorna à luta armada contra o governo. A 21 de outubro de 1974 José Ber Gelbarad renuncia como ministro da Economia. Substitui-o Alfredo Gómez Morales.</p> |
|----------------------------|---|---|

|                                |   |   |
|--------------------------------|---|---|
| <p>2 e 3 de agosto de 1975</p> | <p>Reunião do Noroeste Argentino (NOA). Neste âmbito se produz um dos momentos mais tensos entre os industriais agrupados na CINA e a direção da Confederación General Económica (CGE), entidade que agrupava a CGI. Começam a ser gestados os movimentos que são analisados nesta dissertação.</p> | <p>Começam a se suceder os ministros da Economia. Gómez Morales é substituído a 2 de junho de 1975 por Celestino Rodrigo e anuncia um plano de medidas drásticas que passou à história com o nome de "rodrigazo", com forte desvalorização do peso argentino. No mês de julho todos os setores admitem publicamente que o país atravessava uma grave crise político-econômica. Desta forma, partilha-se da opinião que ficou destruído o princípio de verticalidade no partido oficial, ou ainda que esta no seria possível sem Perón. A inflação chegou a 350% no termo de um ano. Em menos de un ano perderam a vida em atentados terroristas mais de 1000 pessoas.</p> |
|--------------------------------|---|---|

|                        |  |   |
|------------------------|--|---|
| 6 de fevereiro de 1976 | "Paro empresario", novo marco na contenda mantida entre os integrantes da CINA e a direção da CGE.   |   |
| 24 de março de 1976    |  | Um pronunciamento militar põe fim ao governo de María Estela Martínez de Perón. A CGE, a CGT e o Congreso da Nação sofrem intervenção.  |
| 27 de abril de 1976    | Criação do Movimiento Industrial Argentino (MIA). Seus membros são os da UIA que se fundiram com a CGI em 1974.  | São criados conselhos de guerra, com faculdades para ditar penas severas em casos de atentados. A 29 de março fazem juramento, entre outros: como presidente da Nação, o tenente general Jorge Rafael Videla; como ministro da Economia José Alfredo Martínez de Hoz; |
| 14 de maio de 1976     | Fundação do Movimiento de Empresarios del Interior (MEDDI). Seus integrantes provinham fundamentalmente das provincias do norte argentino, e integravam a CGI no momento da fusão de 1974. | como ministro do Trabalho, Horacio Tomás Liendo.  |

|                        |   |   |
|------------------------|---|---|
| 30 de março de 1977    | <p>É criada a Organización Industrial Argentina (OIA), formada pelo MIA e a Coordinadora de Empresarios del Interior (que agrupava o MEDI e o Movimiento Unificado del Interior (MUI). Embora não haja uma data precisa para a fundação do MUI, seu nascimento se situa entre 1976 e inícios de 1977. Constituíam-no, fundamentalmente, industriais de Córdoba, Santa Fe e Provincia de Buenos Aires.</p> | <p>Sem mudanças na direção do país. As forças de segurança continuam realizando operações em sua "lucha contra la subversión". A 13 de junho se dispõe o processo contra José Ber Gelbard y Manuel Madanes com relação ao caso Ahuar (de alumínio). A 15 de julho é dissolvida a CGE. A 4 de outubro de 1977 falece, aos 60 anos, José Ber Gelbard, em Washington (EUA)</p> |
| 15 de julho de 1977    | <p>O Poder Executivo surgido do golpe militar de 1976 aprovava por Ley 21.599 o projeto pelo qual se dispunha a dissolução legal da CINA. Pelo disposto no segundo artigo desta lei, foi estabelecido que a UIA siga mantendo sua personalidade jurídica.</p>   |   |
| 16 de novembro de 1977 | <p>É criada a Comisión Organizadora Técnica de Entidades Industriales (COTEI)</p>   |   |

|                        |   |  |
|------------------------|---|--|
| 13 de novembro de 1978 | No marco da UIA, a COTEI (união do MLA, MEDI e MUI) aprovam-se os primeiros Estatutos da UIA sob intervenção, sob a supervisão e apoio do Ministro de Trabajo, general Horacio Tomás Liendo | A 31 de julho de 1978 assume a direção do país, o general Roberto Eduardo Viola, em substituição a Videla, retirado do serviço ativo, integrando a Junta com o almirante Massera e o brigadeiro Agostin. |
| 19 de julho de 1979    | Assume como delegado normalizador Eduardo Valentín Oxenford, da fábrica Alpargatas S.A., sendo o primeiro civil a presidir a UIA sob intervenção.   | A 8 de fevereiro de 1979 o general Llamil Reston assume o Ministério do Trabajo substituindo o general Horacio Tomás Liendo, o qual passa a atuar como segundo chefe do Estado Mayor del Ejército.       |
| 2 de setembro de 1980  | Durante o banquete do "Día de la Industria Argentina", ritual da UIA, Oxenford faz um crítico pronunciamento contra os excessos da abertura econômica.                                      | A 28 de setembro de 1979 o general Leopoldo Fortunato Galtieri assume o comando em chefe do Ejército, substituindo Viola.  |

|                        |   |   |
|------------------------|---|---|
| 16 de março de 1981    | A UIA é normalizada e elege suas autoridades. Jacques Hirsch, primeiro presidente civil.  | A 29 de março de 1981 o tenente general Roberto Eduardo Viola assume a Presidência da Nação. É acompanhado, entre outros, pelo general Horacio Tomás Liendo como ministro do Interior; na Economia, por Lorenzo Sigaut e na Indústria e Mineração, por Eduardo V. Oxenford. Nos meses seguintes, Livio Guillermo Kùhl o substitui, como ministro de Indústria e Mineração.<br>A 22 de dezembro de 1981 assume como presidente da Nação o tenente general Leopoldo Fortunato Galtieri. Na Economia, acompanha-o Roberto Alemann. |
| 24 de novembro de 1982 | É fundado o Movimento Industrial Nacional (MIN), composto fundamentalmente pelo MEDI e o MUI. O MIA havia excluído o MEDI e o MUI de suas chapas eleitorais correspondentes à renovação de autoridades desse ano. | Em 1982 Galtieri levará adiante o desembarque que culminou com a "Guerra de las Malvinas".<br>A 10 de dezembro de 1983 assume la presidência do país, um presidente civil, o radical Raúl Alfonsín.   |
| 1991                   | Israel Malher preside a UIA. Primeira vez que o MIN integra uma fórmula (junto com um desprendimento da UIA e do "Club de Exportadores" ou "Grupo Paulista"), que se impõe nas eleições da UIA.                   | Em 1989 assume a presidência da Nação o peronista Carlos Saúl Menem. Depois de vários ministros da Economia, assume esta pasta Domingo Felipe Cavallo.  |

|      |   |  |
|------|---|--|
| 1993 | Jorge Blanco Villegas preside a UIA. Aliança MIA- "Club de Privatizadores". | Pleno período das privatizações das empresas do Governo. |
|------|---|--|

### **Presidentes da *Unión Industrial Argentina*.**

A seguir, será apresentada uma lista dos presidentes da UIA, com os distintos períodos de mandato, reconstruídos com base em fontes do arquivo da UIA e revistas oficiais da entidade<sup>5</sup>.

Na medida em que a informação permitia, foi caracterizado, em cada caso, o setor produtivo ao qual o presidente em questão pertencia.

| Período do mandato | Presidente da UIA                | Fatos marcantes de sua atividade e/ou de seu mandato.  |
|--------------------|----------------------------------|--|
| 10/8/1887          | <b>Sr. Antonio C. Cambaceres</b> | Senador nacional e filho do químico francês de igual nome. Inovou o trabalho nas fábricas de charque. Foi presidente do Diretório da Estrada de Ferro Oeste; Diretor das obras de canalização e diques do Riachuelo; Presidente do Diretório do Banco de la Provincia de Buenos Aires. |
| 17/7/1888          | Sr. Agustín Silveyra             | Empresário da mineração. Erigiu um estaleiro e criou um moinho para fabrico de erva mate. Em 1875 acompanhou Carlos Pellegrini, Dardo Rocha, Vicente Fidel López e José Hernández no ato fundador do Club Industrial. Dirigiu de 1880 a 1884 o Centro Industrial.                      |

<sup>5</sup> Elaboração própria baseada em: "Historia de la Unión Industrial Argentina"; "Unión Industrial Argentina. Documentos 1981-1985 (ambos inéditos), anuários e revistas oficiais da UIA.

|           |                            |   |
|-----------|----------------------------|---|
| 11/3/1889 | Sr. Joselin Huergo         | Empresário têxtil e licoreiro. Fundou o Banco Unión Industrial, com o objetivo de superar os problemas que obstruíam, nessa época o acesso dos empresários da economia manufatureira ao crédito público.  |
| 30/1/1891 | Sr. Francisco Uriburu      | Industrial açucareiro. Representou sua província, Salta, em Câmara de Deputados da Nação; foi ministro da Fazenda em 1880; foi fundador, junto aos anteriores, da UIA.  |
| 17/2/1892 | Sr. Juan Videla            | Curtidor e fabricante de sapatos. Foi acionista, fundador da Companhia de Navegação do Barnejo e fundador do Engenho Açucareiro e Destilaria de Alcool "Norte Argentino"; organizou diversas sociedades anônimas. Alternou seu trabalho de empresário com a atividade política, na qual exerceu a função de Juiz de Paz, Presidente da Comisión de Cárceres, presidente do Concejo Deliberante de San Miguel, Diretor do Banco de la Provincia de Buenos Aires e Deputado Nacional. |
| 15/1/1894 | Dr. Ventura Martinez Campo | Propulsor do industrialismo. (Não foram encontrados mais dados de relevância)   |

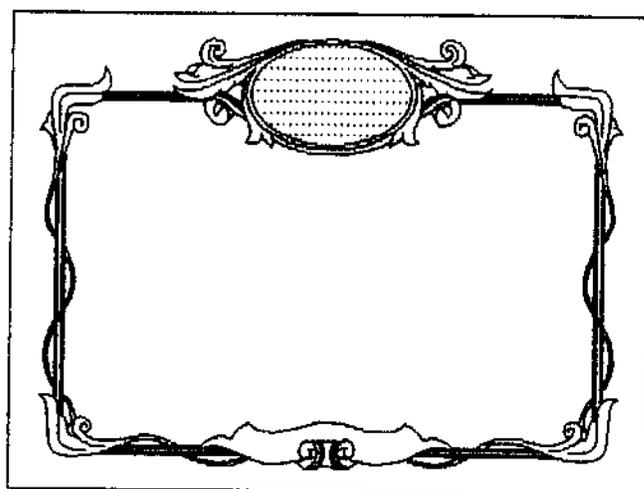
|            |  |  |
|------------|--|--|
| 18/11/1898 | Ing. Francisco Seguí                   | Engenheiro, ex-deputado e ex-ministro. Atuou na organização do "Mitin Industrial" de 26 de julho de 1899, no qual empresários e trabalhadores se dirigem ao Congresso Nacional para evidenciar que <i>"existe una potencia argentina que ha surgido de su propio seno"</i> . |
| 31/7/1901  | Sr. Casimiro Gómez                     | Industrial do couro. Durante sua presidência, Carlos Pellegrini foi designado Presidente Honorário da UIA.   |
| 20/7/1903  | Ing. Francisco Seguí                   | Segundo mandato  |
| 21/9/1904  | Ing. Alfredo Demarchi                  | Engenheiro, com tecelagem de algodão.  |
| 29/7/1908  | Sr. Luis Baibiene                      | Fabricante de tecidos e de azeite.<br>Adquiriu o melhor busto de bronze de Carlos Pellegrini, obra de Francisco Pardo de Tovera, para a UIA.   |
| 29/7/1912  | Ing. Domingo Noceti                    | Engenheiro (não foram encontrados mais dados relevantes).  |
| 29/7/1916  | Sr. Guillermo Padilla                  | Industrial do álcool e fabricante de licor.  |
| 24/7/1920  | Sr. Hermenegildo Pini                  | Durante sua gestão, a UIA adquiriu seu edifício da Avenida de Mayo   |
| 28/3/1924  | Sr. Luis Palma                         | Foi um dos organizadores, em 1925, do <i>Congreso de la Industria Argentina</i> , onde se legisla sobre o <i>"Dia de la Industria Argentina"</i>   |
| 30/7/1926  | Sr. Luis Colombo                       | Foi o presidente que mais tempo dirigiu a entidade, cerca de 20 anos. Pela importância que teve para a mesma, merecerá um lugar destacado no capítulo 5.   |
| 29/4/1946  | Sr. Pascual Gambino                    | Seu mandato durou 25 dias, a partir de 21 de maio de 1946.   |
| 1946/1957  | Intervención impuesta por el peronismo | A UIA permanece fechada.   |

|           |   |   |
|-----------|---|---|
| 10/1/1957 | Sr. Pascual Gambino   | Segundo mandato   |
| 15/2/1960 | Sr. Miguel Angel Shaw   | Foi diretor do Brandt Laboratorios; Vice-presidente da Explotaciones Fluviales y Marítimas S.A.; Conselheiro diretor da Cámara Gremial de la Industria Química; Presidente da Comisión Empresaria Asesora de la Secretaría de Industria y Minería entre outros muitos cargos. |
| 1/4/1960  | Sr. José A. Blanco  | Durante seu mandato, a UIA, decidida a se constituir em fator de organização e direção nacional, inicia a edição do semanário "Argentina Fabril". Não foram encontrados dados sobre sua atividade empresarial privada.  |
| 27/4/1961 | Ing. José Negri   | Homem de formação intelectual científica, exerceu a função de Presidente da "Federación Argentina de la Industria Metalúrgica", Presidente da Cámara Gremial de Construcciones Metálicas Estructurales  |
| 1/8/1961  | Dr. Juan Martín Oneto Gaona   | Industrial do tabaco. É uma figura importante para um setor dos industriais da UIA. Receberá um tratamento mais destacado no capítulo 5.  |
| 27/7/1967 | Sr. Elbio M. Coelho   | Industrial da erva-mate. Durante sua presidência, firmou-se a fusão UIA/CGI.  |
| 1974/1976 | Fusión UIA-CGI en CINA.   | Carlos Coqueugniot, empresário cordobés. Presidiu a fusão entre a UIA e a CGI (sem mais dados sobre sua atividade)  |
| 24/3/1976 | Intervención Militar.<br>Interventor: Cnl. Mario E. Piccione Thomas | Militar   |
| 19/8/1977 | Cnl. Jaime A. López Campo   | Militar   |

|            |                                  |   |
|------------|----------------------------------|---|
| 16/3/1978  | Cnl. Arnaldo E. Rolando          | Militar   |
| 25/11/1978 | Ing. Héctor Amorosi              | Industrial del papel  |
| 16/1/1979  | Cnl. Arnaldo E. Rolando          | Militar   |
| 18/7/1979  | <b>Eduardo Valentín Oxenford</b> | Industrial têxtil, diretor de "Alpargatas". É uma figura destacada para um dos setores da UIA. Receberá um tratamento mais detalhado no Capítulo 4. |
| 16/3/1981  | Dr. Jacques Hirsch               | Industrial do setor químico. Foi o primeiro presidente da UIA após a intervenção da CINA e por eleição dos associados da UIA.                       |
| 11/4/1983  | Ing. Roberto Favelevic           | Industrial têxtil. Mais dados no Capítulo 2.  |
| 1987       | Eduardo E. de la Fuente          | Industrial metalúrgico. Mais dados no Capítulo 2.   |
| 1989       | Gilberto Montagna                | Industrial da alimentação. Considerado a "alma" do MIA. Mais dados no Capítulo 2.   |
| 1991       | Israel Malher                    | Industrial metalúrgico. Mais dados no capítulo 2.   |
| 1993       | Jorge Blanco Villegas            | Presidente da Philco (seccor eletrônico).   |

### **ANEXO 3**

### **ILUSTRAÇÕES E FOTOS**



## ILUSTRAÇÕES E FOTOS

A seguir farei alguns comentários correspondentes às ilustrações e fotos do Capítulo 5, enquanto aporem elementos adicionais para a análise.

As fotos em cor número 4, 5, 14 e 16 foram tiradas por Ernesto Reich (fotógrafo profissional contratado pela UIA por ocasião da celebração do "*Día de la Industria Argentina*" de 1993); pelas restantes, eu me responsabilizo.

**Foto 4:** Da esquerda para a direita (ângulo esquerdo da foto), Patricio Zavalía Lagos (*Comité Ejecutivo*), Jorge Blanco Villegas (Presidente da UIA) e sua esposa.

Sobre o ângulo direito, familiares de industriais falecidos; três filas mais atrás: Eduardo De la Fuente (ex-Presidente da entidade) e Jorge Gaibisso (atual coordenador do MIA).

**Foto 5:** Depois de depositar as flores aos pés do monumento de José de San Martín, da esquerda para a direita: o diretor executivo da UIA; Alejandro Achával (*Comité Ejecutivo* da UIA); Jorge Blanco Villegas y Sergio Einaudi (*Comité Ejecutivo* da UIA).

Em outro plano, no ângulo direito, a antropóloga no campo.

**Foto 8:** Foi tomada em 1994.

**Foto 9:** Nesta oportunidade, de costas, os mesmos protagonistas da foto 5 e Patricio Zavalía Lagos.

**Foto 11:** No centro da foto, o Presidente da Nação, ladeado à direita por Jorte Blanco Villegas e à sua esquerda pelo Presidente Chileno, Patricio Aylwin (que nesse dia se encontrava em visita ao país); a seu lado, o chanceler argentino Guido di Tella.

A frente branca em primeiro plano corresponde a Roberto Rocca (presidente da *holding* Techint); a seu lado Gilberto Montagna, (então figura destacada do MIA).

Os que não saíram na foto: Amalia Lacroze de Fortabat (proprietária de uma tradicional indústria de cimentos); Eduardo Faena (Secretário da UIA, pelo MIN); o Ministro da Economia, Domingo Felipe Cavallo e o Secretário da Indústria, Carlos Magariños.

**Foto 12:** Note-se na celebração de 1944 a frase "*Industria grande, nación próspera*". Nesse momento os participantes entoavam o Hino Nacional Argentino; Por isso estavam de pé.

**Foto 13:** Luis Colombo, junto a um busto em sua homenagem, no ângulo direito da foto.

**Foto 14:** Note-se o "I" de "*Industria*" no primeiro logotipo da UIA, indefinido de acordo com as expressões de membros do MIN.

Foto 15: O logotipo trabalhado como em uns "vitraux", se encontra no primeiro andar do antigo edificio da UIA da Avenida de Mayo, na Capital Federal.

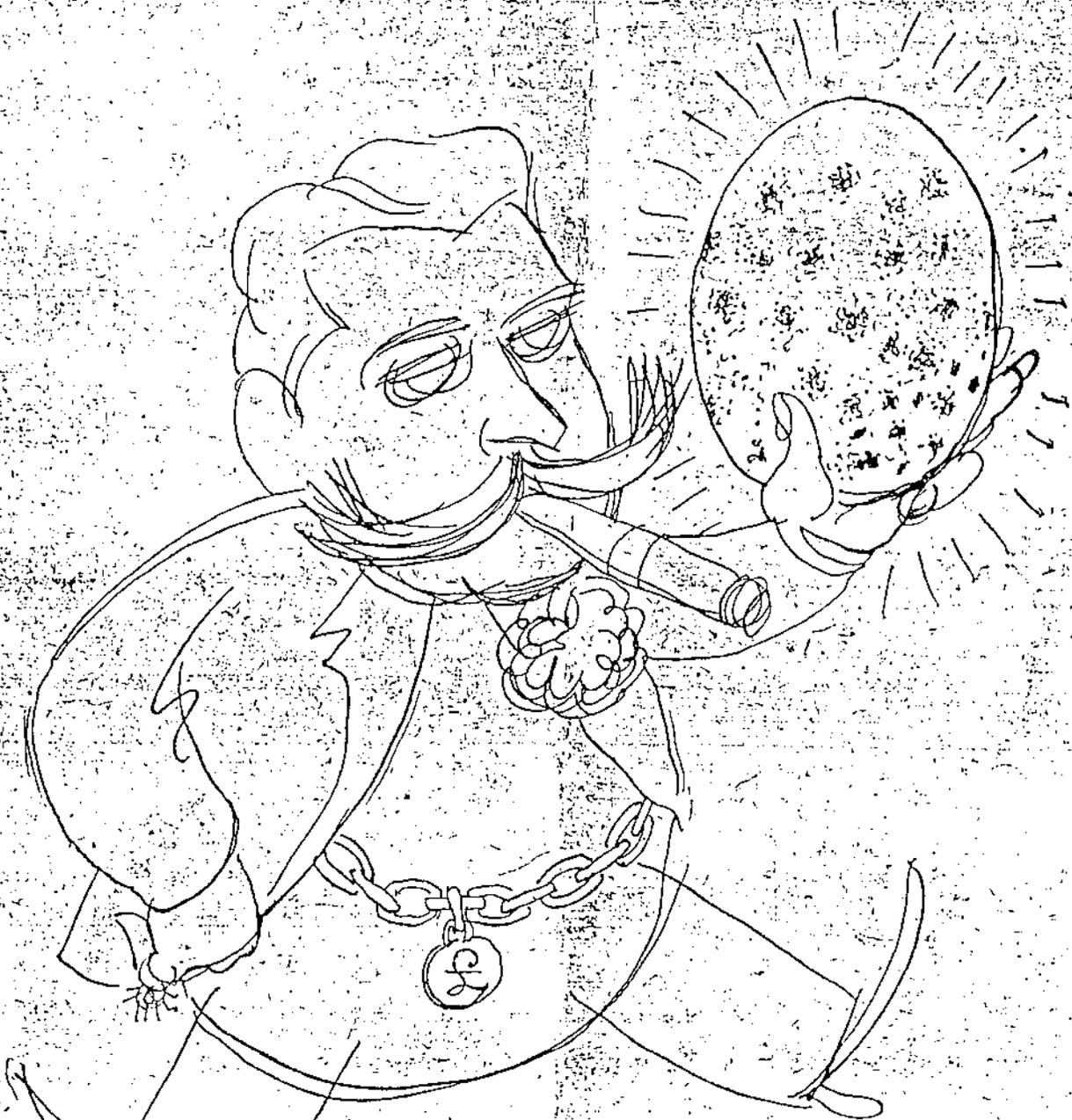
**DIA DE LA  
INDUSTRIA ARGENTINA  
2 DE SEPTIEMBRE 1944**

INDUSTRIA ARGENTINA



ILUSTRACION

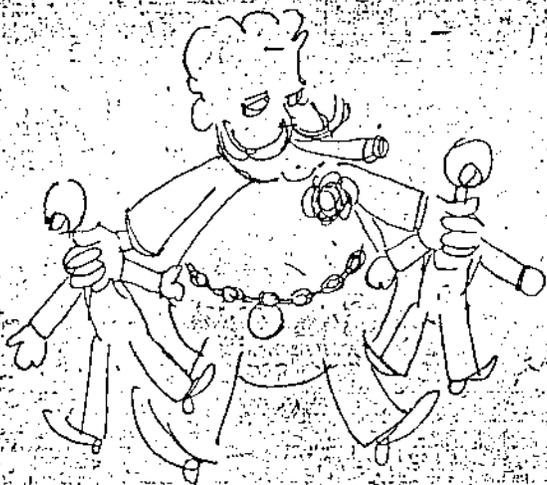
Y TEXTOS 2



# EL HUEVO DE COLOMBO

## EL DESCUBRIMIENTO DE "AMERICA"

Dicen que allá, por el 3 de agosto de 1492, un marino europeo, hijo de un viejo cardador de lanas, montó en tres hermosas carabelas, tan hermosas como sus nombres, dispuesto a descubrir una nueva ruta hacia



¡ HAY QUE DEFENDER AL INDUSTRIAL !

el Oriente. Así, largado a la aventura, navegó durante tres meses y nueve días sobre el océano proceloso, yendo a dar por fin a lo que él creyó su ansiada meta.

## LAS INVESTIGACIONES RECIENTES

El hilo que permitió hace poco tiempo desarrollar el ovillo de tan importante cuestión, fué la aparición de un oscuro personaje, lacayo le denominan algunos, que, medrando entre las sombras en un comienzo, sentó las bases adecuadas para hacer su propia América. El descubrirla después fué un paso que dió con toda desenvoltura, sin la más mínima ayuda de sus condiciones personales, se entiende.

En un comienzo no pareció suficiente la coincidencia del origen y el apellido aunado al descubrimiento de la América, por cuanto se alegaba con toda razón que en este venturoso país, sin ascendencia genovesa y sin esa similitud de nombre, muchos antes que él habían hecho lo propio. Profundizando más el estudio se encontró una pista, la más rotunda de cuantas podían buscarse, que tuvo la virtud de terminar con la ardua polémica. Esa pista no fué un documento ni una leyenda ni una narración. Fué, asómbrense ustedes, un huevo, un simple huevo de gallina.

Antes de partir, el legítimo y original descubridor de América, así con mayúscula, parece ser, según nos

Calculemos su asombro cuando después, muy posteriormente, cayó en la cuenta de haber descubierto un continente desconocido.

Todos estos hechos, transmitidos de generación en generación, llegaron hasta nuestros días en la forma familiar en que nos la relata la historia. Esa historia, por supuesto, que todos hemos leído desde chicos. Sin embargo, existe en ella un punto obscuro, germen de innumerables controversias infantiles entre los descendientes de españoles e italianos. Controversias que han ocupado también el tiempo, el esfuerzo y la investigación de sesudos historiadores. Aun hoy, no obstante el tiempo transcurrido desde la iniciación de estas discusiones, no existe acuerdo unánime sobre la verdadera nacionalidad del descubridor de nuestro continente.

Según algunos, ese intrépido y aventurero marino se llamó Colón y fué súbdito español, en tanto que según otros, fué genovés y su apellido Colombo. Así han seguido, desde tiempo inmemorial, como queda dicho, estas discusiones sobre el origen y el apellido de quien, en un mes de agosto de 1492, partió de Palos y descubrió América.

La gloria de este marino, disputada por dos exponentes de la latinidad, España e Italia, está actualmente en vías de ser adjudicada definitivamente. Investigaciones realizadas recientemente en nuestro país, con más precisión, después del 4 de junio de 1943, parecen dar la razón a quienes opinan que Colón ni se llamó así, ni fué nunca español. El verdadero descubridor de la América, fué un señor de apellido Colombo y fué efectivamente de origen genovés.

cuenta la historia, que ante el estupor de unos humildes religiosos del convento de la Rábida, para probar la redondez de la tierra, paró sobre la plana superficie de una mesa un reluciente y blanco huevo. Si muchos después que Colón o Colombo, según la nueva acepción histórica, habían conseguido descubrir su propia América, ninguno de ellos pudo repetir aquella hazaña del convento parando un huevo.

En ese sentido la prueba aportada por las nuevas investigaciones es definitiva y rotunda. Nuestro personaje de origen genovés, de apellido Colombo y de nombre Luis, supo para bien de la verdad de los hechos pretéritos parar un huevo. Que éste no sea reluciente ni blanco y menos limpio, nada tiene que ver con lo que se pretende demostrar.

De este modo el proceso mental que fué preciso efectuar para llegar a la conclusión de que aquel marino, descubridor el 12 de octubre de 1492 de un nuevo continente, era de origen itálico, resultó claro, fácil y sencillo.

## EL HUEVO DE COLOMBO

Queda adelantado que el huevo utilizado para su demostración por el prestidigitador que mora en esta generosa tierra argentina, no fué un huevo idéntico al del marino genovés. Aun se duda que fuera de gallina. Sin embargo, se asegura, por quienes tienen probada autoridad para saberlo, que es efectivamente un huevo. Un huevo redondo, como negocio de comerciante de la calle Libertad. Un huevo que acuerda a nuestro protagonista un doble mérito. El de haberlo fabricado, él mismo, oficiando de gallina, el de haberlo parado y, aun cuando no lo crean, el de haberlo incubado.

Sobre una incipiente estructura albuminosa construida hace más de un siglo, nuestro hombre levantó, en épocas más o menos recientes un enorme huevo recubierto por una capa impermeable semejante a la cáscara del que pone la gallina, pero con esa sola diferencia. Construido éste con el esfuerzo ajeno bien aprovechado, consiguió pararlo y sostenerlo luego durante mucho tiempo. Hoy aquel huevo, convenientemente incubado, se ha materializado en un enorme pollo con forma, costumbres y voracidad de pulpo. Ha tomado todas sus fuerzas de nuestro país y ha aprovechado, salvo la parte, que le corresponde al nuevo descubridor de América, las migajas del festín, a países extranjeros. En esto, tanto nuestro protagonista como su huevo, sobrepasan el mérito del de Colombo o Colón original.

El moderno descubridor no ha sido, sin embargo, desagradecido con su huevo. Hasta le ha puesto un nombre. Un nombre fraternal, tanto que le llama Unión Industrial Argentina. Aun cuando es una unión sui generis, es unión al fin. Unión de señores y lacayos, que bregan por el engrandecimiento del país; con la salvedad que a país le dan una acepción un tanto particular y lo asimilan a su propio bolsillo.

## HABLANDO CLARO...

Pero, a todo esto, aun no se ha indicado claramente qué es la Unión Industrial Argentina. Sabe el lector que es un huevo; un huevo puesto por Colombo Luis —el aditamento es para diferenciarlo de aquel otro, a cuya identificación ayudó—, parado e incubado por él. Sabe, también, que hoy es un pollo con forma de pulpo; pero no sabe que es un organismo que, con la excusa de ser una entidad madre de la industria nacional y del porvenir económico argentino, es en realidad una sociedad de un núcleo reducido de capitalistas, llamados a sí mismos industriales, y destinada a acrecentar el patrimonio propio y el de las empresas que representa. Colombo Luis —el apellido primero, como se nombra a los maleantes— es el comodín y el comodón de la Unión.

Es el comodín de esas empresas adueñadas de la Unión, porque le utilizan en toda forma, las más de las veces, como lacayo, para obtener de los poderes públicos bendecidas en su favor particular, y es el comodón de ella, porque a su sombra adquirió los bigotes, y el clavel, y porque vive a sus expensas y de su caridad.



INDUSTRIA "LIVIANA"

El Huevo de Colombo —identificado con la Unión Industrial— siente un cariño entrañable por la pequeña, sufrida y heroica industria argentina. Colombo y su huevo están, desde luego que parados los dos, con los brazos extendidos en todo momento para socorrer al pequeño industrial. Ese industrial que con su esfuerzo, sus fatigas y sus vicisitudes ha sido el que verdaderamente cimentó la industria argentina. Colombo lo sabe y su huevo también. De ahí su disposición al abrazo que le da. Otra es la cuestión si ese abrazo es dado en forma tal, que ahoga y asfixia a la verdadera industria argentina. Se le va la mano; pero es disculpable. Tan grande y entrañable es el cariño que siente por ella!

Si de ese ahogo, si de esa asfixia resulta luego un suculento dividendo para el pequeño núcleo de empresas adueñadas de la Unión Industrial, y que lucran a su amparo, no ha sido culpa de nuestro hombre. ¿Cómo había de serlo conociendo, como se conoce, su proverbial cariño para el pequeño industrial?

*Revista  
de la*

ILUSTRACION 3

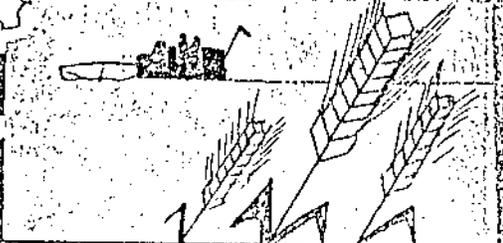
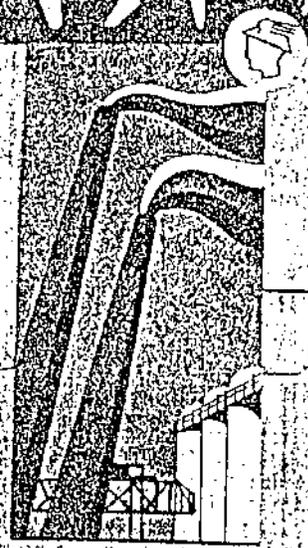
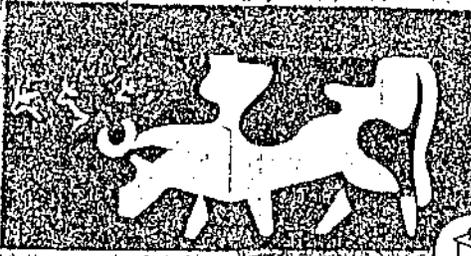
Año LXXV

20

Julio - Setiembre  
1963

# UNION INDUSTRIAL ARGENTINA

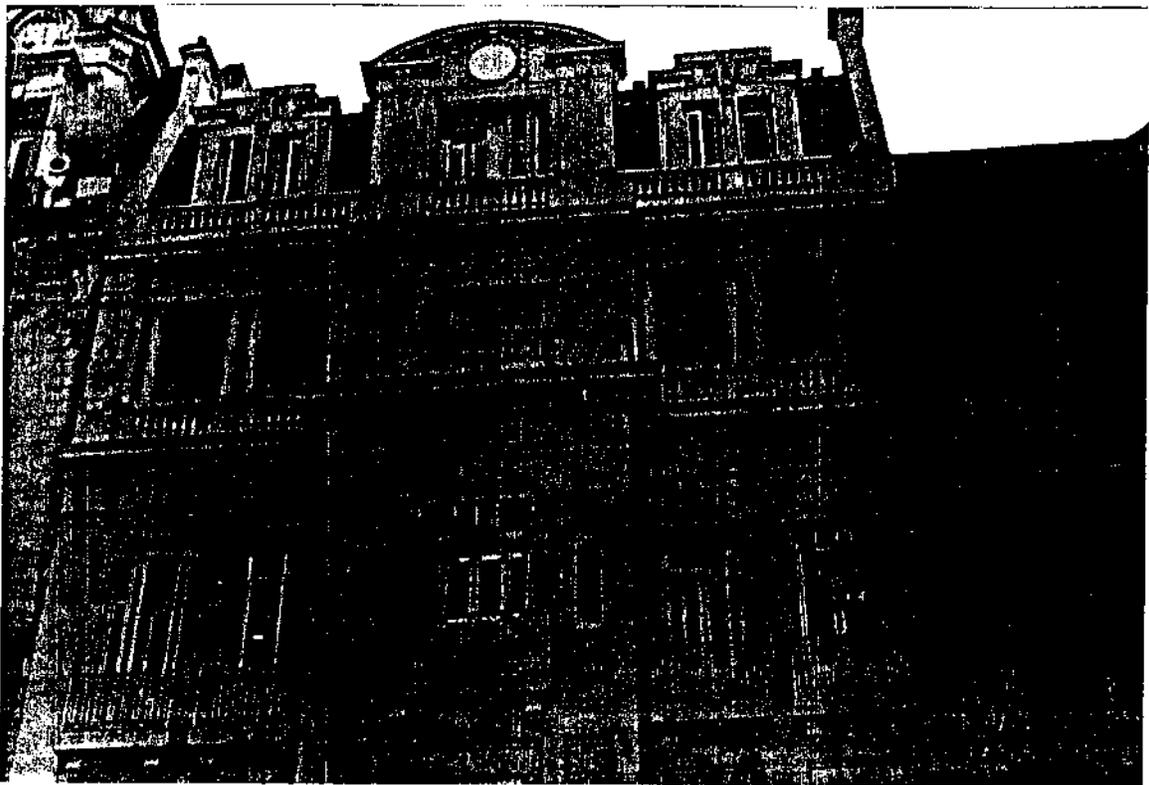
ARGENTINA UNIDA



EN SUS INDUSTRIAS



DE JULIO  
A SETIEMBRE



FOTOS 3 Y 4

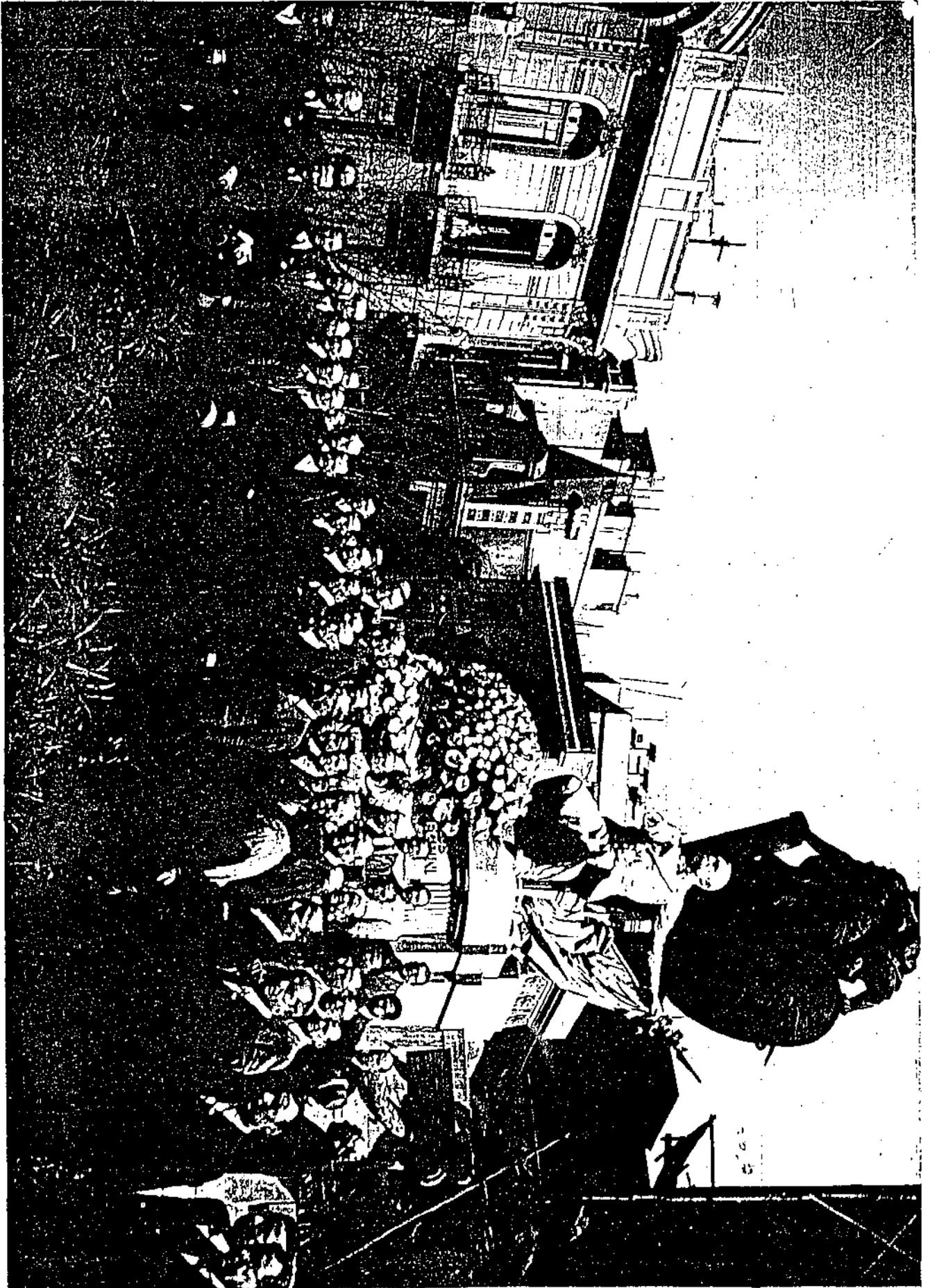
332



FOTO 5











## Casi un viaje a Europa... para sentarse

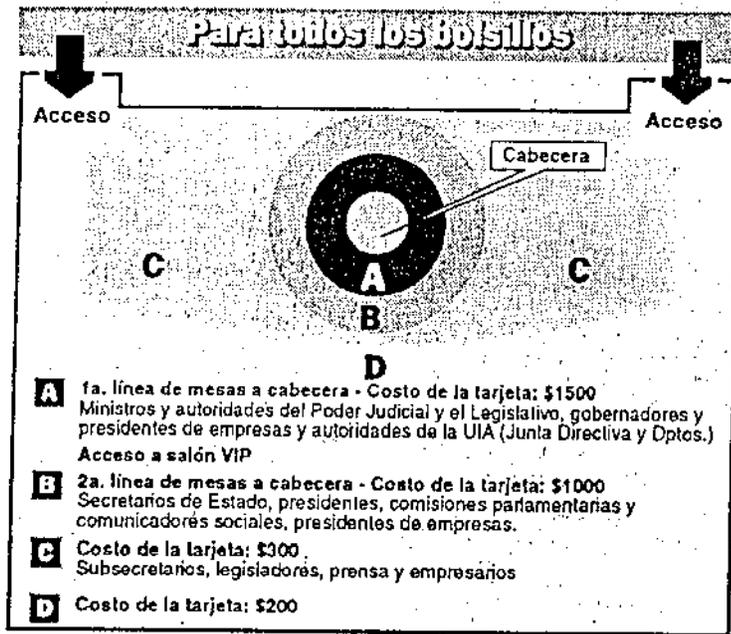
Quienes quieran sentarse esta noche cerca del Presidente o de las autoridades de la UIA deberán abrir bien grande su billetera: la tarjeta para ese lugar de privilegio vale 1500 pesos, "casi un viaje a Europa", como comentó un industrial tras conocer el precio de estar en el centro de la escena.

Los que tengan un presupuesto más reducido tienen otras opciones más baratas. Pero eso sí, se tendrán que conformar con estar lejos de las luces principales.

Para los otros sectores, los precios son de 1000, 300 y 200 dólares, este último seguramente el más concurrido.

### Explicaciones

Frente a la reacción adversa de muchos industriales a estos precios ("Nos catalogan de primera, segunda o tercera según lo que podamos pagar", aseguró, ofuscado, un importante dirigente), en la UIA ensayan una explicación en tono más racional.



"Hasta ahora todos pagaban lo mismo y los que se sentaban adelante eran elegidos por la entidad. Pasamos de esa concepción feudal a un criterio capitalista. Los que se quieren sentar adelante que se lo paguen ellos y no que todos deban subsidiar a los privilegiados", se explicó en la entidad empresarial.

### Un mismo menú

Eso sí, el menú será el mismo para todos, paguen la entrada que paguen: ensalada de centollas y langostinos como entrada, lomo con salsas varias de plato principal y brochette de frutas como postre.

INDUCCION  
ARGENTINA



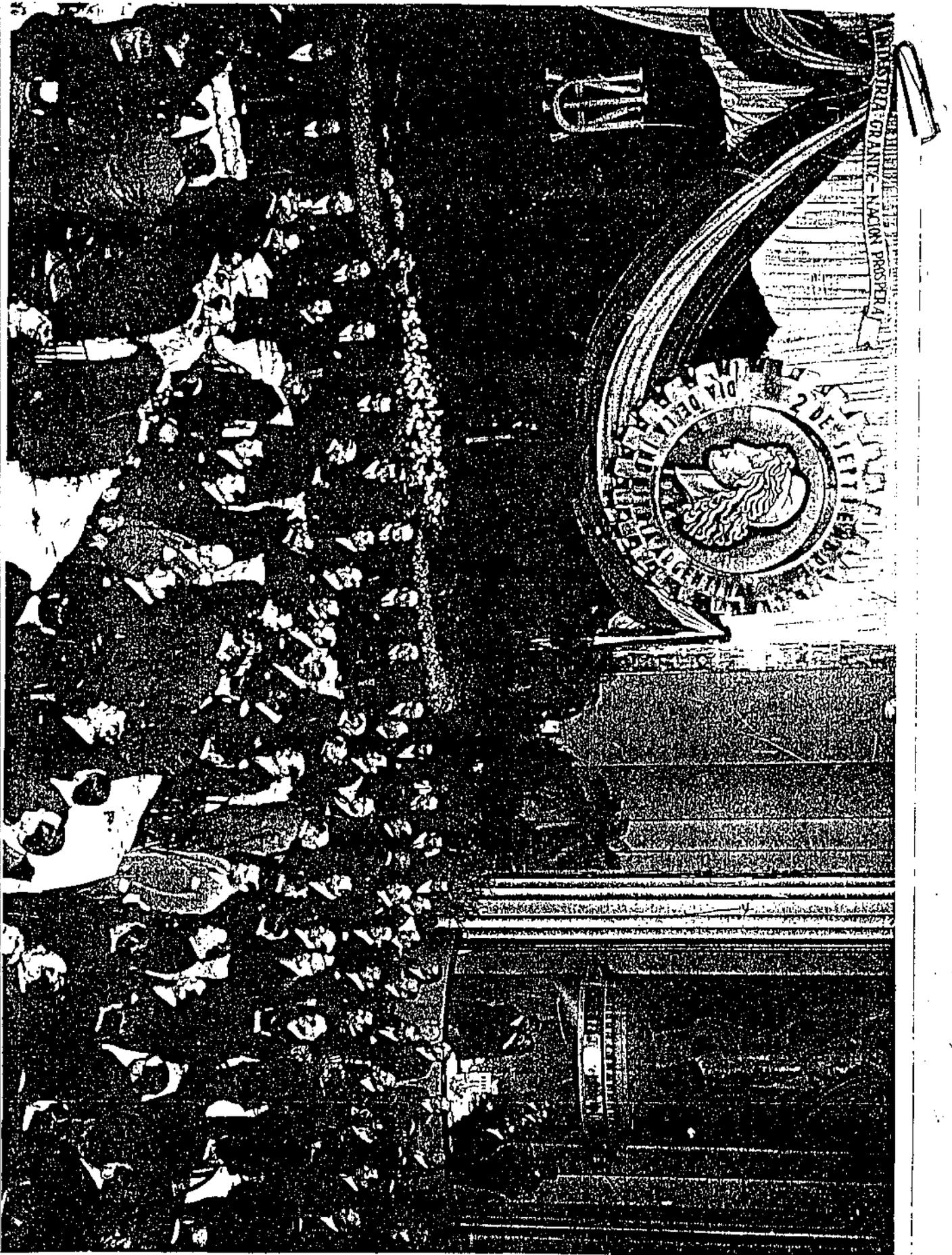


FOTO 13



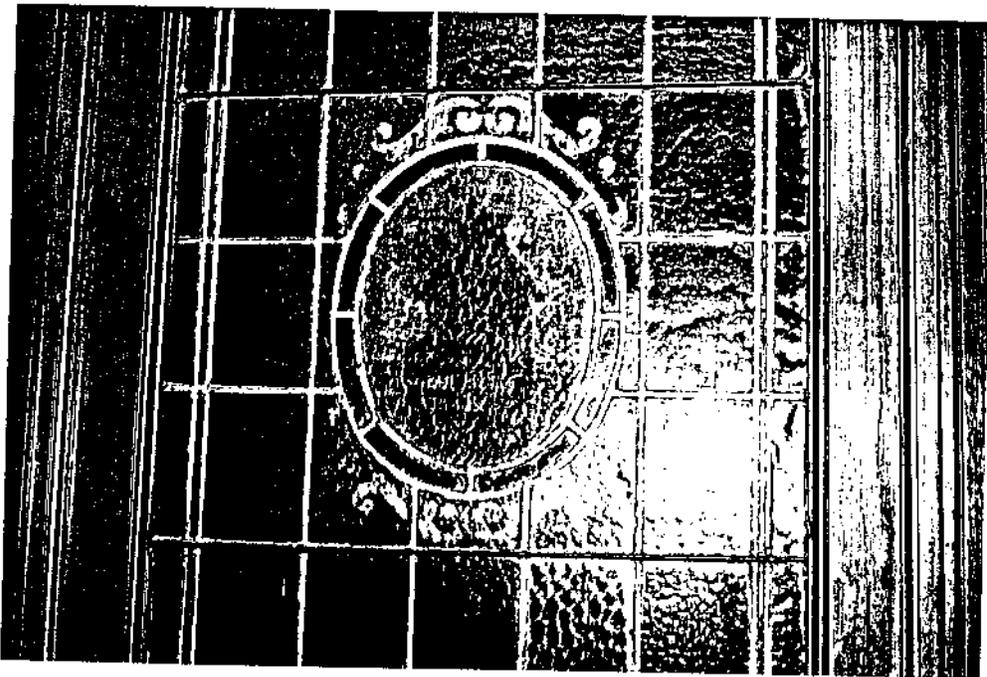
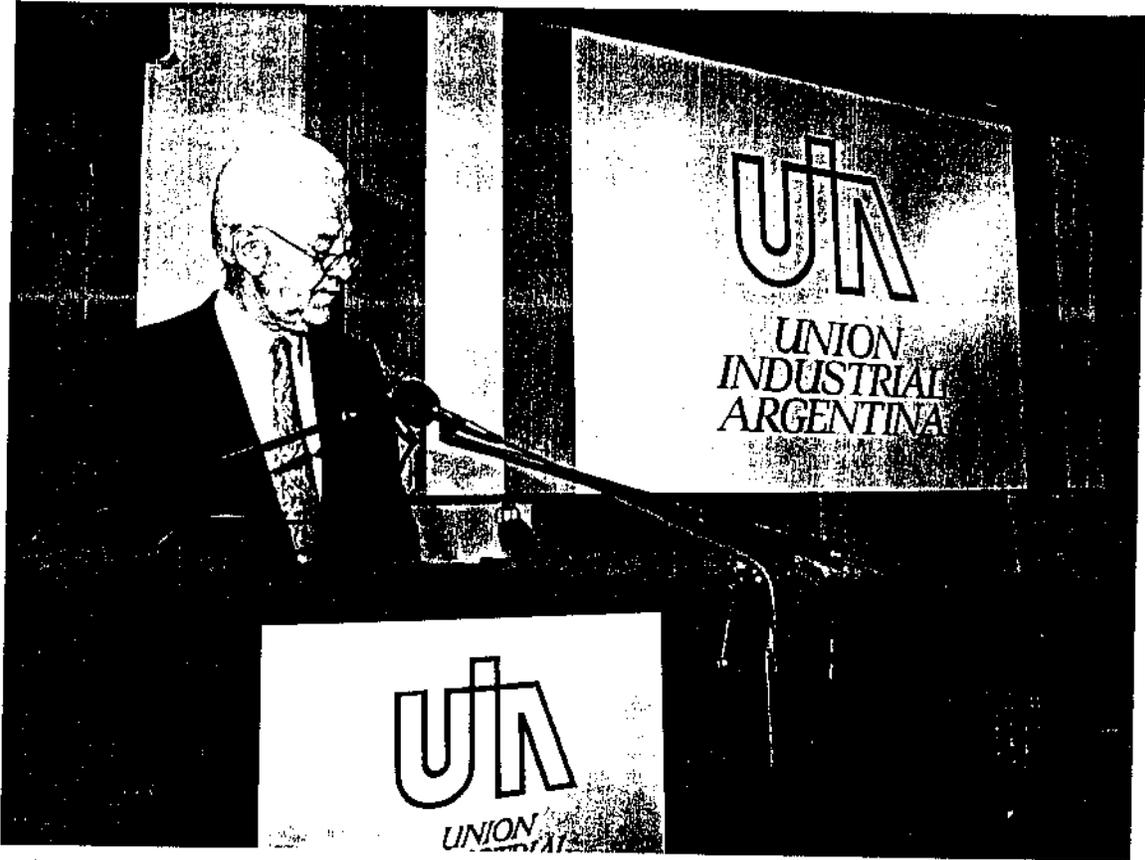
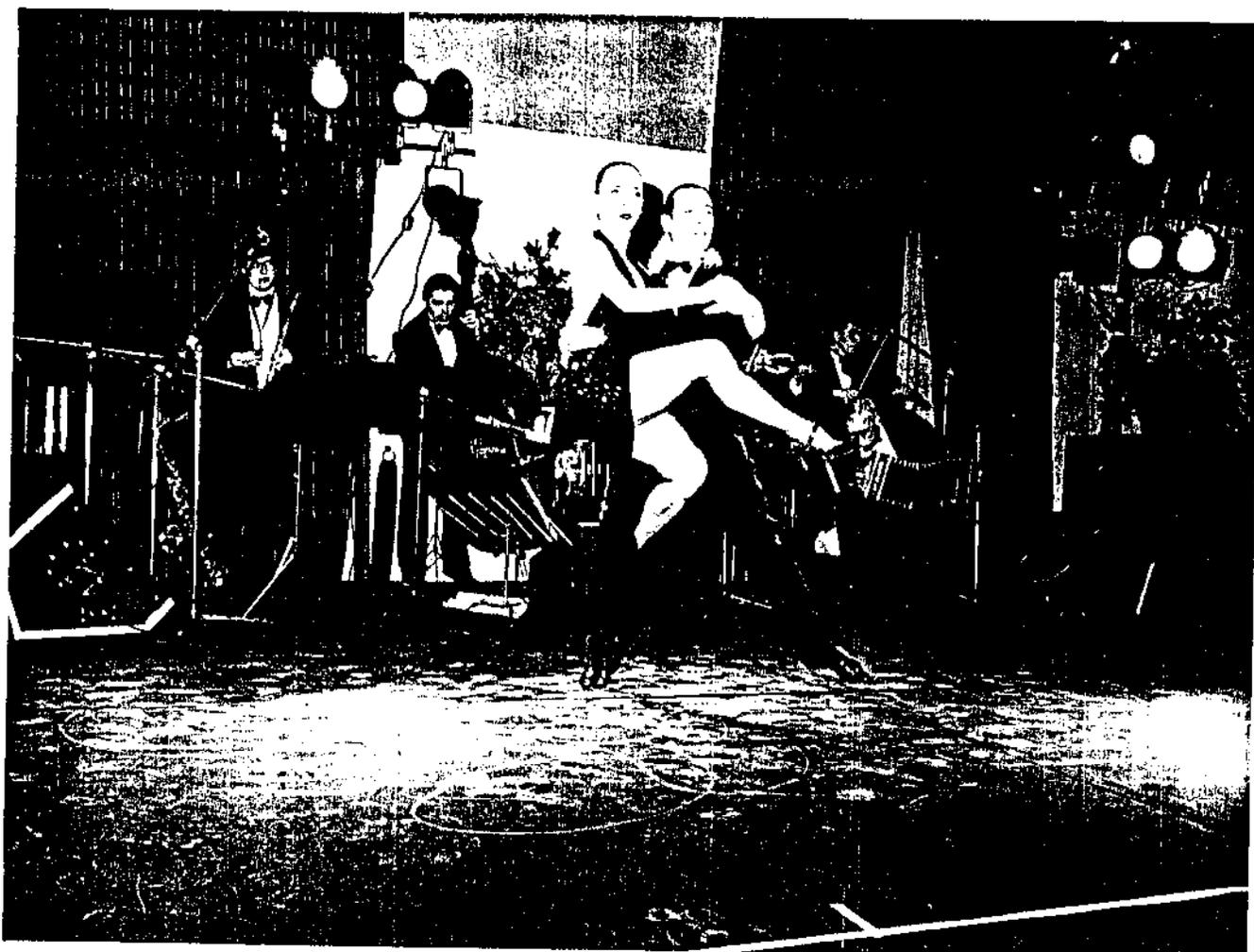


FOTO 16



## INDICE DE QUADROS Y SOCIOGRAMAS

| QUADROS   | CAP. | PAG. |
|---|------|------|
| Nº1. Classificação dos entrevistados de acordo com sua pertença ao MIA ou ao MIN  | 2    | 66   |
| Nº2. Atuação dos entrevistados do MIN e do MIA em ambos os movimentos   | 2    | 68   |
| Nº3. Entidades de segundo grau, regionais e setoriais que os entrevistados do MIN e do MIA representam na administração da UIA. | 2    | 70   |
| Nº4. Cargos que os entrevistados do MIN e do MIA exercem na administração da UIA  | 2    | 73   |
| Nº5. Entrevistados do MIN e do MIA de acordo com os cargos importantes antes da realização da entrevista.                       | 2    | 74   |

| QUADROS   | CAP. | PAG. |
|---|------|------|
| Nº6. Entrevistados do MIN e do MIA em função da empresa a que pertencem, ao cargo que nela ocupam e à relação com a propriedade da mesma. | 2    | 76   |
| Nº7. Empresas do Grupo Techint na Argentina   | 3    | 158  |
| <br>  |      |      |
| SOCIOGRAMAS   | CAP. | PAG. |
| Nº1. Heróis culturais e pessoas que deixaram marcas   | 2    | 103  |
| Nº2. Pais fundadores e heróis culturais da UIA  | 2    | 107  |

**LISTA DE ABREVIATURAS EMPREGADAS**

- AAFMHA: Cámara Argentina de Fabricantes de Máquinas-Herramientas, Accesorios y Afines
- AAPIC: Asociación Argentina de la Producción, Industria y el Comercio
- ACDE: Asociación Cristiana de Dirigentes de Empresa
- ACIEL: Acción Coordinadora de Instituciones Empresarias Libres
- ADIBA: Asociación de Industriales de la Provincia de Buenos Aires
- ADIM: Asociación de Industriales Metalúrgicos
- ADIMRA: Asociación de Industriales Metalúrgicos de la República Argentina
- ADITA: Asociación de Industriales Textiles Argentinos
- APEGE: Asamblea Permanente de Entidades Gremiales Empresarias
- CADIE: Cámara Argentina de Industrias Electrónicas
- CAPIC: Confederación Argentina de la Producción, la Industria y el Comercio
- CEA: Consejo Empresario Argentino
- CEA: Comisión Asesora Ejecutiva
- CGE: Confederación General Económica
- CGI: Confederación General de la Industria
- CGT: Confederación General del Trabajo
- CID: Centro de Investigación Documentaria
- CIFARA: Cámara de Fabricantes de Automotores, Repuestos y Accesorios

CIIU: Clasificación Internacional Industrial Uniforme  
CINA: Confederación Industrial Argentina  
CIQYP: Cámara de Industria Química y Petroquímica  
CLIMA: Centro de Laminadores de Acero  
CONES: Consejo Nacional Económico y Social  
COPAL: Coordinadora de Industrias de Productos Alimenticios  
COTEI: Comisión Organizadora Técnica de Entidades  
Industriales  
FAIC: Federación Argentina de la Industria del Caucho  
FENA: Federación Económica del Norte Argentino  
FITA: Federación de Industrias Textiles Argentinas  
IDES: Instituto de Desarrollo Económico y Social  
IEERAL: Instituto de Estudios Económicos Sobre la Realidad  
Argentina y Latinoamericana  
INTI: Instituto de Tecnología Industrial  
MEDI: Movimiento Empresario del Interior  
MIA: Movimiento Industrial Argentino  
MID: Movimiento de Integración y Desarrollo  
MIN: Movimiento Industrial Nacional  
MIT: Massachusetts Institute of Technology  
MUI: Movimiento Unificado del Interior  
NOA: Noroeste Argentino  
OIA: Organización Industrial Argentina  
PASA: Petroquímica Argentina Sociedad Anónima  
PBI: Producto Bruto Industrial Nacional  
PYME: Pequeña y Mediana Empresa  
PYMI: Pequeña y Mediana Industria

SRA: Sociedad Rural Argentina

UIA: Unión Industrial Argentina

UIPBA: Unión Industrial de la Provincia de Buenos Aires

UNICA: Unión Industrial Cárnica Argentina

YPF: Yacimientos Petrolíferos Fiscales

## REFERÊNCIAS E FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

1.1. Bibliografia antropológica, filosófica e sociológica.  
Livros, artigos e teses citados.

Abéles, Marc & Rogers, Susan C. 1992. Introduction. In: *L'Homme* 121, janv-mars, XXXIIe année.

Abu-Lughod, Lila. 1991. Writing against culture. In: Fox, ed.: *Recapturing Anthropology. Working in the present*. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press.

Barnes, J.A. 1969 (1987). Redes sociais e processo político. In: *Antropologia das sociedades contemporâneas. Métodos*. Bela Feldman-Bianco (organizadora). São Paulo: Global Editora.

Barth, Fredrik. 1976 (1969). *Los grupos étnicos y sus fronteras*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica.

Bell, Catherine. 1992. *Ritual theory, ritual practice*. Oxford: Oxford University Press.

Berreman, Gerald. 1990 (1962). Por detrás de muitas máscaras. In: *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A.

Bourdieu, Pierre. 1972. La maison ou le monde renverse. In: *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Paris: Librairie Droz.

Cardoso de Oliveira, Roberto. 1976. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.

---

<sup>1</sup> As edições que aparecem por primeiro, são as efetivamente utilizadas. As segundas (entre colchetes) correspondem às obras originais.

- Cohen, Abner. 1974. *Two dimensional man. An essay on the anthropology of power and symbolism in complex society.* Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- Gellner, Ernst. 1991 (1983). *Naciones y nacionalismo.* México, D.F.: Editorial Patria, S.A. de C.V. bajo el sello de Alianza Editorial.
- \_\_\_\_\_. 1989 (1987). *Cultura, Identidad y Política.* Barcelona: Editorial Gedisa S.A.
- Da Matta, Roberto. 1976. *Um mundo dividido. A estrutura social dos índios Apinayé.* Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda.
- \_\_\_\_\_. 1990 (1979). *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro.* Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. S.A.
- \_\_\_\_\_. 1993. *Antropologia da saudade.* In: *Conta de mentiroso. Sete ensaios de antropologia brasileira.* Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda.
- Douglas, Mary. 1976 (1966). *Pureza e perigo.* São Paulo: Editora Perspectiva S.A.
- \_\_\_\_\_. 1986. *How institutions think.* New York: Syracuse University Press.
- Eliás, Norbert. 1972. *Processes of state formation and nation building.* Transactions of the 7th International Sociological Association. Ginebra.
- Evans-Pritchard, E.E. 1976 (1937). *Brujeria, magia y oráculos entre los Azande.* Barcelona: Editorial Anagrama.

- Fabian, Johannes. 1983. *Time and the Other. How anthropology makes its object.* New York: Columbia University Press.
- Friedrich, Paul. 1986. *The princes of Naranja. An essay in anthrohistorical method.* Austin: University of Texas Press.
- Geertz, Clifford. 1987 (1973). *La interpretación de las culturas.* México: Gedisa Editorial.
- \_\_\_\_\_. 1989 (1987). *El antropólogo como autor.* Barcelona: Paidós Estudio.
- Giddens, Anthony. 1979. *Central problems in Social Theory.* London: The Macmillan Press Ltd.
- \_\_\_\_\_, 1984. *The constitution of society.* Cambridge: Polity Press.
- Godelier, Maurice. 1977 (1970). *Horizontes da Antropologia.* Lisboa: Edições 70.
- \_\_\_\_\_. 1990 (1984). *Lo ideal y lo material. Pensamiento, economías, sociedades.* Madrid: Taurus Humanidades.
- Hammersley, Martyn & Atkinson, Paul. 1994 (1983). *Etnografía. Métodos de investigación.* Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A.
- Kofes, Maria Suely. 1990. *Mulher. Mulheres. Diferença e identidade nas armadilhas da igualdade e desigualdade; interação e relação entre patroas e empregadas domésticas.* Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: ed. mimeo.

Leach, Edmund R. 1977 (1964). *Sistemas Políticos de la Alta Birmania. Estudios sobre la estructura social Kachin*. Barcelona: Editorial Anagrama.

Lemoine, Jacques. 1987. Mythes d'origine, mythes d'identification. In: *L'Homme* 101, janv-mars, XXVII (1), pp. 58-85.

Lévi-Strauss, Claude. 1977 (1958). *Antropología Estructural I*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires (EUDEBA).

\_\_\_\_\_. 1984 (1962). *El pensamiento salvaje*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica (FCE).

\_\_\_\_\_. 1986. (1964). *Mitológicas I. Lo crudo y lo cocido*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica (FCE).

Malinowski, Bronislaw. 1975 (1922). *Los Argonautas del Pacífico Occidental. Un estudio sobre comercio y aventura entre los indígenas de los archipiélagos de la Nueva Guinea melanésica*. Barcelona: Ediciones Península.

Marcus, George. 1991. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. In: *Revista de antropologia. Publicação do departamento de Antropologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- Universidade de São Paulo, Vol. 34*.

\_\_\_\_\_. 1994. *Notes on the hyperinterest in questions of identity in contemporary social and cultural analysis, with some comments on trends in Latin American studies*. Rice: ed. mimeo.

**Mauss, Marcel.** 1979 (1923). *Ensayo sobre los dones. Motivo y forma del cambio en las sociedades primitivas.* In: *Sociología y Antropología.* Madrid: Editorial Tecnos, S.A.

**Pritchard-Evans, E.E.** 1977 (1940). *Los Nuer.* Barcelona: Editorial Anagrama.

**Ruben, Guillermo R.** 1988. *Teoria da identidade. Uma crítica.* In: *Anuario Antropológico Nº 86.* Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro.

**Renan, Ernest.** 1947 (1882). *¿Qué es una nación?* Buenos Aires: Editorial Elevación.

**Sahlins, Marshall.** 1988 (1985). *Islas de historia. La muerte del capitán Cook. Metáfora, antropología e historia.* Barcelona: Editorial Gedisa S.A.

**Sepulveda dos Santos, Myriam.** 1993. *O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado.* In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais Nº 23, ano 8.*

**Simmel, Georg.** 1983 (1917). *O estrangeiro.* In: *Georg Simmel.* Organizador: Evaristo de Moraes Filho. Coordinador: Florestán Fernandes. São Paulo: Editora \_tica S.A.

**Turner, Victor W.** 1980 (1967). *La selva de los símbolos. Aspectos del ritual ndembu.* Madrid: Siglo XXI de España Editores, S.A.

\_\_\_\_\_. 1968. *Schism and continuity in an African Society.* Manchester: Manchester University Press.

\_\_\_\_\_. 1985 (1974). *Dramas, fields, and metaphors. Symbolic action in human society*. Ithaca and London: Cornell University Press.

\_\_\_\_\_. 1992 (1982). *From ritual to theatre. The human seriousness of play*. New York: PAJ Publications.

van Gennep, Arnold. 1986 (1909). *Los ritos de paso*. Madrid: Taurus Ediciones.

Wittgenstein, Ludwig. 1988 (1953). *Investigaciones Filosóficas*. Barcelona: Editorial Crítica.

Wolf, Eric R. 1980 (1966). Relaciones de parentesco, de amistad y de patronazgo en las sociedades complejas. In: *Antropología de las sociedades complejas*. Compilador: Michael Banton. Madrid: Alianza Editorial, S.A.

1.2. Obras sobre o empresariado argentino em geral, sobre os industriais e a *Unión Industrial Argentina* em particular. Livros, artigos e teses citados.

Alberti, Jorge & Castiglioni, Fernando M. 1985. Política e ideología en la industrialización argentina. In: *Boletín Informativo Techint*, Nº 239. Buenos Aires, octubre, noviembre y diciembre.

Cavallo, Domingo F. 1991 (1984). *Volver a crecer. Un desafío y un compromiso para todos los argentinos: bienestar sin inflación*. Buenos Aires: Editorial Planeta Argentina SAIC. Planeta Espejo de la Argentina.

Chiaramonte, José C. 1986 (1971). *Nacionalismo y liberalismo económicos en Argentina (1860-1880)*. Buenos Aires:

Hyspamérica Ediciones Argentina, S.A. Biblioteca Argentina de Historia y Política.

Cúneo, Dardo. 1984 (1967). *Comportamiento y crisis de la clase empresaria*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina. Biblioteca Política Argentina, Vol. Nº 68 y 69.

Freels, John W. (Jr.). 1970 (1968). *El sector industrial en la política nacional*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires.

Guerrero, Américo R. 1944. *La industria argentina. Su origen, organización y desarrollo*. Buenos Aires (s/d).

Imaz, José L. 1965. *Los que mandan*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires (EUDEBA).

\_\_\_\_\_. 1974. Alejandro E. Bunge, economista y sociólogo (1880-1943). In: *Desarrollo Económico. Revista de Ciencias Sociales*, Nº 55, vol. 14.

Llach, Juan J. 1985. *La Argentina que no fue. Tomo 1: Las fragilidades de la Argentina agroexportadora (1918-1930)*. Buenos Aires: Ediciones del IDES.

Lindemboin, Javier. 1975. *Organización gremial y expresiones del empresariado industrial argentino (1930-1946)*. Programa de formación de investigadores en desarrollo urbano y regional (1973-1974). Centro de Estudios Urbanos y Regionales (CEUR). Instituto Torcuato Di Tella. Buenos Aires: ed. mimeo.

López Alonso, Gerardo. 1982. *Cincuenta años de historia argentina*. Buenos Aires: Editorial de Belgrano.

Murmis, Miguel & Portantiero, Juan C. 1987 (1971). *Estudios sobre los orígenes del peronismo*. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina, S.A.

N'haux, Enrique. 1993. *Menem-Cavallo: El Poder Mediterráneo*. Buenos Aires: Ediciones Corregidor.

Niosi, Jorge. 1974. *Los empresarios y el estado argentino (1955- 1969)*. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina Editores S.A.

Peña, Milcíades. 1986 (1957). Rasgos biográficos de la famosa burguesía industrial argentina. In: *Industrialización y clases sociales en la Argentina*. Buenos Aires: Hispamérica Ediciones Argentina, S.A. Biblioteca Argentina de Historia y Política.

Rodríguez Goicoa, J. 1952. *El caso del cheque...y el problema creado a los industriales argentinos. Lapsos históricos 1943-1952*. Buenos Aires (s/d).

Schvarzer, Jorge. 1991. *Empresarios del pasado. La Unión Industrial Argentina*. Buenos Aires: Ediciones Imago Mundi.

Villarreal, Sofía. 1987. La Unión Industrial Argentina. In: *Ensayos sobre la transición democrática en la Argentina*. Compiladores: José Nun y Juan Carlos Portantiero. Buenos Aires: Puntosur Editores SRL.

#### FONTES DOCUMENTAIS. PUBLICADAS E INÉDITAS.

1.1. Publicações periódicas da *Unión Industrial Argentina* (consultadas e citadas). As mesmas levaram distintos títulos ao longo de sua história, tal como se pode observar a seguir.

*Boletín de la Unión Industrial Argentina. Organo de la asociación "Unión Industrial Argentina" y eco de los intereses de la producción nacional.*

De fevereiro de 1887 a outubro de 1925. Foi semanal desde sua fundação até o ano de 1897, quando passa a ser mensal.

*Anales de la Unión Industrial Argentina.*

De novembro de 1925 a dezembro de 1937. Publicação mensal.

*Argentina Fabril. Publicación oficial de la Unión Industrial Argentina.*

De janeiro de 1937 a janeiro de 1944. Publicação mensal.

*Revista de la Unión Industrial Argentina.*

De fevereiro de 1944 até julho (?) de 1946. Publicação mensal. (A 16 de maio de 1946 deu-se a primeira intervenção na UIA. Apesar disso, encontrei uma *Revista de la Unión Industrial Argentina* correspondente a julho de 1946. Não tenho segurança de que se trate da última, por isso o sinal de interrogação).

*Circular Informativa.*

De 1956 a 1959. Publicação mensal.

*Revista de la Unión Industrial Argentina.*

De setembro de 1959 a setembro (?) de 1971. Publicação trimestral. (O sinal de interrogação se deve ao fato que foi o último número encontrado, porém desconheço se foi o último número que se publicou).

*Argentina Fabril.*

Desde 1961(?) até 1972(?). (O primeiro sinal de interrogação é devido ao fato que este semanário citado é uma publicação; o segundo se deve a que foi o último número que encontrei).

*Industriar.*

Desde setembro de 1992.

1.2. Outras publicações da entidade.

*Anuario de la Unión Industrial Argentina.*

*Estatuto y Reglamento General.*

*Memoria y balance.*

Anual.

*Publicaciones del Departamento de Economía de la UIA.*

1.3. Publicações do MIA e do MIN.

*Comunicaciones. Movimiento Industrial Argentino (MIA)*

*Minutas del quehacer nacional industrial. Organo informativo oficial del Movimiento Industrial Nacional (MIN)*

*Noticiero Industrial del Movimiento Industrial Nacional (MIN)*

1.4. Documentos, cartas, declarações, discursos, comunicados, estudos de imagem<sup>2</sup>. Na ordem em que aparecem na dissertação.

*Antecedentes de la industria anteriores a la fundación de la UIA.* Documento oficial de la UIA; inédito.

*Historia de la Unión Industrial Argentina.* Documento oficial de la UIA; inédito.

---

<sup>2</sup> Foram citados aqui unicamente aqueles que possuíam um título. Quando não se indicam autores e datas, é porque não figuram nos originais.

*Unión Industrial Argentina. Documentos 1981-1985.* Documentos oficiales da UIA; inédito.

*Selección del nuevo nombre para la Unión Industrial Argentina.* 1974. Centro de Investigaciones Motivacionales y Sociales. Director: José E. Miguens; inédito.

*Campaña Imagen UIA.* 1981. Autor: Patricio Zavalía Lagos; inédito.

*Informe final imagen de la Unión Industrial Argentina entre asociados y líderes de opinión.* Burke. Investigadores y analistas de mercado S.A. Burke International Research Corporation.

*Declaración del "MIN" Movimiento Industrial Nacional.* Con motivo de la finalización del año 1982. Buenos Aires, 22 de diciembre de 1982; inédito.

*Discurso pronunciado por el Sr. Roberto Jure, en el acto del Congreso de las "PYMI" (Pequeña y Mediana Industria), con la presencia del Secretario de Industria designado, Ing. Carlos Lacerca.* Buenos Aires, 25 de noviembre de 1983; inédito.

*Luces y sombras de un centenario. Cien años de la Unión Industrial Argentina.* Autor: Arnaldo Etchart. 10 de febrero de 1987; éditio.

*Texto del discurso de cierre pronunciado por el Sr. Roberto Jure, Presidente del departamento PYMI de la UIA con motivo de celebrarse en Salta el Congreso de las PYMI del Norte Argentino.* Salta, 29 de noviembre de 1985; inédito.

*Discurso pronunciado por el presidente de la Unión Industrial de Salta, Señor Arnaldo Etchart, el día 15 de octubre de 1982*

*en la comida ofrecida a los miembros de la Unión Industrial Argentina reunidos en Salta con motivo del plenario del corriente año. Inédito.*

*Por qué y para qué el "MIN". Autores: Secretariado del Movimiento Industrial Nacional. Buenos Aires, 23 de abril de 1984; inédito.*

*Discurso pronunciado por el señor Arnaldo Etchart el día 17 de junio de 1986 con motivo de la Asamblea Nacional del Movimiento Industrial Nacional en que se le ofrece la candidatura a la Presidencia de la UIA para las elecciones de 1987. Inédito.*

*La CGE celebra 25 años cumpliendo con el país. La unidad definitiva del empresariado nacional es un hecho irreversible en la historia del país. Comunicado Nº 74/75 del 16 de mayo de 1975 de la Confederación General Económica de la República Argentina. Édito.*

*Intercambio epistolar entre Alfredo Tornquist y Luis Colombo. (23 de julio y 14 de septiembre de 1927); inédito.*

*Intercambio epistolar entre Arnaldo Etchart y Jorge Blanco Villegas con motivo del Día de la Industria Argentina de 1993. (2 y 6 de septiembre de 1993). Édito e inédito respectivamente.*

## 2. Jornais. Citados e consultados.

- \* *Ambito Financiero (Buenos Aires)*
- \* *Clarín (Buenos Aires)*
- \* *Convicción (Buenos Aires)*

- \* *La Gaceta (San Miguel de Tucumán)*
- \* *La Prensa (Buenos Aires)*
- \* *La Nación (Buenos Aires)*
- \* *La Opinión (Buenos Aires)*
- \* *Mayoría (San Miguel de Tucumán)*
- \* *Página 12 (Buenos Aires)*
- \* *Tiempo Argentino (Buenos Aires)*

3. Revistas, boletins, semanarios, publicações mensais.  
Citados e consultados.

\* *Boletín Informativo Techint*. Publicación realizada con la contribución de Siderca, Propulsora Siderúrgica, Santa María y Techint.

\* *Desarrollo Económico. Revista de Ciencias sociales*. Instituto de Desarrollo Económico y Social (IDES).

\* *Dirigencia*

\* *El Economista*

\* *Estrategia*. Publicación del Instituto argentino de estudios estratégicos y de las relaciones internacionales.

\* *IDEA*. Revista del Instituto para el desarrollo de empresarios en la Argentina.

\* *Informe Industrial. Mensuario de economía y política industrial*.

\* *Marketing Financiero*

\* *Mercado*

\* *Negocios*

\* *Noticias*

\* *Opinión Económica*. (órgão da Confederação Económica de la República Argentina)

\* *Panorama. Negocios y economía*.

\* *Prensa Económica*